

UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO
EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

LIVRO + 2 BLU-RAYS

2 DOCUMENTÁRIOS GASTOS PÚBLICOS | BUROCRACIA

TRILÍNGUE PORTUGUÊS | ENGLISH | ESPAÑOL

#3

OTAVIANO CANUTO | ARTURO PORZECANSKI | HUSSEIN ALI KALOUT | MATTHEW TAYLOR | THOMAS TREBAT | FERNANDO SOTELINO
| FILIPE CAMPANTE | ROBERT KAUFMAN | PAULO SOTERO | PETER HAKIM | RITA RAMALHO | CAIO BLINDER | FABIO GIAMBIAGI

”

O BRASIL PAGA UM
PREÇO ALTO PELO
PRIVILÉGIO DE
ALGUNS GRUPOS

SÉRIE DE ENTREVISTAS GRAVADAS NOS EUA COM ACADÊMICOS
DE HARVARD, COLUMBIA, AMERICAN UNIVERSITY, RUTGERS,
INTERAMERICAN DIALOGUE, WILSON CENTER E BANCO MUNDIAL



O BRASIL PAGA UM PREÇO ALTO PELO PRIVILÉGIO DE ALGUNS GRUPOS

OTAVIANO CANUTO
CONSELHEIRO SÊNIOR DO BANCO MUNDIAL

FECOMERCIO-SP

PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP
Abram Szajman
SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP
Antonio Carlos Borges

TUTU

www.agenciatutu.com.br
Redação
Rua Santa Cruz, 722 – 5º andar – CEP 04122-000
São Paulo/SP – (11) 3170-1571

PUBLICAÇÕES

DIRETOR DE CONTEÚDO E JORNALISTA
RESPONSÁVEL

André Rocha – MTB 45653/SP

GERENTE DE CONTEÚDO

Fernando Sacco

EDITOR

Carlos Ossamu

REVISÃO

Flávia Marques, Luisa Soler e Paulo Teixeira

FOTOS

Daniel Ramalho

DIRETORES DE ARTE

Clara Voegeli e Demian Russo

EDITORA DE ARTE

Carolina Lusser

DESIGNERS

Renata Lauletta e Lais Brevilheri

ASSISTENTES DE ARTE

Paula Seco, Vitória Bernardes, Cíntia Funchal

ESTAGIÁRIO

Yuri Miyoshi

TV

DIRETOR DE NÚCLEO

Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO

André Rocha

ENTREVISTAS

Adalberto Piotto

CONSELHO EDITORIAL

Adalberto Piotto, Ana Paula Xavier,
André Rocha, Clarisse Ferreira,
Demian Russo e Fernando Sacco

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Duda Catenacci

EDIÇÃO DE CONTEÚDO

Fernando Sacco

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Valdemar Geo

PRODUÇÃO

Anna Strohm

IMAGENS

Alessandro Aiello, Duda Catenacci
e Fábio Nicolodi

EDIÇÃO DE IMAGENS

Fábio Nicolodi

TRADUÇÃO

Global Translations e Prowords

TRADUÇÃO - COLABORAÇÃO

Guilherme Baroli e Marcella Nunes

AUTORAÇÃO DOS BLU-RAYS

ETC Filmes

PENSAMENTO GLOBAL

A plataforma UM Brasil se propõe a conduzir uma investigação profunda do pensamento brasileiro, convidando especialistas das mais diferentes áreas com o intuito de opinar, discutir e buscar soluções para os grandes problemas do nosso País. Reunir e disseminar essas opiniões se tornou, para nós, um projeto de mudanças que a FecomercioSP, à frente de um setor responsável por mais de 10% do PIB nacional, tem a obrigação e o orgulho de assumir.

Todavia, sabemos também que o Brasil não é feito apenas, internamente, pelos brasileiros. A percepção e as ações que se têm no exterior são parte integrante dessa discussão – afinal, estamos inseridos em uma economia cada vez mais global. Por isso, esta terceira edição do livro *UM Brasil* foi mais adiante, ouvindo 13 especialistas (brasileiros e estrangeiros) das universidades de Columbia, Harvard, Rutgers e American University, além de instituições como o Banco Mundial e o Wilson Center.

As entrevistas foram gravadas nas cidades de Boston, Nova York e Washington em janeiro de 2015, um período de renovação no Brasil dos poderes Executivo e Legislativo, e que já sinalizava para o turbulento desempenho atual de nossa economia. Nessa linha, elegemos dois temas centrais para traçar uma radiografia e um diagnóstico do País: a Burocracia e os Gastos Públicos, que nesta edição foram compilados em dois minidocumentários.

Nós empresários, integrantes dinâmicos da economia, sabemos que a malha burocrática e a ineficiência do Estado pesam sobremaneira nas capacidades de crescer, desenvolver-se e fazer negócios no Brasil.

Assim, por meio dessas diferentes opiniões e compreensões em torno do Brasil, seremos capazes de entender melhor o País como ele realmente é, condição indispensável para transformá-lo no que deve ser.

Abram Szajman

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidade gestora do Sesc-SP e do Senac-SP

GLOBAL THINKING

The Um Brasil platform is proposed to conduct a thorough investigation of the Brazilian thought, inviting experts from different areas to give their opinions, discuss and find solutions to the major country's problems.

Gathering and disseminate those opinions has become for us a changing project that São Paulo State Federation of Trade in Goods, Services and Tourism (FecomercioSP), ahead of a sector responsible for over 10% of the national GDP, is obliged and proud to take on.

However, we also know that Brazil is not only done internally by Brazilians.

That's why perceptions of Brazil abroad are an integral part of this discussion – after all, we live in an increasingly global economy.

Therefore, this third edition of Um Brasil went further, hearing 13 specialists (Brazilian and foreign experts) at universities of Columbia, Harvard, Rutgers and American University, and institutions such as the World Bank and the Wilson Center.

Those interviews were shot in the cities of Boston, New York and Washington in January 2015, a period of renewal in Brazil's executive and legislative power, which has already signaled to the current turbulent performance of our economy.

In this line, we chose two central themes to trace an "X-ray" and a diagnosis of the country: Bureaucracy and Public Spending, which in this issue have been compiled into two mini-documentaries.

We entrepreneurs, members of a dynamic economy, know that the bureaucratic mesh and state inefficiency weigh greatly in capabilities to grow, develop and do business in Brazil.

Thus, through these different views and understandings about Brazil, we will be able to better understand the country as it really is, indispensable condition to turn it on it should be.

Abram Szajman

President of São Paulo State Federation of Trade in Goods, Services and Tourism (FecomercioSP), management entity of Sesc-SP and Senac-SP

PENSAMIENTO GLOBAL

La plataforma UM Brasil se propone a conducir una investigación profunda del pensamiento brasileño, invitando a especialistas de las más distintas actuaciones para aconsejar, discutir y buscar soluciones para los problemas más graves de nuestro país. Recoger y diseminar las opiniones es un proyecto de cambio que la FecomercioSP, que conduce más de 10% del Producto Interior Bruto nacional, tiene orgullo de dar por hecho.

Sin embargo, nosotros sabemos que Brasil no es hecho solamente por brasileños. La percepción y acciones conducidas afuera son parte del debate, una vez que estamos ingresados en una economía cada vez más global.

Por lo tanto, la tercera edición del libro UM Brasil fue más adelante, escuchando 13 especialistas brasileños y extranjeros de las universidades de Columbia, Harvard, Rutger y American University, y instituciones como el Banco Mundial y Wilson Center. Las entrevistas fueron grabadas en las ciudades de Boston, Nova York y Washington, el enero 2015, que fue para Brasil un periodo de renovación de los poderes Ejecutivo y Legislativo, y también el inicio de un tempestuoso momento para nuestra economía. Elegimos dos temas centrales para que tengamos más detalles y un diagnostico acerca del País: la Burocracia y los Gastos Públicos , que en esta edición fueron reunidos en dos pequeños documentales.

Nosotros que somos empresarios, integrantes de la economía, sabemos que las operaciones burocráticas y la ineficiencia del Estado complican la capacidad de crecimiento y desarrollo de Brasil.

Por medio de estas opiniones distintas y comprensiones acerca de Brasil, estaremos aptos para conocer el País verdaderamente , lo que es la cosa principal para que cambiemos lo que necesitamos.

Abram Szajman

Presidente de la Federación del Comercio de Activos, Servicios y Turismo del Estado de São Paulo (FecomercioSP), entidad administradora del Sesc/SP y Senac/SP



SUMÁRIO

08

OTAVIANO CANUTO

conselheiro sênior
do Banco Mundial |
Blu-Ray 01

26

ARTURO PORZECANSKI

diretor do Programa de
Relações Econômicas
Internacionais da American
University | **Blu-Ray 01**

38

HUSSEIN ALI KALOUT

pesquisador do
Weatherhead Center for
International Affairs de
Harvard | **Blu-Ray 01**

58

MATTHEW TAYLOR

prof. de Ciências
Políticas da American
University | **Blu-Ray 01**

74

THOMAS TREBAT

diretor do Columbia
Global Center | Latin
America | **Blu-Ray 01**

84

FERNANDO SOTELINO

prof. de Finanças
Internacionais da
Universidade de
Columbia | **Blu-Ray 02**

98

FILIPE CAMPANTE

prof. de Políticas Públicas
da Universidade de
Harvard | **Blu-Ray 02**

110

ROBERT KAUFMAN

prof. de Ciências Políticas
da Universidade de
Rutgers | **Blu-Ray 02**

124

PAULO SOTERO

diretor do Instituto
Brasil do Wilson Center
| **Blu-Ray 02**

142

PETER HAKIM

pres. do Instituto de Análise
Política Inter-American
Dialogue | **Blu-Ray 02**

152

RITA RAMALHO

economista do Banco
Mundial e coordenadora
do estudo Doing Business
| **Blu-Ray 02**

164

CAIO BLINDER

jornalista | **Blu-Ray 02**

178

FABIO GIAMBIAGI

economista | **Blu-Ray 02**



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

DISCUSSÕES SUPERADAS EM TODO O MUNDO PERMANECEM NO BRASIL

UMA DAS ECONOMIAS MAIS FECHADAS DO PLANETA, O BRASIL CONVIVE COM O DESAFIO DIÁRIO DE TENTAR SER RELEVANTE NO MUNDO DE ECONOMIA ABERTA, ALTAMENTE COMPETITIVA E EFICIENTE. A OPINIÃO É DE OTAVIANO CANUTO, CONSELHEIRO SÊNIOR DO BANCO MUNDIAL EM WASHINGTON, QUE AINDA RECLAMA DA FALTA DE ENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO PAÍS – ENVOLVIMENTO QUE DEVERIA VIR DE SINDICATOS PATRONAIS, DE SINDICATOS DE TRABALHADORES E DE EMPRESAS. ENVOLVIMENTO QUE NÃO PODE SE RESUMIR EM APENAS RECLAMAR DO GOVERNO.



Qual é a relação hoje do Brasil com o Banco Mundial?

É uma relação que tende a ser cada vez mais preenchida com troca de conhecimentos. O Banco Mundial tem, no Brasil, um cliente importante não apenas do ponto de vista de operações rentáveis, que não tem alto risco, mas também e cada vez mais uma fonte de aquisição de conhecimento que pode levar a outros países. Vou dar um exemplo muito caro a nós, aqui do banco: o Bolsa Família. A experiência com o mecanismo que chamamos de transferência condicionada de renda revelou-se, entre os diversos tipos de políticas de assistência social, o mais eficaz em relação ao custo. As experiências pioneiras do Brasil e do México permitiram ao banco adquirir um conhecimento e ajudar outros países que queiram implementar sistemas similares. O próprio banco contribuiu um pouco no início do processo no Brasil, ajudando o governo a montar sistemas de monitoramento e de avaliação de impacto. Com isso, o banco aprendeu e acompanha de perto tudo que acontece no Brasil. Por sua vez, o banco também pode trazer ao Brasil coisas que aprendeu ou vai aprendendo no resto do mundo. Por isso, gosto de chamar o Banco Mundial de um grande “beija-flor”, cuja virtude é polinizar conhecimento pelo mundo afora.

O Brasil tem aprendido com o Banco Mundial?

O Brasil é ainda um país fechado em vários aspectos, com índices de exportação, importação e inserção nas cadeias globais de valor muito pequeno. É um país que ainda recorre a mecanismos de proteção comercial antigos. A despeito

disso, a relação de conhecimento entre o banco e o governo brasileiro vai bem, existe uma agenda acordada. O Banco Mundial, por exemplo, está trabalhando, sob pedido do governo brasileiro, em vários aspectos do desafio de aumentar a produtividade. Fez, recentemente, um relatório bem avaliado pelo Brasil sobre as questões de educação. As grandes restrições vêm do próprio País, por conta da resistência, às vezes, de grupos de interesse ou de visões vinculadas a um modelo ultrapassado.

Estamos ainda discutindo modelos do século 20?

É impressionante como algumas discussões que já foram superadas em várias partes do mundo, no Brasil, ainda permanecem. Dou um exemplo: as pessoas pensam que a melhor coisa do mundo é o Brasil ter cadeias de produção densas, fazer tudo, produzir tudo dentro de uma cadeia de determinado setor. Não existe mais país no mundo que faça isso. Insistir nesse tipo de política – de dar proteção para fechar os elos da cadeia – faz com que os processos locais de produção deixem de se beneficiar das inovações tecnológicas que vão ocorrendo em vários dos segmentos intermediários das cadeias. Novas tecnologias, novos equipamentos. Se o País tivesse mais fluidez, maior possibilidade de trânsito de mercadorias e tecnologias, os segmentos das cadeias produtivas que subsistissem no Brasil poderiam fazer coisas com maior produtividade e qualidade. O produto final seria muito melhor do que é hoje.

Fazer do começo ao fim é uma das razões da baixa produtividade brasileira?

Isso prejudica e aumenta a dificuldade do País, há trinta anos, de recuperar uma trajetória de crescimento. O Brasil dos anos 1950 até o final dos anos 1970 passou por um processo sólido de transformação estrutural, que tem vários traços similares ao que antes tinha acontecido com o Japão e, depois, veio a acontecer com os Tigres Asiáticos, principalmente a Coreia do Sul e a China. Todos esses países tiveram em comum transferências massivas de pessoas, de mão de obra, de atividades próximas da subsistência no mundo rural para outras mais modernas, em geral a indústria, nas cidades. Foi um processo de mudança de ocupação que não requeria muita perícia da mão de obra. Com níveis educacionais não muito diferentes, essa grande parte da população passou a se ocupar em atividades modernas, lidando com equipamentos padronizados. O aumento de produtividade, nesses países, foi gigantesco. Não é por acaso que se fala em milagre em todos eles, exatamente em relação a esse período. A partir do momento em que se completa esse processo de migração, para o País continuar crescendo já não basta mais a simples transferência de pessoas. Tem que ter mais. No Brasil, se o processo foi, por um lado, exitoso – de realmente levantar o País a um nível de renda per capita média alta –, por outro, teve vários defeitos. Não foi inclusivo, não cuidou bem da educação da população, não foi um processo que transitou para um novo padrão de crescimento, com outras características.

O Bolsa Família é bom ou ruim no aspecto educacional?

A tarefa não estará completa enquanto não tiver uma melhora substancial

na qualidade da educação, já que no acesso houve uma melhora importante. Na verdade, o Bolsa Família é responsável por menos de 20% da redução da pobreza, porque é um programa focado na base da pirâmide. A melhor explicação para a queda da pobreza no Brasil está nas condições do mercado de trabalho e na melhora nos níveis educacionais. A simples elevação da escolaridade, do número de anos médios da população brasileira, trouxe um efeito de aumento da renda. É impressionante, quando a gente vê pelas faixas etárias, como a juventude já tem uma diferença enorme de escolaridade em relação aos mais velhos, a despeito de serem mais jovens. Então, acho que estamos caminhando bem no acesso à educação desde o período FHC. Na verdade, desde a Constituinte de 1988, depois de passada a crise do período Collor. Mas o nível era tão baixo que, hoje, e mesmo a projeção para 2020, ainda aponta patamares de escolarização muito abaixo de outros países com renda per capita similar à do Brasil. Esse é um fenômeno generacional. O impacto do Bolsa Família é imediato na redução da miséria das pessoas que recebem, mas os efeitos maiores desse programa são no sentido de que, daqui a 25 anos, os filhos desses receptores estarão mais bem capacitados a serem incorporados ao mercado de trabalho.

Estamos no caminho certo?

Eu acho que não é por acaso que a presidenta Dilma reforçou tanto a referência à educação como objetivo maior agora, no segundo mandato. O Brasil, de um ponto de vista de gasto público com a educação, é dos que mais gas-

tam no mundo. Isso é importante para os senhores saberem. O dinheiro que já é gasto, como proporção do Produto Interno Bruto do Brasil, é dos mais altos no mundo. Não é uma questão de dinheiro, outra coisa atrasada que vejo frequentemente no Brasil. A gente não pode falar de qualquer política ou ideia que automaticamente as pessoas pensam em grana. É um vício secular de achar que qualquer coisa, para acontecer, precisa ter o bolso molhado pelo governo. Em educação, repito, o Brasil gasta um montante fenomenal, mas, a julgar pelos resultados, gasta mal.

Temos a humildade de aprender com outros países do mundo?

Eu creio que os nossos interlocutores no governo estão abertos. A dificuldade é na hora da implementação. Uma lição geral aprendida também de países encadinavos, mas vou dar um exemplo do que o Vietnã vem implementando com sucesso. Os resultados da educação dependem muito do reconhecimento de méritos e de atenção à performance dos professores e do aluno. Há um caso exitoso de transformação, de praticamente uma revolução em termos de resultados, no município de Sobral, no Ceará, que está chamando a atenção de todo mundo. Sobral era um desses casos horrorosos em que as crianças estavam quase completando o ginásio analfabetas. Ai, os gestores observaram que os professores também eram analfabetos. E começaram a estabelecer incentivos associados aos resultados dos alunos. Depois de algum tempo, o que não por acaso chamou a atenção no Brasil e em todo mundo de quem acompanha, os meninos de Sobral dispararam nos indicado-

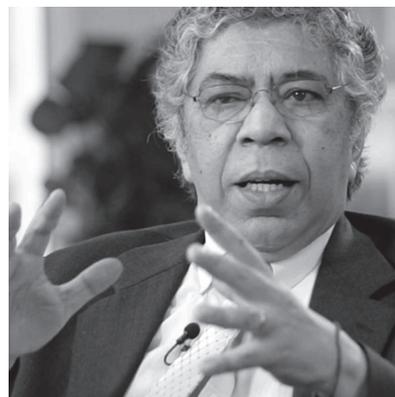
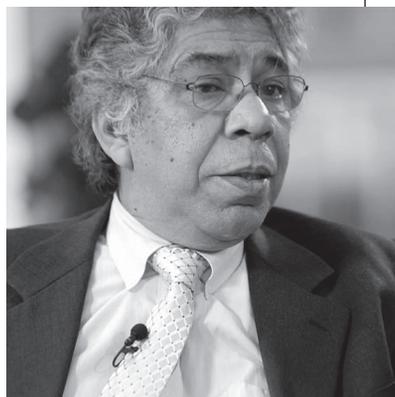
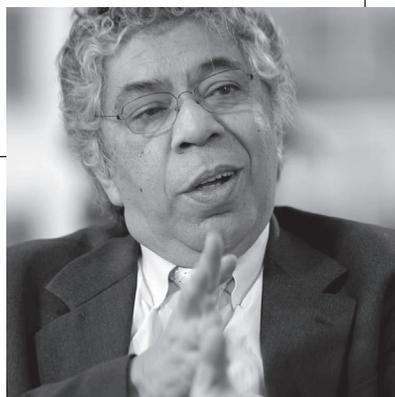
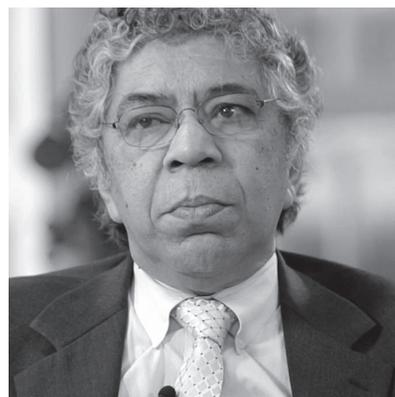
res educacionais. Então, o atraso é menos por falta de consciência de qual é o caminho e mais por causa de grupos de interesse que resistem a mudanças.

Os sindicatos fazem isso?

Sindicatos patronais e de trabalhadores. Aliás, essa resistência à mudança, esse entrincheiramento de interesses por detrás de práticas, de regras, de leis e de mecanismos atrasados por vezes reforça a dificuldade de o Brasil crescer, porque tiram produtividade. O Banco Mundial produz há mais de dez anos um relatório sobre as condições para uma empresa fazer negócios em mais de 180 países. O Brasil só está bem no item de acesso à energia, no resto, é dos piores no mundo. Para você obter uma licença de construção no Brasil, é o triplo do tempo da Argentina e do Chile. Para pagar os impostos, o tempo e a mão de obra necessária por causa da burocracia, é mais que o quádruplo dos vizinhos. Isso acontece em todas as dimensões da vida da empresa. O País paga um preço por isso, não apenas as empresas. Fora da planta de produção e do portão da fazenda, o Custo Brasil prejudica a competitividade. Para o País, é um desperdício, porque se trata de gente talentosa e de recursos materiais utilizados para “enxugar gelo”, para fazer coisas que não agregam valor. Espanta-me como essa agenda não é assumida com mais virulência pelo setor privado. Uma possibilidade é a seguinte: as grandes empresas se preocupam menos com isso porque colocam no preço e diluem na escala da sua produção. São as pequenas empresas que mais sofrem em lidar com essa dificuldade de fazer negócio no Brasil.



Diferentemente
dos países
asiáticos, o Brasil
não cuidou bem da
educação
da população



Por que se resiste tanto a mudanças?

Porque tem gente que ganha dinheiro do jeito que a coisa é, mas o País paga um preço pelos privilégios de alguns grupos. Quanto mais transparência tivermos, maior será a probabilidade de que a própria população empurre sua classe política a fazer mudanças. É a única maneira de sair desse imbróglio. Isso vale também para um pedaço importante do PIB brasileiro, que é o gasto público. Embora tenha ocorrido enorme avanço na última década no que diz respeito à informatização de processos de concorrência, vemos as dificuldades agora no que diz respeito às denúncias atinentes à Petrobras. Temos margem para evoluir nisso. Os indicadores apontam para um resultado do gasto público muito melhor para cada unidade de real se tivermos processos mais transparentes. Diminuirão os desvios e os desperdícios, só que será preciso quebrar alguns ovos para fazer a omelete. Está mais do que na hora de passar um pente fino nas diversas caixinhas do gasto público brasileiro, como a mexida que foi feita, por exemplo, no seguro-desemprego, um grande começo, um ponto importante.

Como avalia as medidas do Ministério da Fazenda?

Vieram para corrigir absurdos. Como um país com pleno emprego como o Brasil, nos últimos anos, pode ter seguro-desemprego explodindo? Impossível, tem coisa errada aí. E os privilégios de pensões. Uma jovenzinha de 22 anos casa com um cara de 80, ele morre e ela herda uma pensão para o resto da vida dela. São exemplos de como tem margem para passar o pente fino. Mas, não nos enganemos: é

uma luta dura, porque cada um dos beneficiários dessas coisas que estão lá por inércia vai resistir bravamente a qualquer mudança.

A desigualdade social não é uma muleta que justifica tudo?

Sim, está provado que a desigualdade cria um caldo de cultura para populismos, para vendedores de ilusões. Mas, ao mesmo tempo, verdade seja dita, o País mudou muito nesses últimos 15 anos. Eu sou de Sergipe, Aracaju, e venho de uma família de classe média baixa, meu pai era funcionário público. Passei minha adolescência toda sonhando em me mandar dali, porque eu via uma estratificação social no comportamento das pessoas. Meus colegas de escola, de estratos superiores de renda, eram todos arrogantes, criados com mucamas. E a maior parte dos meus colegas de renda aceitava como natural a disparidade social. Aquilo me influenciou muito. Fui embora quando pude, morei no Canadá e, para a minha grata surpresa, quando voltei, eu já via as coisas diferentes, as pessoas de baixo olhando nos olhos, reconhecidas como cidadãos – “empoderadas”, como se usa dizer aqui fora. Isso tem a ver com a elevação da renda. Embora a taxa de crescimento médio do Brasil, de 2004 a 2011, tenha sido algo em torno de 4,5% ao ano, a renda da base da pirâmide cresceu a um ritmo chinês, de 7% ou 8%. Os sinais de melhora são evidentes.

As pessoas começam a fazer cobranças?

Uma das facetas interessantes dessa expansão da renda da base da pirâmide é a emergência de um novo grupo de empresários no Brasil, médios e peque-

nos. Eles têm uma mentalidade muito diferente em relação à mentalidade patrimonialista comum em grandes empresas do passado, que cresceram e se nutriram “mamando” e tendo relações muito estreitas com o Estado. Você vê isso na linguagem e nas ideias apresentadas, nas propostas das novas lideranças que aparecem nas instituições patronais. São empresários exitosos por conta do seu esforço. Esse pessoal já terá uma agenda de obrigar o Estado a prestar contas do que convém gastar ou não do dinheiro dos impostos.

Como melhorar o ambiente de negócios no Brasil a curto prazo?

A curto prazo, vai ter de ser seletivo. É difícil tentar enfrentar todas as questões ao mesmo tempo. Acho que é interessante selecionar aquelas cujo resultado teria um impacto maior. A reforma tributária é uma delas, pode permitir um ganho imediato em termos de economia de mão de obra e de recursos materiais se, por exemplo, equacionar tributos como o ICMS e o PIS/Cofins. Ao mesmo tempo, pode-se rever vários aspectos práticos do funcionamento da regulação do mercado de trabalho que podem facilitar o investimento empresarial em educação. Hoje, por exemplo, se um empresário quiser investir em treinamento de seus empregados, corre o risco de ser autuado. Por isso, o Brasil é o país com menor investimento em treinamento de mão de obra pelas empresas. Esse é um dos fatores por trás da baixa produtividade brasileira. Então, eu egeria tributos e regulação trabalhista como duas áreas nas quais reformas nesse momento dariam um ganho imediato. Mas, isso está longe de exaurir a pauta.

O que falta para essas reformas?

Vontade e capital político, porque isso envolve se defrontar com campanhas contrárias dos afetados no Congresso. Quanto mais conscientização e discussão houver, será mais fácil esse processo, porque dá forças a quem for liderar. É uma questão de maturidade do próprio País. Eu sou otimista. A experiência de Sobral que mencionei, quanto mais se falar sobre ela, maior será a pressão sobre adaptação em outros lugares. Por exemplo, a administração por resultados em Minas Gerais foi reconhecida aqui pelo banco como um grande avanço. E dentro do Brasil, também. O Governo de Pernambuco começou a introduzir isso.

O fato de serem governos de partidos diferentes influi?

Não, e nem deve. Quanto mais se introduzir uma cultura de resultados, de indicadores que permitam avaliações, menos importante a divisão de linhas políticas se tornará. Eu queria realçar, por exemplo, uma coisa boa feita em Pernambuco, operando com o Banco Mundial, que foram políticas de reforço à questão da igualdade de gênero. Nossos estudos empíricos aqui, no banco, indicam que a desigualdade de gênero é ruim não apenas em si mesmo ou como um objetivo humanitário não atendido, mas também faz mal à economia. **Há um desperdício enorme no País quando ele é desigual no tratamento entre homem e mulher.** Parte da queda da pobreza no Brasil e da redução da desigualdade tem a ver justamente com a melhora nas condições de acesso das mulheres ao mercado de trabalho. Eu até escrevi com um colega um trabalho estimando quanto

o crescimento econômico do Brasil se beneficiou da melhora na igualdade de gênero. Essa é uma coisa boa que a gente tem para mostrar ao mundo. Em matéria de igualdade de gêneros, nós não fazemos feio em relação a muitos outros países em desenvolvimento. Não é por acaso que o dinheiro do Bolsa Família é dado para a mãe.

Parece que a origem dessa prática foi na distribuição de casas populares no governo de Mário Covas, em São Paulo. Avaliou-se que a mulher não venderia a casa, por causa dos filhos.

Essa foi uma experiência exitosa, mas havia outras, na mesma época, de técnicos comprometidos que colocavam a causa acima da filiação partidária, o que permitiu uma continuidade muito grande nessas políticas sociais brasileiras. Isso tem sido bom para o País. Na verdade, a grande origem está em algumas pesquisas que foram feitas, comparando-se casas em que o pai tinha o controle do dinheiro com aquelas em que a mãe tinha o controle, no começo dos anos 1990. Nas casas onde a mãe mandava no dinheiro, os bebês eram mais altos e 20% mais saudáveis e gordos. Isso é dado estatístico. As mulheres são melhores do que nós, elas são mais responsáveis com os filhos. Isso ficou comprovado estatisticamente, que a alocação dos recursos familiares era melhor no que diz respeito à saúde e ao futuro das crianças quando o dinheiro ia para a mulher. E isso é o que passou a orientar as políticas sociais a botar o dinheiro na mão da mulher, o que faz uma diferença enorme.



ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



DISCUSSIONS OVERCOME THROUGHOUT THE WORLD REMAIN IN BRAZIL

One of the more closed economies on the planet, Brazil coexists with the daily challenge of trying to be relevant in the highly competitive and efficient open economy world. This is the opinion of Otaviano Canuto, senior adviser of the World Bank in Washington, who still complains about the lack of involvement of the Brazilian society in the solution of the problems of the country. Involvement that should come from employer unions, trade unions of workers and of businesses. Involvement that cannot be summed up in just complaining about the government.

What is the relationship today of Brazil with the World Bank?

It is a relationship that tends to be increasingly filled with the exchange of knowledge. The World Bank has, in Brazil, an important client not only from the point of view of profitable operations, which do not have a high risk, but also and increasingly more a source of acquiring knowledge that can lead to other countries. I will give a very expensive example to us here at the bank, the Bolsa Família (Family Allowance). The experience with the mechanism that we call Conditional Cash Transfer has proved to be, between the various types of social assistance policies, more effective in relation to the cost. The pioneering experiences in Brazil and Mexico have allowed the bank to acquire knowledge and help other countries that want to implement similar systems. The bank itself contributed a little at the beginning of the process in Brazil, helping the government to build systems to monitor

and evaluate the impact. With this, the bank has learned and monitors closely everything that happens in Brazil. In turn, the bank can also bring to Brazil things it has learned or will learn in the rest of the world. That is why I like to call the World Bank a large hummingbird, whose virtue is to pollinate knowledge across the globe.

Has Brazil learned with the World Bank?

Brazil is still a closed country in several aspects, with very small indexes of export, import and insertion in global value chains. It is a country that still uses old mechanisms of commercial protection. In spite of this, the relationship of knowledge between the bank and the Brazilian government is going well, there is an agreed timetable. The World Bank, for example, is working upon request of the Brazilian government, in various aspects of the challenge of increasing productivity. It recently carried out a well evaluated study by Brazil on the issues of education. The main restrictions come from the country itself, on behalf of the resistance, sometimes, of interest groups or of visions tied to an outdated model.

Are we still discussing models of the 20th century?

It is impressive to see how some of the discussions that have already been overcome in several parts of the world still remain in Brazil. Let me give you an example. People think that the best thing in the world is for Brazil to have dense production chains, do everything, and produce everything within a chain of a

given sector. No country in the world still does this. Insisting on this type of policy, of giving protection to close the links in the chain, ends up with the local processes of production ceasing to benefit the technological innovations that are occurring in a number of intermediate segments of the chains. New technologies and new equipment. If the country had more fluidity, and greater possibility of transit of goods and technologies, the segments of the productive chains that subsist in the country could do things

IF THE COUNTRY HAD MORE FLUIDITY, THE FINAL PRODUCT WOULD BE MUCH BETTER THAN IT IS TODAY

with greater productivity and quality. The final product would be much better than it is today.

Is doing everything from beginning to end one of the reasons for the low productivity in Brazil?

This affects and increases the difficulty of the country, for 30 years, recovering a growth trajectory. The Brazil of the 1950s until the late 1970s went through a solid process of structural transformation, which has several features similar to what had happened to Japan and then came to happen to the Asian Tigers, especially Korea and China. All these countries had in common massive transfers of peoples, of manual labor, of activities closely related to livelihood in the rural world to other more modern, in general, the industry, in the cities. It was a process of change of occupation



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

DISCUSIONES SUPERADAS EN TODO EL MUNDO PERSISTEN EN BRASIL

Una de las economías más cerradas del planeta, Brasil convive con el desafío diario de intentar ser relevante en un mundo de economía abierta, altamente competitiva y eficiente. La opinión es de Otaviano Canuto, consejero senior del Banco Mundial en Washington, que aún reclama de la falta de compromiso de la sociedad brasileña en la solución de los problemas del país. Compromiso que debería venir de sindicatos patronales, sindicatos de trabajadores y de las empresas. Compromiso que no puede resumirse a apenas reclamar del gobierno.

¿Cuál es la actual relación de Brasil con el Banco Mundial?

Es una relación que tiende a ser cada vez más rellena con intercambio de conocimientos. El Banco Mundial tiene, en Brasil, un cliente importante no apenas desde el punto de vista de operaciones rentables, que no tienen alto riesgo, sino también y cada vez más, una fuente de adquisición de conocimiento que puede llevar a otros países. Voy a dar un ejemplo muy apreciado por nosotros, aquí en el banco, el Bolsa Familia. La experiencia con el mecanismo que llamamos de Transferencia Condicionada de Renta se reveló, entre los diversos tipos de políticas de asistencia social, el más eficaz en relación al costo. Las experiencias pioneras de Brasil y de México permitieron al banco adquirir conocimiento y ayudar a otros países que deseen implementar sistemas similares. El propio banco contribuyó un poco en el inicio del proceso en Brasil, ayudando al gobierno a montar sistemas de monitorización y de evaluación de impacto. Con ello el banco

aprendió y acompaña de cerca todo lo que acontece en Brasil. A su vez, el banco también puede traer a Brasil cosas que aprendió o va aprendiendo en el resto del mundo. Por eso me gusta llamar al Banco Mundial de un “gran picaflor”, cuya virtud es polinizar conocimiento por el mundo.

¿Brasil ha aprendido con el Banco Mundial?

Brasil es aún un país cerrado en diversos aspectos, con índices de exportación, importación e inserción en las cadenas globales de valor, muy pequeño. Es un país que todavía recurre a antiguos mecanismos de protección comercial. A despecho de eso, la relación de conocimiento entre el banco y el gobierno brasileño va bien, existe una agenda establecida. El Banco Mundial, por ejemplo, está trabajando, a pedido del gobierno brasileño, en diversos aspectos del desafío de aumentar la productividad. Hizo recientemente un informe, bien evaluado por Brasil, sobre las cuestiones de educación. Las grandes restricciones vienen del propio país, por cuenta de la resistencia, algunas veces, de grupos de interés o de visiones vinculadas a un modelo superado.

¿Estamos aun discutiendo modelos del siglo 20?

Es impresionante como algunas discusiones que ya fueron superadas en varias partes del mundo, en Brasil aún permanecen. Doy un ejemplo. Las personas piensan que la mejor cosa del mundo es que Brasil tenga cadenas de producción densas, hacerlo todo, producir todo dentro de una cadena de determinado sector. No existe más país alguno en el mundo que haga eso. Insistir en ese tipo de política, de dar protección para

cerrar los eslabones de la cadena, acaba haciendo con que los procesos locales de producción dejen de beneficiarse con las innovaciones tecnológicas que ocurren en varios de los segmentos intermedios de las cadenas. Nuevas tecnologías, nuevos equipos. Si el país tuviera mayor fluidez, mayor posibilidad de tránsito de mercaderías y tecnologías, los segmentos de las cadenas productivas que subsistieran en el país podrían hacer las cosas con mayor productividad y calidad. El producto final sería mucho mejor de lo que es hoy.

¿Hacer desde el comienzo al fin es una de las razones de la baja productividad brasileña?

Eso perjudica y aumenta la dificultad del país, desde hace treinta años, de recuperar una trayectoria de crecimiento. El Brasil de los años 1950 hasta fines de los años 1970 pasó por un proceso sólido de transformación estructural, que tiene varios trazos similares con el que antes había sucedido con Japón y después vino a acontecer con los Tigres Asiáticos, principalmente Corea y China. Todos esos países tuvieron en común transferencias masivas de personas, de mano de obra, de actividades próximas de la subsistencia en el mundo rural, para otras más modernas, en general la industria, en las ciudades. Fue un proceso de cambio de ocupación que no requería mucha calificación de la mano de obra. Con niveles educativos no muy diferentes, esa gran parte de la población pasó a ocuparse en actividades modernas, lidiando con equipos estandarizados. El aumento de productividad, en esos países, fue gigantesco. No es por casualidad que se habla de milagro en todos ellos, exactamente en relación a ese período. A par-

ENGLISH

that did not require a lot of skilled labor. With educational levels it is not very different, this large portion of the population had to deal with it in modern activities, dealing with standardized equipment. The increase of productivity, in these countries, was gigantic. It is not by chance that they are all considered as a miracle, precisely in relation to that period. From the moment in which the process of migration is completed, so the country can continue growing, it is no longer just the simple transfer of people. There needs to be more. In Brazil, if the process on the one hand was successful, of actually raising the country to an average high level of income per capita, on the other hand it had many defects. It was not inclusive, it did not care much about the education of the population, and it was not a process that transitioned to a new standard of growth, with other characteristics.

Is the Bolsa Familia good or bad in terms of education?

The task is not complete until you have a substantial improvement in the quality of education, since the access had a significant improvement. In fact, the Bolsa Familia is responsible for less than 20% of the reduction of poverty, because it is a program focused on the base of the pyramid. The best explanation for the fall in poverty in Brazil is in the conditions of the labor market and the improvement in educational levels. The simple elevation of the level of education, of the number of average years of the Brazilian population, brought the effect of an income increase. It is amazing, when you look at the age groups, such as the youth, they already have a huge difference of schooling in relation to older people, in

spite of being younger. Then, I think that we are going well in terms of access to education since the period of FHC. In fact, since the Constituent Assembly in 1988, after the last period of crisis of Collor. But the level was so low that today, and even the projection for 2020, it still points to increments of schooling well below other countries with an income per capita similar to that of Brazil. This is a generational phenomenon. The impact of the Bolsa Familia is an immediate reduction in the poverty of the people who receive it, but the greater effects of this program are in the sense that, in twenty-five years, the children of these people will be better trained to be incorporated into the labor market.

Are we on the right path?

I think that it is not by chance that the president Dilma has strengthened both the reference to education as a higher purpose now, in the second mandate. Brazil, from a point of view of public spending on education, is one of those that spend the most in the world. This is important for you to know. The money that is already spent, as a proportion of the Gross Domestic Product of Brazil, is one of the highest in the world. It is not a question of money, another thing that is outdated, that I see often in Brazil. We cannot speak of any policy or idea that people automatically think of money. It is a secular addiction to think that for anything to happen, it needs to be financed by the government. In education, I repeat, Brazil spent a phenomenal amount, but judging by the results, it is spent badly.

Do we have the humility to learn from other countries in the world?

I believe that our interlocutors in government are open. The difficulty is at the time of implementation. I will give you an example of a Scandinavian country that Vietnam has been implementing with success. The results of education depend very much on meritocracy and attention to the performance of teachers and students. There is a case of successful transformation, almost a revolution in terms of results, in the municipality of Sobral, in Ceará, which is attracting the attention of the whole world. Sobral was one these appalling cases in which children were almost finishing elementary school as illiterate. These managers observed that teachers were also illiterate. And they began to establish incentives associated to the results of the students. After some time, which not for coincidence attracted the attention in Brazil and throughout the world of those watching, the boys of Sobral have soared in educational indicators. So, the delay is less due to a lack of awareness of the path to take and more due to the interest groups that resist the changes.

Do the trade unions do this?

Employee unions and worker trade unions. In fact, the resistance to change, this entrenchment of interests behind lagging practices, rules, laws and mechanisms ends up reinforcing the difficulty of Brazil growing, because they take away the productivity. The World Bank produced, more than ten years ago, a report on the conditions for a company to do business in more than 180 countries. Brazil only goes well in the item of access to energy, in the others it is the worst in the world. For you to obtain a building permit in Brazil it takes three times the time of Argentina and Chile.

ESPAÑOL

tir del momento en que se completa ese proceso de migración, para que el país continúe creciendo ya no basta la simple transferencia de personas. Tiene que haber más. En Brasil, si bien el proceso fue por un lado exitoso, de realmente levantar al país a un nivel de renta per cápita media alta, por otro tuvo varios defectos. No fue inclusivo, no cuidó bien de la educación de la población, no fue un proceso que transitó para un nuevo patrón de crecimiento, con otras características.

¿Bolsa Familia es bueno o malo en el aspecto educativo?

La tarea no estará completa mientras no se obtenga una mejora substancial en la calidad de la educación, ya que en el acceso hubo una mejora importante. En verdad, Bolsa Familia es responsable por menos de 20 % de la reducción de la pobreza, porque es un programa focalizado en la base de la pirámide. La mejor explicación para la disminución de la pobreza en Brasil está en las condiciones del mercado de trabajo y en la mejora en los niveles educativos. La simple

ces, considero que estamos caminando bien en el acceso a la educación desde el período FHC. En verdad, desde la Constituyente de 1988, después de pasada la crisis del período Collor. Pero el nivel era tan bajo que hoy, e incluso la proyección para 2020, todavía apunta niveles de escolaridad muy por debajo de otros países con renta per cápita similar a la de Brasil. Ese es un fenómeno generacional. El impacto de Bolsa Familia es inmediato en la reducción de la miseria de las personas que lo reciben, pero los efectos mayores de ese programa son en el sentido de que, de aquí a veinticinco años, los hijos de esos receptores estarán mejor capacitados para ser incorporados al mercado de trabajo.

¿Estamos en el camino correcto?

Yo creo que no es por casualidad que la presidenta Dilma reforzó tanto la referencia a la educación como el mayor objetivo actual, de su segundo mandato. Brasil, desde un punto de vista del gasto público con la educación, es de los que más gastan en el mundo. Eso es importante para los señores saberlo. El dinero que es gastado, como proporción del Producto Interno Bruto de Brasil, es de los más altos del mundo. No es una cuestión de dinero, otra cosa atrasada, que veo frecuentemente en Brasil. No

podemos hablar de cualquier política o idea que automáticamente las personas piensan en dinero. Es un vicio secular creer que cualquier cosa, para que suceda, precisa tener el bolsillo mojado por el gobierno. En educación, repito, Brasil gasta un monto fenomenal, pero a juzgar por los resultados, lo gasta mal.

¿Tenemos la humildad de aprender con otros países del mundo?

Percibo que nuestros interlocutores en el gobierno están abiertos. La dificultad está en la hora de la implementación. Voy dar un ejemplo de un país escandinavo que Vietnam viene implementando con éxito. Los resultados de la educación dependen mucho del reconocimiento de méritos y de la atención a la performance de los profesores y del alumno. Hay un caso exitoso de transformación, prácticamente una revolución en términos de resultados, en el municipio de Sobral, en Ceará, que está llamando la atención de todo el mundo. Sobral era uno de esos casos horribles en que los niños estaban casi completando el ginásio (enseñanza fundamental) y eran analfabetos. Allí los gestores observaron que los profesores también eran analfabetos. Y comenzaron a establecer incentivos asociados a los resultados de los alumnos. Después de algún tiempo, lo que no por casualidad atrajo la atención en Brasil y en todo el mundo que acompaña esta tarea, los niños de Sobral dispararon en los indicadores educativos. Entonces, el atraso es menos por falta de conciencia de cuál es el camino y más por causa de grupos de interés que resisten al cambio.

¿Los sindicatos hacen eso?

Sindicatos patronales y de trabajadores. Además, esa resistencia al cambio, ese atrincheramiento de intereses por detrás de prácticas, de reglas, de leyes y de mecanismos atrasados acaba reforzando la dificultad de que Brasil crezca, porque quitan productividad. El Banco Mundial produce hace más de diez años un informe sobre las condiciones existentes para que una empresa haga negocios en más de 180 países. Brasil solo va bien en

SI EL PAÍS TUVIERA MÁS FLUIDEZ, EL PRODUCTO FINAL SERÍA MUCHO MEJOR DE LO QUE ES HOY

elevación de la escolaridad, del número de años promedio de la población brasileña, trajo un efecto de aumento de la renta. Es impresionante, cuando observamos las fajas etarias, como la juventud ya tiene una diferencia enorme de escolaridad en relación a los más viejos, a despecho de ser más jóvenes. Enton-

ENGLISH

When it comes to paying taxes, the time and manual labor required for the sake of bureaucracy, is more than four times its neighbors. This happens in all the dimensions of the life of the company. The country pays a price for this, not only the companies. Outside the manufacturing plant and gate of the farm the Brazil Cost affects competitiveness. For the country it is a waste, because it is about talented people and material resources used to 'dry ice', in other words, to do things that do not add value. It amazes me how this agenda is not assumed with more virulence by the private sector. One possibility is the following: large firms are less concerned with this because they include it in the price and dilute it in the scale of their production. It is the small businesses that suffer most in dealing with this difficulty of doing business in Brazil.

Why is there so much resistance to change?

Because there are people who make money with the way things are, but the country pays for the privileges of some groups. The more transparency we have greater will be the likelihood that the population itself will push their political class to make changes. It is the only way out of this mess. This is true also for an important part of the Brazilian GDP, which is public spending. Although there has been enormous progress in the last decade with regard to the computerization of processes of competition, we can see the difficulties now in respect to the allegations regarding Petrobras. There is a margin to evolve in this. The indicators point to a result of public spending much better for each unit of real if we have more transparent procedures. This

would decrease misappropriations and squandering. But, you will need to break some eggs to make the omelet. It is time to be thorough in the various cash books of the Brazilian public expenditure, like the adjustment that was made, for example, in the unemployment insurance, a great start, an important aspect.

How do you assess the measures of the Ministry of Finance?

They have come to correct absurdities. As a country with full employment, like Brazil in recent years, can it have an unemployment benefit that is 'exploding'? Impossible, there is something wrong there. And the pension privileges. A young girl of 22 marries a man of 80, he dies and she inherits a pension for the rest of her life. These are examples that there is a margin to go even further. But let us make no mistake: it is a tough fight, because each one of the beneficiaries of those things that are there by inertia will resist bravely to any change.

Isn't social inequality a crutch to justify everything?

Yes, it is a proven fact that inequality creates a breeding ground for populisms, for sellers of illusions. But at the same time, truth be told, the country has changed a lot in the last 15 years. I am from Sergipe, in Aracaju, and I come from a lower middle class family, my father was a civil servant. I had spent my entire adolescence dreaming of leaving there, because I saw a social stratification in the behavior of people. My schoolmates, upper strata of income, were all arrogant, brought up with housekeepers. And

most of my colleagues of income accepted the social inequality as natural. That really influenced me. I left when I could, I lived in Canada and to my pleasant surprise, when I came back, I could already see things differently, low-class people looking others in the eyes, recognized as citizens, empowered, as they say out here. This has to do with the increase of income. Although the average rate of growth of Brazil, from 2004 to 2011 has been something around 4.5% a year, the income of the base of the pyramid grew at the Chinese rhythm of 7% or 8%. The signs of improvement are evident.

Are people starting to make demands?

One of the interesting facets of this expansion of income at the base of the pyramid is the emergence of a new group of

IT IS A SECULAR ADDICTION TO THINK THAT FOR ANYTHING TO HAPPEN THE GOVERNMENT SHOULD BE INVOLVED

entrepreneurs in Brazil, who are medium and small. They have a mentality which is quite different, in relation to the patrimonial mentality common in large companies in the past, which they grew and nurtured through suckling and being narrowly related to the State. You see this in the language and the ideas presented in the proposals of the new leaders who appear in employers' institutions. They are successful entrepreneurs due to their own effort. This staff will already have an agenda to compel the State to provide accounts of what they should be spending or not of the tax money.

ESPAÑOL

el ítem de acceso a la energía, en el resto es de los peores del mundo. Obtener una licencia de construcción en Brasil lleva el triple de tiempo que en Argentina y Chile. Para pagar impuestos el tiempo y la mano de obra necesaria por causa de la burocracia es más que el cuádruple que los vecinos. Eso acontece en todas las dimensiones de la vida de la empresa. El país paga un precio por eso, no solo las empresas. Fuera de la planta de producción y de la tranquera de la hacienda, el Costo Brasil perjudica la competitividad. Para el país es un desperdicio, porque se trata de gente talentosa y de recursos materiales utilizados para secar hielo, para hacer cosas que no agregan valor. Me espanta como esa agenda no es asumida con más fuerza por el sector privado. Una posibilidad es la siguiente: las grandes empresas se preocupan menos con eso porque lo colocan en el precio y lo diluyen en la escala de su producción. Son las pequeñas empresas las que más sufren en lidiar con esa dificultad de hacer negocio en Brasil.

¿Por qué se resiste tanto al cambio?

Porque hay gente que gana dinero de la forma que la cosa está, pero el país paga un precio por los privilegios de algunos grupos. Cuanta más transparencia tengamos mayor será la probabilidad de que la propia población empuje a su clase política a realizar cambios. Es la única manera de salir de ese embrollo. Eso vale también para un segmento importante del PIB brasileño, que es el gasto público. No obstante haya ocurrido un enorme avance en la última década en lo que respecta a la informatización de procesos de competencia (licitatorios), estamos viendo las dificultades, ahora, en lo que respecta a las denuncias atinentes a Pe-

trobrás. Tenemos margen para evolucionar en eso. Los indicadores apuntan para un resultado del gasto público mucho mejor para cada unidad de real si tenemos procesos más transparentes. Disminuirán los desvíos y los desperdicios. Solo que será preciso quebrar algunos huevos para hacer la tortilla. Ya es más que la hora de pasar un peine fino en las diversas cajitas del gasto público brasileño, como la movida que fue efectuada, por ejemplo, en el seguro de desempleo, un gran comienzo, un punto importante.

¿Cómo evalúa las medidas del Ministerio de Hacienda?

Vinieron para corregir absurdos. ¿Cómo en un país con pleno empleo, como Brasil en los últimos años, puede estar estallando el seguro de desempleo? Imposible, hay alguna cosa equivocada allí. Y los privilegios de las pensiones. Una jovencita de 22 años se casa con un señor de ochenta, él muere y ella hereda una pensión para el resto de su vida. Son ejemplos de cómo hay margen para pasar el peine fino. Pero no nos engañemos, es una lucha dura, porque cada uno de los beneficiarios de esas cosas que están allá por inercia va a resistir bravamente a cualquier cambio.

¿La desigualdad social no es una muleta que justifica todo?

Sí, está probado que la desigualdad crea un caldo de cultivo para populismos, para vendedores de ilusiones. Pero al mismo tiempo, la verdad sea dicha, el país cambió mucho en estos últimos quince años. Yo soy de Sergipe, de Aracaju, y vengo de una familia de clase media baja, mi padre era funcionario público. Pasé toda mi adolescencia soñando salir de allí, porque veía una estra-

tificación social en el comportamiento de las personas. Mis colegas de escuela, de estratos superiores de renta, eran todos arrogantes, criados con mucamas. Y la mayor parte de mis colegas de renta aceptaban como natural la disparidad social. Aquello me influyó mucho. Me fui en cuanto pude, viví en Canadá y para mi grata sorpresa, cuando volví, ya veía las cosas diferentes, las personas de abajo mirando a los ojos, reconocidas como ciudadanos, empoderadas, como se usa decir aquí afuera. Eso tiene que ver con la elevación de la renta. No obstante la tasa de crecimiento promedio de Brasil, de 2004 a 2011 haya sido algo en torno de 4,5 % anual, la renta de la base de la pirámide creció a ritmo chino, de 7 % a 8 %. Las señales de mejora son evidentes.

¿Las personas comienzan a reclamar?

Una de las facetas interesantes de esa expansión de la renta de la base de la pirámide es la aparición de un nuevo grupo de empresarios en Brasil, medianos y pequeños. Ellos tienen una mentalidad muy diferente, en relación a la mentalidad patrimonialista común en grandes empresas del pasado, que crecieron y se nutrieron mamando y manteniendo relaciones muy estrechas con el Estado. Usted ve eso en el lenguaje y en las ideas presentadas, en las propuestas de los nuevos lideratos que aparecen en las instituciones patronales. Son empresarios exitosos por cuenta de su esfuerzo. Ese personal pronto va a tener una agenda para obligar al Estado a rendir cuentas de que conviene estar gastando, o no, del dinero de los impuestos.

¿Cómo mejorar el ambiente de negocios en Brasil en el corto plazo?

En el corto plazo, va a tener que ser se-

ENGLISH

How can the business environment in Brazil be improved in the short term?

In the short term, they will have to be selective. It is difficult to try and tackle all the issues at the same time. I think it is interesting to select those whose outcome would have a greater impact. The tax reform is one of them, it can allow an immediate gain in terms of savings of manual labor and of material resources, if, for example, they can equate taxes like the ICMS and the PIS/COFINS. At the same time various practical aspects of the functioning of the labor market can be reviewed, which may facilitate the business investment in education. Today, for example, if an entrepreneur wants to invest in training his employees, he runs the risk of being fined. For this reason, Brazil is the country with the lowest investment in manual labor training by companies. This is one of the factors behind the low productivity in Brazil. So, I would elect taxes and labor regulation as two areas where reforms at this time would enable immediate gain. But this is far from exhausting the agenda.

What is lacking for these reforms?

Will and political capital, because it involves facing campaigns against those affected in the Congress. The greater the awareness and discussion, the easier this process will be, because it gives strength to those who are leading. It is a question of maturity of the country itself. I am optimistic. The experience of Sobral that I mentioned, the more we talk about it, the greater will be the pressure on adaptation in other places. For example, results-oriented management in Minas Gerais was recognized here by the Bank as a major step forward. And within Bra-

zil also. The government of Pernambuco began to introduce this.

Does the fact that governments are from different parties influence things?

No. And it should not. The more we introduce a culture of results, of indicators that allow evaluations, less important the division of policy lines will become. I wanted to highlight, for example, a good thing that was done in Pernambuco, operating with the World Bank, which were policies which strengthen the issue of gender equality. Our empirical studies here in the bank indicate that gender inequality is bad not only in itself or as a humanitarian objective that is not met, but that it is also bad for the economy. There is a great waste in the country when it comes to unequal treatment between men and women. Part of the drop in the poverty in Brazil and the reduction of inequality have to do precisely with the improvement in the conditions of access of women to the labor market. I even wrote with a colleague at work estimating how much Brazil's economic growth benefited from the improvement in gender equality. This is a good thing that we have to show to the world. In the area of gender equality we are not bad in comparison to many other developing countries. It is not a coincidence that the money of the Bolsa Família is given to the mother.

It seems that the origin of this practice was in the distribution of popular houses in the government of Mário Covas, in São Paulo. It was found that

the woman would not sell the house, because of the children.

This was a successful experience, but there were others, at the same time, of committed technicians that put the cause above party affiliation, which allowed great continuity of these Brazilian social policies. This has been good for the country. In fact, the great origin is in some researches that have been conducted, comparing homes in which the father had control of the money with those in which the mother had control, at the beginning of the 1990s. In homes where the mother was in charge of the money, babies were taller and were 20%

THERE IS A HUGE WASTE IN THE COUNTRY WHEN THERE IS UNEQUAL TREATMENT BETWEEN MEN AND WOMEN

healthier and fatter. This is statistical data. Women are better than us, and are more responsible with their children. This has been statistically proven that the allocation of family resources was better with regards to the health and future of the children, when the money went to the woman. And this is what guided the social policies to put the money into the woman's hand, which makes a huge difference.

ESPAÑOL

lectivo. Es difícil intentar enfrentar todas las cuestiones al mismo tiempo. Pienso que es interesante seleccionar aquellas

A DIFERENCIA DE LOS PAÍSES ASIÁTICOS, BRASIL NO CUIDÓ BIEN DE LA EDUCACIÓN DE LA POBLACIÓN

cuyo resultado tendría un impacto mayor. La reforma tributaria es una de ellas, puede permitir una ganancia inmediata en términos de economía de mano de obra y de recursos materiales, si, por ejemplo, se simplifican tributos como el ICMS y el PIS/COFINS. Al mismo tiempo se pueden rever varios aspectos prácticos del funcionamiento de la regulación del mercado de trabajo, que pueden facilitar la inversión empresarial en educación. Hoy, por ejemplo, si un empresario quisiera invertir en el entrenamiento de sus empleados corre el riesgo de ser procesado. Por eso Brasil es el país con menor inversión en entrenamiento de mano de obra por parte de las empresas. Este es uno de los factores por detrás de la baja productividad brasileña. Entonces, yo elegiría los tributos y la regulación laboral como dos áreas donde las reformas en este momento darían una ganancia inmediata. Pero eso está lejos de agotar la pauta.

¿Qué es lo que falta para esas reformas?

Voluntad y capital político, porque eso envuelve enfrentarse con campañas contrarias de los afectados en el Congreso. Cuanto mayor concientización y discusión haya, será más fácil ese pro-

ceso, porque da fuerzas a quien vaya a liderar. Es una cuestión de madurez del mismo país. Pero soy optimista. La experiencia de Sobral que mencioné, cuanto más se hable sobre ella, mayor será la presión sobre la adaptación en otros lugares. Por ejemplo, la administración por resultados en Minas Gerais fue reconocida aquí por el Banco como un gran avance. Y dentro de Brasil también. El gobierno de Pernambuco comenzó a introducir eso.

¿El hecho de ser gobiernos de partidos diferentes influye?

No. Y no debe. Cuanto más se introduzca una cultura de resultados, de indicadores que permitan evaluaciones, menos importante la división de líneas políticas se tornará. Yo quería realzar, por ejemplo, una cosa buena hecha en Pernambuco, operando con el Banco Mundial, que fueron las políticas de refuerzo a la cuestión de la igualdad de género. Nuestros estudios empíricos aquí en el banco indican que la desigualdad de género es mala no apenas en sí misma o como un objetivo humanitario no atendido, también hace mal a la economía. Hay un desperdicio enorme en el país cuando él mismo es desigual en el tratamiento entre hombre y mujer. Parte de la disminución de la pobreza en Brasil y de la reducción de la desigualdad tiene a ver justamente con la mejora en las condiciones de acceso de las mujeres al mercado de trabajo. Yo hasta escribí con un colega un trabajo estimando cuanto el crecimiento económico de Brasil se benefició de la mejora en la igualdad de género. Esa es una buena cosa que tenemos para mostrar al

mundo. En materia de igualdad de géneros nosotros no estamos mal en relación a muchos otros países en desarrollo. No es casual que el dinero del Bolsa Familia es dado para la madre.

Parece que el origen de esa práctica fue en la distribución de casas populares en el gobierno de Mario Covas, en São Paulo. Se evaluó que la mujer no vendería la casa, por causa de los hijos.

Esa fue una experiencia exitosa, pero había otras, en la misma época, de técnicos comprometidos que colocaban la causa arriba de la afiliación partidaria, lo que permitió una continuidad muy grande en esas políticas sociales brasileñas. Eso ha sido bueno para el país. En verdad el gran origen está en algunas investigaciones que fueron efectuadas, comparando casas en que el padre tenía el control del dinero con aquellas en que la madre tenía el control, a comienzo de los años 1990. En las casas donde la madre mandaba en el dinero, los bebés eran más altos y eran 20 % más sanos y más gordos. Esto es un dato estadístico. Las mujeres son mejores que nosotros, ellas son más responsables con los hijos. Eso quedó comprobado estadísticamente, que la asignación de los recursos familiares era mejor en lo que respecta a la salud y al futuro de los niños, cuando el dinero iba para la mujer. Y eso es lo que pasó a orientar las políticas sociales y a colocar el dinero en las manos de la mujer, lo que hace una enorme diferencia.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O MODELO DE ATIRAR DINHEIRO PELA JANELA PARA RESOLVER TUDO NÃO TEM FUTURO

A DISCUSSÃO SOBRE O DESGASTE DO MODELO ECONÔMICO BRASILEIRO NÃO É NOVA. O BRASIL VIVEU E DISCUTIU O ASSUNTO ATÉ A DIVISÃO DO PAÍS NO ANO PASSADO, DURANTE AS ELEIÇÕES. MAS POR ONDE COMEÇAM AS MUDANÇAS? ARTURO PORZECANSKI, DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERNACIONAIS DA AMERICAN UNIVERSITY, EM WASHINGTON, VAI A UM PONTO: NÃO HÁ ECONOMIA SÉRIA NO MUNDO QUE CONVIVA COM METAS DE INFLAÇÃO ENTRE 6% E 7% AO ANO.

Qual o sentimento que o Brasil inspira no mundo?

Eu diria que o Brasil ainda é olhado como um país sério e inspira confiança, mas não entusiasmo. Acho que nos últimos anos os investidores brasileiros e estrangeiros perderam o entusiasmo pelo potencial do Brasil.

Quando diminui o entusiasmo o investidor vai a outro lugar?

Sim. A situação não é tão ruim que os investidores querem fugir, certamente não aqueles investidores estratégicos que já têm longa data no País. Mas em geral o consenso é que o Brasil não promete tantos avanços como, por exemplo, nos anos 1990, quando se fizeram mudanças históricas no modelo econômico, que abriram grandes oportunidades para investir, inclusive em áreas novas.

O que afasta o investidor hoje do País?

Eu diria que o Brasil já tem muitos investidores. Então, a questão não é tanto de atrair novos, mas abrir oportunidades para aqueles que conhecem o País, que já têm dinheiro lá, fábricas, oportunidades, para eles investirem muito mais. Para isso, é preciso melhorar o ambiente. Nesse sentido, o Brasil tem perdido a competitividade. No resto do mundo, muitos países fizeram reformas também nos últimos anos, e não só nos anos 1990. Então, você vai acumulando o efeito para o investidor, de vinte ou trinta anos de reformas, o que torna mais fácil, é mais atrativo, entusiasmo mais fazer negócios e investimentos nesses outros países.

O que falta hoje no País em relação aos anos 1990, quando se debelou a inflação?

Os anos 1990 também foram de abertura não só da balança comercial, mas também dos fluxos de capital. Durante os últimos anos, foi no sentido contrário, a economia começou a fechar-se em termos de acesso às importações, acesso às tecnologias, acesso à privatização de empresas públicas, acesso a concessões. Então, perdeu-se o dinamismo daquela abertura anterior. E ficou o peso da máquina burocrática, o peso da tributação. Também se perdeu o caminho, inclusive, na luta contra a inflação. País sério não tem metas de até seis ou sete por cento de inflação, e não tem uma inflação nesse nível. Um ano poderia ser, numa situação excepcional. Mas o Brasil viveu anos e anos com a taxa de inflação sobre ou perto de uma meta nada ambiciosa, porque todos os outros países têm metas de dois a quatro, por exemplo, ou de um a três. Então, esse é um exemplo de que se avançou muito nos anos 1990, e se acabou com a inflação e depois voltamos atrás. O mesmo ocorreu com a abertura comercial, as oportunidades foram se fechando, os investidores ficaram desapontados. O País viveu um carnaval graças aos preços das matérias-primas tão elevados. Mas esse carnaval agora acabou.

O País estava ancorado no preço elevado de commodities como minério de ferro e produtos agrícolas?

Exatamente. Sejam as contas fiscais ou os dados de crescimento econômico ou de emprego, tudo isso foi produto do “boom” das commodities. Por isso agora, a economia ficou tão vulnerável, está faltando o motor, está faltando um carro-chefe do crescimento econômico. Não se aproveitou bem aquela bonança dos bons anos das commodities.

Qual foi o erro do governo e como corrigi-lo?

Tem várias áreas para trabalhar. Já falamos de inflação, precisamos de um Banco Central sério, não de Terceiro Mundo, mas de Primeiro Mundo. Precisamos de uma reforma abrangente das contas públicas, tanto do lado da despesa como do lado da tributação. O Estado brasileiro é muito grande e muito ineficiente. Precisamos das reformas das regras do jogo. Por exemplo, a experiência internacional é bem clara: se você fecha as importações, as exportações caem também. Hoje, o produtor moderno exporta à base de coisas importadas também. Então, toda essa política de minimizar a dependência nas importações, de fechar a economia, de incentivar a produção nacional, parou a integração das empresas brasileiras na economia internacional. Temos que abrir de novo o lado das importações, seja de tecnologia ou de produtos, para melhorar o ambiente de produção e também aquele de exportações além dos produtos básicos.

O erro foi de natureza técnica ou ideológica?

Eu diria que certamente foi uma questão ideológica, acentuada pela presidente Dilma Rousseff, mas que começou durante o segundo governo de Lula. Por exemplo, a atitude pouco séria com relação à inflação, isso vem do Planalto. A atitude fechada, com relação a parcerias entre o setor público e o setor privado, ou com relação à política de substituição das importações, vem do Planalto também. A atitude de que é mais importante melhorar a distribuição da renda do que gerar renda, isso vem de cima. O Brasil não foi o único. Tivemos vários casos na América do Sul de governos eminentemente





mente populistas. Os mais extremistas, nós conhecemos, Argentina e Venezuela. No Brasil, no Uruguai e em outros países tivemos modelos mais moderados, mas populistas também.

A questão da previdência social preocupa?

Na verdade, todas as nações vão mudando durante o tempo, sejam mudanças demográficas, sociais, econômicas ou políticas. Então a legislação, as instituições públicas, o funcionalismo, tudo tem que mudar também, atrás das mudanças do País. Mas o Brasil resiste muito às mudanças.

O governo do PSDB foi criticado porque não olhava para a questão social e o partido perdeu várias eleições por causa disso.

Eu acho que ainda, na grande maioria do povo brasileiro, existe uma visão de que o governo tem que ser paternalista e tem que resolver os problemas da gente. Na verdade, o que o Brasil está precisando são de líderes, como foi o Fernando Henrique Cardoso, que possam olhar além do que é popular hoje. Na última década, tivemos governos que só falam sobre melhorar a situação de hoje. Essas atitudes têm que mudar. O centro do problema são as atitudes do povo brasileiro. E o Brasil não é o único: as pessoas aprovaram a eleição da Cristina Kirchner, do Hugo Chaves, porque em geral gostavam dessa política de dar renda às pessoas mais necessitadas, de resolver os problemas com um decreto ou com um empréstimo do banco estatal.

Com uma canetada, é isso?

Uma canetada. **Muitas vezes, a verdade é que os povos têm os governos que me-**

recem. Ou surge nova liderança, mesmo entre aqueles que estão no poder, ou você tem que esperar até que as pessoas entendam que o modelo está esgotado.

O senhor vê liderança surgindo na sociedade para questionar o governo e propor coisas novas?

Sim. Eu acho que no Brasil tem muitas forças inteligentes, olhando para a frente. Pessoas que estão entendendo que esse modelo de atirar dinheiro pela janela para resolver tudo não tem futuro. Sem outro “boom” de commodities o modelo não tem futuro e não vamos ter boom de commodities. O perigo é que as commodities sigam baixando mais. Estamos entrando num ambiente internacional de deflação, não de inflação estilo brasileiro. Vai ser necessário administrar recursos menores nos próximos anos, de uma maneira politicamente aceitável. O novo ministro da Fazenda não fará alguns ajustes iniciais e acabou. Ele terá uma tarefa difícil, por muitos anos, com seus colegas no gabinete, todos empurrando para um futuro melhor, fazendo as mudanças que têm que ser feitas. Senão, o país vai continuar como está.

É válido comparar o Brasil com países menores e eficientes como o Chile?

Sim, porque as práticas boas inspiram. Obviamente, países mais grandes, mais ricos, têm mais opções, inclusive a de atirar dinheiro pela janela. Mas tem limites. Eu acho que o Brasil está encontrando os limites da sua política social e econômica. As empresas brasileiras também estão encontrando os limites de como fazer as coisas, e elas não podem avançar sem uma melhora nas regras do jogo. Eles já diminuíram custos, já incorporaram novas tecnologias, fizeram grande

parte do que tem que ser feito. Mas as regras do jogo não são favoráveis para um século 21. É como ter uma máquina. Se você não permitir que ela funcione o melhor possível, a vida dela vai ser curta e você vai precisar de uma máquina nova. Rússia, China, Estados Unidos, Brasil e Índia têm mais graus de liberdade do que os países menores. Mas o Brasil já utilizou esses graus.

O Brasil está pior ou melhor que a média do mundo?

Eu gostaria de falar sobre o potencial do Brasil, que deveria ser um país do Primeiro Mundo. O Brasil tem tudo o que precisa para estar bem acima da média. No que se refere à distribuição das oportunidades de renda, o Brasil melhorou muito, mas comparado ao que poderia ter melhorado na última década, perdeu caminho. O desejo de aumentar a classe média no Brasil, diminuir a pobreza no país, esse desejo foi conquistado. Mas o futuro pode ser bem melhor.

O que espera do governo nos próximos quatro anos da presidente Dilma?

Eu gostaria de pensar que a presidente Dilma aprendeu com as eleições tão disputadas e que também aprendeu que o modelo do primeiro mandato já não funciona. Gostaria de ver o começo de medidas inovadoras em várias áreas do setor público, abrindo portas, fazendo as coisas de maneira diferente. E também aproveitar a crise na confiança pública, a crise dos escândalos, para fazer as coisas melhor. Se não reformarmos, agora que as coisas não estão dando certo, quando vamos reformar para melhorar?

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



THE MODEL OF THROWING MONEY OUT OF THE WINDOW TO RESOLVE EVERYTHING HAS NO FUTURE

The discussion on the strain of the Brazilian economic model is not new. Brazil has lived and discussed the matter, even the division of the country last year, during the elections. But where should the changes start? Arturo Porzecanski, director of the department of international economic relations of the American University, in Washington, goes straight to the point: there is no serious economy in the world that can live with inflation targets between 6% and 7% per year.

What is the feeling that Brazil inspires in the world?

I would say that Brazil is still seen as a serious country and inspires confidence, but no enthusiasm. I think that in recent years the Brazilian and foreign investors have lost their enthusiasm for the potential of Brazil.

When the enthusiasm decreases does the investor go elsewhere?

Yes. The situation is not so bad that investors want to escape, certainly not those strategic investors who have already been a long time in the country. But in general, the consensus is that the country does not promise so many advances, such as, for example, in the 1990s, when it made historic changes in the economic model, which created great opportunities to invest, including in new areas.

What keeps the investor away from the country today?

I would say that Brazil already has many investors. So, the question is not so much



on attracting new investors, but creating opportunities for those who know the country, which already have money there, factories, opportunities there, so they can invest much more. For such, it is necessary to improve the environment. In this sense, Brazil has lost competitiveness. In the rest of the world, many countries have made reforms in the past few years, and not only in the 1990s. So, you start accruing the effect for the investor, of twenty or thirty years of reform, which makes it easier, is more attractive, promotes enthusiasm about doing business and investments in other countries.

What is lacking in the country today in comparison to the year 1990, when it defeated the inflation?

The 1990s were also the opening up not only of the balance of trade, but also of the capital flows. During the last few years, it went in the opposite direction, the economy started to close in terms of access to imports, access to technologies, access to privatization of public enterprises, and access to concessions. So, it has lost the dynamism of that previous opening. And the weight of the bureaucratic machine has remained, the weight of taxation. The path has also been lost, including, the fight against inflation. A serious country has no targets of up to six or seven per cent of inflation, and does not have an inflation at this level. One year, maybe, in an exceptional situation. But Brazil lived years and years with the rate of infla-



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

EL MODELO DE ARROJAR DINERO POR LA VENTANA PARA RESOLVER TODO NO TIENE FUTURO

La discusión sobre el desgaste del modelo económico brasileño no es nueva. Brasil vivió y discutió el asunto hasta la división del país el año pasado, durante las elecciones. ¿Pero por donde comienzan los cambios? Arturo porzecanski, director del departamento de relaciones económicas internacionales de la American University, en Washington, va a un punto: no hay economía seria en el mundo que conviva con metas de inflación entre 6 % y 7 % al año.

¿Cuál es el sentimiento que Brasil inspira en el mundo?

Yo diría que Brasil aún es observado como un país serio e inspira confianza, pero no entusiasmo. Percibo que en los últimos años los inversores brasileños y extranjeros perdieron el entusiasmo por el potencial de Brasil.

¿Cuándo disminuye el entusiasmo del inversor se va a otro lugar?

Sí. La situación no es tan mala como para que los inversores quieran huir, ciertamente no aquellos inversores es-

grandes oportunidades para invertir, incluso en áreas nuevas.

¿Qué aleja actualmente al inversor del país?

Yo diría que Brasil ya tiene muchos inversores. Entonces, la cuestión no es tanto la de atraer nuevos, sino abrir oportunidades para aquellos que conocen a Brasil, que ya tienen dinero aquí, fábricas, oportunidades, para que ellos inviertan mucho más. Para ello es preciso mejorar el ambiente. En ese sentido, Brasil ha perdido la competitividad. En el resto del mundo, muchos países también efectuaron reformas en los últimos años, y no solo en los años 1990. Entonces, usted va acumulando el efecto para el inversor, de veinte o treinta años de reformas, lo que lo torna más fácil, y más atractivo, entusiasmo más hacer negocios e inversiones en esos otros países.

¿Qué le falta hoy al País en relación a los años 1990, cuando se derrotó la inflación?

Los años 1990 también fueron de apertura no solo de la balanza comercial, sino también de los flujos de capital. Durante los últimos años, fue en el sentido contrario, la economía comenzó a cerrarse en términos de acceso a las importaciones, acceso a las tecnologías, acceso a la privatización de empresas públicas, acceso a concesiones. Entonces, se perdió el dina-

mismo de aquella apertura anterior. Y quedó el peso de la máquina burocrática, el peso de la tributación. También se perdió el camino, incluso, en la lucha contra la inflación. Un país serio no tiene metas de hasta seis o siete por ciento de

inflación, y no tiene una inflación en ese nivel. Un año podría ser, en una situación excepcional. Pero Brasil vivió años y años con la tasa de inflación sobre o próxima de una meta nada ambiciosa, porque todos los otros países tienen metas de dos a cuatro, por ejemplo, o de uno a tres. Entonces, ese es un ejemplo de que se avanzó mucho en los años 1990, se acabó con la inflación y después volvimos atrás. Lo mismo ocurrió con la apertura comercial, las oportunidades se fueron cerrando, los inversores quedaron desapuntados. El País vivió un carnaval gracias a los precios de las materias primas tan elevados. Pero ese carnaval ahora acabó.

¿El país estaba anclado en el precio elevado de commodities como el mineral de hierro y los productos agrícolas?

Exactamente. Sean las cuentas fiscales o los datos de crecimiento económico o de empleo, todo eso fue producto del boom de los commodities. Por eso ahora la economía quedó tan vulnerable, está faltando el motor, está faltando el propulsor del crecimiento económico. No se aprovechó correctamente aquella bonanza de los buenos años de las commodities.

¿Cuál fue el error del gobierno y como corregirlo?

Hay varias áreas para trabajar. Ya hemos hablado de inflación, precisamos de un Banco Central serio, no del Tercer Mundo, sino del Primer Mundo. Precisamos de una reforma amplia de las cuentas públicas, tanto del lado de los gastos como del lado de la tributación. El Estado brasileño es muy grande e ineficiente. Precisamos de las reformas de las reglas de juego. Por ejemplo, la experiencia internacional es bien clara: si usted cierra

BRASIL PRECISA DE UN BANCO CENTRAL SERIO DEL PRIMER MUNDO Y NO DEL TERCERO

tratégicos que ya tienen mucho tiempo en el país. Pero en general el consenso es que el país no promete tantos avances como, por ejemplo, en los años 1990, cuando se hicieron cambios históricos en el modelo económico, que abrieron

ENGLISH

tion on or near a goal that was nothing ambitious, because all the other countries have targets of two to four, for example, or one to three. So, this is an example that Brazil advanced a lot in the 1990s, eradicated the inflation and then we went back to the old ways. The same occurred with the opening of trade, the opportunities started drying up, and the investors were disappointed. Brazil lived a carnival thanks to the prices of very high raw materials. But this carnival has now ended.

Was the country anchored on the high price of commodities such as iron ore and agricultural products?

Certainly. The fiscal accounts or the economic or employment growth data, all this was product of the boom of commodities. That is why the economy became so vulnerable, with no engine, and without a flagship of economic growth. The country did not take advantage of the years of plenty of the commodities.

What was the government's mistake and how can it be corrected?

Several areas need to be worked on. We have already talked about inflation, we need a serious Central Bank, not of the Third World, but of the First World. We need a comprehensive reform of the public accounts, both on the side of expenditure and of taxation. The Brazilian State is very large and too inefficient. We need a reform of the rules of the game. For example, the international experience is quite clear: if you close the imports, exports also fall. Today the modern producer exports based also on imported things. So, all of this policy to minimize the dependence on imports,

to close the economy, to encourage domestic production, has stopped the integration of Brazilian companies in the international economy. We have to open once again the side of imports, either of technology or of products, to improve the production environment and also that of exports in addition to the basic products.

Was the error of a technical or ideological nature?

I would say that it was certainly an ideological issue, accentuated by president Dilma Rousseff, but that began during the second government of Lula. For example, the not so serious attitude concerning the inflation, this comes from the Planalto (government). The closed attitude, with respect to the partnerships between the public and private sector, or in relation to the policy of import substitution, also comes from the Planalto. The attitude that it is more important to improve the distribution of income than to generate income, this comes from the top. Brazil was not the only one. We have had several cases in South American governments eminently populists. The most extremists, we know, are Argentina and Venezuela. In Brazil, in Uruguay and other countries we had more moderate models, but they were also populist.

Is the issue of social security a concern?

In fact, all the nations change during some time, i.e. demographic, social, economic or political changes. So, the legislation, the public institutions, the func-

tionalism, everything also has to change, following the changes in the country. But Brazil is very resistant to change.

The PSDB government was criticized because it did not consider the social issue and the party lost several elections because of this.

I also think that, in the vast majority of the Brazilian people, there is a view that the government has to be paternalistic and has to solve people's problems. In fact, Brazil is in need of leaders, like Fernando Henrique Cardoso, who can see beyond what is popular today. In the last decade we had governments that just talked about improving the current situation. These attitudes have to

BRAZIL NEEDS A SERIOUS CENTRAL BANK FROM THE FIRST WORLD AND NOT THE THIRD

change. The heart of the problem is the attitudes of the Brazilian people. And Brazil is not the only one: the people approved the election of Cristina Kirchner, Hugo Chaves, because in general they liked this policy of giving income to the most deprived people, to solve the problems with a decree or with a loan from the state bank.

With one signature, is that it?

One signature. Many times the truth is that the people have the government they deserve. Or a new leadership arises, even among those who are in power, or you have to wait until people understand that the model is exhausted.

ESPAÑOL

las importaciones, las exportaciones también caen. Hoy el productor moderno exporta sobre la base de cosas importadas también. Entonces, toda esa política de minimizar la dependencia en las importaciones, de cerrar la economía, de incentivar la producción nacional, paró la integración de las empresas brasileñas en la economía internacional. Tenemos que abrir de nuevo el lado de las importaciones, sea de tecnología o de productos, para mejorar el ambiente de producción y también aquel de exportaciones más allá de los productos básicos.

¿El error fue de naturaleza técnica o ideológica?

Yo diría que ciertamente fue una cuestión ideológica, acentuada por la presidente Dilma Rousseff, pero que comenzó durante el segundo gobierno de Lula. Por ejemplo, la actitud poco seria con

relación a la inflación, eso viene del Planalto. La actitud cerrada, con relación a asociaciones entre el sector público y el sector privado, o con relación a la política de sustitución de las importaciones, viene del Planalto también. La actitud de que es más importante mejorar la distribución de la renta que generar renta, eso viene de arriba. Brasil no fue el único. Tuvimos varios casos en América del Sur de gobiernos eminentemente populistas. Los más extremistas, los conocemos, Argentina y Venezuela. En Brasil, en Uruguay y en otros países tuvimos modelos más moderados, más populistas también.

¿La cuestión de la previsión social preocupa?

La verdad, todas las naciones van cambiando con el tiempo, sean cambios demográficos, sociales, económicos o

políticos. Entonces la legislación, las instituciones públicas, el funcionalismo, todo tiene que cambiar también, atrás de los cambios del país. Pero Brasil se resiste mucho a los cambios.

El gobierno del PSDB fue criticado porque no miraba para la cuestión social y el partido perdió varias elecciones por causa de eso.

Creo que todavía, en la gran mayoría del pueblo brasileño, existe una visión de que el gobierno tiene que ser paternalista y tiene que resolver los problemas de la gente. En verdad, lo que Brasil está precisando es de líderes, como fue Fernando Henrique Cardoso, que puedan mirar más allá de lo que es popular hoy. En la última década tuvimos gobiernos que solo hablan sobre mejorar la situación de hoy. Estas actitudes tienen que cambiar. El centro del problema son las



ENGLISH

Do you see leadership emerging in society to question the government and propose new things?

Yes. I think that in Brazil there are many intelligent forces, looking forward. People who understand that this model of throwing money out of the window to resolve everything has no future. Without another boom of commodities the model has no future and we will not have a boom in commodities. The danger is if commodities continue to drop. We are entering into an international environment of deflation, not Brazilian-style inflation. It will be necessary to manage fewer resources in the coming years, in a politically-acceptable way. The new Finance Minister will not make some initial adjustments and that is it. He will have a difficult task, for many years, with his colleagues at the office, all pushing for a better future, making the changes that must be made. Otherwise, the country will continue as it is.

Is it worth comparing Brazil to smaller and efficient countries like Chile?

Yes, because good practices are inspiring. Evidently, larger and richer countries have more options, also throwing money out of the window. But there are limits. I think that Brazil is finding the limits of its social and economic policy. Brazilian companies are also finding the limits of how to do things, and they cannot move forward without an improvement in the rules of the game. They are already reducing costs, have already incorporated new technologies, and have done much of what has to be done. But the rules of the game are not favorable for the 21st century. It's like having a machine. If you do not allow it to work at its best, its life will be short and you will need a new

machine. Russia, China, United States, Brazil, and India have more degrees of freedom than smaller countries. But Brazil has already used these degrees.

Is Brazil worse or better than the world's average?

I would like to talk about the potential of Brazil, which is supposed to be of a First World country. Brazil has everything it needs to be well above average. As regards to the distribution of income opportunities Brazil has improved a lot, but compared to what it could have improved in the last decade, it has lost its path. The desire to increase the middle class in Brazil, to reduce the poverty in the country, this desire was conquered. But the future can be a lot better.

What do you expect from the government in the next four years of president Dilma?

I would like to think that president Dilma learned something from the disputed elections and also learned that the model of the first mandate no longer works. I would like to see the beginning of innovative measures in several areas of the public sector, opening doors, and doing things differently. And also take advantage of the crisis in public confidence, the crisis of scandals, to do things better. If we do not reform now that things are not working out, when we are going to reform to improve?

ESPAÑOL

actitudes del pueblo brasileño. Y Brasil no es el único. Las personas aprobaron la elección de Cristina Kirchner, de Hugo Chaves, porque en general gustaban de esa política de dar renta a las personas más necesitadas, de resolver los problemas con un decreto o con un préstamo del banco estatal.

Con un decreto, ¿es eso?

Un decreto. Muchas veces la verdad es que los pueblos tienen los gobiernos que merecen. O surge un nuevo liderato, incluso entre aquellos que están en el poder, o usted tiene que esperar hasta que las personas entiendan que el modelo está agotado.

¿Usted ve un liderato surgiendo en la sociedad para cuestionar al gobierno y proponer cosas nuevas?

Sí. Yo percibo que Brasil tiene muchas fuerzas inteligentes, mirando para el

por muchos años, con sus colegas en el gabinete, todos empujando hacia un futuro mejor, haciendo los cambios que tienen que ser hechos. Sino, el país va a continuar como está.

¿Es válido comparar a Brasil con países menores y eficientes como Chile?

Sí, porque las buenas prácticas inspiran. Obviamente, los países más grandes, más ricos, tienen más opciones, incluso la de arrojar dinero por la ventana. Pero hay límites. Yo creo que Brasil está encontrando los límites de su política social y económica. Las empresas brasileñas también están encontrando los límites de cómo hacer las cosas, y ellas no pueden avanzar sin una mejora en las reglas de juego. Ellas ya disminuyeron costos, incorporaron nuevas tecnologías, hicieron una gran parte de lo que tiene que ser hecho. Pero las reglas del juego no son favorables al siglo 21. Es como tener

una máquina. Si usted no permite que ella funcione lo mejor posible, la vida de ella va a ser corta y va a precisar de una máquina nueva. Rusia, China, Esta-

dos Unidos, Brasil, India, tienen mayores grados de libertad que los países menores. Pero Brasil ya utilizó esos grados.

¿Brasil está peor o mejor que el promedio del mundo?

Me gustaría hablar del potencial de Brasil, que debería ser un país del Primer Mundo. Brasil tiene todo lo que se precisa para estar muy arriba del promedio. En lo que se refiere a la distribución de las oportunidades de renta Brasil mejoró mucho, pero comparado a lo que podría haber mejorado en la última década, perdió el camino. El deseo de

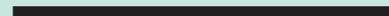
aumentar la clase media en Brasil, disminuir la pobreza en el país, ese deseo fue conquistado. Pero el futuro puede ser mucho mejor.

¿Qué espera del gobierno de la presidente Dilma en los próximos cuatro años?

Me agrada pensar que la presidente Dilma aprendió con las elecciones tan disputadas y que también aprendió que el modelo del primer mandato ya no funciona. Gustaría ver el comienzo de medidas innovadoras en varias áreas del sector público, abriendo puertas, haciendo las cosas de manera diferente. Y también aprovechar la crisis en la confianza pública, la crisis de los escándalos, para hacer las cosas mejor. Si no reformamos ahora que las cosas no están funcionando, ¿cuándo vamos a reformar para mejorar?

UN PAÍS SERIO NO TIENE METAS DE INFLACIÓN DE 6 % Y 7 %

frente. Personas que entienden que ese modelo de arrojar dinero por la ventana para resolver todo no tiene futuro. Sin otro boom de las commodities el modelo no tiene futuro y no vamos a tener otro boom de commodities. El peligro es que las commodities sigan bajando más. Estamos entrando en un ambiente internacional de deflación, no de inflación estilo brasileño. Va a ser necesario administrar menores recursos en los próximos años, de una manera políticamente aceptable. El nuevo Ministro de Hacienda no hará algunos ajustes iniciales y acabó. Él tendrá una difícil tarea,





Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O BRASIL JÁ É CAPAZ DE DESEQUILIBRAR VOTAÇÕES NA ONU

COMO O BRASIL VÊ O MUNDO E COMO O MUNDO VÊ O BRASIL QUANDO O ASSUNTO É POLÍTICA INTERNACIONAL? HÁ MUITO TEMPO O PAÍS PLEITEIA UMA VAGA PERMANENTE NO CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU, ASPIRAÇÃO ANTIGA, MAS QUE DEPENDE DE UMA REFORMA DO ÓRGÃO – SEM DATA PARA ACONTECER. APESAR DO AUMENTO DO PROTAGONISMO DO BRASIL, A SENSÇÃO QUE NOS ACOMETE É A DE QUE PODERÍAMOS SER MAIS E MELHORES EM MATÉRIA DE POLÍTICA EXTERNA, CASO CONSEGUÍSSEMOS RESOLVER QUESTÕES INTERNAS. ESSE É O TEMA DO NOSSO DEBATE COM O PESQUISADOR DO WEATHERHEAD CENTER FOR INTERNATIONAL AFFAIRS DE HARVARD, HUSSEIN ALI KALOUT.



Qual é a posição ou o tamanho do Brasil hoje no mundo?

Sem dúvida nenhuma, o Brasil evoluiu em suas dimensões dentro do sistema internacional. Tem um peso político e econômico. Estamos entre as dez maiores economias do mundo. Lideramos e estabilizamos uma região, a América do Sul. Conseguimos nos expandir para África, Oriente Médio, Ásia e Europa. Nossa aspiração ao Conselho de Segurança da ONU é legítima. Somos o quinto maior território do mundo, quinto maior Estado em estrutura populacional, sétima economia mundial. Por que não devemos fazer parte do processo decisório internacional no que se refere à segurança e paz? Agora, entre o desejo do Brasil e a concretização da nossa aspiração há um abismo muito grande.

Falta-nos predicados ou o sistema é fechado a novos integrantes?

O sistema foi criado para proteger os interesses de cinco membros que foram decisivos na Segunda Guerra Mundial. Nenhum deles quer abrir essa caixa de pandora, porque os candidatos são automaticamente rivais desses Estados que compõem hoje o núcleo do conselho. A China não quer o Japão ou a Índia. A França e o Reino Unido falam na necessidade de reformas, mas não querem a Alemanha. Talvez sejamos o país com menos rejeição, mas não haverá uma mudança na estrutura do processo decisório do Conselho de Segurança apenas para agregar o Brasil. E aí tem outro fator importante. O Brasil não é um país que pode desequilibrar o sistema internacional a ponto de obrigar os membros permanentes a aceitar facilmente uma reforma, que só vai ocorrer com base em dois motivos: ou você tem um grave desequilíbrio no sistema internacional que leve à mudança do peso dos atores—algo como uma “Terceira Guer-

ra Mundial” — ou se cria uma estrutura paralela, com poder decisório importante, que vai tentar neutralizar ou afetar as decisões do Conselho de Segurança. Se houver uma estrutura antagônica, os cinco membros permanentes vão começar a pensar na reforma de uma forma mais séria.

Há erros na política externa brasileira?

Não gosto de julgar as coisas a partir de erros e acertos, que dependem muito do ângulo da análise. O Brasil, a partir dos anos 1960, optou por uma linha denominada “os três Dês”: desarmamento, descolonização e desenvolvimento. Chegamos aos anos 1970 e 1980 com a política externa independente, de pragmatismo responsável. E, a partir da década de 1990, entramos num processo de abertura. Basicamente se forjou no Brasil dois modelos para decodificar a participação do País no sistema internacional: um modelo forjado pelo PSDB e outro pela linha à esquerda — vamos dizer, o PT. O primeiro entende que a relevância do Brasil no sistema internacional só é perene se o Brasil se mantiver alinhado ao eixo ocidental, à Europa e aos Estados Unidos, tendo a diplomacia comercial como plataforma máxima.

Sendo forte na OMC.

Na OMC e nos processos de negociações econômicas internacionais. O potencial do Brasil está, sobretudo, no contexto econômico comercial. Claro, não se desprezando do Conselho de Segurança. Essa forma de pensamento é legítima, é válida. É uma visão euro-americana centrada, que parte dos pensamentos europeu e americano das relações internacionais. A outra plataforma entende que o Brasil mudou de dimensão e ainda está tentando, como um “bebê gigante”, aprender a se mover entre as grandes nações. Essa

linha mais à esquerda de política externa, do PT, rejeita a visão europeia ou americana e entende que o Brasil precisa forjar o seu próprio modelo para decodificar o sistema e se posicionar. A partir daí se edificou duas linhas de trabalho. Uma diz que o Brasil, para ter relevância, precisa liderar as demandas do Sul. Com desenvolvimento mais forte, dotado de recursos naturais, energéticos e econômicos, o Brasil seria capaz de liderar as demandas do Sul. Com esse apoio, o País conseguiria causar alteração ou reacomodação do funcionamento do sistema internacional. Atuando nos foros políticos, o Brasil também conseguiria provocar mudanças significativas no processo decisório internacional. Por exemplo: a questão da governança global e a proteção de dados; a criação do G-20; a integração inter-regional da América do Sul/países árabes e da América do Sul/União Europeia. Então, são dois modelos que têm seus benefícios, mas também suas próprias limitações técnicas, táticas e estratégicas. Por isso, eu não analiso acertos e erros, analiso as coisas muito mais na perspectiva de onde queremos estar daqui a 20 ou 30 anos, qual é o nosso objetivo no sistema internacional.

O Brasil tem esse planejamento a longo prazo?

Creio que não temos muito claro ainda aonde queremos chegar, fora o Conselho de Segurança, que é uma aspiração histórica desde a fundação da Liga das Nações e depois no sistema da Organização das Nações Unidas. A política externa brasileira tem sido formulada com base em uma plataforma de quatro ou de oito anos, não é uma coisa a longo prazo. Para um grupo político brasileiro, o Mercosul não passa de uma área de livre-comércio. Para o outro grupo, a relevância do Mercosul não é

econômica, é a integração política, uma visão de conjunto de valores que transcendem o fator econômico-comercial. Acho que no passado tivemos planejamentos a longo prazo. Vamos supor que não tenha reforma do conselho, como é que vamos atuar; qual é a nossa perspectiva; aonde queremos chegar? Queremos ser a quinta ou terceira maior economia do mundo? A maior plataforma energética limpa? A maior exportação agrícola? Hegemônicos no que se refere à segurança alimentar internacional? O que nós queremos? Precisamos de um método organizado de planejamento e de gestão da inserção do Brasil em 20 anos. Nós não temos isso.

Também em educação e saúde não temos um planejamento a longo prazo.

Não temos. Nosso planejamento, infelizmente, é balizado de uma eleição para outra. Claro que não posso generalizar. Existem programas efetivamente que foram de impacto e causaram transformações significativas. Por exemplo, eu vejo na política externa tanto do governo Lula, ou no governo Fernando Henrique Cardoso – e até no governo da presidente Dilma –, resultados positivos. Não foram ações estrategicamente planejadas, mas deram resultado. O Brasil de hoje é diferente do Brasil de 30 anos atrás, quando estávamos discutindo a redemocratização do País. Hoje, estamos aprendendo a lidar com as nossas dimensões internacionais. Passamos a presidir a OMC, graças a um projeto de liderar as demandas do chamado “eixo Sul-Sul”. Conseguimos eleger o diretor-geral da FAO [fundo das Nações Unidas para a agricultura e combate à fome], o que representa os valores internacionais que o Brasil vem trabalhando. Hoje, o Brasil é capaz, dentro do sistema das Nações Unidas, de dese-

quilibrar em votações. Por quê? Existe um grupo de países que segue o processo decisório brasileiro, como o Brasil vota. Talvez não consigamos aprovar, mas hoje conseguimos obstruir. Isso é um valor importante, alcançamos isso, mas o que vem daqui a 20 ou 30 anos? É o que falta planejar.

A falta de planejamento também não se revela na questão energética?

Sem dúvida nenhuma. O problema que temos hoje – seja energético, seja de água – não emanou de uma política mal planejada de um ou dois anos atrás, mas de um planejamento sistêmico equivocado de algumas décadas. Não conseguimos prever uma demanda populacional em franco crescimento e, em consequência, uma demanda de gasto energético exponencial. As políticas públicas planejadas não se adequaram a esse crescimento. O que falta, em grande medida, é ter o que eu chamo de pacto nacional, criar políticas públicas necessárias, sistemáticas, planejadas, organizadas, a médio e longo prazos. Não como uma plataforma partidária, porque recurso energético é um assunto de segurança nacional com o qual não se pode brincar de quatro em quatro anos. Você tem que planejar isso para 20, 30, 40 anos. No caso da falta de água em São Paulo, é um erro de planejamento que emana há duas décadas, no mínimo. Tem que haver previsibilidade e antecipação dos problemas para se formular políticas públicas eficientes.

A sociedade e a universidade não devem participar?

A máquina burocrática brasileira é muito pesada, carregada e travada. A sociedade civil brasileira, que poderia ser a grande plataforma para auferir ideias e projetos, tem participação mais ativa só recente-

mente. Ela era muito ausente, desorganizada em sua forma propositiva de ideias, de planejamento estratégico para o Estado brasileiro como Nação. Por outro lado, o nosso modelo acadêmico é obsoleto, não acompanha as tendências internacionais. A nossa academia é um pouco preguiçosa em termos de geração de ciência e de inovação científica. Talvez em algumas áreas mais pontuais estejamos muito avançados, mas em outras ainda estamos no século 19 em termos de pensar a ciência. Isso também é problema de investimento. Para se ter uma máquina científica desenvolvida e propositiva, você precisa ter recursos. E isso precisa ser prioridade. Hoje, está se criando uma consciência nesse sentido: o Ciência sem Fronteiras é um bellissimo projeto. Mas o grande desafio para o futuro é gerar a própria ciência a baseada em plataformas brasileiras.

A estrutura universitária brasileira está aberta ao novo?

Ela é extremamente debilitada porque funciona ainda na base do clientelismo. Muitas vezes, o sujeito é competitivo e competente, vem com ideias novas e não vai encontrar espaço porque a própria estrutura não é capaz de absorver, vai vê-lo como ameaça a uma doutrina ou teoria em voga que ninguém quer mexer e alterar. Assim, preservam-se o emprego de todo mundo e o poder feudal daqueles que governam um departamento, uma faculdade ou uma universidade.

Aí se mantém a mediocridade também.

Sem dúvida. Uma coisa que acontece nas universidades americanas é que raramente você vê um sujeito ser contratado pela própria universidade na qual cursou o mestrado ou o doutorado. Ela quer prepará-lo para levar a outras universida-



O sistema foi criado
para proteger
os interesses de
cinco membros que
foram decisivos
na Segunda
Guerra Mundial



des aquele conhecimento. Harvard, por exemplo, traz professores oriundos de outras universidades, com outras doutrinas e mentalidade. No modelo brasileiro, o sujeito entra, faz mestrado e doutorado e vincula-se a um grupo político na universidade, que acaba contratando 80% ou 90% daqueles que estudaram ali – os chamados “pratas da casa”. Você não cria inovação nem pensamento antagônico. Prova disso é que a produtividade científica brasileira é muito baixa comparada às academias europeias ou norte-americanas. Ai você me fala: “Ah, mas eles têm dinheiro”; claro que eles têm dinheiro, porque apostam nisso. Nós não temos recursos. Por quê? Porque a educação não é prioridade.

Como mudar isso?

Acho que o Brasil precisa passar por uma mudança cultural, e já está passando, de uma forma incipiente. A qualidade do jovem político brasileiro de hoje é melhor do que o de 15, 20, 30 ou 40 anos atrás. A qualidade do jovem acadêmico brasileiro também é um pouco melhor porque as pessoas procuram se aperfeiçoar. O mundo está mais competitivo. Antigamente, ter um diploma superior era uma coisa majestosa, hoje é uma coisa básica e necessária. Se a gente dividir a estrutura do Estado brasileiro em três períodos, vamos ver que perdemos muito tempo: antes do golpe, o regime militar e a redemocratização. Nesta, a economia brasileira estava em frangalhos, a inflação era algo fora da realidade. O Brasil, como Estado moderno, passa a se organizar em meados dos anos 1990. Por isso, quando falei de política externa, disse que o Brasil está aprendendo a lidar hoje com as suas dimensões internacionais. O Brasil cresceu, é o país mais importante do mundo em desenvolvimento, é o mais importante em produção agrícola

mundial, em commodities. É mais importante em termos de participação em missões de paz das Nações Unidas. O Brasil consegue, em qualquer missão de paz internacional, estabilizar uma área em conflito pela baixa rejeição ao estilo brasileiro de moldar um determinado processo político. Por que conseguimos fazer isso agora? Porque a nossa prioridade no passado era estabilizar-se economicamente e promover uma abertura de mercado, para expandir o comércio exterior brasileiro. Agora, essa plataforma está consolidada, e a nossa aspiração passa a ser outra dentro das relações internacionais. O Brasil não pode ser comparado a Argentina, México, Bolívia e Chile. É um país continental, tem que ser comparado com Índia, China, Rússia, Estados Unidos, Alemanha. O Brasil tem um futuro promissor. Mas, para melhor extrair resultados positivos, precisamos pensar de uma forma organizada, planejada, estratégica, tática e focada no que queremos. O Conselho de Segurança não é o meio, não é o fim da nossa aspiração, e não pode ser.

Porque não avançamos mais?

Porque nas últimas duas ou três décadas a educação não foi a plataforma absolutamente prioritária em todas as suas dimensões. As universidades e escolas sofreram cortes em seus orçamentos. Por isso que, hoje, o Brasil é um país que está carente de talentos, há uma evasão para o exterior. As pessoas estão deixando o Brasil para ir procurar uma alternativa onde a sua capacidade de trabalho, a sua forma de pensar e a sua inteligência sejam valorizadas realmente.

Há uma “fuga de cérebros”?

Sim, mas não é o fim do mundo. O Brasil é um estado promissor. Precisa de um pacto

suprapartidário para focar em segurança energética, educação, inovação, tecnologia e defesa. Estabilidade econômica, conseguimos. Talvez o único projeto suprapartidário nas últimas duas décadas que realmente funcionou foi o Plano Real. Forjado no governo Itamar, foi mantido por Fernando Henrique Cardoso e pelo governo Lula. Agora, esse modelo se esgotou, precisamos de um novo. E precisamos de reformas de instituições em várias áreas. Judiciária, por exemplo. O Ministério das Relações Exteriores precisa passar por uma reforma. Precisamos de um Ministério do Exterior dinâmico, célere, eficiente e organizado, com uma política de recursos humanos bem planejada.

Falta um compromisso com a eficiência?

Eficiência requer sacrifício. Como pesquisador de Harvard, eu tenho uma cota de produtividade. No Brasil, o acesso às instituições de ensino não está necessariamente condicionado ao fator eficiência. Se o sujeito decide ser eficiente e produzir, é por sua própria conta. Ele não é cobrado, não vai ser demitido e, se não produzir, fica do jeito que está. As universidades privadas, por exemplo, não estão dispostas a contratar pessoas mais eficientes, porque custa caro. Ela visa diminuir custo e aumentar o lucro. Então, boa parte das instituições privadas brasileiras são indústrias de vendas de diplomas em 48 prestações a “X” reais. Você não vê ciência em universidade privada brasileira. Não tem pesquisa. Então, precisamos pensar em desburocratizar o Estado e pensar a eficiência a partir de outros parâmetros, como a produção qualitativa. Se eu falar em demissão, hoje, no serviço público brasileiro – sem contar a questão da legalidade, por causa da estabilidade de emprego –, vou ter uma movimentação de sindicatos de trabalhadores ou qualquer

outro tipo de organização dizendo que não se pode porque atenta contra o direito dos trabalhadores. Isso faz sentido, se está na lei, tem que seguir ou muda-se a lei. De que forma vai se mudar a lei, evidentemente, é outra discussão. Ninguém fala de eficiência, de dar resultado. Isso acontece no escalão mais baixo da classe trabalhadora, e também, por exemplo, na universidade brasileira e nos ministérios. Eficiência não é uma palavra que se aborda nesse País. Não estaria aí o erro? Por que eu quero eficiência do vizinho, mas não estou disposto a fazer a minha parte e, aí, não anda? Isso é um vespeiro, ninguém quer tocar.

E o Judiciário?

É um sistema ainda ineficiente. Está procurando se modernizar. Quanto tempo vai levar para atender à demanda da sociedade, não sei dizer. Agora, precisamos fazer uma reforma de base. Custa caro, é dolorosa e penosa. Estamos dispostos a pagar? Veja o Japão depois da Segunda Guerra Mundial, ou a Alemanha. Países que estavam absolutamente arrasados voltam ao topo da comunidade das nações, com alta tecnologia, indústria e produtividade. Foram beneficiados pelo Plano Marshall. Quanto custou o Plano Marshall e quanto se desperdiça de recursos econômicos no Brasil?

Qual é o papel da sociedade brasileira nisso tudo?

Ela não faz o suficiente por aquilo que cobra. Acho que a sociedade brasileira, de forma geral, é preguiçosa e lenta. Exige demandas, mas não corresponde ou não está disposta a sacrifícios. As reclamações são muito esporádicas, insatisfações momentâneas, rompantes de desespero e descontentamento; e, depois, volta todo mundo ao normal depois do Carnaval. No passado, as manifestações eram para liberdade de

expressão, democracia, direitos políticos. A nova geração não está mais preocupada com isso, quer um Estado mais eficiente e um serviço público de qualidade. Quer uma democracia qualificada. É aí que está o processo de transformação do País. Isso tudo requer uma mudança cultural e pode levar anos, décadas, séculos. Veja a sociedade japonesa ou chinesa. São mais organizadas metodologicamente, mais rígidas na hierarquia social. A cobrança sobre o indivíduo como um ser social é pesada em termos de comportamento e produtividade. Isso está chegando ao Brasil. Nunca sofremos um grande trauma, ainda levamos as coisas em “banho-maria”. Mas sou otimista. O Brasil, na minha opinião, vai estar entre as cinco maiores potências do globo dentro de três décadas, se não menos: Estados Unidos, China, Brasil, Índia, Alemanha. São as nações do futuro em termos de produção tecnológica, recursos energéticos, riquezas naturais, matéria-prima, capacidade de defesa, poder econômico, produção de “cérebros”. São os países do futuro. Mas o Brasil também pode estar fora.

O que é preciso fazer?

Um país que tem mais de 20 partidos políticos e 39 ministérios é inviável. No serviço público, o sujeito não vai servir ao Estado por vocação. Ele não está qualificado para estar no mercado privado e busca uma estabilidade, sabe que o Estado é uma mãe. Ele fica ali encostado até se aposentar e, aí, a máquina previdenciária vai inchando. Tem de haver enxugamento da máquina pública. Também precisamos de uma reforma política (como todo mundo sabe) e de uma reforma tributária. É absurdo buscar ser uma economia de mercado, competitiva no comércio internacional, com entraves e métodos protecionistas no modelo industrial e produ-

tivo. A indústria, muitas vezes, não tem estímulo para produzir melhor e competir. Ela se guarda debaixo das leis brasileiras e segue na sua perpétua ineficiência.

Como enxugar a máquina pública?

Para cortar ministérios, você tem que limitar sua base de coalisão, o que significa deixar gente de fora e criar oposição. Ninguém vai cortar de 39 para 20 ministérios. Por isso, o Brasil precisa de reformas estruturais. Fizemos uma reforma econômica importante, conseguimos atingir uma plataforma de estabilidade e vamos enfrentar dois anos um pouco mais duros, mas, vamos sair desse problema e vamos fazer um bom ajuste fiscal. Contudo, o Brasil precisa redesenhar a sua plataforma de infraestrutura de desenvolvimento em todas as frentes.

Temos reformadores dispostos a fazer as reformas?

Ah, não tenho dúvidas disso. A questão é se estão na oposição certa ou se aqueles que governam querem que essas pessoas estejam nesses lugares. O Brasil tem uma massa intelectual farta, tem profissionais altamente qualificados e gabaritados para promover essas reformas. Agora, resta saber se vamos conseguir adotar esse modelo de privilegiar a eficiência e a competência, ou queremos privilegiar a acomodação de interesses. Precisamos decidir o que queremos. Claro, não pretendo alterar tudo nem achar que tudo será eficiente da noite para o dia. Eu sei que é difícil acomodar o interesse de todos, mas precisamos criar a mentalidade de que isso precisa ser assim, que precisa mudar. Essa mudança de mentalidade, que vai levar anos, realmente fará e provocará essas transformações.



ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



BRAZIL IS NOW CAPABLE FOR CHANGING THE VOTING BALANCE AT THE UN

How does Brazil see the world and how does the world see Brazil when it comes to international politics? The country has long been soliciting a permanent position in the Security Council of the UN. It is a longstanding goal and yet it is subject to a reform of the latter organization, something which shows no sign of happening in the near future. Despite Brazil's increasing protagonism, we increasingly get the feeling that we could be better and more influential when it comes to foreign politics if we could only resolve our internal problems. This is the subject of our discussion with the Harvard professor, Hussein Ali Kalout.

What is the position or status of Brazil in today's world?

Brazil has unquestionably moved forward when it comes to its status in the international arena. It has political and economic weight. We are amongst the ten largest economies in the world. We lead and stabilize an entire region; South America. We have managed to expand to Africa, the Middle East, Asia and Europe. We have a legitimate claim to holding a position at the UN Security Council. We are the fifth largest territory in the world, the fifth largest state when it comes to population size, and the seventh largest world economy. Why should we not participate in international decision making processes on security and peace? However, there is a disparity between Brazil's objective and the fulfilling of that objective.

Are we lacking in attributes or is the system simply closed off to new members?

The system was created namely to protect the interests of five members, who were key players in the Second World War. None of them want to open Pandora's Box, as it were, because the candidates are automatically rivals of the states that currently make up the nucleus of the council. China doesn't get on with Japan or India. France and the United Kingdom talk about the need for reforms, but they don't get on with Germany. Perhaps we are the country that suffers the least rejection in this sense, but there will be no changes made in the structure of the Security Council's decision making processes merely in order to include Brazil. And there is an important factor at play here. Brazil is not a country that is able to shift the balance in the international arena to the point of convincing the permanent members to readily accept a reform, which would only take place for one of two motives: either a serious disruption in the international power system, which would lead to a shifting of the weight of the actors – something like a "Third World War" – or a parallel structure is created, with considerable influence for decision making, which will attempt to neutralize or sway the decisions of the Security Council. In the face of an alternative structure, the five permanent members would start to think about reform more seriously. But there are still an infinite number of factors at play here. There can be no reform without Africa, which also wants a seat. The African vote includes around 50 countries, and it has considerable weight in the gen-

eral assembly. Africa has three obvious candidates: Nigeria, Egypt and South Africa. But the council will not open up for three African countries.

Is there anything wrong with Brazilian foreign policy?

I prefer not to judge things in terms of wrongs and rights, since it depends a huge amount on the perspective you take. From the 1960s onwards, Brazil opted for a strategy referred to as "the three D's": disarmament, de-colonization and development. The 1970s and 1980s saw the introduction of an independent foreign policy, of responsible pragmatism. From the 1990s onwards, we entered into a phase of opening up to the rest of the world. Basically two models were forged in Brazil for its participation on the international stage: one model forged by the PSDB, and the other by the left – let's

THE SYSTEM WAS CREATED TO PROTECT THE INTERESTS OF FIVE MEMBERS THAT WERE KEY PLAYERS IN THE SECOND WORLD WAR

say, the PT. The former is of the opinion that the relevance of Brazil within international politics will only last if Brazil remains allied to the Western powers, namely Europe and the United States, prioritizing diplomacy in trade.

Being strong in the WTO.

In the WTO and in the processes of international economic negotiations. Brazil's potential lies, above all, in the



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

BRASIL YA ES CAPAZ DE DESEQUILIBRAR VOTACIONES EN LA ONU

¿Cómo Brasil ve al mundo y como el mundo ve al Brasil cuando el asunto es política internacional? Hace mucho tiempo que el país pleitea una vacante permanente en el Consejo de Seguridad de la ONU, aspiración antigua, pero que depende de una reforma del órgano – sin fecha para acontecer. A pesar del aumento del protagonismo de Brasil, la sensación que nos acomete es la de que podríamos ser más y mejores en materia de política externa, caso consiguiésemos resolver cuestiones internas. Ese es el tema de nuestro debate con el profesor de Harvard, Hussein Ali Kalout.

¿Cuál es la posición o el tamaño de Brasil hoy en el mundo?

Sin duda alguna, Brasil evolucionó en sus dimensiones dentro del sistema internacional. Tiene un peso político y económico. Estamos entre las diez mayores economías del mundo. Lideramos y estabilizamos una región, América del Sur. Conseguimos expandirnos para África, Medio Oriente, Asia y Europa. Nuestra aspiración al Consejo de Seguridad de la ONU es legítima. Somos el quinto mayor territorio del mundo, quinto mayor Estado en estructura poblacional, séptima economía mundial. ¿Por qué no debemos formar parte del proceso decisorio internacional en lo referido a seguridad y paz? Ahora, entre el deseo de Brasil y la concreción de nuestra aspiración hay un abismo muy grande.

¿Nos faltan predicados o el sistema es cerrado a nuevos integrantes?

El sistema fue creado para proteger los

intereses de cinco miembros que fueron decisivos en la Segunda Guerra Mundial. Ninguno de ellos quiere abrir esa caja de pandora, porque los candidatos son automáticamente rivales de esos Estados que componen hoy el núcleo del consejo. China no quiere a Japón o a la India. Francia y el Reino Unido hablan de la necesidad de reformas, pero no quieren a Alemania. Tal vez seamos el país con menos rechazo, pero no habrá un cambio en la estructura del proceso decisorio del Consejo de Seguridad apenas para agregar a Brasil. Y allí tenemos otro factor importante. Brasil no es un país que pueda desequilibrar el sistema internacional al punto de obligar a los miembros permanentes a aceptar fácilmente una reforma, que solo va a ocurrir a partir de dos motivos: o usted tiene un grave desequilibrio en el sistema internacional que lleve al cambio del peso de los actores – algo como una “Tercera Guerra Mundial” – o se crea una estructura paralela, con un poder decisorio importante, que va intentar neutralizar o afectar las decisiones del Consejo de Seguridad. Si hubiera una estructura antagónica, los cinco miembros permanentes van a comenzar a pensar en la reforma de una forma más seria. Pero la cuestión aún aglutina otros innumerables factores. No va a haber una reforma sin África, que también quiere su asiento. El voto africano suma aproximadamente 50 países, pesa mucho en la asamblea general. África tiene tres candidatos naturales: Nigeria, Egipto y África del Sur. Pero no se abrirá el consejo para tres países africanos.

¿Hay errores en la política externa brasileña?

No me gusta juzgar las cosas a partir de errores y aciertos, que dependen mucho

del ángulo del análisis. Brasil, a partir de los años 1960, optó por una línea denominada “las tres D”: desarme, descolonización y desarrollo. Llegamos a los años 1970 y 1980 con la política externa independiente, de pragmatismo responsable. Y, a partir de la década de 1990, entramos en un proceso de apertura. Básicamente se forjaron en Brasil dos modelos para decodificar la participación del País en el sistema internacional: un modelo forjado por el PSDB y otro por la línea a la izquierda – digamos, el PT. El primero entiende que la relevancia de Brasil en el sistema internacional solo es perenne si Brasil se mantiene alineado al eje occidental, a Europa y a los Estados Unidos, teniendo la diplomacia comercial como plataforma máxima.

Siendo fuerte en la OMC.

En la OMC y en los procesos de negociaciones económicas internacionales. El potencial de Brasil está, sobretodo, en el contexto económico comercial. Claro, sin desprenderse del Consejo de Seguridad. Esa forma de pensamiento es legítima, es válida. Es una visión euro-americana centrista, que parte de los pensamientos europeo y americano de las relaciones internacionales. La otra plataforma entiende que Brasil mudó de dimensión y aún está intentando, como un “bebe gigante”, aprender a moverse entre las grandes naciones. Esa línea más a la izquierda de política externa, del PT, rechaza la visión europea o americana y entiende que Brasil precisa forjar su propio modelo para decodificar el sistema y posicionarse. A partir de allí se edificaron dos líneas de trabajo. Una dice que Brasil, para tener relevancia, precisa liderar las demandas del Sur. Con un desarrollo más fuerte, dotado de recursos naturales,

ENGLISH

context of commercial economy. Without distancing itself from the Security Council, obviously. This is a legitimate and valid way of looking at things. It is a Euro-American centralist view, which originates in European and American theories on international relations. The other platform understands that the dimensions of Brazil have changed and it is still attempting, like a "giant baby", to learn to how to act amongst the great nations. This more left leaning foreign policy, from the PT, rejects the European or American vision and recognize that Brazil needs to create its own model in order to understand the system and find its place within it. Two lines of work have emerged from this division. One states that Brazil, in order to gain relevancy, needs to deal with the demands of the South. With a stronger development plan, endowed with natural resources, both energy and economic resources, Brazil would be able to deal with the demands of the South. With this support, the country would manage to alter or realign the functioning of the international system. Acting in political forums, Brazil would also be able to make significant changes when it comes to international decision making processes. For example: the question of global governing and the protection of data; the creation of G-20; the inter-regional integration of South America/ the Arab states and South America/ European Union. So each of these models has their advantages, but they each have their technical, tactical and strategic limitations. That is why we have to analyze what we did right and wrong. I analyze these things more from a perspective of where we want to be in 20 or 30 years, what do we hope to attain within international system.

Does Brazil have this long term planning strategy?

I think that we still are not entirely sure where we want to be, besides the Security Council, which is an ongoing goal since the founding of the League of Nations and also in the system of the United Nations. Brazilian foreign policy has been constructed around a model for every four to eight years, it is not envisioned for the long term. For a Brazilian political group, Mercosul is no more than an area of free trade. For another group, the relevance of Mercosul is not economic; it consists in political integration, a community of shared characteristics and values, which transcend purely economic-commercial questions. I think that in the past we had more long term strategies. Let's us suppose there is no Security Council reform, how are we going to act; what is our perspective; where do we want to get to? Do we want to be the fifth or the third largest economy in the world? The largest clean energy platform? The largest agricultural exporter? Is being hegemonic not tantamount to international food safety? What do we want? We need an organized planning strategy and an insertion management method in Brazil in 20 years. This is what we are lacking.

There is also a lack of long term planning when it comes to education and health.

We don't have any. Unfortunately, our planning capacity is limited from one election to the next. I can't generalize of course. There are programs in place that did have some impact and that have caused significant changes. But Brazil is still a new country. It is in the process of modernizing and innovating. We need a

cultural change in the form of long term planning; we need to channel investments to concrete areas, that generate effective results, and not to areas that please the wider political platform. For example, in my opinion, in the foreign policy of both Lula and Fernando Henrique Cardoso's government – and even in President Dilma's government -, there have been positive results. There were no strategic actions planned, but they produced results. Today's Brazil is different to the Brazil of 30 years ago, when we were still discussing the re-democratization of the country. Today, we are learning to deal with our place in international matters. We have begun to attend the WTO, thanks to a project to deal with the so-called "South-South Cooperation." We have managed to elect the director general of the Food and Agricultural Organization of the United Nations (FAO), which represents the international values that Brazil has been working on. Today, Brazil is capable, within the United Nations, of shifting the voting balance. Why? There is a group of countries that follows the decision making processes in Brazil, on how Brazil votes. Perhaps we will not be able to get these motions approved, but nowadays we can obstruct certain motions. The fact that we have achieved this is an important point, but what is to come in the next 20 to 30 years? That is precisely what we need to plan.

Is this lack of planning not also reflected when it comes to the energy issue?

Absolutely. The problem we are facing today – be it with energy, or water – it is not the result of inept political planning for the past one or two years, but from systemic bad planning for the past few decades. We did not manage to foresee

ESPAÑOL

energéticos y económicos, Brasil sería capaz de liderar las demandas del Sur. Con ese apoyo, el País conseguiría causar la alteración o reacomodación del funcionamiento del sistema internacional. Actuando en los foros políticos, Brasil también conseguiría provocar cambios significativos en el proceso decisorio internacional. Por ejemplo: la cuestión de la gobernanza global y la protección de datos; la creación del G-20; la integración interregional de América del Sur/países árabes y de América del Sur/ Unión Europea. Entonces, son dos modelos que tienen sus beneficios, pero también sus propias limitaciones técnicas, tácticas y estratégicas. Por eso, yo no analizo aciertos y errores, analizo las cosas mucho más desde la perspectiva de donde queremos estar de aquí a 20 o 30 años, cual es nuestro objetivo en el sistema internacional.

¿Brasil tiene ese planeamiento de largo plazo?

Creo que no tenemos muy claro aún adonde queremos llegar, fuera del Consejo de Seguridad, que es una aspiración histórica desde la fundación de la Liga

cuatro o de ocho años, no es una cosa de largo plazo. Para un grupo político brasileño, el Mercosur no pasa de un área de libre comercio. Para otro grupo, la relevancia del Mercosur no es económica, es la integración política, una visión de conjunto de valores que trascienden el factor económico comercial. Creo que en el pasado tuvimos planeamientos de largo plazo. Vamos a suponer que no haya reforma del consejo, ¿cómo es que vamos a actuar; cuál es nuestra perspectiva; adonde queremos llegar? ¿Queremos ser la quinta o la tercera mayor economía del mundo? ¿La mayor plataforma energética limpia? ¿El mayor exportador agrícola? ¿Hegemónicos en lo que se refiere a la seguridad alimentaria internacional? ¿Qué es lo que queremos? Precisamos de un método organizado de planeamiento y de gestión de la inserción de Brasil en 20 años. Nosotros no tenemos eso.

Tampoco en educación y salud tenemos un planeamiento de largo plazo.

No lo tenemos. Nuestro planeamiento, infelizmente, está calculado de una elección para otra. Claro que no puedo generalizar. Existen programas que efectivamente

fueron de impacto y causaron transformaciones significativas. Pero Brasil es un país nuevo todavía, está modernizándose e innovando. Precisa haber un cambio cultural en la forma de planear a largo plazo, canalizar las inversiones para las áreas correctas, aquellas que

Lula, o en el gobierno de Fernando Henrique Cardoso – y hasta en el gobierno de la presidente Dilma –, resultados positivos. No fueron acciones estratégicamente planeadas, pero dieron resultado. El Brasil de hoy es diferente del Brasil de 30 años atrás, cuando estábamos discutiendo la redemocratización del país. Hoy, estamos aprendiendo a lidiar con nuestras dimensiones internacionales. Pasamos a presidir la OMC, gracias a un proyecto de liderar las demandas del llamado “eje Sur-Sur”. Conseguimos elegir al director general de la FAO [fondo de las Naciones Unidas para la agricultura y el combate al hambre], lo que representa a los valores internacionales que Brasil viene trabajando. Hoy, Brasil es capaz, dentro del sistema de las Naciones Unidas, de desequilibrar en votaciones. ¿Por qué? Existe un grupo de países que sigue el proceso decisorio brasileño y vota como Brasil. Tal vez no consigamos aprobar, pero hoy conseguimos obstruir. Eso es un valor importante, alcanzamos eso, ¿pero qué viene de aquí a 20 o 30 años? Es lo que falta planificar.

¿A falta de planeamiento tampoco se revela en la cuestión energética?

Sin ninguna duda. El problema que tenemos hoy – sea energético, sea de agua – no emanó de una política mal planeada de uno o dos años atrás, sino de un planeamiento sistémico equivocado de algunas décadas. No conseguimos prever una demanda poblacional en franco crecimiento y, en consecuencia, una demanda de gasto energético exponencial. Las políticas públicas planeadas no se adecuaron a ese crecimiento. Lo que falta, en gran medida, es tener lo que llamo de pacto nacional, crear políticas públicas necesarias, sistemáticas, planeadas,

EL SISTEMA FUE CREADO PARA PROTEGER LOS INTERESES DE CINCO MIEMBROS QUE FUERON DECISIVOS EN LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

de las Naciones y después en el sistema de la Organización de las Naciones Unidas. La política externa brasileña ha sido formulada a partir de una plataforma de

generan efectivamente resultados, y no para las áreas que contentan a la gran plataforma política. Por ejemplo, yo veo en la política externa tanto del gobierno

ENGLISH

an increasing demand from the population and, as a result a rapidly increasing energy use. The plans for public policies were unable to adapt to this growth. What we urgently need is what I called a national pact, carrying out the necessary public policies, which are systematically put in place, well-planned and organized both in the middle and long term. We should not approach these issues from a party-based perspective because energy resources constitute a national security matter that you cannot play around with every four years. You can plan these things for 20, 30, 40 years ahead. When it comes to the lack of water in Sao Paulo, there is a planning error that has been latent for at least the past two decades. We have to plan ahead for the problems that could occur in order to build efficient public policies.

Should society and universities not participate in this process?

The Brazilian bureaucratic system is extremely dense, over-burdened and slow moving. Brazilian civil society, which could be a rich platform for reaping ideas and projects, has only been participating in politics until relatively recently. Civil society has been distinctly absent in this process, disorganized in its proposals and its planning strategies for the Brazilian state as a nation. On the other hand, our academic model is obsolete. The Brazilian university system does not keep up with international tendencies. Our academic institutions are somewhat sluggish in terms of scientific discoveries and scientific innovation. Perhaps some of the more specific areas are more advanced, but in others we remain stuck in the 19th century in our way of looking at science. This is also a matter of investment. In or-

der to have a well-developed and proactive scientific model, you need resources. This needs to be a priority. In Brazil it has only occasionally been made a priority and it is not constantly maintained as such. Perhaps today, the Brazilian public will begin to understand that education is a key factor for development and progress in any given society. For an efficient strategic planning process, we need to have educated people, and for this to happen, we need to invest in education and science. Today, a kind of awareness is being created in this sense: Science without Borders is a wonderful project. But the main challenge for the future is to create our own scientific productions from Brazilian platforms.

Is the Brazilian university system now open again?

It is extremely weakened because it still operates on a patronage based system. In many cases, competitive and competent candidates come up with new ideas and are not able to find a place since the structure itself is unable to accommodate them. It sees these individuals as a threat to the fashionable doctrine or theory that nobody wants to disturb or change. This is how people keep their positions and the feudal power of those that govern a department, a faculty or a university.

That is also how mediocrity is kept alive.

Exactly. Something we see in American universities is that you rarely encounter a student that is doing their masters or PHD at a university that they are hired by. The institution wants to prepare the student to share their knowledge with other universities. For example, Harvard invites professors from other universities

to work at the institution with their different doctrines and mentalities. In the Brazilian model, the student is accepted by the institution to do their masters or PHD and they align themselves with a political group at university, which ends up hiring 80% - 90% of the people that studied there – the so called “house staff”. You cannot innovate nor have a different mentality, there is nobody that comes from outside the institution with different ideas to challenge the status quo. I am not an education specialist, despite being a professor, but I think we need to completely rethink management and come up with a new model for academic institutions. Scientific productivity in Brazil is very low compared to European and North American institutions. So you might say, “Right, but they have money”; of course they have money because they back education. We don’t have resources. Why not? Because education is not a priority.

How can we change this?

I think that Brazil needs to undergo a cultural change, and indeed it is incipiently going through one. The quality of the young Brazilian politician today is much higher than it was 15, 20, 30 or 40 years ago. The quality of the young Brazilian academic is also slightly better because people are striving for improvement. The world is more competitive. Formerly, having a university diploma was something really impressive, now it is something basic and necessary. If we divide the structure of the Brazilian state into three periods, we will see that we have lost a lot of time: before the military coup, the military regime and the re-democratization process. In the latter period, the Brazilian economy had been brought to its knees,

ESPAÑOL

organizadas, de mediano y largo plazo. No como una plataforma partidaria, porque el recurso energético es un tema de seguridad nacional con el cual no se puede jugar de cuatro en cuatro años. Usted tiene que planificar eso para 20, 30, 40 años. En el caso de la falta de agua en São Paulo, es un error de planeamiento que emana de hace dos décadas, como mínimo. Tiene que haber previsibilidad y anticipación de los problemas para poder formular políticas públicas eficientes.

¿La sociedad y la universidad no deben participar?

La máquina burocrática brasileña es muy pesada, cargada y trabada. La sociedad civil brasileña, que podría ser la gran plataforma para obtener ideas y proyectos, solo recientemente tiene una participación más activa. Ella era muy ausente, desorganizada en su forma propositiva de ideas, de planeamiento estratégico para el Estado brasileño como Nación. Por otro lado, nuestro modelo académico es obsoleto. El modelo universitario brasileño no acompaña las tendencias internacionales. Nuestra academia es un poco perezosa en términos de generación de ciencia y de innovación científica. Tal vez en algunas áreas más puntuales estemos muy avanzados, pero en otras todavía estamos en el siglo 19 en términos de pensar la ciencia. Eso también es un problema de inversión. Para poseer una máquina científica desarrollada y propositiva, usted precisa tener recursos. Y eso precisa ser prioridad. La educación en Brasil fue una prioridad ocasional y no constante. Tal vez, hoy, el brasileño pase a entender que la educación es el vector esencial para el desarrollo y el progreso de una sociedad. Para que exista un planeamiento estra-

tégico eficiente, precisa haber personas educadas y, para eso, hay que invertir en educación y ciencia. Hoy, se está creando una conciencia en ese sentido: el Ciencia sin Frontera es un bellissimo proyecto. Pero el gran desafío para el futuro es generar la propia ciencia a partir de plataformas brasileñas.

¿La estructura universitaria brasileña está abierta a lo nuevo?

Ella está extremadamente debilitada porque funciona aún en la base del clientelismo. Muchas veces el sujeto es competitivo y competente, viene con ideas nuevas y no va a encontrar espacio porque la propia estructura no es capaz de absorber, va a verlo como una amenaza a una doctrina o teoría en boga que nadie quiere tocar y alterar. Así, se preserva el empleo de todo el mundo y el poder feudal de aquellos que gobiernan un departamento, una facultad o una universidad.

Así también se mantiene la mediocridad.

Sin duda. Una cosa que sucede en las universidades americanas es que raramente usted ve que un sujeto que hace su maestría o doctorado en una universidad es contratado por la misma. Ella quiere prepararlo para llevar a otras universidades aquel conocimiento. Harvard, por ejemplo, trae profesores oriundos de otras universidades, con otras doctrinas y mentalidad. En el modelo brasileño, el sujeto entra, hace su maestría y doctorado y se vincula a un grupo político en la universidad, que acaba contratando 80 % o 90 % de aquellos que estudiaron allí – los llamados “platas de la casa”. Usted no crea innovación ni pensamiento antagónico, no tiene una persona que viene de afuera con ideas diferentes

para contrabalancear aquellas existentes. No soy especialista en educación, no obstante sea profesor, pero creo que se requiere un choque de gestión, un modelo nuevo de pensar cómo hacer la academia. La productividad científica brasileña es muy baja comparada con las academias europeas o norteamericanas. Entonces usted me dice: “Ah, pero ellos tienen dinero”; claro que ellos tienen dinero, porque lo apuestan en eso. Nosotros no tenemos recursos. ¿Por qué? Porque la educación no es prioridad.

¿Cómo cambiar eso?

Creo que Brasil precisa pasar por un cambio cultural, y ya lo está pasando, de una forma incipiente. La calidad del joven político brasileño de hoy es mejor que el de 15, 20, 30 o 40 años atrás. La calidad del joven académico brasileño también es un poco mejor porque las personas procuran perfeccionarse. El mundo está más competitivo. Antiguamente, tener un diploma superior era una cosa majestuosa, hoy es una cosa básica y necesaria. Si dividimos la estructura del Estado brasileño en tres períodos, vamos a ver que perdimos mucho tiempo: antes del golpe, el régimen militar y la redemocratización. En esta, la economía brasileña estaba en retazos, la inflación era algo fuera de la realidad. Brasil, como Estado moderno, pasa a organizarse a mediados de los años 1990. Por eso, cuando hablé de política externa, dije que Brasil está aprendiendo a lidiar hoy con sus dimensiones internacionales. Brasil creció, es el país más importante del mundo en desarrollo, es el más importante en producción agrícola mundial, en commodities. Es más importante en términos de participación en misiones de paz de las Naciones Unidas. Brasil consigue, en

ENGLISH

inflation was unbelievably high. Brazil, as a modern state, is only able to organize itself by the mid 1990's. That is why when I referred to foreign policy, I mentioned that Brazil is only just learning to deal with international issues. Brazil has come along way, it is the most important developing country in the world, and it is the most important country when it comes to the agricultural production of commodities in the world. It is increasingly important when it comes to participating in peace missions with the United Nations. Brazil manages, in any international peace mission, to stabilize an area of conflict as a result of the lack of rejection of the Brazilian style of molding any given political process.

Why are we able to achieve this now?

Because our priority in the past has been to obtain economic stability and to promote an opening up of the market, in order to expand Brazilian trade overseas. Now that we have achieved this platform, our aspiration for international relations begins to change. Brazil cannot be compared to Argentina, Mexico, Bolivia and Chile. It is a country of continental dimensions, which is more comparable to India, China, Russia, the United States, or Germany. Brazil has a promising future. But in order to achieve more positive results, we need to think in an organized manner, with strategic planning, tactics and be focused on what we want. The Security Council is not the way forward. It should not be our only aspiration, and indeed it cannot be.

Why have we ceased to move forward?

Because in the past two or three decades, education has not been made a priority in all its aspects. Universities and schools

have had their budgets cut. That is why today, Brazil is a country that is lacking in skilled workers, who move abroad. People are leaving Brazil in search of alternatives where their work capacity, their ways of thinking and their intelligence are truly esteemed.

Is there an "exodus of intellectuals"?

Yes, but it's not the end of the world. Brazil is promising country. We need a supra-party alliance in order to focus on energy security, education, innovation, technology and defense. We have achieved economic stability. Perhaps the only supra-party project in the past two decades that has actually worked was the "Real Plan." It was thought up by the Itamar government, and was maintained by Fernando Henrique Cardoso and by the Lula government. Now, this model has been outdated, and we are in need of a new one. We are in need institutional reforms in several areas; the judiciary, for example. The Foreign Office is in need of a reform. We need a dynamic, fast moving, efficient and organized Foreign Office, with a well planned human resources policy.

Is there a lack of commitment to efficiency?

Efficiency demands a degree of sacrifice. As a Harvard researcher, I have a quota of productivity. In Brazil, the access to educational institutions is not necessarily determined by the efficiency factor. If the person in question decides to be efficient and productive, it is of their own initiative. They do not have pressure put on them, they are not going to be asked to leave if they do not produce anything; they remain as they are. For example, the private universities are not willing

to hire more efficient people because it is expensive. They seek to reduce costs and increase profits. Therefore, a considerable proportion of private Brazilian institutions end up becoming industries that churn out diplomas in 48 installments at "X" Real. You don't see science in private Brazilian universities. There is no research going on. So we need to start thinking about reducing state bureaucracy and thinking about efficiency with different parameters, as a qualitative kind of production. If I was to mention dismissals today, in the civil service in Brazil – without entering in the legal factor, as a result of job stability –, I'm going to see a reaction from the workers' unions or any other kind of organization saying that you cannot infringe upon workers' rights. That makes sense, it is laid down in law; you have to obey it or change it. How exactly you can go about changing the law, of course, is a whole different debate. Nobody talks about efficiency, about producing results. This occurs in the lowest ranks of the working class and also, for example, in Brazilian universities and in ministries. Efficiency is not a word that is approached often in this country. Is that not where we are going wrong? I want my colleague to be efficient, but I'm not prepared to do my part and, then, nothing works? It's a can of worms that nobody is prepared to open up.

What about the judiciary?

It is still an inefficient system. It is attempting to modernize. How much time it will take to meet society's demands, I cannot say. However, we need a basic reform. It is expensive, and it would mean a bitter struggle. Are we prepared to give what it takes? Take Japan after the

ESPAÑOL

cualquier misión de paz internacional, estabilizar un área en conflicto por el bajo rechazo al estilo brasileño de modelar un determinado proceso político. ¿Por qué conseguimos hacer eso ahora? Porque nuestra prioridad en el pasado era estabilizarnos económicamente y promover una apertura de mercado, para expandir el comercio exterior brasileño. Ahora, esa plataforma está consolidada, y nuestra aspiración pasa a ser otra dentro de las relaciones internacionales. Brasil no puede compararse a Argentina, México, Bolivia y Chile. Es un país continental, tiene que ser comparado con India, China, Rusia, Estados Unidos, Alemania. Brasil tiene un futuro promisorio. Pero, para extraer mejores resultados positivos, precisamos pensar de una forma organizada, planeada, estratégica, táctica y focalizada en lo que queremos. El Consejo de Seguridad no es el medio, no es el fin de nuestra aspiración, y no puede serlo.

¿Por qué no avanzamos más?

Porque en las últimas dos o tres décadas la educación no fue la plataforma absolutamente prioritaria en todas sus dimensiones. Las universidades y escuelas sufrieron cortes en sus presupuestos. Es por eso que, hoy, Brasil es un país que está carente de talentos, hay una evasión para el exterior. Las personas están dejando Brasil para ir a procurar una alternativa donde su capacidad de trabajo, su forma de pensar y su inteligencia sean valorizadas realmente.

¿Hay una “fuga de cerebros”?

Sí, pero no es el fin del mundo. Brasil es un estado prometedor. Precisa de un pacto suprapartidario para enfocar en seguridad energética, educación, inno-

vación, tecnología y defensa. Estabilidad económica, conseguimos. Tal vez el único proyecto suprapartidario en las últimas dos décadas que realmente funcionó fue el Plan Real. Forjado en el gobierno Itamar, fue mantenido por Fernando Henrique Cardoso y por el gobierno Lula. Ahora, ese modelo se agotó, precisamos de uno nuevo. Y precisamos reformar las instituciones en varias áreas. Judicial por ejemplo. El Ministerio de Relaciones Exteriores precisa pasar por una reforma. Precisamos de un Ministerio del Exterior dinámico, celer, eficiente y organizado, con una política de recursos humanos bien planeada.

¿Falta un compromiso con la eficiencia?

La eficiencia requiere sacrificio. Como investigador de Harvard, yo tengo una cuota de productividad. En Brasil, el acceso a las instituciones de enseñanza no está necesariamente condicionado al factor eficiencia. Si el sujeto decide ser eficiente y producir, es por su propia cuenta. Él no es exigido, no va a ser dimitido y, si no produce, queda de la forma que está. Las universidades privadas, por ejemplo, no están dispuestas a contratar personas más eficientes, porque cuesta caro. Ellas pretenden disminuir costos y aumentar el lucro. Entonces, una buena parte de las instituciones privadas brasileñas son industrias de venta de diplomas en 48 cuotas de “X” reales. Usted no ve ciencia en la universidad privada brasileña. No hay investigación. Entonces, precisamos pensar en desburocratizar el Estado y pensar la eficiencia a partir de otros parámetros, como la producción cualitativa. Si yo hablara de dimisión, hoy, en el servicio público brasileño – sin contar la cuestión de la legalidad, por causa de la estabilidad del empleo –, voy a tener una movili-

ción de los sindicatos de trabajadores o de cualquier otro tipo de organización diciendo que no se puede porque atenta contra el derecho de los trabajadores. Eso tiene sentido, si está en la ley, tiene que seguir o cambiar la ley. De qué forma se va a mudar la ley, evidentemente, es otra discusión. Nadie habla de eficiencia, de dar resultado. Eso que acontece en el escalón más bajo de la clase trabajadora, y también, por ejemplo, en la universidad brasileña y en los ministerios. Eficiencia no es una palabra que se aborda en este país. ¿No será ese el error? ¿Porque yo quiero eficiencia del vecino, pero no estoy dispuesto a hacer mi parte y, así, no anda? Eso es un avispero, nadie quiere tocarlo.

¿Y el Poder Judicial?

Es un sistema aún ineficiente. Está procurando modernizarse. No sé decir cuánto tiempo va a llevar para atender la demanda de la sociedad. Ahora, precisamos hacer una reforma de base. Cuesta caro, es dolorosa y penosa. ¿Estamos dispuestos a pagar? Vea a Japón después de la Segunda Guerra Mundial, o Alemania. Países que estaban absolutamente arrasados retornan al tope de la comunidad de naciones, con alta tecnología, industria y productividad. Fueron beneficiados por el Plan Marshall. ¿Cuánto costó el Plan Marshall y cuanto se desperdicia de recursos económicos en Brasil?

¿Cuál es el papel de la sociedad brasilera en todo eso?

Ella no hace lo suficiente por aquello que cobra. Creo que la sociedad brasileña, de forma general, es perezosa y lenta. Exige y demanda, pero no corresponde o no está dispuesta a sacrificios. Los reclamos son muy esporádicos, insatisfacciones momentáneas, colmados de des-

ENGLISH

Second World War, or Germany. Countries that were absolutely in pieces were able to get back to the top of the international community, with advanced technology, industry and productivity. They received aid from the Marshall Plan. How much did the Marshall Plan cost and how much are economic resources wasted in Brazil?

What is the role of Brazilian society in all this?

Its actions are not at the height of its demands. I think that Brazilian society, in general, is lazy and slow. Its demands are extensive, but they do not correspond to their willingness to make sacrifices. Their complaints are very sporadic. There is fleeting dissatisfaction, outbreaks of despair and inconformity; and then, everyone goes back to their normal lives, like after carnival. In the past, people protested for freedom of expression, democracy, political rights. The new generation is no longer concerned with these issues. It wants a more efficient state and quality public services. It wants a competent democracy. And that is where the transformation process in the country lies. All this requires a cultural change and it could take years, decades, centuries. Take Japanese or Chinese society. They are the most methodologically organized, and the most rigid in terms of social hierarchy. There is a huge pressure on individuals and their role within society in terms of expectations of behavior and productivity. We are starting to see this in Brazil. We have never suffered a large scale trauma, and we still approach things in a laid back fashion. But I am optimistic. In my opinion, Brazil is going to stand amongst the five largest world powers within the next three

decades, if not less: the United States, China, Brazil, India, and Germany. There are the nations of the future in terms of technological production, energy resources, natural resources, raw materials, defense capacity, economic power, production of intellectuals. There are the countries of the future. But Brazil could also be left behind.

It all depends on us.

Absolutely. We have considerable talent in Brazil, but it is often positioned in the wrong places.

What do we need to do?

A country that has 20 political parties and 39 ministries is simply unfeasible. People cannot work in public services by serving the state as a vocation. They are not qualified enough for the private market and they look for stability, knowing that the State offers a kind of protection. They stay wedged in these positions until they retire, filling the pension funds. We need to get the best out of the public sector. We also need a political reform (as we are all aware) and a tax reform. It would be ridiculous to attempt to be a market economy that is competitive in international trade with obstacles and protectionist methods in the industrial and manufacturing model. Industry often lacks stimulation in order to improve production and compete. It hides behind Brazilian laws and remains in its eternal state of inefficiency. Therefore, we need serious and large scale reforms, which are sometimes traumatic, and yet without them, sooner or later we will see a collapse of some sort.

How can we get the best out of the public sector?

In order to cut ministries, you need to limit their coalition basis, which means letting outsiders create an opposition. Nobody is going to cut 39 ministries down to 20. In order for this to happen, Brazil needs structural reforms. We have made an important economic reform, and we managed to reach a platform of stability and we are going to face two slightly more challenging years. However, we are going to solve this problem and we are going to make considerable tax amendments. Nevertheless, Brazil needs to rethink its development infrastructure on all levels.

Do we have reformers that are prepared to make reforms?

Ah, there is no doubt in my mind. The question is if they are with the right opposition group, or if those in power want these individuals to be in these positions. Brazil has a rich intellectual climate. There are highly qualified and competent professionals capable of promoting these reforms. However, it remains to be seen whether we will be able to adopt this model of placing value on efficiency and competence, or whether we want to favor certain interests. We need to decide what we want. Evidently I don't claim that we can change everything, nor do I think that everything can be left efficient over night. I know that it is difficult to bear everyone's interests in mind, but we need to create the mentality that this needs to be the case. It is going to take years to change this mentality, but is the only one truly capable of producing these transformations.

ESPAÑOL

espero y descontento; y, después, vuelve todo el mundo a lo normal después del Carnaval. En el pasado, las manifestaciones eran por la libertad de expresión, democracia, derechos políticos. La nueva generación no está más preocupada con eso, quiere un Estado más eficiente y un servicio público de calidad. Quiere una democracia calificada. Es allí que está el proceso de transformación del país.

BRASIL TIENE DOS MODELOS DE POLÍTICA EXTERNA, UNO DEL PSDB, OTRO DEL PT, CADA UNO CON SUS BENEFICIOS Y LIMITACIONES

Todo eso requiere un cambio cultural y puede llevar años, décadas, siglos. Observe la sociedad japonesa o china. Son más organizadas metodológicamente, más rígidas en la jerarquía social. La exigencia sobre el individuo como un ser social es pesada en términos de comportamiento y productividad. Eso está llegando a Brasil. Nunca sufrimos un gran trauma, todavía llevamos las cosas en "baño-maría". Pero soy optimista. Brasil, en mi opinión, va a estar entre las cinco mayores potencias del globo dentro de tres décadas, si no antes: Estados Unidos, China, Brasil, India, Alemania. Son las naciones del futuro en términos de producción tecnológica, recursos energéticos, riquezas naturales, materia prima, capacidad de defensa, poder económico, producción de "cerebros". Son los países del futuro. Pero Brasil también puede estar fuera.

Solo depende de nosotros.

Sin dudas. Tenemos grandes talentos en Brasil, muchas veces ubicados en los lugares equivocados.

¿Que es preciso hacer?

Un país que tiene más de 20 partidos políticos y 39 ministerios es inviable. En el servicio público, el sujeto no va a servir al Estado por vocación. Él no está calificado

para estar en el mercado privado y busca estabilidad, sabe que el Estado es una madre. Él permanece allí afirmado hasta jubilarse y, así, la máquina previsional se va llenando. Tiene de haber una poda de la máquina pública. También precisamos de una reforma política (como todo el mundo sabe) y de una re-

forma tributaria. Es absurdo pretender ser una economía de mercado, competitiva en el comercio internacional, con trabas y métodos proteccionistas en el modelo industrial y productivo. La industria, muchas veces, no tiene estímulo para producir mejor y competir. Ella se protege debajo de las leyes brasileñas y sigue en su perpetua ineficiencia. Entonces, precisamos de reformas serias y profundas, que algunas veces son traumáticas, pero, sin ellas, vendrá el colapso temprano o tarde.

¿Cómo disminuir la máquina pública?

Para cortar ministerios, usted tiene que limitar su base de coalición, lo que significa dejar gente afuera y crear oposición. Nadie va a cortar de 39 para 20 ministerios. Por eso, Brasil precisa de reformas estructurales. Hicimos una reforma económica importante, conseguimos

alcanzar una plataforma de estabilidad y vamos a enfrentar dos años un poco más duros, pero, vamos a salir de este problema y vamos a efectuar un buen ajuste fiscal. Con todo, Brasil precisa rediseñar su plataforma de infraestructura de desarrollo en todos los frentes.

¿Tenemos reformadores dispuestos a efectuar las reformas?

Ah, no tengo dudas de ello. La cuestión es si están en la oposición correcta o si aquellos que gobiernan quieren que esas personas estén en esos lugares. Brasil tiene una importante masa intelectual, tiene profesionales altamente calificados y probados para promover esas reformas. Ahora, resta saber si vamos a conseguir adoptar ese modelo de privilegiar la eficiencia y la competencia, o queremos privilegiar la acomodación de intereses. Precisamos decidir lo que queremos. Claro, no pretendo alterar todo ni pensar que todo será eficiente de la noche para el día. Yo sé que es difícil acomodar el interés de todos, pero precisamos crear la mentalidad de que eso precisa ser así, que tiene que cambiar. Ese cambio de mentalidad, que va a llevar años, realmente efectuará y provocará esas transformaciones.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O BRASIL É UM PAÍS QUE DEMORA MUITO PARA MUDAR DE RUMO

QUE AMBIENTE POLÍTICO O BRASIL TERÁ A PARTIR DE AGORA, NESTE NOVO MANDATO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF? QUAL SERÁ O PAPEL DA OPOSIÇÃO REFORÇADA PELO RESULTADO APERTADO DAS ELEIÇÕES DISPUTADAS EM 2014? PARA O CIENTISTA POLÍTICO DA AMERICAN UNIVERSITY EM WASHINGTON, MATTHEW TAYLOR, SER OPOSIÇÃO NO BRASIL É UM PAPEL DIFÍCIL, PORQUE O MODELO DE PRESIDENCIALISMO DE COALISÃO CAPTURA PARTE DOS OPOSICIONISTAS EM TROCA DE CARGOS E ENFRAQUECE O DEBATE REAL DA VIDA BRASILEIRA.

Em uma perspectiva dos últimos 30 anos de democracia, a gente vê um avanço considerável. Desde a criação do Ministério Público, especialmente no âmbito federal, houve uma mudança realmente dramática no combate à corrupção. O fortalecimento da Polícia Federal, a criação da Controladoria-Geral da União e legislações como a Lei de Responsabilidade Fiscal ajuda sobremaneira no combate à corrupção. Eu acho que sempre existiu corrupção no Brasil. Uma das justificativas do golpe militar de 64 foi justamente combater o comunismo, de um lado, e a corrupção, de outro. O que eu vejo, agora, olhando para frente, é a questão da morosidade do Judiciário. Mesmo depois da Reforma de 2004, do Judiciário, essa morosidade é realmente considerável. Um bom exemplo disso é o caso do Mensalão, e foi um processo que correu até rapidamente para os padrões do Judiciário federal. Começou em 2005 e foi resolvido até o fim de 2013. Passaram-se oito anos. Isso significa que, no caso do escândalo atual da Petrobras, provavelmente em 2022, 2023 chegaremos a uma decisão final – se tudo correr nessa mesma velocidade.

Está abaixo da média mundial?

Sim. Se formos comparar, por exemplo, com um escândalo que chega ao mesmo patamar, no caso norte-americano: o impeachment do Nixon. Passaram-se dois anos e já haviam condenado os envolvidos. E depois de mais dois anos, esses envolvidos foram soltos. Passou o trânsito em julgado, pagaram a pena e dentro de meia década já estavam de volta à sociedade. Foi uma resolução muito mais rápida. Não estou compa-

rando sistemas jurídicos, mas só dando uma ideia de como os escândalos demoram para chegar ao trânsito em julgado no caso brasileiro.

Não apenas a corrupção, mas tudo demora demais na Justiça brasileira.

Um dos problemas ali é o da representatividade dos interesses. Por exemplo, na reforma do Judiciário de 2004, que foi boa, mas tímida, a gente via uma briga de interesses entre Ministério Público, OAB e o próprio Judiciário. Isso dificultou achar um terreno comum de propostas que pudessem de fato prosperar. Esses interesses tiveram uma boa representação dentro do Congresso, o que dificultou. Quando você começa a falar de reformas que impactem de maneira mais geral, não apenas o STF – que foi o alvo principal da reforma de 2004 –, mas também a Justiça estadual e as instâncias intermediárias. Isso começa a envolver muitos interesses, muitos atores, e dificulta muito uma reforma aprofundada. A mesma coisa acontece no caso da reforma tributária, é muito difícil achar um campo comum de concordância entre as partes.

Ninguém quer perder e quem acaba perdendo é o País.

Isso não é exclusivo do caso brasileiro. Aqui, nos Estados Unidos, temos o mesmo problema em diversas instâncias. Sempre uma reforma grande, tributária ou do Judiciário, vai envolver muitos interesses e será muito difícil. A gente acabou de ver isso: no caso americano, na reforma do sistema de saúde. Ao contrário do Brasil, que desde 1988 tem o Sistema Unificado de Saúde, nos Estados Unidos, só agora conseguimos uma tentativa tímida de chegar a alguma

coisa próxima. E foi uma briga muito sangrenta. Então, qualquer reforma que mexa com muitos interesses será difícil. O que é diferente, no caso da reforma do Judiciário no Brasil, é que há interesses envolvidos não apenas profissionais, mas também de grupos que têm uma longa tradição. Por exemplo, a OAB, que tem quase um século de atividade. É um grupo que tem muito interesse e muito poder.

A OAB tem interesse em quê?

Toda organização tem a sua história e a sua contribuição, e assim por diante. É importante lembrar que a OAB teve papel fundamental na redemocratização, mas também atuações menos louváveis ao longo do tempo. Apoiou o Golpe Militar de 64. Além disso, acho que essa atuação positiva lhe dá legitimidade para participar do processo político de forma privilegiada. A Constituição de 1988 dá poderes especiais à OAB, que muitas organizações da sociedade civil não têm. Por exemplo, a capacidade de impetrar uma ação de inconstitucionalidade. A Transparência Brasil não tem. São diferenças importantes. A OAB, pela sua legitimidade, pelo seu histórico, pela tradição, pelo seu poder, conquistou alguns privilégios. Agora, às vezes, eles são utilizados para servir os interesses dos advogados e, às vezes, para servir à sociedade.

A democracia brasileira é corporativista?

Acredito que sim. Avançou muito em relação ao corporativismo do Estado varguista, mas existe um neocorporativismo no Brasil que acho importante reconhecer. Muitas organizações têm um poder institucionalizado dentro do



Estado brasileiro e representatividade em conselhos.

Qual avaliação o senhor faz hoje da qualidade do serviço público brasileiro?

Se formos comparar com outros países da região, o Brasil está muito acima em termos de capacidade do Estado. Ninguém questiona a capacidade da Receita Federal ou da Polícia Federal. A eficiência de alguns órgãos é muito forte. De maneira geral, a média do Estado brasileiro, especialmente no âmbito federal, está muito acima dos outros países da América Latina. Mas, dentro do governo federal há divergências enormes. Quando a gente olha Banco Central, Ministério da Fazenda, Ministério da Justiça, IBGE, Ipea, são agências do governo federal vistas como de altíssima capacidade. Se formos comparar a capacidade dessas agências com as que operam ou trabalham na área de infraestrutura, Dnit, Dnoc, Ministério dos Transportes, e mesmo ministérios como o de Esportes ou Cultura, a qualidade e a capacidade dessas burocracias são muito menores.

Por que o Estado consegue ser eficiente em algumas áreas e não em outras?

Bela pergunta. Uma hipótese é que a politização de algumas agências diminuiria a capacidade delas. Quando a gente compara o Ministério da Fazenda, de altíssima capacidade, com o Ministério dos Transportes, vê-se que há uma politização, uma partidarização dos cargos dentro desses órgãos. No Ministério dos Transportes, é muito maior. Outra questão muito importante é o quão dominantes são os partidos den-

tro das agências. Por exemplo, criado recentemente, o Ministério do Desenvolvimento Agrário é muito mais corrupto do que outras agências. Ele também é dominado por um único partido. Isto é, não existem tantos partidos dentro desse ministério. Então, quando a gente olha para notícias de escândalos, notícias de improbidade administrativa, a gente vê que, de fato, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, dominado por um único partido, sofre muito mais.

Há troca de favores?

Talvez seja troca de favores. O quanto eles são repartidos entre partidos da coalizão e quanto um único partido domina dentro de uma agência? Isso importa muito. A gente vê uma correlação muito forte entre dominância de um único partido e problemas com a burocracia.

No Brasil, o presidente da República tem 20 mil cargos de confiança.

Quantos tem o presidente Obama?

Nos Estados Unidos, são em torno de 2 mil cargos. No caso do Brasil, mudou bastante ao longo dos últimos 15 anos a quantidade de cargos de confiança que podem ser dados para políticos que não fazem parte da agência. Explico: existem os cargos de DAS de 1 a 6, e alguns dos cargos inferiores nessa hierarquia precisam ser, agora, necessariamente preenchidos por funcionários da agência. Então, quando a gente vê que são 20 mil, na verdade, o número de cargos efetivamente preenchidos por indicados políticos é um pouco menor.

São necessários tantos cargos?

Mesmo nos Estados Unidos, há muitas críticas de que é um excesso de cargos de confiança. No Reino Unido, o núme-

ro é muito menor, tipo 200 cargos de confiança. Então, de 200 para 2 mil já é muito, e de 2 mil para 20 mil é bastante. Mas, será que, às vezes, esses cargos não são úteis para melhorar o serviço prestado à sociedade? Às vezes, é muito bom ter pessoas, técnicos que vêm de fora e possam mudar um pouco o rumo da burocracia. A priori, não há nenhum problema de ter cargos de confiança. Agora, o que a gente vê é que não se precisa ter muito cargo para controlar a burocracia. Alguns poucos indicados políticos podem mudar o rumo eficientemente.

Até porque se forem poucos, facilita o controle.

Existe um agravante no caso brasileiro que é o fato de você ter a politização não apenas dos cargos, mas também da burocracia. Nos Estados Unidos, é proibido desde os anos 1930 um servidor público ser filiado a partido político. Isso pode ser muito bom, mas também pode ser ruim. Evita a politização visível, mas o cara pode ser um republicano e não dizer. No Brasil, existe uma coisa que acho muito positiva, que é você declarar que é membro de um partido. Então, eu, como pesquisador, consigo ir ao Tribunal Superior Eleitoral e descobrir quem é membro de qual partido. Eu acho muito positivo isso, pela transparência que dá. Agora, o negativo é que a gente vê que, quando se nomeia um político do partido "X" para o cargo de confiança, muitas vezes a burocracia acompanha essas indicações.

Aí vira o que nós chamamos no Brasil de "Ministério de porteira fechada", controlados por um só partido.

Pois é. Nossa pesquisa demonstra que não existe, de fato, porteira fechada



Reformas grandes
são difíceis também
nos EUA, e, no
caso do sistema de
saúde, houve uma
briga sangrenta



no Brasil. A taxa de dominância maior não passa dos 20%. Ou seja, mesmo nas agências muito controladas, só 20% dos funcionários são membros de partido político. Então, não é de porteira fechada, mas 20% é uma taxa altíssima.

Como vê a participação em conselhos das estatais?

Eu acho que há duas questões. A primeira é que, para as estatais, como a Petrobras – ou mesmo para algumas empresas maiores no Brasil –, existe o que o professor Sérgio Lazzarini muito claramente chamou de “capitalismo de laços”, no qual o Estado exerce um papel fundamental. Ele controla mesmo empresas do setor privado por meio dos fundos de pensão dominados por representantes do Estado, como a Previ. Isso é uma mostra do tamanho e da complexidade do Estado brasileiro e sua capacidade de expandir para preencher espaços que em outros países seriam preenchidos pelo setor privado. Depois, existe a questão da participação popular, e aí eu penso no orçamento participativo do PT. Será que isso é bom para a democracia e para a eficiência de políticas públicas? Depende dos critérios adotados. Acho que talvez seja bom aumentar o número de assuntos discutidos em foros públicos. Agora, a questão é: será que ter um orçamento participativo vai envolver todos os interesses ou apenas os interesses daqueles que são associados a um determinado partido?

Corre-se o risco de manipulação.

Sim, e você acaba dizendo que é legítima uma coisa que no fundo não aumentou em nada a representatividade. Acho que tem diversas formas de avaliar a participação pública. Uma seria a

eficiência, a segunda seria a representatividade, e a outra seria o que tudo isso faz com a qualidade das políticas públicas. E aí eu acho que depende um pouco das circunstâncias específicas. Estudos mostram que o orçamento participativo até aumenta a qualidade social dos orçamentos, mas seria possível expandir isso para outras políticas públicas? Eu penso, por exemplo, em política econômica: será que realmente a gente quer outorgar ou delegar o poder sobre a política monetária para um grupo maior de pessoas? Eu acho que existem motivos para defender a independência, a autonomia de agências como Banco Central, que preservam a neutralidade das políticas públicas.

A oposição que ressurgiu da eleição tem como enfrentar um governo que vai para 16 anos no poder?

Como estrangeiro, o que sempre me surpreende no Brasil é a capacidade do governo atual de atrair para seus quadros a oposição. Dentro do sistema de presidencialismo de coalizão brasileiro, parece-me que é muito difícil fazer oposição. Quem está na oposição fica fora do jogo político, fica fora da criação de políticas públicas e dos cargos, não usufruiu dos privilégios de quem faz parte da coalizão. **Ao longo dos últimos 30 anos, o presidente é eleito com menos de 20% das cadeiras no Congresso. Sempre, ao fim do mandato, consegue criar uma coalizão de pelo menos 70% das cadeiras. Acho que isso dificulta sobremaneira a criação de uma oposição forte.**

Para onde vai o Brasil?

Os ganhos nos 30 anos de democracia foram tanto em nível individual como institucional. Quando a gente compa-

ra o Brasil atual e o de 1985, vê outro país. A estabilização da moeda foi uma conquista de um grupo de brasileiros contra as prescrições do FMI, que continuam até hoje. Eu não perco a esperança no campo econômico, por alguns motivos. O Brasil é um país que demora muito para mudar de rumo, para o bem e para o mal. Se compararmos com o resto da América Latina, o tamanho do Estado brasileiro é muito maior e não mudou significativamente desde os anos 1960. Na abertura comercial, também. Agora, quando muda, é para ficar. A gente vê isso hoje em dia quando a inflação começa a mostrar sinais de perigo. A resposta da sociedade civil é imediata e muito forte.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



BRAZIL IS A COUNTRY THAT TAKES A LONG TIME TO CHANGE DIRECTION

What kind of political climate will Brazil enter into from now on, in this new term of the President Dilma Rousseff? What will be the role of the opposition, strengthened by the close results of the 2014 elections? For the political scientist at American University in Washington, Matthew Taylor, being the opposition in Brazil is a difficult task because the presidential model of coalition immobilizes part of the opposition in the changing of posts, which weakens the real debate on life in Brazil.

Will Brazilian institutions be able to combat corruption?

In the past 30 years of democracy, we have seen considerable improvements. Since the creation of the Public Prosecutor's Office, especially at a federal level, there has been a truly dramatic change in the fight against corruption. The strengthening of the Federal Police, the creation of the Comptroller General of the Union and legislation such as the Law of Tax Responsibility helps considerably in the fight against corruption. I think that there has always been corruption in Brazil. One of the justifications of the military coup in '64 was precisely the fight against communism, on the one hand, and corruption, on the other hand. What I see now, looking to the future, is the question of the laxness of the Judiciary. Even after the reform in 2004, this laxness is still quite substantial. A fitting example of this is the 'Mensalão' scandal. It was a legal case that was resolved reasonable rapidly for the standards of the federal Judiciary. It began in 2005 and was resolved by the end of 2013. Eight years went by. That



means that when it comes to the current Petrobras scandal, we will probably reach a final decision by 2022 or 2023, if everything continues at the same rate.

Is it below the global average?

Yes. If we were to compare it, for example, to something of the same dimensions in the US: the impeachment of Nixon. Two years went by and they had already condemned those involved. And after two more years, those individuals involved were released. There was a prejudice plea, they paid the penalty and in less than half a decade they were released back into society. It was a much quicker resolution. I am not comparing the legal systems, but I'm just giving you an idea of how these scandals can take a long time to obtain justice in Brazil.

Not only corruption cases, but everything takes too long when it comes to the Brazilian justice system.

One of the problems in this respect is the matter of representing interests. For example, in the court reforms of 2004, which were very positive, if somewhat tepid, we saw a conflict of interests between the Prosecution Office, the Brazilian Bar Association (OAB) and the Judiciary itself. This meant that it was difficult to find common ground for the proposals that could have been successful. These interests had a strong representation in Congress, which made the process quite difficult. When you start to talk about reforms that have more widespread impacts, we are looking at the interests not just of the Federal Supreme Court – which was the main aim



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

BRASIL ES UN PAÍS QUE DEMORA MUCHO PARA CAMBIAR DE RUMBO

¿Qué ambiente político Brasil tendrá a partir de ahora, en este nuevo mandato de la presidente Dilma Rousseff? ¿Cuál será el papel de la oposición reforzada por el resultado apretado de las elecciones disputadas en 2014? Para el científico político de la American University en Washington, Matthew Taylor, ser oposición en Brasil es un papel difícil, porque el modelo presidencialista de coalición captura parte de los opositores a cambio de cargos y debilita el debate real de la vida brasileña.

¿Las instituciones brasileñas conseguirán combatir la corrupción?

En una perspectiva de los últimos 30 años de democracia, la gente ve un avance considerable. Desde la creación del Ministerio Público, especialmente a nivel federal, hubo un cambio realmente dramático en el combate a la corrupción. El fortalecimiento de la Policía Federal, la creación de la Contraloría General de la Unión y legislaciones como la Ley de Res-

mirando para el frente, es la cuestión de la morosidad del Poder Judicial. Incluso después de la Reforma de 2004, del Poder Judicial, esa morosidad es realmente considerable. Un buen ejemplo de eso es el caso del Mensalão, y fue un proceso que avanzó hasta rápidamente para los patrones del Poder Judicial Federal. Comenzó en 2005 y fue resuelto a fines del 2013. Pasaron ocho años. Eso significa que, en el caso del escándalo actual de Petrobras, probablemente en 2022, 2023 llegaremos a una decisión final – si todo corre a esa misma velocidad.

¿Está debajo de la media mundial?

Sí. Si comparamos, por ejemplo, con un escándalo que llega al mismo nivel, en el caso norteamericano: el impeachment de Nixon. Pasaron dos años y ya habían condenado a los involucrados, y después de dos años más, estos involucrados fueron sueltos. Pasó el tránsito por el juzgado, pagaron la pena y dentro de un lustro ya estaban de vuelta en la sociedad. Fue una resolución mucho más rápida. No estoy comparando sistemas jurídicos, sino solo dando una idea de cómo los escándalos demoran para llegar al tránsito en juzgado en el caso brasileño.

No solo la corrupción, sino todo demora de más en la Justicia brasileña.

Uno de los problemas allí es el de la representatividad de los intereses. Por ejemplo, en la reforma del Poder Judicial de 2004, que fue buena, pero tímida, observábamos una lucha de intereses entre el Ministerio Público, OAB y el mismo Poder Judicial. Eso dificultó encontrar un terreno común de propuestas

que pudiesen de hecho prosperar. Estos intereses tuvieron una buena representación dentro del Congreso, lo que generó dificultades. Cuando usted comienza a hablar de reformas que impacten de manera más general, no solo al STF – que fue el blanco principal de la reforma de 2004 –, sino también la Justicia provincial y las instancias intermedias. Eso comienza a envolver muchos intereses, muchos actores, y dificulta mucho una reforma profunda. La misma cosa sucede en el caso de la reforma tributaria, es muy difícil hallar un campo común de concordancia entre las partes.

Nadie quiere perder y quien acaba perdiendo es el país.

Eso no es exclusivo del caso brasileño. Aquí, en los Estados Unidos, tenemos el mismo problema en diversas instancias. Siempre una gran reforma, tributaria o judicial, va a envolver muchos intereses y será muy difícil. Acabamos de ver eso: en el caso americano, en la reforma del sistema de salud. Al contrario de Brasil, que desde 1988 tiene el Sistema Unificado de Salud, en los Estados Unidos, solo ahora conseguimos una tentativa tímida de llegar a alguna cosa próxima. Y fue una lucha muy sangrienta. Entonces, cualquier reforma que mueva muchos intereses será difícil. Lo que es diferente, en el caso de la reforma del Poder Judicial en Brasil, es que hay intereses envueltos no solo profesionales, sino también de grupos que tienen una larga tradición. Por ejemplo, la OAB, que tiene casi un siglo de actividad. Es un grupo que tiene muchos intereses y mucho poder.

¿La OAB tiene interés en qué?

Toda organización tiene su historia y su contribución, y así por delante. Es

LAS GRANDES REFORMAS SON DIFÍCILES TAMBIÉN EN LOS EE.UU., Y, EN EL CASO DEL SISTEMA DE SALUD, HUBO UNA LUCHA SANGRIENTA

ponsabilidad Fiscal ayuda sobremanera en el combate a la corrupción. Personalmente creo que siempre existió corrupción en Brasil. Una de las justificaciones del golpe militar del 64 fue justamente combatir al comunismo, de un lado, y la corrupción, de otro. Lo que yo veo, ahora,

ENGLISH

of the 2004 reform –, but also the State Court and the intermediary bodies. This means that there are many interests at stake, many individuals involved, and it means that a more dramatic reform becomes much more difficult. The same thing happens when it comes to tax reform. It is very difficult to find common ground or reach any sort of agreement between the parties.

Nobody wants to back down and it is the country itself that ends up losing out.

This is not just a Brazilian problem. Here, in the United States, we have the same problem on many levels. A large reform, whether it be for tax or the Judiciary, is always going to involve a lot of interests, and it is going to be tough. We have just seen an example of it in the United States with the healthcare system reforms. Unlike Brazil, which since 1988 has the SUS (Public Healthcare System), in the United States we have only just made a hesitant attempt at arriving at something similar. And it was an extremely bitter debate. So really, any reform that involves many interests is always tricky. The difference is that when it comes to justice system reforms in Brazil, there are not only professional interests at stake, but also groups involved that are rooted in longstanding tradition. The OAB, for example, which has been active for almost a century. It is a group that makes up a lot of interest and power.

What are the interests of the OAB?

Every organization has its own track record and its contribution to history, and so on. It is important to remember that the OAB had a fundamental role not only in the redemocratization

of the country, but also in less admirable actions throughout history. It supported the Military Coup of '64. Moreover, I think its more positive actions provides it with legitimacy in order to participate in the political process from a privileged position. The 1988 Constitution bestows special powers to the OAB, powers which many civil society organizations do not have. For instance, the ability to request an injunction of unconstitutionality. Brazil lacks transparency in this sense. There are important differences. The OAB, as a result of its legitimacy, its history, its tradition, its power, was able to obtain certain privileges. However, sometimes they are used to serve the interests of the attorneys, and sometimes they are implemented for society's sake.

Is Brazil a corporatist democracy?

I think so, yes. It has come a long way in relation to the corporatist nature of the Vargas administration, but there is a neo-corporatist tendency in Brazil that I think is important to recognize. Many organizations have an institutionalized power within the Brazilian State and a degree of representation in councils.

What is your take on the quality of public services in Brazil?

If we had to compare them with other countries in the region, Brazil is much further ahead in terms of capacity of the state. Nobody questions the capacity of the Federal Tax Authority or the Federal Police. The efficiency of certain bodies is very strong. Generally speaking, the average for Brazil, especially at a federal

level, is far superior to other countries in Latin America. However, within the federal government, there are huge exceptions. If we look to the Central Bank, the Ministry of Finance, the Ministry of Justice, the Brazilian Institute of Geography and Statistics, the Brazilian Institute of Applied Economic Research, these are

IMPORTANT REFORMS ARE ALSO DIFFICULT IN THE US AND THE HEALTH SYSTEM SPARKED A BITTER DISPUTE

federal government bodies that are considered to have an extremely high capacity. If we had to compare the capacity of these bodies with those that operate or work in the area of infrastructure, for example, the Brazilian Department of Transport Infrastructure, the Brazilian Department of Drought Prevention, the Ministry of Transport, even Sport and Culture ministries; the quality and capacity of these bodies are far inferior.

Why is it that the State manages to be efficient in some areas and not in others?

Good question. One possible explanation is that the politicization of some of these bodies reduces their performance. If we compare the Ministry of Finance, which is highly effective, with the Ministry of Transport, it becomes apparent that there is a certain politicization of the posts within these bodies, to a much greater degree when it comes to the Ministry of Transport. Another important factor is how the parties can be influential within these bodies. For

ESPAÑOL

importante recordar que la OAB tuvo un papel fundamental en la redemocratización, pero también actividades menos loables a lo largo del tiempo. Apoyó el Golpe Militar del 64. Además, creo que esa actuación positiva le otorga legitimidad para participar del proceso político de forma privilegiada. La Constitución de 1988 da poderes especiales a la OAB, que muchas organizaciones de la sociedad civil no tienen. Por ejemplo, la capacidad de impetrar una acción de inconstitucionalidad. Transparencia Brasil no la tiene. Son diferencias importantes. La OAB, por su legitimidad, por su historial, por la tradición, por su poder, conquistó algunos privilegios. Ahora, algunas veces, ellos son utilizados para servir a los intereses de los abogados y, otras veces, para servir a la sociedad.

¿La democracia brasileña es corporativa?

Creo que sí. Avanzó mucho en relación al corporativismo del Estado varguista, pero existe un neo-corporativismo en Brasil que encuentro importante reconocer. Muchas organizaciones tienen un poder institucionalizado dentro del Estado brasileño y representatividad en consejos.

¿Qué evaluación usted realiza hoy de la calidad del servicio público brasileño?

Si vamos a compararlo con otros países de la región, Brasil está muy arriba en términos de capacidad del Estado. Nadie cuestiona la capacidad de la Receita Federal o de la Policía Federal. La eficiencia de algunos órganos es muy fuerte. De manera general, la media del Estado brasileño, especialmente a nivel federal, está muy arriba de los otros

países de América Latina. Pero, dentro del gobierno federal hay divergencias enormes. Cuando miramos al Banco Central, Ministerio de Hacienda, Ministerio de Justicia, IBGE, Ipea, son agencias del gobierno federal vistas como de altísima capacidad. Si comparásemos la capacidad de estas agencias con las que operan o trabajan en el área de infraestructura, Dnit, Dnoc, Ministerio de Transportes, e incluso ministerios como el de Deportes o Cultura, la calidad y la capacidad de esas burocracias son mucho menores.

¿Porque el Estado consigue ser eficiente en algunas áreas y no en otras?

Hermosa pregunta. Una hipótesis es que la politización de algunas agencias disminuiría la capacidad de ellas. Cuando comparamos el Ministerio de Hacienda, de altísima capacidad, con el Ministerio de Transportes, se ve que hay una politización, una partidización de los cargos dentro de esos órganos. En el

Ministerio de Transportes es mucho mayor. Otra cuestión muy importante es cuán dominantes son los partidos dentro de las agencias. Por ejemplo, creado recientemente, el Ministerio de Desarrollo Agrario es mucho más corrupto que otras agencias. Él también está dominado por un único partido. Esto es, no existen tantos partidos dentro de ese ministerio. Entonces, cuando miramos las noticias de escándalos, noticias de improbidad administrativa, vemos que, de hecho, el Ministerio de Desarrollo Agrario, dominado por un único partido, sufre mucho más.

¿Hay intercambios de favores?

Tal vez sea intercambio de favores. ¿O cuanto ellos son repartidos entre partidos de la coalición y cuanto un único partido domina dentro de una agencia? Eso importa mucho. Observamos una correlación muy fuerte entre el dominio de un único partido y problemas con la burocracia.



ENGLISH

example, the recently founded Ministry of Agrarian Development is much more corrupt than other bodies. It is also dominated by a single party. In other words, there are not many parties represented within this ministry. So, when we see the reports on scandals, administrative improbity, we see that in actual fact, the Ministry of Agrarian Development, which is monopolized by a single party, suffers a great deal more of these.

Are favors handed out?

It might be the handing out of favors. How many favors handed out amongst coalition parties and how much power does the party have within that particular body? That is extremely important to bear in mind. It is possible to identify a strong correlation between the dominance of a single party and the problems that arise with lobbying in the civil service.

In Brazil, the president has 20,000 people in positions of trust. How many does President Obama have?

In the United States, there are around 2,000 people in positions of trust. In Brazil's case, the amount of positions of trust that can be handed out to politicians that do not form part of the government body has changed considerably over the past 15 years. What I mean by this is that there are the high level management and advising (DAS) positions from 1 to 6, and some of the more junior roles within this hierarchy now necessarily need to be held by civil servants from that particular body. So, when we see that there are 20,000, in fact, the number of roles that are actually held by the recommended politicians is slightly inferior.

Are so many positions necessary?

Even in the United States, there is a lot of criticism that there is an excess of positions of trust. In the United Kingdom, the number is far inferior, standing at around 200 positions of trust. So you can see there is a huge discrepancy between 200 and 2,000, and the difference between 2,000 and 20,000 is enormous.

But are these positions not sometimes useful in order to improve the service provided to society? Sometimes, it's very useful to have employees and technicians who come from other areas and that are able to change the rhythm of bureaucracy. A priori, there is no problem in having positions of trust. Now, what we see is that there is no need to have many positions to control the bureaucracy. A few appointed politicians could change the trajectory efficiently.

Because if there were fewer of them, things would be easier to manage.

The main determining factor in Brazil is that politicization occurs not only at the level of posts but also at the level of lobbying. In the United States, it has been forbidden since the 1930's for a civil servant to be affiliated to a political party. This can be very positive or very negative depending on how you look at it. It avoids visible politicization, but this individual could be a Republican and not outwardly declare so. In Brazil, there is something that I find very positive, which is that you declare that you are a member of a certain party. So in my case, as a researcher, I can go to the Superior Electoral Court and find out who is a member of which party. I think that is something very positive, due to the transparency that it provides. However, the negative side is that we see that when a politician from a given party is nominated for a position of trust, there is often lobbying involved.

Then it becomes what we refer to in Brazil as a "Closed Doors Ministry", which is controlled by a single party.

That's right. Our research shows that this phenomenon doesn't actually exist in Brazil. The highest majority is no



ESPAÑOL

En Brasil, el presidente de la República tiene 20 mil cargos de confianza.

¿Cuántos tiene el presidente Obama?

En Estados Unidos, son en torno de 2 mil cargos. En el caso de Brasil, cambió bastante a lo largo de los últimos 15 años la cantidad de cargos de confianza que pueden ser dados para políticos que no forman parte de la agencia. Explico: existen los cargos de DAS de 1 al 6, y algunos

vemos es que no se precisa tener muchos cargos para controlar la burocracia. Algunos pocos indicados políticos pueden cambiar el rumbo eficientemente.

Hasta porque si son pocos, se facilita el control.

Existe un agravante en el caso brasileño que es el hecho de usted tener la politización no solo de los cargos, sino también de la burocracia. En Estados Unidos, está prohibido desde los años de 1930 que un servidor público sea afiliado a un partido político. Eso puede ser muy bueno, pero también puede ser malo. Evita la politización visible, pero la persona puede ser un republicano y no decirlo.

En Brasil, existe una cosa que encuentro muy positiva, que es que usted declara que es miembro de un partido. Entonces, yo, como investigador, consigo ir al Tribunal Superior Electoral y descubrir quien es miembro de cuál partido. Yo lo encuentro muy positivo, por la transparencia que brinda. Ahora, lo negativo es que vemos que, cuando se nombra a un político del partido "X" para el cargo de confianza, muchas veces la burocracia acompaña esas indicaciones.

Allí vendrá lo que nosotros llamamos en Brasil de "Ministerio de tranquera cerrada", controlados por un único partido.

Es así. Nuestra investigación demuestra que no existe, de hecho, tranquera cerrada en Brasil. La tasa de dominio mayor no pasa de 20 %. O sea, incluso en aquellas agencias muy controladas, solo 20 % de los funcionarios son miembros de algún par-

tido político. Entonces, no es de tranquera cerrada, pero 20 % es una tasa altísima.

¿Cómo ve la participación en los consejos de las estatales?

Yo creo que hay dos cuestiones. La primera es que, para las estatales, como Petrobras – o incluso para algunas empresas mayores en Brasil –, existe lo que el profesor Sergio Lazzarini muy claramente llamó de "capitalismo de lazos", en el cual el Estado ejerce un papel fundamental. Él controla incluso empresas del sector privado por medio de fondos de pensión dominados por representantes del Estado, como la Previ. Ello es una muestra del tamaño y de la complejidad del Estado brasileño y su capacidad de expansión para rellenar espacios que en otros países serían ocupados por el sector privado. Después, existe la cuestión de la participación popular, y allí pienso en el presupuesto participativo del PT. ¿Será que eso es bueno para la democracia y para la eficiencia de las políticas públicas? Depende de los criterios adoptados. Encuentro que tal vez sea bueno aumentar el número de asuntos discutidos en foros públicos. Ahora, la cuestión es: ¿será que tener un presupuesto participativo envolverá a todos los intereses o apenas a los intereses de aquellos que son afiliados a un determinado partido?

Se corre el riesgo de manipulación.

Sí, y usted acaba diciendo que es legítima una cosa que en el fondo no aumentó en nada la representatividad. Creo que existen diversas formas de evaluar la participación pública. Una sería la eficiencia, la segunda sería la representatividad, y la otra sería lo que todo eso hace con la calidad de las políticas públicas. Y allí yo creo que depende un poco de

EN LOS ÚLTIMOS 30 AÑOS, LOS PRESIDENTES BRASILEÑOS FUERON ELECTOS CON MENOS DE 20 % DE LAS BANCAS EN EL CONGRESO

de los cargos inferiores en esa jerarquía precisan ser, ahora, necesariamente ocupados por funcionarios de la agencia. Entonces, cuando vemos que son 20 mil, en verdad, el número de cargos efectivamente ocupados por indicados políticos es un poco menor.

¿Son necesarios tantos cargos?

Incluso en Estados Unidos, hay muchas críticas de que es un exceso de cargos de confianza. En el Reino Unido, el número es mucho menor, tipo 200 cargos de confianza. Entonces, de 200 para 2 mil ya es mucho, y de 2 mil para 20 mil es demasiado. ¿Pero, será que, algunas veces, esos cargos no son útiles para mejorar el servicio prestado a la sociedad? Algunas veces, es muy bueno tener personas, técnicos que vienen de afuera y puedan cambiar un poco el rumbo de la burocracia. A priori, no hay ningún problema de tener cargos de confianza. Ahora, lo que

ENGLISH

more than 20%. In other words, even in the most controlled government agencies, only 20% of the civil servants are members of political parties. So in actual fact, the closed doors phenomenon doesn't actually exist, although 20% is extremely high.

What is your take on the participation in the councils of the state owned companies?

I think there are two factors at play. The first is that, for the state companies, such as Petrobras – or even for some of the larger Brazilian companies –, we can detect what the professor Sérgio Lazzarini very clearly referred to as “crony capitalism”, in which the State has a fundamental role. It even controls companies from the private sector via pension funds led by state representatives, such as Previ. This illustrates the sheer dimensions and the complexity of the Brazilian state and its capacity to expand in order to control spaces, which in other countries are run by the private sector. Then there is the issue of the participation of the general public, and in this sense I am referring to the participative budget of the PT. Is this a good thing for democracy and for the efficiency of public policies? It depends on the criteria you adopt. I think that perhaps it would be a good idea to increase the quantity of matters discussed in public forums. Nevertheless, the question remains: would a participative budget include everyone's interests, or only those associated with a certain party?

There is a risk of manipulation.

Yes, you end up saying that it is legitimate when in actual fact there has been no real increase in representation. I think there are diverse ways of assessing pub-

lic participation. One would be efficiency, the second would be representation, and the last would be what all of these factors do to contribute to the quality of public policies. And in this sense I think it depends to a certain extent on specific circumstances. Studies show that the participative budget increases the social quality of the budgets. Yet would it be possible to extend this to other political policies? I am thinking, for example, about economic policy. In this case what do we really want, to bestow or delegate power to monetary driven policies for a greater group of people? I think there are motives to defend independence, the autonomy of government agencies such as the Central Bank, which ensures that public policies remain neutral.

Does the opposition that bounced back in the election have any chance of forming a true opposition to a government that has been in power for 16 years?

As a foreigner, what always surprises me about Brazil is the capacity of the current government to attract the opposition to its own political framework. Within this presidential state of coalition in Brazil, I think it is much more difficult to form an opposition. The opposition is left outside the political game, it is marginalized from the creation of public policies and from the posts, and they do not benefit from the privileges that the coalition has access to. For the past 30 years, the president has been elected with less than 20% of the seats in Congress. At the end of their office, they always manage

to create a coalition with at least 70% of the seats. I think this makes it incredibly difficult to create a strong opposition.

Where is Brazil headed?

We have seen considerable progress made in the past 30 years of democracy, both on an individual and institutional level. If we compare Brazil in the present and that of 1985, it is a totally different country. The stabilization of the currency was the achievement of a group

THE STABILITY OF THE CURRENCY WAS ACHIEVED BY A GROUP OF BRAZILIANS FACING UP TO THE REGULATIONS OF THE IMF

of Brazilians facing up to the regulations of the IMF, which are still in place today. I am still hopeful when it comes to the economy, for a number of reasons. Brazil is a country that takes a long time to head in a new direction, for better or for worse. If we compare it to the rest of Latin America, Brazil is much larger in size and yet it hasn't changed significantly since the 1960's. Nor has it seen much change in the opening up of trade. However, when it does change, it is normally for the long term. This is evident in the present when inflation means the alarm bells begin to ring. Civil society has an immediate and strong reaction.

ESPAÑOL

las circunstancias específicas. Algunos estudios muestran que el presupuesto

del mandato, consigue crear una coalición de por lo menos 70 % de las bancas.

Estimo que eso dificulta sobremanera la creación de una oposición fuerte.

LA ESTABILIDAD DE LA MONEDA FUE UNA CONQUISTA DE UN GRUPO DE BRASILEÑOS CONTRA LAS PRESCRIPCIONES DEL FMI

participativo hasta aumenta la calidad social de los presupuestos, ¿pero sería posible expandir eso para otras políticas públicas? Pienso, por ejemplo, en la política económica: ¿será que realmente queremos otorgar o delegar el poder sobre la política monetaria para un grupo mayor de personas? Creo que existen sobrados motivos para defender la independencia, la autonomía de agencias como el Banco Central, que preservan la neutralidad de las políticas públicas.

¿La oposición que resurgió de la elección tiene cómo enfrentar a un gobierno que va para 16 años en el poder?

Como extranjero, lo que siempre me sorprende en Brasil es la capacidad del gobierno actual de atraer para sus cuadros a la oposición. Dentro del sistema presidencialista de coalición brasileño, me parece que es muy difícil hacer oposición. Quien está en la oposición, queda fuera del juego político, queda afuera de la creación de políticas públicas y de los cargos, no usufructúa de los privilegios de quien forma parte de la coalición. A lo largo de los últimos 30 años, el presidente es electo con menos de 20 % de las bancas en el Congreso. Siempre, al final

de otro país. La estabilidad de la moneda fue una conquista de un grupo de brasileños contra las prescripciones del FMI, que continúan hasta el día de hoy. Yo no pierdo la esperanza en el campo económico, por diversos motivos. Brasil es un país que demora mucho para cambiar de rumbo, para bien y para mal. Si lo comparamos con el resto de América Latina, el tamaño del Estado brasileño es mucho mayor y no cambió significativamente desde los años 1960. En la apertura comercial, también. Ahora, cuando cambia, es para permanecer. Vemos eso hoy en día cuando la inflación comienza a mostrar señales de peligro. La respuesta de la sociedad civil es inmediata y muy fuerte.

¿Para dónde va Brasil?

Las ganancias en los 30 años de democracia fueron tanto a nivel individual como institucional. Cuando la gente compara al Brasil actual y el de 1985,





Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

A SOCIEDADE PRECISA CRIAR UMA LISTA DAS PRIORIDADES NACIONAIS E ATACÁ-LAS

QUE FUTURO TEM O BRASIL APÓS A ELEIÇÃO DURAMENTE DISPUTADA EM 2014? O QUE SIGNIFICA UM AMBIENTE POLÍTICO MAIS TUMULTUADO? TAMBÉM NO ANO PASSADO TIVEMOS UMA ECONOMIA ESTAGNADA, O QUE EM 2015 SIGNIFICA UM TROPEÇO MAIOR PARA RECUPERAR O CRESCIMENTO ECONÔMICO. PARA FALAR SOBRE O ASSUNTO, CONVIDAMOS O ECONOMISTA THOMAS TREBAT, DIRETOR DA COLUMBIA GLOBAL CENTER NO BRASIL, ÓRGÃO SEDIADO NO RIO DE JANEIRO E LIGADO À UNIVERSIDADE DE COLUMBIA, EM NOVA YORK.



Que futuro tem o Brasil a se levar em conta o passado recente?

Os eventos de 2014, as eleições e a Copa do Mundo; e, em 2013, os grandes protestos de rua mostram uma sociedade que está em forte processo de mudança, numa evolução muito interessante. São sintomas de uma sociedade em busca de um novo modo de se apresentar ao mundo; um Brasil que vai novamente ao encontro do futuro. O mundo espera um Brasil mais dinâmico e mais atuante em grandes assuntos globais. Ao mesmo tempo, esse engajamento vai mudar o País. Apesar do tumulto, das preocupações com a economia, da insatisfação da classe média, acho que esse é um processo histórico. Qual será o fim, não sei, mas sei que o papel do Brasil, ao final de 2015, em 2016, será outro do que tem sido nos anos recentes.

O senhor está há quantos anos no Brasil?

Há pouco mais de dois anos, mas estudo o País há muito tempo. O Brasil é e sempre será o país do futuro. Aos poucos está se realizando. Já ocupa um lugar no mundo político e cultural, para não falar da economia e do comércio internacional. Também no setor energético o Brasil ocupa um lugar mais importante do que tinha no passado, no mundo das nações latino-americanas, que têm uma ansiedade de atuarem de uma forma mais unida. Cabe ao Brasil certa liderança nesse processo. Tudo isso está levando o Brasil a mudar. Já é um país excepcional, mas tem que assumir um papel mais importante nesse mundo globalizado em que vivemos. A voz brasileira, mesma conflituosa, às vezes, é muito importante para ser ouvida no cenário global.

Continua importante ou oscila?

A longo prazo você vê um país que era pobre, menos desenvolvido há vinte ou trinta anos e passou a ser quase um modelo da classe média global. O grande desafio é se poderá continuar progredindo, para ser um país desenvolvido, em termos puramente econômicos e sociais, daqui uns dez ou quinze anos. Esse é o grande conflito. Um novo Brasil que não nasce sem dor.

A empresa de jogos Nintendo não quer vender mais no Brasil por causa da carga tributária.

Acho um pouco difícil julgar um caso isolado. Se a Nintendo achar que outro país emergente seja um campo melhor, como economista eu acho bom que ela saia para onde seu capital vai ser empregado de uma forma mais produtiva. Mas acho que o Brasil continua sendo um alvo muito importante para investimentos estrangeiros diretos. O ambiente de negócios aqui, se bem que precisa e deve ser melhorado e muito, não fica tão ruim quanto na China, na Índia, em muitos lugares da África.

Como melhorar o ambiente de negócios?

Acho que você tem que olhar não tanto para os governantes, mas um pouco mais para a sociedade brasileira. A carga tributária é a outra face da moeda, que é a demanda por serviços do Estado. O povo espera serviços aqui no Brasil, como pensões, educação, saúde, infraestrutura, emprego público... Tudo isso é muito caro. O debate sobre carga tributária não vai a lugar nenhum até a sociedade sentar e dizer, bem, a carga tributária tem que ser diminuída, quais serão os serviços que poderemos dispensar, quais

os ministérios... Não precisamos de 39 ministérios. Mas por que existem? Falta no País um debate honesto sobre o que vamos deixar de gastar. Sem ele a carga tributária não só não vai diminuir como vai aumentar no Brasil.

Como vê a relação da sociedade com o Estado brasileiro?

Acho que há uma demanda por serviços aqui. Na América temos aquela tradição, que às vezes é ruim, de pouco governo. Vemos nos planos de Obama sobre saúde o furacão político que está causando. No Brasil, não acontece isso. Temos uma nem sempre saudável tradição minimalista de cada pessoa por si só, sem interferência de governo. Isso faz com que as funções de nosso governo sejam menores do que na Europa e no Brasil. Não sei se os Estados Unidos são um bom exemplo para o Brasil. Talvez seja a Europa, onde há uma tradição do Estado provedor de serviços, de saúde, educação e segurança, em troca também de uma carga tributária alta.

Nós precisamos escolher um formato?

Essas coisas não mudam de um governo para outro, de um ano para outro. Há uma longa tradição aqui de o Estado atuar na economia que excede muito o modelo americano. Por isso, estou inclinado cada vez mais a pensar que os exemplos para o Brasil devem ser tirados dos países mais bem-sucedidos da Ásia, ou então da Europa. E não tanto dos Estados Unidos, que não têm que ser necessariamente o modelo. Isso vale no mundo inteiro, senão todos vão achar que estão falhando e não estão conseguindo recuperar terreno perdido com os Estados Unidos. Tire os EUA da equação e vislumbre outros países com tradição de um Estado mais ativa.



Qual país da Ásia poderia ser modelo de eficiência?

Os Estados da Ásia têm uma coisa que sempre me chamou atenção com respeito ao Brasil. Há mais preocupação com igualdade, sem esses extremos. Na Ásia, há uma forma mais igualitária de distribuição de renda; são países que têm um papel do Estado forte, como na Coreia do Sul, Japão, Taiwan e China, mas não devemos cair na armadilha de achar que todo mundo está uma perfeição. Setecentos milhões vivem numa China mais desenvolvida e outros setecentos milhões estão ainda no atraso muito grande.

Como o Brasil pode ser mais competitivo?

Quais são os problemas do Brasil? Você chega sempre à conclusão de que as desvantagens competitivas são nas áreas mais básicas. Em esferas mais sofisticadas, de acesso à tecnologia e qualidade da pesquisa científica, tem muita gente boa aqui no Brasil. O que falta são os pilares básicos de competitividade: qualidade do ensino primário, acesso à saúde, infraestrutura viária e de portos, de transporte e até rede elétrica. Tudo isso são coisas que deveriam ser cuidadas em primeiro lugar, como fizeram os países asiáticos. O Brasil avançou sem assentar as bases de um crescimento sustentável a longo prazo. Zelar pela qualidade do ensino requer um esforço maior da sociedade como um todo, não só do governo. A sociedade tem que apostar cada vez mais na educação primária, para não desperdiçar seres humanos que podem contribuir para o crescimento do País.

Onde está o nó da questão?

O nó da questão? O governo faz coisas demais no Brasil. Se em nossas próprias

vidas temos vinte tarefas num dia, a probabilidade de realizá-las todas bem é muito menor do que se tivermos uma ou duas. O governo é muito exigido no Brasil, a sociedade demanda muitos serviços. A controvérsia toda sobre Petrobrás, agora, uma das principais gigantes empresariais do mundo: ela é do Estado; grandes bancos são do Estado. Uma alternativa seria confiar mais no cidadão comum, ter menos regras para as empresas, menos entraves para o empreendedor, e mais foco nos problemas que mais afetam a competitividade internacional. Na Baixa Fluminense, 70% não têm acesso à rede de esgoto. Isso é uma coisa impossível de resolver? Não.

A tecnologia já é conhecida e o preço não é tão alto quanto foi no passado.

As populações carentes cresceram na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras, favelas se estabeleceram, sem rede de esgoto. Algum governo ou alguém quer que 70% não tenha acesso à rede de esgoto? Ninguém quer, mas falta o foco. Eu acho que a questão é a sociedade como um todo quer menos e criar uma lista de prioridades nacionais e atacá-las.

Falta comprometimento?

Talvez falte outra forma de focar. O governo planeja melhores escolas, caminhos, polos de desenvolvimento e não sai do papel. Por quê? Porque faltam recursos, tem outras demandas, as forças políticas atuando em outro sentido, empurrando o governo para outras prioridades, não tão óbvias quanto aquelas que eu mencionei, que deveriam ser as verdadeiras prioridades. E tem outro debate no Brasil, que é sobre corrupção, que acaba destruindo um pouco a confiança que

o cidadão precisa ter no governo. Além disso, é preciso rever um Estado que requer 40% do PIB de carga tributária para fazer muitas coisas. Mesmo dentro dos setores prioritários, como saúde, adianta só gastar ou o que é importante é a qualidade do gasto em saúde?

A sociedade ou o mercado deveria assumir parte das obrigações?

A sociedade deveria, sim, assumir, mas o quê? O Bolsa Família, como economista, vejo as evidências empíricas, o gasto e o resultado e concluo que são programas razoáveis, têm um alto retorno social e econômico. Mas, como o debate no Brasil é muito envenenado, quem não recebe Bolsa Família acha que quem recebe deveria perder esse direito. Mas o que favorece a classe média, o acesso gratuito à universidade, subsídios, pensões, emprego público, não querem cortar de jeito nenhum. São temas explosivos que eu colocaria na mesa, como também o papel das empresas estatais. Fora do escândalo de corrupção da Petrobras, o Estado precisa assumir esse ônus de ser o único que explora petróleo e ainda distribui gasolina e constrói refinarias? Isso é um papel essencial do Estado ou o mercado poderia assumir? O verdadeiro debate está no lado das despesas do governo. Falar da carga tributária sem falar de diminuição das obrigações do Estado é inútil.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



SOCIETY NEEDS TO CREATE A LIST OF NATIONAL PRIORITIES AND ACT ON THEM

What will be the future of Brazil after a fiercely disputed election in 2014? What does a more tumultuous political environment mean? Last year we also had a stagnated economy, which in 2015 means a bigger stumble towards the recovery of the economic growth. We have invited the economist Thomas Trebat, director of Columbia Global Center in Brazil, an agency based in Rio de Janeiro and linked to the University of Columbia, in New York, to speak about the subject.

What future does Brazil have considering the recent past?

The events of 2014, the elections and the World Cup; and, in 2013, the large street protests show a society that is in a strong process of change, in a very interesting evolution. They are symptoms of a society in search of a new way of presenting itself to the world; a Brazil that will meet the future once again. The world expects a Brazil that is more dynamic and more active in major global issues. At the same time, this engagement will change the country. Despite the tumult, the concerns with the economy, the dissatisfaction of the middle class, I think this is a historical process. What the end will be, I don't know, but I know the role of Brazil, at the end of 2015, in 2016, will be different to the one in recent years.

For how long have you been in Brazil?

Just over two years, but I have been studying the country for a long time. Brazil is and will always be the country of the future. Little by little this is becoming a reality. It already occupies a place in the political and cultural world, without mentioning the

economy and foreign trade. Also in the energetic sector Brazil occupies a more prominent place than in the past, in the world of the Latin American nations, which has an anxiety of working in a more united form. It is up to Brazil to lead in this process. All this is leading Brazil to change. It is already an exceptional country, but needs to take on a more important role in this globalized world in which we live. The Brazilian voice, even conflicting, at times, is very important to be heard in the global scenario.

Is it still important or does it oscillates?

In the long term you see a country that was once poor, less developed twenty or thirty years ago and has become almost a model of the global middle class. The main challenge is if it can continue to make progress, to be a developed country, in terms that are purely economic and social, in ten or fifteen years' time. This is the big conflict. A new Brazil is not born without pain.

The games company Nintendo does not want to continue selling in Brazil because of the tax burden.

I think it is difficult to judge this based on an isolated case. If Nintendo can find another emerging country with a better field, as an economist I think they should leave and go to a place in which their capital is employed in a more productive way. But I think Brazil continues to be a very important target for direct foreign investments. The business environment here needs to be improved and considerably, it is not as bad as China, India and in some places in Africa.

How can the business environment be improved?

I think you should not focus so much on the governors, but a little more on Brazil-

ian society. The tax burden is the other side of the coin, which is the demand for State services. The people expect services here in Brazil, like pensions, education, health, infrastructure, public employment... All this is very expensive. The debate on tax burden is not going anywhere until society sits down and says, well, the tax burden needs to be reduced, which services we can dismiss, what are the ministries... We do not need 39 ministries. But why do they exist? There is a lack of an honest debate in the country about what we should stop spending on. Without it the tax burden will not be able to reduce it but it will increase in Brazil.

How do you see the relationship between society and the Brazilian state?

I think there is a demand for services here. In America we have that tradition, which at times is bad, of little government. We see in the plans of Obama on health the political hurricane it is causing. In Brazil, this doesn't happen. We have a not so healthy minimalistic tradition of each one fends for himself, without the interference of the government. This makes the functions of our government smaller than those in Europe and in Brazil. I don't know if the USA is a good example for Brazil. Maybe it's Europe, where there is a tradition of the State providing health, education and security services, also in exchange for a high tax burden.

Do we need to choose a format?

These things don't change from one government to another, from one year to another. There is a long tradition here that the State works in the economy that really exceeds the American model. For this reason, I am more and more inclined to think that the examples for Brazil should be taken

ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista



LA SOCIEDAD PRECISA CREAR UNA LISTA DE LAS PRIORIDADES NACIONALES Y ATACARLAS

¿Qué futuro tiene Brasil después de la elección duramente disputada en 2014? ¿Qué significa un ambiente político más tumultuoso? También el año pasado tuvimos una economía estancada, lo que en 2015 significa un tropiezo mayor para recuperar el crecimiento económico. Para hablar sobre el asunto, convidamos al economista Thomas Trebat, director de Columbia Global Center en Brasil, órgano con sede en Rio de Janeiro y ligado a la Universidad de Columbia, en Nueva York.

¿Qué futuro tiene Brasil considerando el pasado reciente?

Los eventos de 2014, las elecciones y la Copa del Mundo; y, en 2013, las grandes protestas callejeras muestran una sociedad que está en un fuerte proceso de cambio, en una evolución muy interesante. Son síntomas de una sociedad en busca de un nuevo modo de presentarse al mundo; un Brasil que va nuevamente al encuentro del futuro. El mundo espera un Brasil más dinámico y más activo en los grandes asuntos globales. Al mismo tiempo, ese compromiso va a cambiar al país. A pesar del tumulto, de las preocupaciones con la economía, de la insatisfacción de la clase media, creo que este es un proceso histórico. Cuál será el fin, no lo sé, pero sé que el papel de Brasil, a fines de 2015, en 2016, será diferente del que ha sido en los años recientes.

¿Hace cuantos años que usted está en Brasil?

Hace poco más de dos años, pero estudio al país hace mucho tiempo. Brasil es y siempre será el país del futuro. Paulatinamente se está realizando. Ya ocupa un lugar en el mundo político y cultural, por

no hablar de la economía y del comercio internacional. También en el sector energético Brasil ocupa un lugar más importante que el que tenía en el pasado, en el mundo de las naciones latinoamericanas, que tienen una ansiedad de actuar de una forma más unida. Cabe a Brasil cierto liderazgo en ese proceso. Todo eso está llevando a Brasil a cambiar. Es un país excepcional, pero tiene que asumir un papel más importante en este mundo globalizado en que vivimos. La voz brasileña, incluso conflictiva, a veces, es muy importante para ser oída en el escenario global.

¿Continúa importante o oscila?

A largo plazo usted ve un país que era pobre, menos desarrollado hace veinte o treinta años y pasó a ser casi un modelo de la clase media global. El gran desafío es si podrá continuar progresando, para ser un país desarrollado, en términos puramente económicos y sociales, de aquí a unos diez o quince años. Ese es el gran conflicto. Un nuevo Brasil que no nace sin dolor.

La empresa de juegos Nintendo no quiere vender más en Brasil por causa de la carga tributaria.

Veo un poco difícil juzgar un caso aislado. Si Nintendo piensa que otro país emergente sea un campo mejor, como economista veo bien que ella vaya para donde su capital va a ser empleado de una forma más productiva. Pero entiendo que Brasil continúa siendo un blanco muy importante para inversiones extranjeras directas. El ambiente local de negocios, si bien precisa y debe ser muy mejorado, no es tan malo como en China, India, y muchos lugares de África.

¿Cómo mejorar el ambiente de negocios?

Opino que usted tiene que mirar no tanto para los gobernantes, sino un poco más

para la sociedad brasileña. La carga tributaria es la otra cara de la moneda, que es la demanda por servicios del Estado. El pueblo en Brasil, espera servicios, como pensiones, educación, salud, infraestructura, empleo público... Todo eso es muy caro. El debate sobre la carga tributaria no avanzará hasta que la sociedad se siente y diga, bueno, la carga tributaria tiene que ser disminuida, cuáles serán los servicios de los que podremos prescindir, cuales los ministerios... No precisamos de 39 ministerios. ¿Pero por qué existen? Falta en el país un debate honesto sobre lo que vamos a dejar de gastar. Sin él, la carga tributaria no solo no va a disminuir sino que aumentará en Brasil.

¿Cómo ve la relación de la sociedad con el estado brasileño?

Observo que aquí existe una demanda por servicios. En América tenemos aquella tradición, que algunas veces es mala, de poco gobierno. Vemos en los planes de Obama sobre salud el huracán político que están causando. En Brasil eso no sucede. Tenemos una, no siempre saludable, tradición minimalista de cada persona por sí misma, sin interferencia del gobierno. Eso hace que las funciones de nuestro gobierno sean menores que en Europa y Brasil. No sé si los Estados Unidos son un buen ejemplo para Brasil. Tal vez lo sea Europa, donde hay una tradición del Estado proveedor de servicios, de salud, educación y seguridad, a cambio, también, de una alta carga tributaria.

¿Nosotros precisamos elegir un modelo?

Esas cosas no cambian de un gobierno para otro, de un año para otro. Aquí existe una larga tradición de que el Estado actúe en la economía que excede mucho al modelo americano. Por eso, me inclino cada vez más a pensar que los ejemplos para Brasil deben ser extraídos de los países

ENGLISH

from more successful countries in Asia, or even in Europe. And not so much from the USA, which does not necessarily have to be the model. This is true for the whole world, if not everyone is going to think they are failing and are not recovering the space lost to the United States. Remove the USA from the equation and observe other countries with tradition of a more activist State.

Which country of Asia could be a model of efficiency?

The States of Asia have one thing that has always attracted me regarding Brazil. There is more concern with equality, without these extremes. In Asia there is a more equal form of distribution of incomes; these are countries that have the role of a strong State, like in the South Korea, Japan, Taiwan and China, but we cannot fall into the trap of thinking that everyone is perfect. Seven hundred million live in a more developed China and another seven hundred million are still lagging behind.

How can Brazil be more competitive?

What are the problems of Brazil? You always come to the conclusion that the competitive disadvantages are in the most basic areas. In the more sophisticated spheres, of access to technology and quality of scientific research, there are many good people here in Brazil. The basic pillars of competitiveness are missing: quality of primary education, access to health, road infrastructure and of ports, of transport and even the electric grid. All these are things that should be considered as a priority, like the Asian countries. Brazil has advanced without establishing the groundwork of a long-term sustainable growth. Concern for the quality of education requires a higher effort from society as a whole, not just of the government.

Society needs to believe more and more in primary education, so as not to waste any human beings that could contribute towards the growth of the Country.

What is the heart of the matter?

The heart of the matter? The government does too many things in Brazil. If in our personal lives we have twenty things to do in a day, the probability of doing them all well is much smaller than if we had one or two. The government is too requested in Brazil, society demands too many services. The whole controversy about Petrobras, now, one of the main corporate giants in the world: it belongs to the State; large banks belong to the State. One alternative would be to trust more in the common citizen, have fewer rules for companies, fewer obstacles for the entrepreneur, and more focus on the problems that mostly affect the international rivalry. In the Baixada Fluminense, 70% do not have access to the sewage system. Is this something impossible to resolve? No.

The technology is already known and the price is not as high as in the past.

The deprived populations have grown in the city of Rio de Janeiro and in other Brazilian cities, slums have set in, without a sewage system. Does any government or anyone want 70% not to have access to the sewage system? Nobody does, but focus is needed. I think that the question is that society as a whole should want less and create a list of national priorities and act on them.

Is there a lack of commitment?

Maybe another form of focus is lacking. The government plans better schools, paths, development centers and it all remains on the paper. Why? Because of a lack

of resources, there are other demands, the political forces are working in another direction, pushing the government towards other priorities, not as obvious as the ones I mentioned, which should be the real priorities. And there is another debate in Brazil, which is on corruption, which ends up destroying the little bit of trust the citizen needs to have in the government. In addition, it is necessary to review a State that requires 40% of the Gross Domestic Product (PIB) from tax burden to make things happen. Even in the priority sectors, like health, is it worth just spending or is the quality of the expenditure on health important?

Should society or the market assume part of the obligations?

Society should, but what? The Bolsa Família (Family Allowance), as an economist, I see the empirical benefits, the expenditure and the result and I conclude that they are average programs, with a high social and economic return. But, as the debate on Brazil is too inflamed, who doesn't receive the Bolsa Família thinks that those who receive it should lose this right. But what favors the middle class, the free access to university, subsidies, pensions, public employment, do not want it cut. These are explosive themes that I would put on the table, like the role of the state-owned companies. Outside the corruption scandal of Petrobras, should the State need to take on the onus of being the only one to exploit oil and also distribute petrol and build refineries? Is this an essential role of the State or could the market assume this? The real debate is on the side of the government's expenses. Speaking of tax burden without reducing the obligations of the State is useless.

ESPAÑOL

más exitosos de Asia, sino de Europa. Y no tanto de los Estados Unidos, que no tienen que ser necesariamente el modelo. Esto vale para el mundo entero, sino todos van a pensar que están fallando y no están consiguiendo recuperar el terreno perdido frente a los Estados Unidos. Saque a los EE.UU. de la ecuación y busque otros países con tradición de un Estado más activo.

¿Cuál país de Asia podría ser el modelo de eficiencia?

Los Estados de Asia tienen una cosa que siempre atrajo mi atención con respecto a Brasil. Hay más preocupación con la igualdad, sin esos extremos. En Asia hay una forma más igualitaria de distribución de renta; son países que tienen un papel de Estado fuerte, como Corea del Sur, Japón, Taiwán y China, pero no debemos caer en la trampa de pensar que todo el mundo es perfecto. Setecientos millones viven en una China más desarrollada y otros setecientos millones tienen aún un atraso muy grande.

¿Cómo Brasil puede ser más competitivo?

¿Cuáles son los problemas de Brasil? Usted llega siempre a la conclusión de que las desventajas competitivas están en las áreas más básicas. En esferas más sofisticadas, de acceso a la tecnología y calidad de la investigación científica, hay mucha gente buena aquí en Brasil. Lo que falta son los pilares básicos de competitividad: calidad de enseñanza primaria, acceso a la salud, infraestructura vial y de puertos, de transporte y hasta red eléctrica. Todo eso son cosas que deberían ser cuidadas en primer lugar, como hicieron los países asiáticos. Brasil avanzó sin sentar las bases de un crecimiento sustentable a largo plazo. Velar por la calidad de la enseñanza requiere un esfuerzo mayor de la socie-

dad como un todo, no solo del gobierno. La sociedad tiene que apostar cada vez más en la educación primaria, para no desperdiciar seres humanos que pueden contribuir para el crecimiento del país.

¿Dónde está el quid de la cuestión?

¿El nudo de la cuestión? El gobierno hace demasiadas cosas en Brasil. Si en nuestras mismas vidas tenemos veinte tareas en un día, la probabilidad de realizarlas todas bien es mucho menor que si tuviéramos una o dos. El gobierno está muy exigido en Brasil, la sociedad demanda muchos servicios. Toda esa controversia sobre Petrobras, ahora, una de las principales gigantes empresariales del mundo: ella es del Estado; grandes bancos son del Estado. Una alternativa sería confiar más en el ciudadano común, tener menos reglas para las empresas, menos obstáculos para el emprendedor, y más foco en los problemas que más afectan la competitividad internacional. En la Bajada Fluminense, 70 % no tiene acceso a la red cloacal. ¿Eso es una cosa imposible de resolver? No.

La tecnología ya es conocida y el precio no es tan alto como fue en el pasado.

Las poblaciones carentes crecieron en la ciudad de Rio de Janeiro y en otras ciudades brasileñas, se establecieron barrios de chabolas, sin red cloacal. ¿Algún gobierno o alguien quieren que 70 % no tenga acceso a la red cloacal? Nadie lo quiere, pero falta el foco. Pienso que la cuestión es que la sociedad, como un todo, quiera menos y crear una lista de prioridades nacionales y ejecutarlas.

¿Falta compromiso?

Tal vez falte otra forma de focalizar. El gobierno proyecta mejores escuelas, caminos, polos de desarrollo y eso no sale del

papel. ¿Por qué? Porque faltan recursos, hay otras demandas, las fuerzas políticas actuando en otro sentido, empujando al gobierno hacia otras prioridades, no tan obvias cuanto aquellas mencionadas anteriormente, que deberían ser las verdaderas prioridades. Y hay otro debate en Brasil, que es sobre corrupción, que acaba destruyendo un poco la confianza que el ciudadano precisa tener en el gobierno. Más allá de eso, es preciso rever un Estado que requiere 40 % del PIB de carga tributaria para hacer muchas cosas. Incluso dentro de los sectores prioritarios, como la salud; ¿sirve solo gastar o lo que es importante es la calidad del gasto en salud?

¿La sociedad o el mercado deberían asumir parte de las obligaciones?

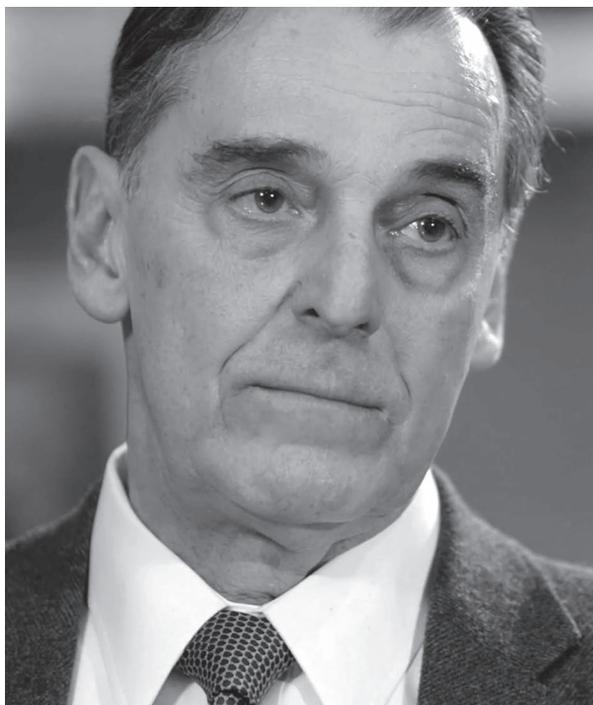
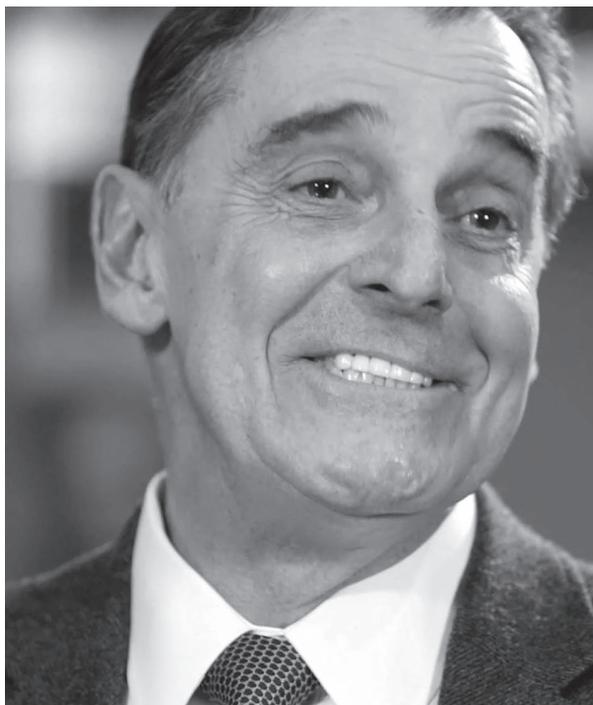
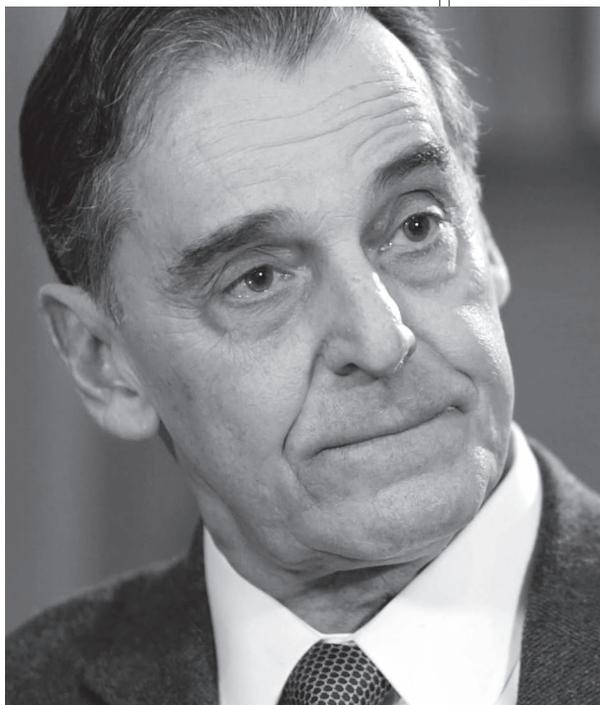
La sociedad debe asumir, sí, ¿pero qué? La Bolsa Familia, como economista, veo las evidencias empíricas, el gasto y el resultado y concluyo que son programas razonables, tienen un alto retorno social y económico. Pero, como el debate en Brasil es muy envenenado, quien no recibe Bolsa Familia piensa que quien lo recibe debería perder ese derecho. Pero lo que favorece a la clase media, el acceso gratuito a la universidad, subsidios, pensiones, empleo público, no lo quieren cortar de ninguna manera. Son temas explosivos que colocarían en la mesa, como también el papel de las empresas estatales. ¿Fuera del escándalo de corrupción de Petrobras, el Estado precisa asumir esa carga de ser el único que explota petróleo y también distribuye gasolina y construye refinerías? ¿Ese es un papel esencial del Estado o el mercado podría asumirlo? El verdadero debate está en el lado de los gastos del gobierno. Hablar de la carga tributaria sin disminuir las obligaciones del Estado es inútil.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O BRASIL TEM DE SER CAPAZ DE EMITIR TÍTULOS EM REAL A TAXA DE UM DÍGITO

A CONTABILIDADE SEMPRE FOI FERRAMENTA NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS. ESTÁ PRESENTE NO MUNDO DOS NEGÓCIOS, PARA AUMENTAR A PRODUTIVIDADE, OU MESMO EM AÇÕES GOVERNAMENTAIS. MAS QUANDO ACOMPANHADA PELA EXPRESSÃO “CRIATIVA”, ELA GANHA UM SENTIDO NEGATIVO, COMO NO CASO DA CONTABILIDADE DO GOVERNO BRASILEIRO, QUE MANIPULOU NÚMEROS PARA MAQUIAR OS GASTOS PÚBLICOS EM 2014. SÉRIEDADE E TRANSPARÊNCIA NAS RELAÇÕES ENTRE O GOVERNO E A SOCIEDADE BRASILEIRA SÃO ASSUNTOS DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR FERNANDO SOTELINO, DA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA, EM NOVA YORK.



Quais as consequências da “contabilidade criativa” que o governo brasileiro usou em 2014?

Qualquer ação desse tipo compromete a credibilidade e tem um custo. Mas o processo de conquista de credibilidade passa por mais do que apenas essa falha. A caminhada que o Brasil deve iniciar é uma de conquista da credibilidade fiscal a longo prazo, que nunca foi conseguida.

Estamos falando em plano de 20 anos?

O longo prazo se faz a curtos prazos bem-sucedidos. É importante ter a visão a longo prazo, para que as ações a curto prazo apontem nessa direção. Se a gente define o nosso objetivo como um desenvolvimento econômico robusto e sustentável, não de 0,5% ou 1%, mas de 4% ou 5% do PIB, com aumento das oportunidades de acesso social e sustentado, ano atrás de ano, é absolutamente fundamental o que eu chamaria de um sistema financeiro funcional para tanto. Um sistema capaz de oferecer crédito, a longo prazo em moeda doméstica, a taxas que suportem o investimento. Para isso, são necessárias várias pré-condições, mas existe uma que é absolutamente fundamental: é preciso que a curva de juros soberanos em moeda doméstica seja favorável. No caso do Brasil, nossos títulos do Tesouro de dez anos em reais pagam 12% a 13%. No México, 5%; na Indonésia, 7%; na Turquia, 7% ou 8%. A própria curva da dívida soberana brasileira é de 13%, para um país que tem uma inflação alvo de 4,5% e real de 6,5%. Há uma desconexão clara, que resulta de uma distância para a conquista da credibilidade fiscal a longo prazo.

Por que esses países conseguem condições melhores para suas dívidas?

O México, apesar de todos os seus problemas, e alguns até bem mais graves do que os que temos no Brasil, tem uma história de inflação de menos volatilidade e de conquistas fiscais. Sua administração de gastos públicos tem sido mais confiável, o que resulta em taxa bem menor do que a brasileira. Mas eu prefiro não fazer comparações entre países e dizer quem nós devemos copiar, porque os problemas são de natureza diferente. O raciocínio que precisamos fazer é: dado o que conhecemos do país e do mundo, quais ações precisam ser adotadas para que o Brasil possa crescer de maneira robusta e sustentada. O Brasil é um país de 200 milhões de habitantes, sétimo ou oitavo PIB do mundo, dependendo da taxa de câmbio. Possui grande grau de empreendedorismo, apesar das críticas legítimas que se fazem à incerteza nas questões energéticas e de regulação. Tem uma legalidade, um grau de institucionalidade superior a outros países. Se pegarmos todas as variáveis necessárias para que realmente tenha um sistema financeiro funcional, o Brasil aparece relativamente bem na fotografia. Mas aparece muito mal na curva de juros soberana. Como resolvemos esse problema? Existe o caminho das chamadas reformas estruturais, como a previdenciária, trabalhista e fiscal – e existe o caminho das pequenas ações, porque o processo político pode não permitir grandes reformas.

Quais seriam as pequenas ações?

Já existe muita pesquisa, muita coisa escrita, inclusive ações recentes, anunciadas pelo ministro Joaquim Levy, de ajustes previdenciários. São medidas

de melhor controle de gastos públicos. O Brasil já foi capaz, no passado, de conquistar a credibilidade fiscal a curto prazo, entre 1994 e 2002, principalmente após a Lei de Responsabilidade Fiscal, de 2000.

O senhor está se referindo ao governo Fernando Henrique?

Sim, coincidiu de ser o período Fernando Henrique, mas o que eu vejo do ponto de vista de política econômica e de finanças internacionais é o potencial de credibilidade fiscal sustentada para o Brasil. Em 1993 se anunciou com transparência o que seria o Plano Real. No dia 1º de julho de 1994 se introduziu uma moeda. As pessoas esquecem: a inflação foi de 2.000% ao ano para menos de 8%, mas a Selic ficou em 40%. O Real era um bebezinho de seis meses e houve uma crise no México. Problema até parecido com o brasileiro em 2002, de transição política. Aconteceu o Efeito Tequila. Qual foi a reação do Brasil para proteger o Real que estava atrelado ao dólar? Foi jogar os juros para 70% e colocar compulsórios até sobre ativos. Aconteceu a crise do sistema financeiro, os bancos mais fortes, como Itaú, Unibanco, Bradesco, compraram outros, bancos estrangeiros entraram, houve o custo do PROER e o custo do PROS, a privatização dos bancos estatais. Ainda aconteceram a crise da Ásia e a crise da Rússia. Quando chegamos em 1999, o Brasil era um país com uma dívida externa significativa, mas percebido como bom pagador. Após a maxidesvalorização a capacidade de exportação começou a gerar saldo na balança comercial, aconteceu um processo de redução gradual, mas continua da Selic. Aí houve a falta de chuva em 2001 e a transição política em 2002.

Com todos os temores que isso gerou.

Infelizmente o mercado interpretou aquela transição política como perigosa e causou uma crise cambial, apesar da Carta do Lula à Nação. Armínio Fraga, no Banco Central, levou a Selic que estava em 16% para 25% ou 30%. O Lula assume em janeiro, com uma inflação projetada de 20%, a Selic a quase 30%, o câmbio a quase R\$ 4. E aí o mercado descobre que os contratos iam ser respeitados e começa a se voltar ao ponto de partida. Ao mesmo tempo a locomotiva chinesa gerava saldos significativos para a balança comercial brasileira, o que permitiu um acúmulo de reservas significativo, que pelo menos foi preservado e transformou-se numa taxa de seguro em relação à estabilidade cambial brasileira. Aquele estoque era tão alto que, com a taxa de juros Selic a níveis razoáveis, continuou atraindo dinheiro e causou, talvez, uma apreciação exagerada do Real. A discussão de agora é no sentido de que cada medida, micro ou macro, seja consistente. Eu sugeriria que cada congressista brasileiro, deputado ou senador, pensasse o que precisamos fazer para que, daqui a dois ou cinco anos, o Brasil possa ser um país capaz de emitir títulos do Tesouro Nacional em moeda doméstica a taxa de um dígito, 9%.

No limite de um dígito.

No dia que o Brasil fizer isso, consistentemente, é porque várias outras coisas terão acontecido. Esse 9% vai virar 8%, 7%, 6% se a inflação-alvo for de 4,5% para 3%. Uma das coisas que atrapalha isso é que parte da poupança doméstica vai para o BNDES. Se não fosse, teríamos maior oferta de dinheiro para comprar títulos públicos e a Selic cairia mais. A discussão do investimento a longo

prazo, recai sobre a muleta chamada BNDES, criada ainda nos anos 1960. A compulsoriedade é uma muleta necessária nesse momento, mas precisamos nos desfazer dela. Outra realidade brasileira é que não apenas você tem essa curva soberana muito desfavorável e volátil, mas também, em cima dela, o custo financeiro de qualquer empréstimo no Brasil é muito alto. Financiar uma geladeira é 40% ou 50% ao ano, com uma taxa-alvo de 4,5%, inflação de 6,5% e Selic de 12,25%.

O problema do Brasil não é que tudo passa por Brasília?

A interferência do Estado na vida da sociedade é inevitável, mas ela pode ser mais transparente e com regras mais claras. Para um país federativo como o Brasil, com estados, municípios e governo federal, é impossível não ter um processo político complicado. Agora, as lideranças podem se mostrar mais obsessivas com a qualidade da administração pública. Se elegermos pessoas assim, elas serão agentes de mudança dos custos burocráticos.

A sociedade civil não se omite?

Eu acho que sim, falta uma discussão mais aprofundada. Frequentemente você tem no Brasil aquela discussão binária, por exemplo, de acabar com o BNDES ou o BNDES fazer tudo. A questão tem que ser uma de visão a longo prazo e saber se cada ação concreta contribui ou não para o objetivo.

O que dá para resolver rapidamente?

Acho que rapidamente muito pouco, mas tenho visto várias sugestões concretas que apontam na direção correta. Na questão da reforma previdenciária,

aposentadoria aos 65 ou aos 70 anos? Na questão da pensão para viúva ou para a família, aposentadoria integral ou um valor menor, dado que a família diminuiu de tamanho? Todas essas coisas são absolutamente legítimas e dariam uma contribuição material. Na questão da tributação, será que conseguimos migrar – coisa difícil, por causa dos estados e a Guerra Fiscal – de um processo fiscal complicado, cheio de impostos indiretos, que acabam aumentando o custo da produção, para impostos mais simplificados? Se você paga, em média, 30% de imposto na sua conta de luz ou 40% de imposto na sua geladeira, fazer isso migrar para um número um pouco menor, mas absolutamente transparente, facilita a decisão de consumo e faz o processo de arrecadação ser muito mais simples. Ainda na questão fiscal, existe o fato da injustiça, que é um ponto relevante: o fato de que realmente os ricos pagam pouco imposto no Brasil. Os mecanismos para evitar a tributação do imposto de renda aos 27,5% são muitos. A pessoa física brasileira com recursos no exterior pode diferir o imposto de renda dos seus rendimentos fora até trazê-los de volta para o Brasil. **Se você tem os seus investimentos numa holding no exterior, enquanto não trouxer os rendimentos de volta você não é tributado.** Há um percentual do PIB, de receita, a ser trazido imediatamente e que está sendo diferido internamente. A questão fiscal tem que ser tratada obsessivamente pelo lado do gasto e criteriosamente pelo lado da receita, buscando a eficácia e um pouco mais de justiça social. Com o cuidado de não passar do ponto, porque na hora que você começa a querer tributar exageradamente,



A discussão do investimento a longo prazo recai sobre a muleta chamada BNDES, criada nos anos 1960

acaba desacelerando o investimento. A busca desse ponto do pudim é que é a discussão fundamental.

Como planejar a longo prazo se as pessoas exigem resultados imediatos?

Esse não é um problema só brasileiro, está presente em todas as sociedades do mundo, inclusive algumas bastante ricas relativamente, como os próprios Estados Unidos. É um grande desafio, de estadista, tomar decisões boas para a sociedade a longo prazo e administrar as expectativas a curto prazo. Será menos difícil se nós conseguirmos ser mais objetivos no exame dos fatos. Isso exige transparência e aprendizado. A administração Lula, quando substituiu a administração Fernando Henrique, naqueles primeiros meses da transição antes da posse, aprendeu muito sobre o perigo que é ficar nas mãos do mercado. Aprendeu sobre a importância da credibilidade fiscal. Eu me lembro de uma capa do *The Economist* em que o Brasil era um foguete para cima.

Era o Cristo Redentor decolando.

Eu só escrevi, como assinante, para o *Economist*, duas vezes na vida. Depois daquela reportagem, eu mandei um bilhete para o editor do *The Economist*, dizendo basicamente o seguinte: “interessante reportagem, mas eu acho que vocês deixaram de registrar o que é o Calcanhar de Aquiles da economia brasileira”. E mencionei a incapacidade de emitir títulos a longo prazo do Tesouro Nacional em moeda doméstica a taxa de um dígito, que para mim é um termômetro claro, mesmo que a febre esteja baixa por outras razões. Quando a febre aumenta, aí o Brasil se assusta com a pneumonia e toma muito Melho-

ral. A pergunta que eu faço é: vamos viver de Melhoral? Para sempre operar abaixo da nossa capacidade máxima? Atacar a pneumonia significa ser um país com credibilidade fiscal a longo prazo. Menos burocracia vai ajudar. Sistema fiscal mais eficiente. Eliminar corrupção e gastos desnecessários. Nível de educação maior e debate político mais rico, tudo isso vai ajudar. O processo político é complexo e o melhor que se pode fazer é ajudar na discussão dos fatos para que mais gente os entenda de maneira completa. E fique mais difícil para o político enganar o povo.

A discussão tem de ser intelectualmente honesta?

Sim. O processo político eleitoral brasileiro recente foi muito agressivo, dividiu o País, mas trouxe à tona pontos importantes, que continuam na mesa para discutirmos e com aprendizado adicional para aqueles que estão no poder. Há que se ter a consciência de que o problema social brasileiro é grave. Nesse ponto, eu tenho uma opinião um pouco diferente da maioria das pessoas com relação à carga tributária no Brasil. Admito que ela é relativamente alta em relação a países emergentes, 36% do PBI, comparado com 20% do México. Mas dada a magnitude dos problemas sociais no Brasil, a falta de recursos para investimento em infraestrutura, se realmente quisermos ter um país robusto e desenvolvido vai ser muito difícil fazer esses 36% voltarem para 21%. O que se precisa fazer é arrecadar muito melhor esses 36% e gastá-los de uma maneira melhor ainda. A discussão política que vejo é muito binária. As classes mais ricas dizem que não dá para pagar mais porque vai ser malgasto.

Temos que partir do princípio que governo é para ser sério, e nós temos que acompanhá-lo, fiscalizá-lo e exigir que assim seja. Como nós queremos algumas coisas, tem que haver receita para isso. Vai sair da produção, do consumo ou da renda.



ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



BRAZIL NEEDS TO BE ABLE TO ISSUE SECURITY CERTIFICATES IN REALS AT A SINGLE-DIGIT INTEREST RATE

Accountancy has always been used for solving problems. It is harnessed to increase productivity in the business world, or even in government activity. Yet, when it is accompanied by the word "creative", it always acquires negative connotations, such as the case of accountancy in the Brazilian government, which manipulated figures in order to fake public spending levels in 2014. In this interview with the professor Fernando Sotelino, from Columbia University in New York, we look at the seriousness and transparency of the relations between the government and Brazilian society.

What are the consequences of "creative accountability", which the Brazilian government used in 2014?

Any activity of this kind is detrimental to fiscal credibility and ultimately, it has a cost. But the process of winning credibility cannot just be based on words. Brazil needs to adopt a strategy towards achieving long term fiscal credibility; something that has yet to be attained.

Are we talking about a twenty year plan?

Long term objectives are obtained through a number of successful short term plans. It is important to have long term vision so that the short term actions can lead in this direction. If we define our objective as achieving strong and sustainable economic development, not from 0.5% to 1%, but 4% to 5% of the GDP, with an increase of the opportunities of sustained social integration, year or year, it is absolutely fundamental

to have what I would call a functional financial system to this end. A system that is able to offer long term credit in national currency, at rates that boost the original investment. Several factors need to be in place in order for this to occur, yet there is one that is absolutely essential: the sovereign yield curves in national currency need to be favorable. In Brazil, our ten year national treasury bonds in Real are paid out at 12% to 13% (in Mexico, at 5%; in Indonesia, 7%, in Turkey, 7% or 8%). The sovereign debt in Brazil stands at 13%, for a country that has a target inflation of 4.5% and a real inflation of 6.5%. There is a clear disparity here, which shows that we have a long way to go in order to achieve long term fiscal credibility.

Why do these countries manage to improve the conditions for their debts?

Despite all the problems in Mexico, some of which are even more serious than in Brazil, they have a history of a less volatile inflation rate, alongside several tax conquests. Their administration of public spending has been more trustworthy, which results in much lower tax than in Brazil. But I prefer not to make comparisons between countries and to say who we should imitate this or that country because the problems are of a different nature. The logic we need to adopt is the following; on the one hand take into account what we know about the country and about the world, and on the other hand consider what actions need to be adopted in order for Brazil to grow in a robust and sustainable manner. Brazil has two hundred million inhabitants, alongside the seventh or eighth largest GDP in the world, depending on exchange rates. It has a large proportion

of entrepreneurs, despite the legitimate criticisms that are made regarding uncertainty surrounding energy issues and their regulation. There is a legal aspect, a degree of institutionally that is superior to other countries. If we take all the necessary variables in order to truly create a functional financial system, Brazil appears to be in a relatively good position. Yet it looks very poor on the sovereign yield curve. How can we solve this problem? There is the option of the so-called structural reforms, such as welfare, labor and tax reforms – and there is also the small scale actions option, since the political system does not accommodate large reforms.

What would the small scale actions be?

There is a lot of research and a good deal has been written about this issue, including recent actions announced by the minister Joaquim Levy, regarding the question of welfare reforms. They are measures that seek to improve the control on public spending. Brazil has been capable in the past of attaining fiscal credibility in the short term, between 1994 and 2002, namely following the Tax Liability Act in 2000.

Are you referring to the Fernando Henrique government?

Yes, it was during the Fernando Henrique government, but what I see from the perspective of economic policy and international finances, is the potential for sustained fiscal credibility in Brazil. In 1993 the 'Real Plan' was announced in a transparent manner. On the 1st of July 1994, the national currency was introduced. People forgot: inflation went from 2,000% per annum to less than 8%, whilst the Special Clearance and Escrow

ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista



BRASIL DEBE SER CAPAZ DE EMITIR TÍTULOS EN REALES A UNA TASA DE UN DÍGITO

La contabilidad siempre fue una herramienta para la solución de problemas. Está presente en el mundo de los negocios, para aumentar la productividad, o incluso en acciones gubernamentales. Pero cuando es acompañada por la expresión "creativa", ella gana un sentido negativo, como en el caso de la contabilidad del gobierno brasileño, que manipuló números para maquillar los gastos públicos en 2014. Seriedad y transparencia en las relaciones entre el gobierno y la sociedad brasileña son temas de la entrevista con el profesor Fernando Sotelino, de la Universidad de Columbia, en Nueva York.

¿Cuáles son las consecuencias de la "contabilidad creativa" que el gobierno brasileño usó en 2014?

Cualquier acción de ese tipo compromete la credibilidad y tiene un costo. Pero el proceso de conquista de credibilidad pasa por algo más que apenas esa falla. La caminata que Brasil debe iniciar es la de la conquista de la credibilidad fiscal a largo plazo, que nunca fue conseguida.

¿Estamos hablando de un plan de 20 años?

El largo plazo se hace con cortos plazos exitosos. Es importante tener la visión de largo plazo, para que las acciones a corto plazo apunten en esa dirección. Si la gente define a nuestro objetivo como un desarrollo económico robusto y sustentable, no de 0,5 % o 1 %, sino de 4 % o 5 % del PIB, con aumento de las oportunidades de acceso social y sustentado, año tras año, es absolutamente fundamental lo que yo llamaría de un sistema financiero

funcional para ello. Un sistema capaz de ofrecer crédito a largo plazo en moneda doméstica, a tasas que soporten la inversión. Para ello, son necesarias varias precondiciones, mas existe una que es absolutamente fundamental: es preciso que la curva de intereses de bonos soberanos en moneda doméstica sea favorable. En el caso de Brasil, nuestros títulos del Tesoro de diez años en reales pagan 12 % a 13 %. En México, 5 %; en Indonesia, 7 %; en Turquía, 7 % u 8 %. La misma curva de la deuda soberana brasileña es de 13 %, para un país que tiene una inflación objetivo de 4,5 % y real de 6,5 %. Hay una desconexión clara, que resulta de una distancia para la conquista de la credibilidad fiscal a largo plazo.

¿Porque estos países consiguen mejores condiciones para sus deudas?

México, a pesar de todos sus problemas, y algunos mucho más graves de los que tenemos en Brasil, tiene un historial de inflación de menos volatilidad y de conquistas fiscales. Su administración del gasto público ha sido más confiable, lo que resulta en una tasa mucho menor que la brasileña. Pero yo prefiero no hacer comparaciones entre países ni decir a quien nosotros debemos copiar, porque los problemas son de naturaleza diferente. El raciocinio que precisamos hacer es: dado lo que conocemos del país y del mundo, cuales acciones precisan ser adoptadas para que Brasil pueda crecer de manera robusta y sustentada. Brasil es un país de doscientos millones de habitantes, séptimo u octavo PIB del mundo, dependiendo de la tasa de cambio. Posee un elevado grado de emprendedorismo, a pesar de las críticas legítimas que se hacen a la inseguridad en las cuestiones energéticas y de regulación.

Posee una legalidad, un grado de institucionalidad superior a otros países. Si tomamos todas las variables necesarias para que realmente tenga un sistema financiero funcional, Brasil aparece relativamente bien en la fotografía. Pero aparece muy mal en la curva de intereses soberanos. ¿Cómo resolvemos ese problema? Existe el camino de las llamadas reformas estructurales, como la previsional, laboral y fiscal – y existe el camino de las pequeñas acciones, porque el proceso político puede no permitir grandes reformas.

¿Cuáles serían las pequeñas acciones?

Existe mucha investigación, mucha cosa escrita, incluso acciones recientes, anunciadas por el ministro Joaquim Levy, de ajustes previsionales. Son medidas de mejor control del gasto público. Brasil ya fue capaz, en el pasado, de conquistar la credibilidad fiscal de corto plazo, entre 1994 y 2002, principalmente después de la Ley de Responsabilidad Fiscal, del 2000.

¿Usted se está refiriendo al gobierno Fernando Henrique?

Sí, coincidió de ser el período Fernando Henrique, pero lo que yo veo desde el punto de vista de la política económica y de finanzas internacionales es el potencial de credibilidad fiscal sostenida para Brasil. En 1993 se anunció con transparencia lo que sería el Plan Real. El día 1º de julio de 1994 se introdujo una moneda. Las personas lo olvidan: la inflación fue de 2.000 % al año para menos de 8 %, pero la Selic quedó en 40 %. El Real era un bebito de seis meses y hubo una crisis en México. Un problema parecido con el brasileño en 2002, de transición política. Se produjo el Efecto Tequila. ¿Cuál fue la

ENGLISH

System (Selic) hit 40%. The Real had been in circulation for a mere six months and there was a crisis in Mexico. It was actually a problem that was quite similar to what happened in Brazil in 2002, since it was bound up with political change. It was known as the 'Tequila Effect'. What was Brazil's reaction in order to protect the Real, which was dependent on the dollar? They put interest up to 70% and even placed security deposits on assets. The financial crisis meant that major banks, such as Itaú, Unibanco, Bradesco, bought out others, foreign banks moved in, there was the cost of PROER and PROS, and this resulted in the privatization of state banks. There was even a crisis in Asia and in Russia. In 1999, Brazil was a country with a considerable external debt, and yet it was perceived as a good payer. After the hyper-devaluation of the export capacity began to weigh in the trade balance, a process of gradual reduction began to take place, and yet it continued in Selic. This was followed by a drought in 2001 and a change of government in 2002.

With all of the fears that this created.

Unfortunately, the market saw that government as lazy and ended up provoking an exchange crisis, despite Lula's open letter to the nation. Arminio Fraga, from the Central Brazilian Bank, brought Selic from 16% down to 25% or 30%. Lula came to office in January, with inflation predicted to reach 20%, with Selic at almost 30%, the exchange rate at almost \$4 Real. That is when the market discovers that the contracts were going to be respected and the old strategy was taken up again. At the same time, the rocketing Chinese economy generated a surplus for the Brazilian trade balance. This

allowed for a considerable reserve accumulation, which could at least be preserved and transformed into national reserve to secure the stability of the Brazilian exchange rate. That reserve was so high that with interest rate of Selic at reasonable levels, it continued to attract money and ended up perhaps even exaggerating the value of the Real. The debate is now focused on to what extent these measures, be it micro or macro, are consistent. I would suggest that each Brazilian congressman and congresswoman, deputies and senators, should think about what we need to do in order for Brazil to be in a position, in the next two or five years, to issue treasury bonds in Brazilian currency with a single-digit interest rate of 9%.

Single-digit safeguard.

The day that Brazil achieves this, consistently, it will be because a number of other factors are in place. This 9% will drop to 8%, 7%, 6% if the target inflation were to be set between 4.5% and 3%. One of the things that hinders this process is that part of the gross domestic savings go the Brazilian Development Bank. If this were not the case, we would have more money available to buy public bonds and the Selic rate would fall even more. The debate on long term investment is left to depend on the Brazilian Development Bank, which was created in the 1960's. The compulsory security deposits are currently a necessary support option, but we need to get rid of them. Another reality in Brazil is that not only do you have this highly unfavorable and volatile sovereign yield curve on the one hand, but on the other hand you have the high financial cost of any loan in Brazil. To finance a fridge, you are looking at 40% to 50% per

year, with a target interest of 4.5%, inflation of 6.5% and a Selic rate of 12.25%.

Isn't the problem that everything has to run past Brasilia?

The interference of the State in society is inevitable, but it can be made more transparent, with clearer regulation. For a federal country like Brazil, with state government, local councils and federal government, it is impossible not to have a complicated political system. However, leaders could show themselves to be more concerned with the quality of public administration. If we elect these kinds of individuals, they will be the agents that reduce bureaucratic costs.

Is civil society not left out?

Yes, I think so. We need a more profound debate. In Brazil, there is often a polarized debate, for example, to get rid of the Brazilian Development Bank, on the one hand, or on the other hand the argument that the Brazilian Development Bank does everything. The point is that there has to be a long term perspective, in which every single action may contribute (or not) to the overall objective.

What can we solve quickly?

I think we can quickly resolve a little bit, but I have seen several concrete suggestions that point in the right direction. When it comes to the pension reform, should the retirement age be at 65 or 70? When it comes to pensions for widows or for families, do we need to consider a full retirement plan or a reduced amount, seeing as the family has less members? All of these things are completely legitimate and they would represent a considerable change. When it comes to taxes, would it be possible to change – despite

ESPAÑOL

reacción de Brasil para proteger al Real que estaba atado al dólar? Fue subir la tasa de interés para 70 % y colocar “compulsorios” (depósitos obligatorios) hasta sobre los activos. Se produjo la crisis del sistema financiero, los bancos más fuertes, como Itaú, Unibanco, Bradesco, compraron a otros, ingresaron bancos ex-

tora china generaba saldos significativos para la balanza comercial brasileña, lo que permitió una acumulación de reservas significativa, que por lo menos fue preservada y se transformó en una tasa de seguro en relación a la estabilidad cambiaria brasileña. Aquel stock era tan alto que con la tasa de interés Selic a ni-

veles razonables, continuó atrayendo dinero y acabó causando, tal vez, una valorización exagerada del Real. La discusión actual es en el sentido de que cada medida, micro o macro, sea consistente. Yo sugeriría que cada congresista

brasileño, diputado o senador, pensara lo que precisamos hacer para que, de aquí a dos o cinco años, Brasil pueda ser un país capaz de emitir títulos del Tesoro Nacional en moneda doméstica a una tasa de un dígito, 9 %.

En el límite de un dígito.

El día que Brasil haga eso, consistentemente, es porque muchas otras cosas habrán sucedido. Ese 9 % va a ser 8 %, 7 %, 6 % si la inflación-objetivo es de 4,5 % para 3 %. Una de las cosas que impide eso es que parte del ahorro doméstico va para el BNDES. Si no fuese así, tendríamos mayor oferta de dinero para comprar títulos públicos y la Selic caería más. La discusión de la inversión a largo plazo, recae sobre la muleta llamada BNDES, creada en los años 1960. La obligatoriedad es una muleta necesaria en este momento, pero precisamos deshacernos de ella. Otra realidad brasileña es que usted no solo tiene esa curva soberana muy desfavorable y volátil, sino también, arriba de ella, el costo financiero de cualquier préstamo en Brasil es muy

alto. Financiar una heladera es 40 % o 50 % al año, con una tasa-objetivo de 4,5 %, inflación de 6,5 % y Selic de 12,25 %.

¿El problema de Brasil no es que todo pasa por Brasilia?

La interferencia del Estado en la vida de la sociedad es inevitable, pero ella puede ser más transparente y con reglas más claras. Para un país federativo como Brasil, con estados, municipios y gobierno federal, es imposible no tener un proceso político complicado. Ahora, los lideratos pueden mostrarse más obsesivos con la calidad de la administración pública. Si elegimos personas así, ellas serán los agentes del cambio de los costos burocráticos.

¿La sociedad civil no se omite?

Yo creo que sí, falta una discusión más profunda. Frecuentemente usted tiene en Brasil aquella discusión binaria, por ejemplo, de acabar con el BNDES o el BNDES hacerlo todo. La cuestión tiene que ser una visión a largo plazo y saber si cada acción concreta contribuye o no para el objetivo.

¿Qué se puede resolver rápidamente?

Estimo que rápidamente muy poco, pero he visto varias sugerencias concretas que apuntan en la dirección correcta. ¿En la cuestión de la reforma previsional, jubilación a los 65 o a los 70 años? En la cuestión de la pensión para la viuda o para la familia, ¿jubilación integral o un valor menor, dado que la familia disminuyó de tamaño? Todas esas cosas son absolutamente legítimas y darían una contribución material. En el tema de la tributación, ¿conseguiremos migrar – cosa difícil, por causa de los estados y la Guerra Fiscal – de un proceso fiscal

BRASIL YA FUE CAPAZ, EN EL PASADO, DE CONQUISTAR LA CREDIBILIDAD FISCAL DE CORTO PLAZO

tranjeros, se produjo el costo del PROER y el costo del PROS, la privatización de los bancos estatales. También se produjeron las crisis de Asia y de Rusia. Cuando llegamos a 1999, Brasil era un país con una deuda externa significativa, pero percibido como buen pagador. Después de la maxidevaluación la capacidad de exportación comenzó a generar saldo en la balanza comercial, se produjo un proceso de reducción gradual, pero continua de la Selic. Allí surgió la falta de lluvia en 2001 y la transición política en 2002.

Con todos los temores que eso generó.

Infelizmente el mercado interpretó aquella transición política como peligrosa y acabó causando una crisis cambiaria, a pesar de la Carta de Lula a la Nación. Armínio Fraga, en el Banco Central, llevó la Selic que estaba en 16 % para 25 % o 30 %. Lula asume en enero, con una inflación proyectada de 20 %, la Selic a casi 30 %, el cambio a casi R\$ 4. Y allí el mercado descubre que los contratos iban a ser respetados y comienza volver al punto de partida. Al mismo tiempo la locomo-

ENGLISH

the difficulties implied by the states system and the Tax War – from a complicated tax system, wrought with indirect taxes, which end up increasing production costs, to a more simplified tax system? If you pay an average of 30% tax on your electricity bill or 40% on your fridge, reducing this figure in a completely transparent manner simplifies the consumer's decision and makes tax payment much simpler. There is still the injustice factor when it comes to the tax issue, which is a relevant point. The fact remains that the very wealthy pay low taxes in Brazil. There are many mechanisms brought in order to avoid income tax at 27.5%. The Brazilian individual taxpayer with assets abroad is able to defer their income tax payments on their earnings abroad until they reinvest them in Brazil. If you have your investments in a holding abroad, you are not taxed on them until you bring them back to Brazil. There is a percentage of the GDP, of revenue, that despite being recalled immediately, it is being internally deferred. The tax issue needs to be dealt with in detail, not only when it comes to spending but also using revenue criteria, striving for efficiency and more social justice. We also need to be careful not to cross the line because when you start to raise taxes too high, you end up decelerating investment. That is the crux of the matter.

How can we make long term plans if people demand immediate results?

This is not purely a problem in Brazil, it is an issue in all societies all over the world, including in some relatively rich countries, like the United States. It is a great challenge for a politician to make informed decisions for society in the long term and deal with expectations in

the short term. It would be easier if we came up with more clear objectives after analyzing the facts. This requires transparency and experience. Take the Lula government, on taking over from the Fernando Henrique administration. In those first few months of this transition phase before the takeover, Lula learned a lot about the dangers of getting involved with the market. He learned the importance of credibility. I remember a front cover of *The Economist* in which Brazil was portrayed as a rocket.

It was the Christ the Redeemer statue taking off.

I have only written as a subscriber for *The Economist* twice in my life. After that article, I sent a short letter to the editor of *The Economist*, basically saying the following: "Interesting article, but I think you forgot to portray the Achilles Heel of Brazilian economy." I mentioned the incapacity to issue long term bonds from the National Treasury in national currency at single-digit interest, which for me is a clear temperature indicator, even if the fever is low for other reasons, so to speak. When the fever increases, Brazil gets scared about pneumonia and takes medication. The point that I am making is: are we going to live on medication? Are we always going to work below our minimum capacity? Treating pneumonia means being a country with long term fiscal credibility. Reduced bureaucracy will help matters. So will a more efficient tax system, as well as eliminating corruption and unnecessary spending. A better level of education and a richer political debate will also help turn things around. The political system is complex and the best we can do is make our contribution by discussing the facts so that

people understand better what is going on. This makes it more difficult for the politician to deceive the general public.

Does the debate need to be intellectually honest?

Yes. The recent elections in Brazil were very aggressive, and divided the country, but they brought important issues to the surface, which are still on the table to be discussed, with the additional experience of those that are in power. We need to raise awareness that the social problem in Brazil is serious. On this point I have a slightly different opinion than most people in relation to taxes in Brazil. I admit that they are relatively high in relation to developing countries, at 36% of the GDP, compared with 20% in Mexico. But given the magnitude of the social problems in Brazil, there is a lack of resources for investment in infrastructure, for example. If we really want a strong, well-developed country, it is going to be extremely difficult to bring this 36% down to 21%. It is necessary to levy this 36% much more effectively and control how it is spent even more carefully. In my opinion, the political debate is extremely polarized. The wealthier classes claim that it is impossible to pay more because it would be spent erroneously. We need to back the idea that the government is there to do a serious job and we need to support it, control it and demand that it does so. Since we have certain demands, there has to be revenue for it. It has to come from either production, or consumption or income.

ESPAÑOL

complicado, lleno de impuestos indirectos, que acaban aumentando el costo de producción, para impuestos más simplificados? Si usted paga, en promedio, 30 % de impuesto en su cuenta de luz o 40 % de impuesto en su heladera, hacer eso migrar para un número un poco menor, pero absolutamente transparente, facilita la decisión de consumo y hace que el proceso de recaudación sea mucho más simple. Todavía en la cuestión fiscal, existe el hecho de la injusticia, que es un punto relevante: el hecho de que realmente los ricos pagan pocos impuestos en Brasil. Los mecanismos para evitar la tributación del impuesto de renta a los 27,5 % son muchos. La persona física brasileña con recursos en el exterior puede diferir el impuesto de renta de sus rendimientos afuera hasta traerlos de vuelta para Brasil. Si usted tiene sus inversiones en un holding en el exterior, mientras usted no las traiga de vuelta no es tributado. Hay un porcentaje del PIB, de recaudación, a ser traído inmediatamente y que está siendo diferido internamente. La cuestión fiscal tiene que ser tratada obsesivamente por el lado del gasto y criteriosamente por el lado de la recaudación, buscando la eficacia y un poco más de justicia social. Con el cuidado de no pasar del punto, porque en la hora que usted comienza a querer tributar exageradamente, acaba desacelerando la inversión. La busca de ese punto de la torta es la discusión fundamental.

¿Cómo planear a largo plazo si las personas exigen resultados inmediatos?

Ese no es tan solo un problema brasileño, está presente en todas las sociedades del mundo, inclusive algunas bastante ricas relativamente, como el mismísimo Esta-

dos Unidos. Es un gran desafío, de estadista, tomar buenas decisiones para la sociedad a largo plazo y administrar las expectativas a corto plazo. Será menos difícil si conseguimos ser más objetivos en el examen de los hechos. Eso exige transparencia y aprendizaje. La administración Lula, cuando substituyó a la administración de Fernando Henrique, en aquellos primeros meses de la transición previos a la pose, aprendió mucho sobre el peligro que es quedar en las manos del mercado. Aprendió sobre la importancia de la credibilidad fiscal. Yo recuerdo una tapa de *The Economist* en que Brasil era un cohete apuntando hacia arriba.

Era el Cristo Redentor decolando.

Yo solo escribí, como suscriptor, para el *Economist*, dos veces en la vida. Después de aquel reportaje, mandé una nota para el editor del *Economist*, diciendo básicamente lo siguiente: "interesante reportaje, pero creo que ustedes dejaron de registrar lo que es el Talón de Aquiles de la economía brasileña". Y mencioné la incapacidad de emitir títulos a largo plazo del Tesoro Nacional en moneda doméstica a una tasa de un dígito, que para mí es un termómetro claro, incluso aunque la fiebre esté baja por otras razones. Cuando la fiebre aumenta, allí Brasil se asusta con la neumonía y toma mucho Mejoral. (mucho aspirina) La pregunta que formulo es: ¿vamos a vivir de Mejoral? ¿Para operar siempre abajo de nuestra capacidad máxima? Atacar la neumonía significa ser un país con credibilidad fiscal a largo plazo. Menos burocracia va a ayudar. Un sistema fiscal más eficiente. Eliminar la corrupción y los gastos innecesarios. Un nivel de educación mayor y un debate político más rico, todo eso va a ayudar. El proceso político es complejo y

lo mejor que se puede hacer es ayudar en la discusión de los hechos para que más gente los entienda de manera completa. Y se haga más difícil para el político poder engañar al pueblo.

¿La discusión tiene que ser intelectualmente honesta?

Sí. El proceso político electoral brasileño reciente fue muy agresivo, dividió al país, pero incorporó puntos importantes, que continúan en la mesa para ser discutidos y con una enseñanza adicional para aquellos que están en el poder. Hay que tomar conciencia de que el problema social brasileño es grave. En este punto tengo una opinión un poco diferente de la mayoría de las personas con relación a la carga tributaria en Brasil. Admito que ella es relativamente alta en relación a otros países emergentes, 36 % del PBI, comparado con 20 % de México. Pero dada la magnitud de los problemas sociales en Brasil, la falta de recursos para invertir en infraestructura, si realmente queremos tener un país robusto y desarrollado va a ser muy difícil hacer que ese 36 % vuelva para 21 %. Lo que es preciso hacer es recaudar mucho mejor ese 36 % y gastarlo de una manera todavía mejor. La discusión política que observo es muy binaria. Las clases más ricas dicen que no pueden pagar más porque va a ser malgastado. Tenemos que partir del principio que el gobierno debe ser serio, y nosotros tenemos que acompañarlo, fiscalizarlo y exigir que así sea. Como nosotros queremos algunas cosas, tiene que haber recaudación para ello. Va a salir de la producción, del consumo o de la renta.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

OS PAÍSES NÃO PROGRIDEM NA BASE DE LOTERIA COM O PRÉ-SAL

A EFICIÊNCIA ADMINISTRATIVA DO GOVERNO BRASILEIRO PASSA POR UMA QUESTÃO DE ESCOLHA DA SOCIEDADE. NA OPINIÃO DO ECONOMISTA E PROFESSOR BRASILEIRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE DE HARVARD, FILIPE CAMPANTE, SER GRANDE E EFICIENTE REQUER ESCOLHAS QUE NÃO NECESSARIAMENTE VÃO AGRADAR A TODOS. ELE DEFENDE REFORMAS POR MEIO DE MUITAS PEQUENAS MUDANÇAS QUE, SOMADAS, PODERIAM ALTERAR O EQUILÍBRIO SOCIAL.



O Brasil será sempre um país do futuro?

É uma velha piada essa, dizer que o Brasil é o país do futuro, e sempre será. Durante um bom tempo o Brasil esteve vivendo de crise em crise de uma forma tal que até isso ficou meio esquecido. Então, eu vejo de uma forma relativamente positiva que se volte a discutir o futuro. Poucos anos atrás as pessoas estavam mais eufóricas e agora acho que houve certa correção nas expectativas. Olhando por esse arco um pouco mais longo da história, há trinta anos, quando eu era criança, sentia que as pessoas quase tinham desistido do Brasil. Por isso, acho bom que agora estejam frustradas e, de certa forma, indignadas, querendo mais. O Brasil pode ser muito mais do que é.

A expectativa positiva em relação ao Brasil ocorreu na época em que a *The Economist* colocou o Cristo Redentor decolando. Depois voltou atrás.

A Economist é uma representante bastante fidedigna da percepção mais geral que se tinha e que se tem do Brasil, visto de fora. Dentro do Brasil também houve um movimento semelhante, um excesso de otimismo num determinado momento e a correção desse otimismo, que pode transitar para um pessimismo exagerado ou não. Isso ainda não está claro. A euforia era um pouco desmedida, exagerada, tanto dentro do Brasil como fora.

Nós somos influenciados pelo que os outros pensam da gente?

Eu me lembro de quando o Ayrton Senna representava o Brasil no exterior e trazia orgulho. Eu acho que o passado é importante, as ciências sociais mostram de

forma convincente que ele deixa rastros fortes e condiciona determinadas trajetórias e escolhas. Mas existem escolhas. O passado não é uma maldição que você está condenado a carregar independentemente de suas escolhas.

O que há de errado no Estado brasileiro?

A sociedade brasileira tem uma relação um pouco esquizofrênica com o Estado. Ela espera uma enormidade do Estado, que deveria ser capaz de prover tudo. O grande problema do Estado brasileiro é o descompasso entre o que se espera dele e o que ele é capaz de atingir. Não diria que é um Estado tão somente ineficiente, incapaz e incompetente. Tem vários nichos e dimensões nos quais o Estado brasileiro é extremamente eficiente e capaz. Basta olhar a Receita Federal, que consegue arrecadar impostos de uma forma que países com mais desenvolvimento não conseguem. Por que o Estado brasileiro tem que arrecadar tanto? Porque gasta enormemente, em larga medida porque a sociedade quer assim. Escolhas sociais são feitas nessa direção. O problema seria mais fácil de resolver se fosse apenas uma questão de ineficiência, incompetência ou corrupção. O Estado brasileiro é o que a sociedade quer que ele seja.

Mas os serviços são ruins, não?

É mais complicado do que isso. Por exemplo, a Polícia Federal. Você pode fazer enormes queixas em relação ao controle das fronteiras, mas eu poderia ouvir as mesmas queixas aqui nos Estados Unidos. A Polícia Federal, eu não sou especialista, mas tenho visto ações de alto impacto que a maioria das pessoas consideraria desejáveis, inclusive do

ponto de vista do combate à corrupção. A questão da saúde. Em várias medidas, é um desastre. Agora, o Programa Saúde da Família é um exemplo mundial. Também o programa de medicamentos para o HIV. Se o cidadão é soropositivo, um dos melhores lugares do mundo para o cara estar é no Brasil. Ele tem o tratamento pago pelo governo, recebe o medicamento direitinho. Às vezes se escuta sobre um juiz que manda o governo pagar um tratamento que custa cem mil dólares por mês, porque está na Constituição que o Estado tem que prover a saúde. Isso custa dinheiro e tem que sair de algum lugar.

Não há escolhas equivocadas?

Muitas são. Muitos erros advêm do fato de que não se tem clareza a respeito das escolhas que estão sendo feitas. Tem uma parte também que chamaríamos de economia política dessas questões, porque mudar essas escolhas gera ganhadores e perdedores. Veja outro exemplo que acho ilustrativo: o Brasil gasta uma porcentagem do PIB com pensões que é da mesma ordem do que a França gasta, sendo que a população do Brasil tem um perfil demográfico muito mais jovem que da França. O Brasil gasta muito com pensões, poderia diminuir um pouco isso e gastar mais com as crianças, melhorar a educação básica. Mas como fazer isso? Cortar as pensões? E os direitos adquiridos?

Os sul-coreanos lá no passado fizeram essa escolha.

Fizeram, mas é uma escolha dura, cortar direitos das pessoas, de quem trabalhou a vida inteira. Não é uma escolha simples, embora possa parecer. Quem é contra investir nas crianças?



Fora Herodes, ninguém. Mas na hora que precisa tirar dinheiro de algum lugar para colocar ali, você vê que tem gente perdendo com isso.

Falta coragem para tomar decisões?

Seria um pouco simplista e equivocada dizer que se trata apenas de uma questão de falta de coragem – a famosa vontade política. Eu acho que é muito difícil separar o governante da sociedade. A evidência mais convincente na ciência social a esse respeito é de que a identidade do governante, a liderança, importa muito mais em regimes não democráticos do que nas democracias. Por quê? Porque na democracia você tem uma conexão muito mais forte entre o líder e o liderado. O líder está mais circunscrito à realidade política. Pode tentar fazer e não se eleger. Claro, se você tem um Nelson Mandela, é fantástico, mas são poucos os Nelson Mandelas. Não acho positiva essa visão meio sebastianista de esperar pelo líder. Os países mais bem-sucedidos em prover bons serviços e boas condições para seus cidadãos não dependem tanto de líderes para fazer isso.

A lógica paternalista é muito grande ainda no Brasil e o Estado está acostumado?

O Estado não existe como ente separado. A sociedade, de certa forma, demanda isso e o Estado é o que a sociedade produz.

A burocracia não podia ser menor?

Sim. O cartório, por exemplo. Sempre conto a história de um amigo sueco aqui do meu escritório, que precisava mandar uns documentos para a Suécia e pediu para eu autenticar as có-

pias. Na Suécia é assim, você pede para qualquer cidadão e o cara dá fé de que aquilo é legítimo. Eu fiquei chocado. Imagina se isso fosse no Brasil. Mas não adianta você tentar transplantar a realidade sueca para o Brasil, porque não vai funcionar. Existe uma burocracia extremamente elevada no Brasil. Há alguns anos, eu passei um ano no Brasil e fiquei realmente exasperado com os cartórios, onde você tem que pagar e há um cara que vive daquele monopólio de carimbo.

E normalmente o atende com mal humor.

É uma coisa terrível. Agora, aquilo existe dentro de um contexto e de um equilíbrio social, o que não justifica o imobilismo. Existe muito espaço no Brasil para reduzir a burocracia. Não precisa virar a Suécia, mas tem muita coisa que você pode fazer. O grande desafio é tentar mudanças marginais, pequenas. Quando você tem cem medidas pequeninas, aí você tem uma grande. É mais do que isso, porque você pode, de certa forma, mudar o equilíbrio social. Até a corrupção ou crime são fenômenos que vão um pouco nessa direção. Se todo mundo é corrupto, o custo para cada indivíduo ser corrupto é razoavelmente pequeno. Ele pensa: se eu roubar um pouquinho aqui ninguém vai notar, porque todo mundo faz igual. Por outro lado, se ninguém é corrupto, a chance de ele ser pego é maior, o opróbio social vai ser maior. Quando você tem uma situação assim, muitas vezes medidas relativamente pequenas conseguem levá-lo de um equilíbrio ruim para outro melhor. É nesses termos que devemos pensar. O todo é maior que a soma das partes.

Também não é uma questão de falta de recursos.

O problema do Estado brasileiro realmente não é de falta de dinheiro. Você tem que traçar uma distinção entre o governo federal e os níveis abaixo no esquema federativo. No plano dos municípios menores, falta capacitação, o que é um reflexo da relativa escassez de qualificação na sociedade como um todo. Quem é o funcionário público da prefeitura? Na medida em que existe esse problema de falta de qualificação no Estado brasileiro, ele é marcante no nível municipal e estadual e em menor grau no governo federal. Existe na iniciativa privada também, que luta contra a escassez de mão de obra qualificada.

A loteria do pré-sal que o Brasil ganhou pode ajudar na solução desse problema?

Sim, só que agora o preço do óleo despençou. É impressionante, quando se começou a falar nos recursos do pré-sal, começou-se a gastar por antecipação e teve um famoso pega pra capar, todo mundo querendo o seu, a luta dos royalties. Existe esse fenômeno da maldição dos recursos naturais. Há países que descobrem petróleo e aí, na verdade, vão para o buraco. Eu costumo brincar que no pré-sal você estava vendo a maldição dos recursos naturais em tempo real no Brasil. Agora vamos dar 10% do PIB para a educação. Mas espera aí, será que o problema da educação é de falta de recursos? A educação no Brasil é pior do que na Finlândia porque o Brasil gasta menos? Essa discussão não só não vem à tona, como é abafada pela euforia da loteria. Os países não progridem na base da loteria.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



COUNTRIES DO NOT PROGRESS AS A RESULT OF AN OIL AUCTION

The efficiency of the administration of the Brazilian government boils down to the question of choices made by society. In the opinion of the Brazilian economist and professor of public policy at Harvard University, Filipe Campante, being big and efficient demands choices that are not necessarily going to please everyone. He defends reforms that come about as a result of many small changes, which together can alter the balance of society.

Will Brazil always be the country of the future?

That's an old joke, to say that Brazil is the country of the future, and that it always will be. For a long time Brazil was living from crisis to crisis, to such an extent that our future was sort of forgotten. So I think it's quite positive that we're discussing the future again. A few years ago, people were more euphoric and now I think that there has been a certain let down in expectations. Looking back a bit further over history, to thirty years ago, when I was a child, I felt that people had almost given up in Brazil. That is why I think it's positive that they are frustrated, and to some extent, resentful, wanting more. Brazil can be a lot more than it currently is.

The positive expectations surrounding Brazil took place at a time when the Economist portrayed the Christ the Redeemer statue taking off like a rocket on its front page. But this climate later took a plunge.

The Economist is quite a reliable representation of the general perception of Brazil at that time, seen from abroad.



Within Brazil, there was also a similar movement, of an excess of optimism at a given moment in time and then the abandonment of this optimism, which may sink into an exaggerated pessimism or not. This remains to be seen. The euphoria was slightly out of place and exaggerated, both in Brazil and abroad.

Are we influenced by what people think of us?

I remember when Ayrton Senna represented Brazil abroad and made us proud. I think that the past is important, and social sciences show this convincingly; how the past leaves strong traces and conditions certain paths and choices. But these choices exist. The past is not a curse that you are condemned to carry as a burden, regardless of the choices you make.

What is wrong with the Brazilian State? Brazilian society has a slightly schizophrenic relation with the State. It has

huge expectations regarding the State; that it should be capable of providing everything. The main problem with the Brazilian State is the disparity between what is expected of it and what it is able to achieve. I wouldn't say that it is a totally inefficient, incapable and incompetent State. There are several niches and dimensions in which the Brazilian State is extremely efficient and competent. Just take a look at the Federal Revenue Service, which is able to levy taxes in a way that more developed countries fail to do. Why does the Brazilian State have to charge so many taxes? Because its costs are vast, and mainly because society wants it that way. There are social choices. The problem would be easier to resolve if it was purely a question of inefficiency, incompetence or corruption. The Brazilian State is what society wants it to be.

But services are terrible aren't they?

It is more complicated than that. Take the Federal Police Force, for example.



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

LOS PAÍSES NO PROGRESAN SOBRE LA BASE DE LOTERÍA CON EL PRE-SAL

La eficiencia administrativa del gobierno brasileño pasa por una cuestión de elección de la sociedad. En la opinión del economista y profesor brasileño de políticas públicas de la Universidad de Harvard, Filipe Campante, ser grande y eficiente requiere elecciones que no necesariamente agradarán a todos. Él defiende reformas por medio de muchos pequeños cambios que, sumados, podrían alterar el equilibrio social.

¿Brasil será siempre el país del futuro?

Es un antiguo chiste este, decir que Brasil es el país del futuro, y siempre lo será. Durante un buen tiempo Brasil estuvo viviendo de crisis en crisis de una forma tal que hasta eso quedó medio

La expectativa positiva en relación a Brasil ocurrió en la época en que la Economist colocó al Cristo Redentor decolando. Después volvió atrás.

La Economist es una representante bastante fidedigna de la percepción más general que se tenía y que se tiene de Brasil, visto desde afuera. Dentro de Brasil también hubo un movimiento semejante, un exceso de optimismo en un determinado momento y la corrección de ese optimismo, que puede transitar para un pesimismo exagerado o no. Eso aún no está claro. La euforia era un poco desmedida, exagerada, tanto dentro del Brasil como fuera.

¿Somos influenciados por lo que los otros piensan de nosotros?

Yo recuerdo cuando Ayrton Senna representaba a Brasil en el exterior y acarrearía orgullo. Considero que el pasado es importante, las ciencias sociales muestran de forma convincente que él deja fuertes rastros y condiciona determinadas trayectorias y elecciones. Pero existen alternativas. El pasado no es una maldición que usted está condenado a cargar independientemente de sus elecciones.

¿Qué está equivocado en el Estado brasileño?

La sociedad brasileña tiene una relación un poco esquizofrénica con el Estado. Ella espera una enormidad del Estado, que debería ser capaz de proveerlo todo. El gran problema del Estado brasileño es la discordancia entre lo que se espera de él y lo que él es capaz de alcanzar. No diría que es un Estado tan solo inefi-

ciente, incapaz e incompetente. Existen diversos nichos y dimensiones en las cuales el Estado brasileño es extremadamente eficiente y capaz. Basta observar a la Receita Federal, que consigue recaudar impuestos de una forma que países con mayor desarrollo no consiguen. ¿Por qué el Estado brasileño tiene que recaudar tanto? Porque gasta enormemente, en gran medida porque la sociedad lo quiere así. Elecciones sociales son efectuadas en esa dirección. El problema sería más fácil de resolver si fuera apenas una cuestión de ineficiencia, incompetencia o corrupción. El Estado brasileño es lo que la sociedad quiere que él sea.

¿Pero los servicios son malos, no?

Es más complicado que eso. Por ejemplo, la Policía Federal. Usted puede tener enormes quejas en relación al control de las fronteras, pero yo podría oír las mismas quejas aquí en los Estados Unidos. La Policía Federal, yo no soy especialista, pero he visto acciones de alto impacto que la mayoría de las personas consideraría deseables, incluso desde el punto de vista del combate a la corrupción. La cuestión de la salud. En varias medidas, es un desastre. Ahora, el Programa Salud de la Familia es un ejemplo mundial. También el programa de medicamentos para el SIDA. Si el ciudadano es seropositivo, uno de los mejores lugares del mundo para que esa persona esté es Brasil. Él tiene el tratamiento pago por el gobierno, recibe el medicamento correctamente. A veces se escucha sobre un juez que ordena al gobierno pagar un tratamiento que cuesta cien mil dólares por mes, porque está en la Constitución que el Estado tiene que proveer la salud. Eso cuesta dinero y tiene que salir de algún lugar.

LA SOCIEDAD BRASILEÑA TIENE UNA RELACIÓN UN POCO ESQUIZOFRÉNICA CON EL ESTADO

olvidado. Entonces, yo veo de una forma relativamente positiva que se vuelva a discutir el futuro. Pocos años atrás las personas estaban más eufóricas y ahora observo que hubo una cierta corrección en las expectativas. Mirando por ese arco un poco más largo de la historia, hace treinta años, cuando yo era niño, sentía que las personas casi habían desistido de Brasil. Por eso, encuentro correcto que ahora estén frustradas y, de cierta forma, indignadas, queriendo más. Brasil puede ser mucho más de lo que es.

ENGLISH

You can complain extensively about border control, but I could easily hear these same complaints in the United States. I am not a specialist, but I have seen actions from the Federal Police that have had a strong impact that the majority of people see as advantageous, including when it comes to fighting corruption. Take the healthcare system. In many ways, it is a disaster. However, the Family Health Plan is held up as an international example for healthcare. There is also the HIV treatment program. If the patient is seropositive, Brazil is one of the best places in the world for them to receive treatment. The treatment is paid for by the government and they receive the medication properly. Sometimes you hear about a judge who rules that the government must pay for a treatment that costs one hundred thousand dollars per month, because it is written in the Constitution that the State must provide healthcare. This costs money and it has to come from somewhere.

Are there some wrong choices made?

Yes, there are a lot of wrong choices made. Many of them stem from the fact that there is a lack of clarity precisely surrounding the choices that are being made. This is the part that we could call the economic policy of these questions because these choices create winners and losers. Take another example that I think is quite revealing: Brazil spends around the same percentage of the Gross Domestic Product (PIB) on pensions as France, given that Brazilian population has a much younger demographic profile than France. Brazil spends a lot more on pensions, and it could reduce this amount and spend more on children and on basic education. But how is this

possible? By cutting pensions? What about the rights acquired?

The South Koreans made this choice in the past.

Yes they did, but it was a difficult decision, to reduce people's rights; of the people who had worked their whole life. It is not a straightforward choice, although it could seem as such. Who would oppose investing money in the future of children? Well, apart from Herod, nobody. But when you need to get money from somewhere in order to invest in the future of our youth, you see that someone ends up losing out as a result of that decision.

Is there a lack of courage to make decisions?

It would be over-simplifying the situation and it would be inaccurate to say that it is simply a question of courage – of good old political willpower. I think it is very difficult to distinguish the governor from society. The most convincing evidence in social science in this sense is that the identity of the governing body, the leadership, is much more important in non democratic regimes than in democratic ones. Why? Because in democracy you have a much stronger connection between the leader and society. The leader is much more limited by the political reality. They can attempt at being elected and can also fail. Of course, if you have a Nelson Mandela, then it's fantastic, but there are few Nelson Mandelas. I don't regard this sort of prophetic vision of waiting for the leader as very positive. Successful

countries are good at providing good services and good living conditions so that citizens don't have to depend so much on leaders to do this for them.

Is this paternalist logic still very strong in Brazil and has the State got used to it?

The State doesn't exist as a separate entity. Society, to a certain extent, demands this, and the State is what society produces.

Could we not reduce bureaucracy?

Yes. The registry offices, for example. I often tell this story of a Swedish friend here in my office, who needed to send some documents to Sweden and asked if I could certify the copies. In Sweden, that's how it works, you ask any citizen to certify something and the person signs in good faith that the document is legitimate. I was shocked. Imagine if that existed in Brazil. But it doesn't get you anywhere wanting to transplant Swedish reality in Brazil because it's

BRAZILIAN SOCIETY HAS A SLIGHTLY SCHIZOPHRENIC RELATIONSHIP WITH THE STATE

not going to work. There is an extremely high level of bureaucracy in Brazil. A few years back, I spent a year in Brazil, and I found myself getting really exasperated with the registry offices, where you have to pay and there is someone who is basically living off the monopoly of a stamp.

And they are normally really grumpy.

It's awful. However, this exists within a context and within a certain social

ESPAÑOL

¿No hay elecciones equivocadas?

Muchas lo son. Muchos errores provienen del hecho de que no se tiene claridad con respecto de las elecciones que están siendo realizadas. Hay una parte también que llamaríamos de economía política de estas cuestiones, porque cambiar esas decisiones genera ganadores y perdedores. Vea otro ejemplo que encuentro ilustrativo: Brasil gasta un porcentaje del PIB con pensiones que es del mismo orden que Francia, siendo que la población de Brasil tiene un perfil demográfico mucho más joven que Francia. Brasil gasta mucho con las pensiones, podría disminuir un poco eso y gastar más con los niños, mejorar la educación básica. ¿Pero cómo hacer eso? ¿Cortar las pensiones? ¿Y los derechos adquiridos?

Los surcoreanos hicieron esa elección en el pasado.

Lo hicieron, pero es una decisión dura, cortar los derechos de las personas, de quien trabajó la vida entera. No es una elección simple, no obstante pueda parecerlo. ¿Quién está en contra de invertir en los niños? Fuera de Herodes, nadie. Pero a la hora que se precisa sacar dinero de algún lugar para colocar allí, usted ve que hay gente perdiendo con eso.

¿Falta coraje para tomar decisiones?

Sería un poco simplista y equivocado decir que se trata apenas de una cuestión de falta de coraje – la famosa voluntad política. Yo creo que es muy difícil separar al gobernante de la sociedad. La evidencia más convincente en la ciencia social a ese respecto es que la identidad del gobernante, el liderazgo, importa mucho más en regímenes no democráticos que en las democra-



cias. ¿Por qué? Porque en la democracia usted tiene una conexión mucho más fuerte entre el líder y el liderado. El líder está más circunscripto a la realidad política. Puede intentar hacer y no elegirse. Claro, si usted tiene un Nelson Mandela, es fantástico, pero son pocos los Nelson Mándelas. No encuentro positiva esa visión medio sebastianista de esperar por el líder. Los países más exitosos en suministrar buenos servicios y buenas condiciones para sus ciudadanos no dependen tanto de los líderes para hacer eso.

¿La lógica paternalista es muy grande aún en Brasil y el Estado está acostumbrado?

El Estado no existe como ente separado. La sociedad, de cierta forma, demanda eso y el Estado es lo que la sociedad produce.

¿La burocracia no podría ser menor?

Sí. El Registro Civil, por ejemplo. Siempre cuento la historia de un amigo sue-

co aquí de mi escritorio, que precisaba mandar unos documentos para Suecia y me solicitó para que autentificara las copias. En Suecia es así, usted pide para cualquier ciudadano y el mismo da fe de que aquello es legítimo. Yo quedé sorprendido. Imaginen si eso fuera en Brasil. Pero no sirve intentar trasplantar la realidad sueca para Brasil, porque no va a funcionar. Existe una burocracia extremadamente elevada en Brasil. Hace algunos años, pasé un año en Brasil y quedé realmente exasperado con los “cartórios” (registros civiles), donde usted tiene que pagar y hay un individuo que vive de aquel monopolio del sello de goma.

Y normalmente te atiende con mal humor.

Es una cosa terrible. Ahora, aquello existe dentro de un contexto y de un equilibrio social, lo que no justifica el inmovilismo. Existe mucho espacio en Brasil para reducir la burocracia. No precisa ser Suecia, pero hay mucha cosa

ENGLISH

balance, which doesn't justify this paralysis. There are a lot of areas in Brazil where bureaucracy can be reduced. You don't need to turn it into Sweden, but there is a lot you can do. The main challenge is attempting to implement small, secondary changes. When you have a hundred small measures in place, then you have one large one. What is more, you can, to a certain extent, change the social balance. Even corruption and crimes can be approached from this perspective. If everyone is corrupt, then it is quite easy for the individual to be corrupt. They think: if I take a bit on the side, nobody is going to notice because everyone is doing the same thing. On the other hand, if nobody is corrupt, the chance of that one person being caught increases, and it will be more socially condemned. When you are confronted with this kind of situation, in many respects, a lot of relatively small measures can improve social balance. We need to think along these lines. The whole is greater than the sum of parts.



It isn't a question of lack of resources either.

The problem with the Brazilian state truly isn't a lack of money. You have to differentiate between the federal government and the lower levels of the federate system. You have to consider the small local governments, where there is a lack of training, which is a reflection of the relative scarcity of qualifications in society as a whole. Who is the civil servant of the local council? There is a problem when it comes to lack of qualifications in the Brazilian State, which is particularly visible at the local council and state level, and to a lesser degree in the federal government. There is also in private

initiatives, which struggles against the scarcity of a qualified workforce.

Could the pre-salt bid that Brazil won help to find a solution to this problem?

Yes, however now the price of oil has plunged. It is impressive, when people began to talk about pre-salt resources, people began to anticipate spending and there was the famous free for all, with everyone wanting their share, as well as the struggle for royalties. There is a kind of phenomenon of the curse of natural resources. There are countries that discover petroleum, and that is when, in all honesty, they go to pieces.

I often joke that with the pre-salt industry, you are seeing the curse of natural resources in real time in Brazil. Now we are going to give 10% of the PIB to education. But wait a minute; is the education a problem really down to a lack of resources? Is education in Brazil worse than in Finland because we spend less? This is never openly discussed, and the debate is dissipated by the euphoria of the bids. Countries do not progress as a result of an oil auction.

ESPAÑOL

que usted puede hacer. El gran desafío es intentar cambios marginales, pequeños. Cuando usted tiene cien medidas pequeñas, allí usted tiene una grande. Es más que eso, porque usted puede, de cierta forma, cambiar el equilibrio social. Hasta la corrupción o el crimen son fenómenos que van un poco en esa dirección. Si todo el mundo es corrupto, el costo para que cada individuo sea corrupto es razonablemente pequeño. Él piensa: si yo robo un poquito aquí nadie se da cuenta, porque todo el mundo hace lo mismo. Por otro lado, si nadie es corrupto, la chance de él ser atrapado es mayor, y el oprobio social va a ser mayor. Cuando usted tiene una situación así,

medida en que existe ese problema de falta de calificación en el Estado brasileño, él es manifiesto a nivel municipal y estadual y en menor grado en el gobierno federal. Existe también en la iniciativa privada, que lucha contra la escasez de mano de obra calificada.

¿La lotería del pre-sal que Brasil ganó puede ayudar en la solución de ese problema?

Sí, solo que ahora el precio del petróleo cayó. Es impresionante, cuando se comenzó a hablar de los recursos del pre-sal, se empezó a gastar anticipadamente y hubo una famosa y dificultosa situación, todo el mundo queriendo lo suyo, la lucha de los royalties. Existe ese fenómeno de la maldición de los recursos naturales. Hay países que descubren petróleo y allí, en verdad, se van para el pozo. Yo acostumbro bromear que en el pre-sal usted estaba viendo la

EL LIDERATO IMPORTA MÁS EN LOS REGÍMENES NO DEMOCRÁTICOS QUE EN LAS DEMOCRACIAS

muchas veces medidas relativamente pequeñas consiguen llevarte de un mal equilibrio para otro mejor. Es en estos términos que debemos pensar. El todo es mayor que la suma de las partes.

Tampoco es una cuestión de falta de recursos.

El problema del Estado brasileño realmente no es de falta de dinero. Usted tiene que trazar una distinción entre el gobierno federal y los niveles de abajo en el esquema federativo. En el plano de los municipios menores, falta capacitación, lo que es un reflejo de la relativa escasez de calificación en la sociedad como un todo. ¿Quién es el empleado público de la prefectura? En la

maldición de los recursos naturales en tiempo real en Brasil. Ahora vamos a dar 10 % del PIB para educación. Pero aguarden, ¿será que el problema de la educación es de falta de recursos? ¿La educación en Brasil es peor que la de Finlandia porque Brasil gasta menos? Esa discusión no solo no surge, como es apagada por la euforia de la lotería. Los países no progresan basados en la lotería.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

A CLASSE MÉDIA BRASILEIRA OPTOU POR FICAR FORA DO SISTEMA PÚBLICO

COMO ENTENDER E FAZER UMA ANÁLISE MAIS JUSTA DO BRASIL, NÃO OLHANDO APENAS O PRESENTE, MAS OS ÚLTIMOS 30 ANOS? NA OPINIÃO DO PROFESSOR ROBERT KAUFMAN, DA UNIVERSIDADE RUTGERS, DE NOVA JERSEY, É IMPORTANTE ENTENDER QUE O BRASIL FOI UMA DITADURA E HOJE VIVE NUMA DEMOCRACIA. QUE ANTES CONVIVÍAMOS COM A HIPERINFLAÇÃO E AGORA TEMOS UMA ECONOMIA ESTÁVEL. E QUE O PAÍS É UMA DEMOCRACIA EVOLUÍDA, COM PODERES INDEPENDENTES E IMPRENSA LIVRE.

Quais as suas impressões sobre o Brasil neste momento?

Sem dúvida, o Brasil se encontra em um período ruim. Eu achei que os protestos de 2013 serviriam de alerta. Embora pessoas de diversas camadas da sociedade tenham participado, a maioria dos que tomaram as ruas vinha da classe média, e isso, a meu ver, refletiu a gigantesca mudança demográfica no Brasil. Dependendo da definição de classe média, mais ou menos 40 ou 50% da população brasileira deve se enquadrar nela. Trata-se da maior porcentagem de classe média que o Brasil já teve. Os cientistas sociais estão apenas tentando adivinhar o que eles querem. Há uma percepção de que as pessoas estão insatisfeitas com os serviços públicos. Essa insatisfação acabou explodindo na carona dos protestos contra o aumento da tarifa de ônibus, que rapidamente se agigantaram para englobar um conjunto muito mais extenso de reclamações sobre escolas, sistema de saúde e sobre a corrupção. Com toda a certeza, as pessoas ficaram ofendidas com o que viram da brutalidade policial.

A classe média tomar as ruas é bom ou ruim?

Está aí uma coisa que o Brasil tem de bom: a democracia. Nem sempre eficiente, mas é uma democracia. Os protestos nas ruas fazem parte do processo democrático, enquanto feitos de forma pacífica. Nesse sentido, é uma boa coisa; as pessoas estão expondo suas exigências. Por outro lado, isso também reflete um tipo de alienação: elas estão lá porque não confiam que os partidos políticos as representam efetivamente. Não confiam nas instituições como o Congresso, ou nos parlamentares

eleitos. Uma das coisas interessantes nos protestos foi a rejeição contra os partidos. O PT e outros partidos foram rejeitados de forma violenta nas ruas e voltaram para casa.

Qual o nível da democracia no Brasil?

Acho que devemos ser cuidadosos quanto às nossas expectativas sobre o que é uma democracia. Temos que colocar o Brasil em uma perspectiva mais ampla. A democracia aqui nos EUA também mostra todos os defeitos como quaisquer outras: não responde bem às exigências dos cidadãos, tem muita corrupção. Não conheço muitas democracias que não tenham esses problemas. **Por isso, acredito de verdade que o Brasil está se saindo bem em relação aos padrões gerais do que uma democracia deve ser.**

Por que as pessoas estão frustradas?

O Brasil está na verdade passando por um período muito difícil, todos nós sabemos disso. A economia está estagnada, enfrentam-se ajustes estruturais, o governo tem dificuldades fiscais sérias e há um problema enorme com a segurança. Eu estudo a América Latina e o Brasil desde a década de 1960. Tenho visitado sempre o País e apesar da angústia atual, se você olhar nos últimos 50 anos a trajetória como um todo tem sido bem positiva. Vocês tinham uma polícia secreta, censura da imprensa, uma ditadura. Durante a década de 1980, quando finalmente conquistaram um governo civil, e no começo da década de 1990, todos nós, cientistas políticos, estávamos desolados, sem esperanças, diante da inflação feroz. Mas ela foi domada e houve muitos ganhos reais durante o governo Fernando Hen-

rique Cardoso. Aliás, acho que ele não é reconhecido totalmente pelas suas conquistas no Brasil.

E após 2002, com o governo do PT?

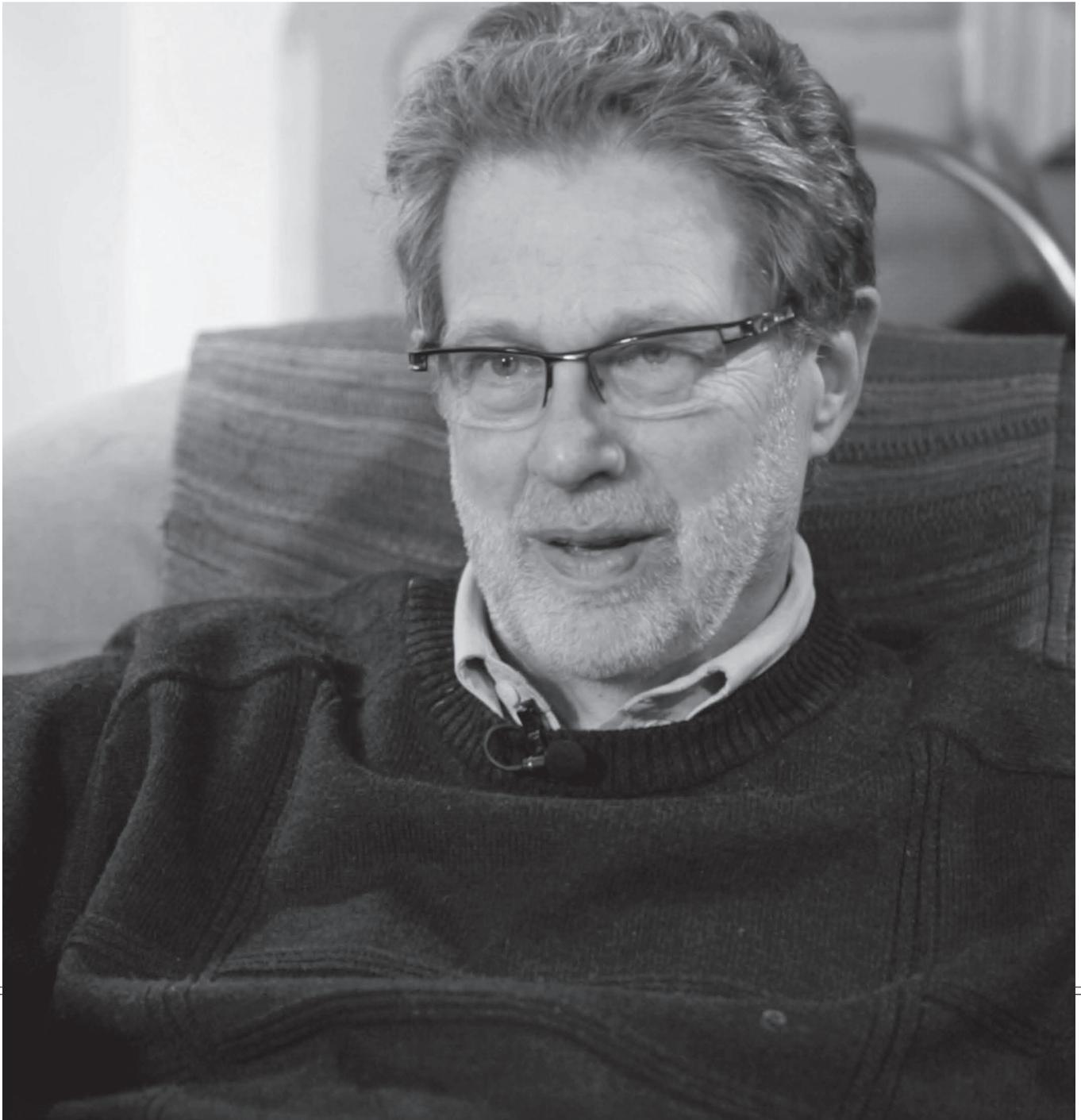
As pessoas diziam: “Meu Deus, é o fim do Brasil! É o apocalipse!” Eu participei do Conselho das Américas, aqui em Nova York, como observador. Nessa organização, que acima de tudo é empresarial, diziam que ia acontecer um desastre. Ao contrário, uma cientista política brasileira amiga minha, que não é fã do PT, é mais PSDB, disse durante a campanha de 2002: “Se o Lula ganhar, nada vai mudar”. O fato é que o PT tem muitas falhas, como todos os outros partidos, mas se tornou governo e não houve nenhuma crise. Na era do Lula, houve programas sociais bem-sucedidos.

Isso é sinal de uma democracia madura?

Claro, exatamente isso. Foi um sinal de que no Brasil poderia existir competição, conflito, debates e eleições em que o poder mudasse de mãos. Isso se tornou normal, mas não era. No passado, nunca se sabia se a pessoa que ganhasse a eleição teria permissão de assumir o mandato. Trata-se de um grande passo à frente para o Brasil, que hoje tem uma democracia normal com eleições livres, liberdades civis, imprensa livre e um Congresso independente. A Justiça não é ótima no Brasil, mas é bem independente. Eu acredito que o Brasil, se seguir seus registros históricos, vai superar os problemas atuais.

O Brasil está melhorando no combate à corrupção?

É difícil dizer isso com todos esses escândalos que surgiram agora. Tenho muitos



amigos simpáticos ao PT que estão extremamente desapontados com o que aconteceu, tanto no governo do Lula quanto no de Dilma. O PT não tem monopólio sobre a corrupção, ela está no espectro político. Um dos motivos que torna difícil responder à essa pergunta é que o Brasil tem uma imprensa muito forte, investigativa. Então, eu pergunto: achamos que realmente existe mais corrupção agora ou apenas sabemos que a corrupção existe porque temos mais conhecimento público dela? Se compararmos a Dilma com, por exemplo, o Collor, eu diria que ela está melhor.

Dá para comparar o Brasil com outras nações?

As economias maiores tendem a ser mais fechadas do que as menores, mais dependentes do comércio. Não dá pra esperar que o Brasil seja parecido com o Chile: o mercado interno dele é grande demais, nunca vai se abrir da mesma forma.

É uma questão de ineficiência ou de proteção do mercado interno?

Ambas. Nos mandatos de Dilma e de Lula a tendência estava longe de ser uma economia mais aberta. Também há um problema de ineficiência e os portos são o retrato disso. Os caminhões fazem filas de quilômetros, por dias. Vocês têm aeroportos em condições terríveis. Do aeroporto de São Paulo ao centro é uma aventura, pode levar horas e horas. Esses são problemas estruturais, que com certeza impedem o crescimento das exportações.

A infraestrutura do Brasil é precária?

Sim, e acho que as prioridades fiscais explicam a razão disso. Há um grande montante do orçamento fiscal destina-

do às aposentadorias das classes média e alta. Uma das coisas boas no governo Lula foi o direcionamento do dinheiro aos segmentos mais pobres da população, mas a maior parte dos gastos sociais ainda beneficia as camadas média e alta. Isso toma uma parte enorme do orçamento, além de outras áreas muito dispendiosas. Em um mundo perfeito, se pudesse realocar um pouco desse dinheiro para a infraestrutura e também para a educação e a saúde, o Brasil seria muito melhor. Mas politicamente é algo muito difícil de fazer.

O Bolsa Família é bom ou ruim?

Acho que é um programa muito bom. Primeiro, porque não custa tanto. Trata-se de uma despesa mínima para o governo. É muito direcionado, tem pouquíssima evidência de corrupção ou clientelismo. É um programa transparente politicamente, atinge as pessoas que precisam. É difícil pensar que ele mantém as pessoas fora do emprego, porque uma das coisas que vemos no Brasil é uma taxa de desemprego muito baixa. A maior dúvida que tenho sobre o Bolsa Família é se ele vai dar certo em seus outros objetivos, como o de construir um capital para a próxima geração.

Isso depende de melhorar a educação?

Sim, pois a dúvida é se a próxima geração vai ter capital humano melhor do que a geração atual. Ainda não temos a resposta, precisamos de mais informações. Um dos problemas é que o Bolsa Família aumenta a demanda por escolas, mas não aumenta necessariamente o fornecimento de educação de qualidade. Um jovem que se beneficia do Bolsa Família pode ficar mais tempo na escola, que pode não ser muito boa. Aí

acho que deve haver uma ação maior do lado do fornecimento de educação de qualidade, para que as pessoas que se beneficiam do programa tenham uma educação melhor.

O governo brasileiro tem pessoas preparadas?

Há pessoas muito competentes, no governo e na oposição, que possuem um interesse público genuíno. Mas os políticos no Brasil se parecem com os políticos da maioria dos países. Eles também têm ambições pessoais, que podem não estar muito alinhadas ao interesse público. Os partidos políticos no Congresso querem o controle do clientelismo, fundos para campanhas e subir em suas carreiras, o que muitas vezes leva à falta de produtividade.

Há uma grande distância entre o que o governo faz e o que a sociedade precisa?

Sempre há essa distância. Uma das coisas que a última eleição mostrou, por exemplo, foi que as pessoas de baixa renda, no Brasil, sentiram que o governo estava fazendo bem para elas e por isso preferiram Dilma ao Aécio. Essa não é, obviamente, a forma como as pessoas sentem em São Paulo ou no sul do País. O governo do PT, e também o de FHC, anteriormente, tentaram dar à população serviços públicos de qualidade, de primeiro mundo, mas não conseguiram. As escolas públicas estão terríveis. A classe média optou por ficar fora do sistema público. Uma pessoa de classe média com uma renda razoável – e não estou me referindo à classe média alta – faz uma economia e se esforça para colocar seu filho em uma escola particular, se puder.





O Bolsa Família
aumenta a demanda
por escolas,
mas não aumenta
o fornecimento
de educação
de qualidade

Por quê?

Se ele não colocar seu filho em uma escola particular, terá de mandá-lo a uma pública. Ai ele sabe que essa criança não vai ser capaz de passar em uma prova de vestibular, não vai entrar em uma universidade decente. Eles optaram por ficar de fora do sistema público de educação que, basicamente, se restringiu à população mais pobre. Isso acontece também com o sistema público de saúde. Se conseguir um plano de saúde bom, você vai a um hospital privado. Então, não são atendidas as necessidades de grande parte de um segmento crescente da população brasileira. Agora, na verdade, muito mais crianças pobres têm acesso à educação, mais acesso a cuidados médicos; mas a qualidade não é boa. Um grande desafio, não só aqui como em toda a América Latina, é encontrar alguma forma de tornar os serviços públicos aceitáveis para as pessoas que sobem de camada social. O Brasil não está conseguindo fazer isso.

Existe algum país que possa ser comparado ao Brasil e que se saiu bem?

Coreia do Sul. Se você olhar para a Coreia do Sul ou Taiwan, esses dois países asiáticos possuem uma trajetória muito melhor. Eu estive em ambos. Não sou um especialista em Ásia Oriental, mas em todos os lugares pelos quais passei, e foram muitos, vi cidades com pessoas bem vestidas e asseadas, sem crimes, tudo muito eficiente. E eu pensei comigo mesmo: cinquenta, sessenta anos atrás, as pessoas que andavam nessas ruas eram seus avós ou às vezes seus pais, que viviam em barracas no interior, com chãos imundos. A Coreia era, há 60 anos, um país extremamente pobre, e

hoje passou o Brasil, não por muito, mas consideravelmente. E também é uma democracia que, com certeza, tem problemas, mas está se saindo bem. Qual o segredo? Essa seria uma comparação justa? Não, eu acho que a Coreia tinha vários fatores que eram impossíveis, nesses pontos, para o Brasil rivalizar. Ela passou por uma enorme reforma agrária nos anos 1950. Isso resultou em um tipo de grande classe média regulada, o que diminuiu as diferenças de renda. Vendo por esse lado, ela teve mais vantagem sobre o Brasil, pois começou sua trajetória de desenvolvimento com uma distribuição de renda muito mais justa. Isso teve um efeito muito positivo na Coreia e muito negativo no Brasil.

Podemos concluir que devemos buscar nossas próprias soluções?

Dá pra tirar lições de outros lugares, não é que as comparações sejam irrelevantes. Mas o Brasil tem características muito particulares. Algumas coisas podem ser aprendidas com o exemplo da Coreia. Eles realmente investiram pesado no sistema educacional e tiveram muitas vantagens em termos de mão de obra especializada e capital humano. Isso é algo que o Brasil poderia fazer.

O que o senhor espera da nova equipe econômica do Brasil, liderada pelo Ministro da Fazenda Joaquim Levy?

Acho que é um bom sinal. A Dilma estava indo para um sério déficit, com alta inflação, não tanto como na década de 1990 ou 1980, mas assim mesmo preocupante. Eu perguntava se ela, eleita, faria mais do mesmo ou seria pragmática e começaria a fazer ajustes. Existem muitos casos na América Latina onde fizeram mais do mesmo, como na Argen-

tina, com Cristina Kirchner. Ainda não sabemos o que Dilma fará exatamente, mas acho que sua decisão sobre política macroeconômica foi acertada.

O governo brasileiro teme mudanças ou resiste a elas?

Eu acho que o partido governista, o PT, está no poder há muito tempo, os dois mandatos do Lula e agora os dois da Dilma. Acho que fizeram coisas muito boas, mas como acontece com qualquer governo e qualquer partido há muito tempo no poder, você fica obsoleto, começa a fazer as mesmas coisas o tempo todo. A política brasileira é da conta dos brasileiros, eu não sou um eleitor. Seria saudável um pouco de rotatividade, mas o eleitorado brasileiro decidiu que não é momento para mudança.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



THE BRAZILIAN MIDDLE CLASS HAS CHOSEN TO STAY OUTSIDE THE PUBLIC SYSTEM

How can you understand and make a fair analysis of Brazil, not only looking at the present, but at the last 30 years? In the opinion of Professor Robert Kaufman, of Rutgers University, of New Jersey, it is important to understand that Brazil was a dictatorship and today lives in a democracy. Before, we lived with a hyperinflation and now we have a stable economy. And that the country is an evolved democracy, with independent powers and free press.

What are your impressions of Brazil at the moment?

Without any doubt, Brazil is in a terrible situation. I thought that the protests of 2013 were a warning. Although people from different classes of society had participated, the majority of those who went to the streets were from the middle class, and this, in my opinion, reflects the gigantic demographic change in Brazil. Depending on the definition of middle class, more or less 40% or 50% of the Brazilian population could be considered as such. It is the highest percentage of middle class that Brazil has ever had. The social scientists are only trying to guess what they want. There is a perception that people are not satisfied with the public services. This dissatisfaction ended up exploding into a wave of protests against the increase of the bus fare, which rapidly grew to include a more extensive stream of complaints about schools, the health system and about corruption. I am sure that people were offended with what they saw regarding police brutality.

Is it good or bad that the middle class is taking to the streets?

Brazil certainly has something that is good: democracy. It is not always efficient, but it is a democracy. The protests in the streets are part of the democratic process, while they are done pacifically. In this sense it is a good thing; people are exposing their demands. On the other hand, this also reflects a type of alienation: they are there because they do not trust the political parties that represent them effectively. They do not trust in institutions like the Congress, or in the elected MPs. One of the interesting things in the protests was the rejection against the parties. PT and other parties were rejected violently in the streets and went home.

What is the level of democracy in Brazil?

I think we should be careful as to our expectations about what democracy is. We have to put Brazil into a broader perspective. The democracy here in the USA also shows all the defects like many others: they do not respond to the requirements of the citizens, there is too much corruption. I do not know any democracy that does not have these problems. For this reason, I believe Brazil is doing well in relation to the general standards of what a democracy should be.

Why are people frustrated?

Brazil is, in fact, going through a very difficult period, we all know this. The economy is stagnated, the government is facing structural adjustments and has serious fiscal difficulties and there is a huge problem with security. I have been studying Latin America and Brazil since the 1960s. I have always visited

the country and, despite the current anxiety, if you look at the last 50 years the trajectory as a whole has been very positive. You had a secret police, press censorship, and a dictatorship. During the 1980s, when they finally conquered a civil government, and at the beginning of the 1990s, all of us, political scientists, were desolate, without hope, due to a ferocious inflation. But it was tamed and there were many actual gains during the government of Fernando Henrique Cardoso. On that note, I do not think he is completely recognized for his conquests in Brazil.

And, after 2002, with the PT government?

People said: "My God, it's the end of Brazil! It is the apocalypse!" I took part in the Council of the Americas, here in New York, as an observer. In this organization, which above anything else is corporate, they said a disaster would happen. On the contrary, a Brazilian friend of mine who is a political scientist, who is not a fan of PT, is more PSDB, said during a campaign in 2002: "If Lula wins, nothing will change". The fact is that PT has many faults, like all the parties, but it became the government and there was no crisis. In the Lula era, there were successful social programs.

Is this a sign of a mature democracy?

Of course, that is exactly it. It was a sign that in Brazil there could be some rivalry, conflict, debates and elections in which power could change hands. This became normal, but it wasn't. In the past, it was never known if the person who won the election would have permission to take office. It is a major step ahead for Brazil, which today has a

ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista



LA CLASE MEDIA BRASILEÑA OPTÓ POR QUEDAR FUERA DEL SISTEMA PÚBLICO

¿Cómo entender y efectuar un análisis más justo de Brasil, no mirando apenas el presente, sino los últimos 30 años? En la opinión del profesor Robert Kaufman, de la Universidad Rutgers, de Nueva Jersey, es importante entender que Brasil fue una dictadura y hoy vive en una democracia. Que antes convíamos con la hiperinflación y ahora tenemos una economía estable. Y que el país es una democracia evolucionada, con poderes independientes y una prensa libre.

¿Cuáles son sus impresiones sobre Brasil en este momento?

Sin duda, Brasil se encuentra en un mal período. Yo pensé que las protestas de 2013 servirían de alerta. No obstante personas de diversas clases de la sociedad hayan participado, la mayoría de los que tomaron las calles era de clase media, y eso, a mí ver, reflejó el gigantesco cambio demográfico en Brasil. Dependiendo de la definición de clase media, más o menos 40 o 50 % de la población brasileña se debe encuadrar en ella. Se trata del mayor porcentaje de clase media que Brasil ya tuvo. Los científicos sociales están apenas intentando adivinar lo que ellos quieren. Hay una percepción de que las personas están insatisfechas con los servicios públicos. Esa insatisfacción acabó explotando acompañando las protestas contra el aumento de la tarifa de ómnibus, que rápidamente se agigantaron para englobar un conjunto mucho más extenso de reclamos sobre escuelas, sistema de salud y sobre la corrupción. Con seguridad, las personas quedaron ofendidas con lo que vieron de la brutalidad policial.

¿La clase media tomando las calles es bueno o malo?

Está allí una cosa que Brasil tiene de bueno: la democracia. No siempre es eficiente, pero es una democracia. Las protestas callejeras forman parte del proceso democrático, cuando son realizadas de forma pacífica. En ese sentido es una cosa buena; las personas están exponiendo sus exigencias. Por otro lado, eso también refleja un tipo de alienación: ellas están allí porque no confían que los partidos políticos las representan efectivamente. No confían en instituciones como el Congreso, o en los parlamentarios electos. Una de las cosas interesantes en las protestas fue el rechazo contra los partidos. El PT y otros partidos fueron rechazados de forma violenta en las calles y volvieron para casa.

¿Cuál es el nivel de la democracia en Brasil?

Creo que debemos ser cuidadosos respecto a nuestras expectativas sobre lo que es una democracia. Debemos colocar a Brasil en una perspectiva más amplia. La democracia aquí en los EE.UU. también muestra todos los defectos como cualesquiera otras: no responde bien a las exigencias de los ciudadanos, tiene mucha corrupción. No conozco muchas democracias que no tengan esos problemas. Por eso, verdaderamente creo que Brasil está yendo bien en relación a los patrones generales de lo que una democracia debe ser.

¿Por qué las personas están frustradas?

Brasil está en verdad pasando por un período muy difícil, todos nosotros sabemos eso. La economía está estancada, se enfrentan ajustes estructurales, el gobierno tiene dificultades fiscales

serias y hay un problema enorme con la seguridad. Yo estudio a América Latina y a Brasil desde la década de 1960. He visitado siempre el país y a pesar de la angustia actual, si usted mira los últimos 50 años la trayectoria como un todo ha sido muy positiva. Ustedes tenían una policía secreta, censura de prensa, una dictadura. Durante la década de 1980, cuando finalmente conquistaron un gobierno civil, y en el comienzo de la década de 1990, todos nosotros, científicos políticos, estábamos desolados, sin esperanzas, delante de una inflación feroz. Pero ella fue domada y hubo muchas ganancias reales durante el gobierno de Fernando Henrique Cardoso. Además, observo que él no es totalmente reconocido por sus conquistas en Brasil.

¿Y después de 2002, con el gobierno del PT?

Las personas decían: “¡Mi Dios, es el fin de Brasil! ¡Es el apocalipsis!” Yo participé del Consejo de las Américas, aquí en Nueva York, como observador. En esa organización, que sobre todo es empresarial, decían que iba a acontecer un desastre. Al contrario, una científica política brasileña amiga mía, que no es fanática del PT, es más PSDB, dijo durante la campaña de 2002: “Si Lula gana, nada va a cambiar”. El hecho es que el PT tiene muchas fallas, como todos los otros partidos, pero se transformó en gobierno y no hubo ninguna crisis. En la era de Lula, hubo programas sociales exitosos.

¿Eso es una señal de una democracia madura?

Claro, exactamente eso. Fue una señal de que en Brasil podría existir competición, conflicto, debates y elecciones en que el

ENGLISH

normal democracy with free elections, civil freedoms, free press and an independent Congress. Justice is not excellent in Brazil, but is quite independent. I believe that Brazil, if it follows its historical records, will overcome the current problems.

Is Brazil improving in the fight against corruption?

It is difficult to say with all these scandals that are around today. I have many friends that sympathize with PT, who are extremely disappointed with what has happened, both in the Lula and Dilma government. PT does not have the monopoly over the corruption; it is in the political spectrum. One of the reasons that makes it difficult to answer this question is that Brazil has a very strong, investigative press. So, I ask you: do we really think there is more corruption now or did we find out that corruption exists because there is more public knowledge of it? If we compare Dilma to, for example, Collor, I would say that she is better.

Can we compare Brazil to other nations?

The larger economies tend to be more closed than the smaller ones, more dependent on trade. You cannot expect Brazil to be similar to Chile: its internal market is too large and it will never open up in the same way.

Is it a question of inefficiency or of protection of the internal market?

Both. In the mandates of Dilma and Lula the trend was far from being a more open economy. There is also a problem of inefficiency and the ports are a portrait of this. The trucks are in lines for kilometers,

for many days. You have airports in terrible conditions. Going from the airport of São Paulo to the center is an adventure that could take several hours. These are structural problems that certainly impede the growth of exports.

Is the infrastructure of Brazil precarious?

Yes, and I think the fiscal priorities explain the reason for this. There is a large sum of the fiscal budget destined to the pensions of the medium and high class. One of the good things in the Lula government was funneling the money to the poorest segments of the population, but most of the social expenses still benefit the medium and high class. This takes a large chunk of the budget, besides other more costly areas. In a perfect world, if a small part of this money could be reallocated to the infrastructure and also to education and to health, Brazil would be much better. But politically it is something very difficult to do.

Is the Bolsa Família good or bad?

I think it is a very good program. First, because it does not cost much. It is a minimum expense for the government. It is much directed, there is very little evidence of corruption or clientelism. It is a politically transparent program and reaches the people that need it. It is difficult to think that it maintains people away from employment, because one of the things we see in Brazil is a very low rate of unemployment. The biggest doubt that I have about the Bolsa Família is if it is going to be successful in its

other objectives, like building up a capital for the next generation.

Does this depend on improving the education?

Yes, because the doubt is if the next generation will have better human capital than the current generation. We still do not have the answer, we need more information. One of the problems is that the Bolsa Família increases the demand for schools, but it does not necessarily increase the supply of quality education.

BRAZIL IS DOING WELL IN RELATION TO THE GENERAL STANDARDS OF WHAT A DEMOCRACY SHOULD BE

A young person that benefits from the Bolsa Família can stay longer at school, which might not be so good. In this case, I think there should be greater actions from the side of a quality education, so that the people that benefit from the program can have a better education.

Does the Brazilian government have people that are prepared?

There are many competent people in the government and in the opposition that have a genuine public interest. But the politicians in Brazil look like politicians from most of the countries. They also have personal ambitions that may not be so aligned with the public interest. The political parties in the Congress want to control the clientelism, funds for campaigns and ascend in their careers, which many times leads to the lack of productivity.

ESPAÑOL

poder cambiase de manos. Eso se tornó normal, pero no lo era. En el pasado, nunca se sabía si la persona que ganase la elección tendría autorización de asumir el mandato. Se trata de un gran paso al frente para Brasil, que hoy tiene una democracia normal con elecciones libres, libertades civiles, prensa libre y un Congreso independiente. La Justicia no es óptima en Brasil, pero es totalmente independiente. Creo que Brasil, si sigue sus registros históricos, superará los problemas actuales.

¿Brasil está mejorando en el combate a la corrupción?

Es difícil decir eso con todos estos escándalos que surgieron ahora. Tengo muchos amigos que simpatizan con el PT que están extremadamente desapuntados con lo que aconteció, tanto en el gobierno de Lula cuanto en el de Dilma. El PT no tiene el monopolio sobre la corrupción, ella está en el espectro político. Uno de los motivos que torna difícil responder a esa pregunta es que Brasil tiene una prensa muy fuerte, investigativa. Entonces, yo pregunto: ¿hallamos que realmente existe más corrupción ahora o apenas sabemos que la corrupción existe porque tenemos más conocimiento público de ella? Si comparamos a Dilma con, por ejemplo, Collor, yo diría que ella está mejor.

¿Podemos comparar a Brasil con otras naciones?

Las economías mayores tienden a ser más cerradas que las menores, más dependientes del comercio. No se puede esperar que Brasil sea parecido a Chile: el mercado interno de él es demasiado grande, nunca se va a abrir de la misma forma.

¿Es una cuestión de ineficiencia o de protección del mercado interno?

Ambas. En los mandatos de Dilma y de Lula la tendencia estaba lejos de ser una economía más abierta. También hay un problema de ineficiencia y los puertos son el retrato de ello. Los camiones forman filas de kilómetros, por días. Ustedes tienen aeropuertos en condiciones terribles. Del aeropuerto de São Paulo al centro es una aventura, puede llevar horas y horas. Esos son problemas estructurales, que con seguridad impiden el crecimiento de las exportaciones.

¿La infraestructura de Brasil es precaria?

Sí, y creo que las prioridades fiscales explican la razón de ello. Hay un gran monto del presupuesto fiscal destinado a las jubilaciones de las clases media y alta. Una de las cosas buenas en el gobierno Lula fue la distribución del dinero a los segmentos más pobres de la población, pero la mayor parte de los gastos sociales todavía beneficia a las clases media y alta. Eso toma una parte enorme del presupuesto, además de otras áreas muy dispendiosas. En un mundo perfecto, si se pudiera reasignar un poco de ese dinero para infraestructura y también para educación y salud, Brasil sería mucho mejor. Pero políticamente es algo muy difícil de hacer.

¿Bolsa Familia es bueno o malo?

Pienso que es un programa muy bueno. Primero, porque no cuesta tanto. Se trata de un gasto mínimo para el gobierno. Es muy bien orientado, hay poquísima evidencia de corrupción o clientelismo. Es un programa transparente políticamente, llega a las personas que precisan. Es difícil pensar que él mantenga a las personas fuera del empleo, porque una de las cosas que vemos en Brasil

es una tasa de desempleo muy baja. La mayor duda que tengo sobre Bolsa Familia es si él va a alcanzar sus otros objetivos, como el de construir un capital para la próxima generación.

¿Ello depende de mejorar la educación?

Sí, pues la duda es si la próxima generación va a tener un mejor capital humano que la generación actual. Aún no tenemos la respuesta, precisamos de más informaciones. Uno de los problemas es que Bolsa Familia aumenta la demanda por escuelas, pero no aumenta necesariamente el suministro de educación de calidad. Un joven que se beneficia del Bolsa Familia puede estar más tiempo en la escuela, que puede no ser muy buena. Pienso que debe haber una acción mayor del lado del suministro de educación de calidad, para que las personas que se benefician del programa tengan una mejor educación.

¿El gobierno brasileño tiene personas preparadas?

Hay personas muy competentes, en el gobierno y en la oposición, que poseen un interés público genuino. Pero los políticos en Brasil se parecen con los políticos de la mayoría de los países. Ellos también tienen ambiciones personales, que pueden no estar muy alineadas al interés público. Los partidos políticos en el Congreso quieren el control del clientelismo, fondos para campañas y subir en sus carreras, lo que muchas veces lleva a la falta de productividad.

¿Hay una gran distancia entre lo que el gobierno hace y lo que la sociedad precisa?

Siempre hay esa distancia. Una de las cosas que la última elección mostró, por

ENGLISH

Is there a major difference between what the government does and what society needs?

There is always this distance. One of the things that the last election showed, for example, was that the people of low income, in Brazil, felt that the government was doing them good and that is why they preferred Dilma over Aécio. This is obviously not the way people feel in São Paulo or in the south of Brazil. The government of PT, and also of FHC, previously, tried to give the population, first world, quality public services, but they were not able to. Public schools are terrible. The medium class chose to stay outside the public system. A person from the medium class with a reasonable income – and I am not referring to the medium high class – makes savings and tries to put their children in a private school, if they can.

Why?

If they cannot put their children in a private school, they will have to send them to a public school. Then he knows that these children will not be able to pass a university entrance examination, they will not be able to enter a decent university. They choose to be outside the public education system that is, basically, restricted to the poorest of the population. This also happens with the public health system. If you can get a good health plan, you get to go to a private hospital. So, most of the needs of the majority of a growing segment of the Brazilian population are not met. Now, in fact, many more poor children have access to education, more access to medical care; but the quality is not good. A great challenge, not only here throughout Latin America, is to find a way of

making the public services acceptable to those climbing the social ladder Brazil has not managed to do this.

Is there any country that can be compared to Brazil and that has been successful?

South Korea. If you look at South Korea or Taiwan, these two Asian countries have a much better trajectory. I have been to both of them. I am not a specialist in Western Asia, but in all the places where I have been, and there have been many, I have seen cities with well-dressed neat and trim people, with no crimes, and everything very efficient. And I thought to myself: fifty or sixty years ago, the people that walked on these streets were grandparents or sometimes their parents, which lived in huts in the interior, with a dirt floor. Korea was, sixty years ago, an extremely poor country, and today has overtaken Brazil, not just a little, but a lot. And it is also a democracy that, certainly, had problems, but is doing well. What is the secret? Is this a fair comparison? No, I think Korea had various factors that were impossible, in these aspects, for Brazil to compete with. It passed through an enormous agrarian reform in the 1950s. This resulted in a type of large and regulated medium class, which reduced the differences of income. Looking at it on this side, it had a greater advantage over Brazil, because it started its development trajectory with a much fairer income distribution. This has a very positive effect on Korea and very negative on Brazil.

Can we conclude that we should seek our own solutions?

We can take lessons from other places, which does not mean that compari-

sons are irrelevant. But Brazil has very particular characteristics. Some things can be learned with the example of Korea. They have really invested heavily in the educational system and have had many advantages in terms of specialized manual labor and human capital. This is something Brazil could do.

What do you expect from the new Brazilian economic team, led by the Minister of Finance Joaquim Levy?

I think it is a good sign. Dilma was going towards a serious deficit, with a high inflation, not like the decade of the 90s or 80s, but even so worrying. I asked myself if she, elected, would do very much the same or would be pragmatic and would start making adjustments. There are many cases in Latin America where they did very much the same, like Argentina, with Cristina Kirchner. We still do not know what Dilma will do exactly, but I think that her decision about macroeconomic politics was correct.

Does the Brazilian government fear changes or resist them?

I think that the government party, PT, has been in power for a long time, both the mandates of Lula and now both of Dilma. I think they have done many good things, but as with any government and any party too long in power, you become obsolete, and start doing the same things over and over again. Brazilian politics matters to Brazilians, I do not vote. A little rotation would be healthy, but the Brazilian electorate decided that it is not yet time to change.

ESPAÑOL

ejemplo, fue que las personas de baja renta, en Brasil, sintieron que el gobierno estaba siendo bueno para ellas y por eso prefirieron Dilma a Aécio. Esa no es, obviamente, la forma como las personas sienten en São Paulo o en el sur del país. El gobierno del PT, y también el de FHC, anteriormente, intentaron dar a la población servicios públicos de calidad, del primer mundo, pero no consiguieron. Las escuelas públicas son terribles. La clase media brasileña optó por quedar fuera del sistema público. Una persona de clase media con una renta razonable – y no me estoy refiriendo a la clase media alta – hace una economía y se esfuerza para colocar a su hijo en una escuela particular, si puede.

¿Por qué?

Si él no coloca a su hijo en una escuela particular, tendrá de mandarlo a una pública. Allí él sabe que ese joven no va a ser capaz de pasar en una prueba de ingreso, no va a entrar en una universidad decente. Ellos optaron por estar fuera del sistema público de educación que, básicamente, se restringió a la población más pobre. Eso sucede también con el sistema público de salud. Si consigue un plan de salud bueno, usted va a un hospital privado. Luego, no son atendidas las necesidades de gran parte de un segmento creciente de la población brasileña. Ahora, en verdad, muchos más niños pobres tienen acceso a la educación, más acceso a cuidados médicos; pero la calidad no es buena. Un gran desafío, no solo aquí como en toda América Latina, es encontrar alguna forma de hacer a los servicios públicos aceptables para las personas que suben en la escala social. Brasil no está consiguiendo hacer eso.

¿Existe algún país que pueda ser comparado a Brasil y que resulto bien?

Corea del Sur. Si usted mira para Corea del Sur o Taiwán, estos dos países asiáticos poseen una trayectoria mucho mejor. Yo estuve en ambos. No soy especialista en Asia Oriental, pero en todos los lugares por los cuales pasé, y fueron muchos, vi ciudades con personas bien vestidas y aseadas, sin crímenes, todo muy eficiente. Y pensé conmigo mismo: cincuenta, sesenta años atrás, las personas que andaban en esas calles eran sus abuelos o a veces sus padres, que vivían en barracas en el interior, con pisos inmundos. Corea era, hace sesenta años, un país extremadamente pobre, y hoy pasó a Brasil, no por mucho, pero considerablemente. Y también es una democracia que, con certeza, tiene problemas, pero está obteniendo buenos resultados. ¿Cuál es el secreto? ¿Esa sería una comparación justa? No, yo creo que Corea tenía varios factores que eran imposibles, en esos puntos, para Brasil rivalizar. Ella pasó por una enorme reforma agraria en los años 1950. Eso resultó en un tipo de gran clase media regulada, lo que disminuyó las diferencias de renta. Viendo por ese lado, ella tuvo más ventaja sobre Brasil, pues comenzó su trayectoria de desarrollo con una distribución de renta mucho más justa. Eso tuvo un efecto muy positivo en Corea y muy negativo en Brasil.

¿Podemos concluir que debemos buscar nuestras propias soluciones?

Da para extraer lecciones de otros lugares, no es que las comparaciones sean irrelevantes. Pero Brasil tiene características muy particulares. Algunas cosas pueden ser aprendidas con el ejemplo de Corea. Ellos realmente invirtieron pesado en el sistema educativo y tuvieron

muchas ventajas en términos de mano de obra especializada y capital humano. Eso es algo que Brasil podría hacer.

¿Qué espera del nuevo equipo económico de Brasil, liderado por el Ministro de Hacienda Joaquim Levy?

Lo veo como una buena señal. Dilma estaba yendo para un serio déficit, con alta inflación, no tanto como en la década de 1990 o 1980, pero así mismo preocupante. Me preguntaba si ella, electa, haría más de lo mismo o sería pragmática y comenzaría a hacer ajustes. Existen muchos casos en América Latina donde hicieron más de lo mismo, como en Argentina, con Cristina Kirchner. Todavía no sabemos lo que Dilma hará exactamente, pero pienso que su decisión sobre política macroeconómica fue correcta.

¿El gobierno brasileño teme los cambios o se resiste a ellos?

Creo que el partido gobernante, el PT, está en el poder hace mucho tiempo, los dos mandatos de Lula y ahora los dos de Dilma. Entiendo que hicieron cosas muy buenas, pero como sucede con cualquier gobierno y cualquier partido con mucho tiempo en el poder, usted queda obsoleto, comienza a hacer las mismas cosas todo el tiempo. La política brasileña es un problema de los brasileños, yo no soy un elector. Sería saludable un poco de alternancia, pero el electorado brasileño decidió que no es el momento para el cambio.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O BRASIL TEM MUITO A CONTRIBUIR E, AO MELHORAR, MELHORA O MUNDO

QUAL A IMAGEM DO BRASIL DEPOIS DE MAIS DE DUAS DÉCADAS PROMETENDO E, NA REALIDADE, SENDO MUITO MAIS RELEVANTE NO MUNDO? PARA O JORNALISTA PAULO SOTERO, DO INSTITUTO BRASIL DO WILSON CENTER DE WASHINGTON, TUDO QUE A ECONOMIA BRASILEIRA FEZ DE BOM FOI A RAZÃO DO SUCESSO. POR ISSO, RECUPERAR O PRESTÍGIO AGORA PASSA PELA CORREÇÃO DE TUDO O QUE TAMBÉM HOUVE DE ERRADO. NA SUA OPINIÃO, FOI PARA ISSO QUE A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF COLOCOU O ECONOMISTA JOAQUIM LEVY NO MINISTÉRIO DA FAZENDA.

Qual é papel do Brasil hoje, aqui nos Estados Unidos?

Há uma perplexidade em relação ao Brasil hoje. A partir da redemocratização, com a estabilização da economia e a chamada inclusão social, o Brasil se tornou uma história de sucesso no mundo. Já havia, desde o presidente Fernando Henrique Cardoso, uma disposição muito clara de ter uma presença internacional mais forte. E houve, a partir do presidente Lula, inclusive, uma estratégia nesse sentido. Mas o fato é que o modelo econômico brasileiro se esgotou nos últimos anos; o Brasil parou de crescer e a própria diplomacia brasileira, refletindo um pouco o estilo da presidente Dilma, se retraiu muito. Ficou claro que o Brasil deixou de alcançar alguns dos seus principais objetivos diplomáticos, no Conselho de Segurança da ONU, na negociação da Rodada de Doha, da Organização Mundial do Comércio ou ainda uma afirmação de liderança aceita nos países da América do Sul e da América Latina. Os problemas se acumularam, houve os protestos de 2013, uma campanha eleitoral na qual o País se dividiu completamente a presidente foi reeleita, mas por uma margem muito pequena. Ela enfrenta hoje uma crise de estagnação econômica complicada. Tudo isso fez com que, digamos, o enredo que o Brasil vinha apresentando tenha perdido sentido e se esvaziado. Hoje, o Brasil não precisa arrumar um novo enredo, e sim consertar o que está errado. Com base em uma política bem-sucedida, que dê respostas à sociedade brasileira, o Brasil conseguirá ter presença no mundo que corresponda aos seus interesses.

Por que houve esse recuo?

Acho que o Brasil descuidou da economia, em primeiro lugar. A diplomacia

e a política externa sempre tiveram uma base econômica muito forte, ligada ao desenvolvimento do País. Os diplomatas brasileiros aprendem isso no Instituto Rio Branco. A partir da crise mundial de 2008, o Brasil deveria ter mudado a estratégia voltada para o estímulo ao consumo, que aconteceu com o presidente Lula e continuou no primeiro mandato da presidente Dilma. O Brasil demorou muito a voltar-se para uma estratégia dirigida ao estímulo ao investimento, com a maior capacitação do país, maior produtividade e capacidade de competir. Países do nosso entorno, como o Chile, Peru, Colômbia e México voltaram-se para os eixos mais importantes da economia e conseguiram avançar mais do que nós em reformas estruturais. O Brasil continua a ser o grande país que é, a sétima economia do mundo, mas ocupa um espaço na economia mundial que é menor hoje do que era há alguns anos. O país tem, obviamente, capacidade de reverter isso e eu creio que disso se trata quando a presidente Dilma Rousseff reverte completamente a direção da sua política econômica.

Em relação ao seu próprio primeiro mandato?

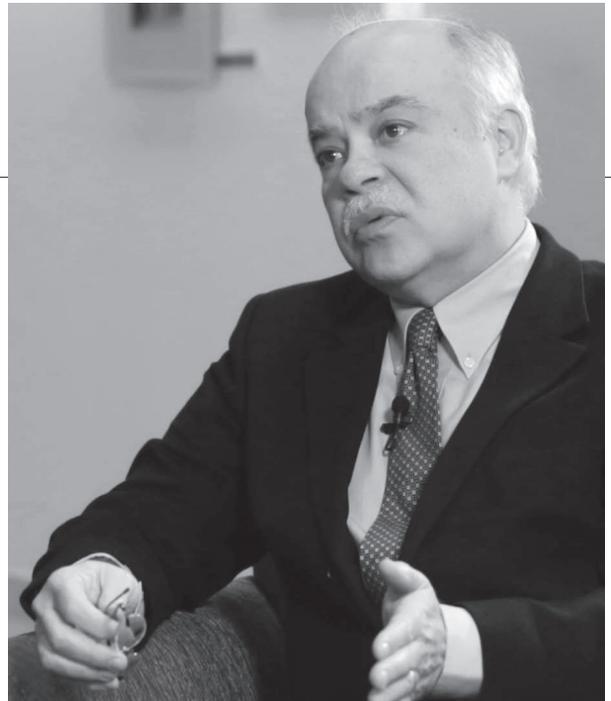
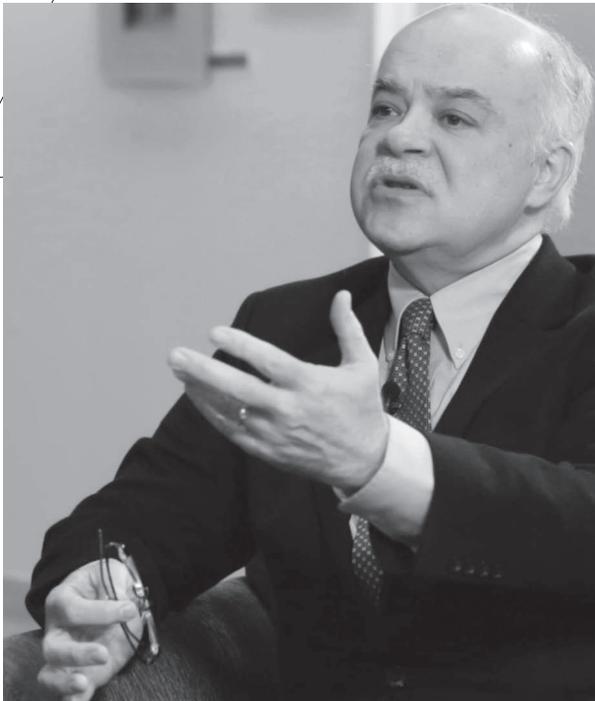
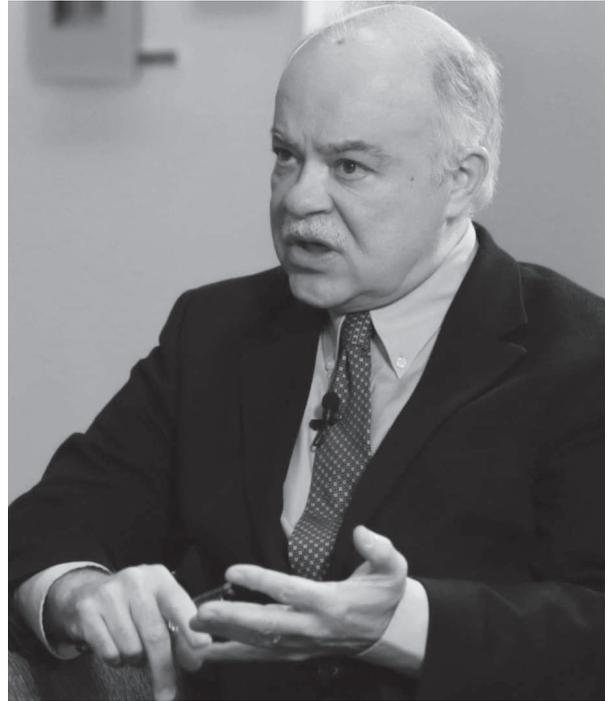
Sim. Chama o Joaquim Levy, respeitado economista, para reequilibrar as contas do setor público, restaurar a credibilidade da política econômica e preparar o caminho para uma nova etapa de crescimento com sustentabilidade. É disso que depende manter políticas de inclusão social e elevar a qualidade de vida das pessoas no Brasil.

As novas medidas não são populares. O que havia antes era populismo?

Era claramente parte de um projeto político do Partido dos Trabalhadores e dos seus aliados, para se manterem no poder a qualquer custo. Agora, o País terá que arcar com as consequências disso. A própria presidente parece ter se dado conta porque o que ela fez ao nomear o Joaquim Levy foi uma guinada de 180 graus nos rumos da economia, num rumo que me parece mais acertado, mas certamente é sacrificado. O Brasil não precisava ter feito o que fez no primeiro mandato, como, por exemplo, investir bilhões de dólares do BNDES na escolha de campeões nacionais em diferentes áreas. Hoje, nós sabemos que essas políticas não deram certo. Poderia ter havido uma estratégia mais eficiente no uso dos recursos públicos, mas esse é o passado. Agora, trata-se de reverter, buscar um novo caminho numa situação obviamente mais difícil, na qual a economia mundial também não ajuda muito.

A política externa do Brasil é desconectada da interna?

Essa dicotomia, de se ter uma política externa desconectada do que acontece no Brasil, pode funcionar durante algum tempo, especialmente se você tem um líder com carisma, com a capacidade do presidente Lula. Mas depois a mágica se desfaz. Acho que o Brasil só se resolve internamente com democracia, tornando as pessoas que governam mais responsáveis pelo que fazem diante da população. Isso já está acontecendo, apesar de todas as más notícias. Mesmo uma grande má notícia, que é o escândalo da Petrobrás, mostra que o Brasil adquiriu, em 30 anos de democracia, instituições como o Ministério Público e a Polícia Federal, fortes o suficiente para investigar. Esse é um





mérito da sociedade brasileira, é a boa notícia dentro da péssima notícia que é o Petrolão. Temos aí um grupo de brasileiros, servidores públicos dedicados ao País, exibindo tudo isso e agindo dentro do primado da lei. É a partir daí que o Brasil se projeta para as grandes questões globais, como a mudança climática. Não haverá uma discussão boa sobre isso se o Brasil não estiver sentado e participando seriamente, porque o País é o dono da maior reserva florestal do mundo.

É necessária a presença do Brasil?

O Brasil é necessário em mudança climática, em saúde e segurança alimentar, é uma das nações que mais produz comida. Há projeções de que caberá ao Brasil suprir entre 30% e 40% das necessidades adicionais de alimentos no mundo para atender a uma população mundial, hoje, de 7 bilhões, mas que deve chegar, em 2050, a 9 bilhões. Em segurança energética, a diversidade de fontes que o Brasil tem é impressionante, o que torna ainda mais surpreendente o fato de hoje o País estar em crise energética.

Está em crise de água e energética, duas grandes potencialidades brasileiras.

Isso, mas porque faltou administração, faltou política, e não é de um partido. Acho que aí os políticos brasileiros poderiam todos se dar as mãos e assumir a responsabilidade, que é coletiva. Em políticas urbanas, já que a maior parte da população do mundo vive e no futuro viverá em cidades, o Brasil é visto como um país líder nas discussões. O mundo sente falta da presença do Brasil, mas de que Brasil? De um Brasil democrático, que está resolvendo os seus problemas e, ao fazer isso, oferece soluções para o resto do mundo.

Qual é o papel da sociedade nesse processo?

A passividade da sociedade organizada, das associações empresariais, reflete o fato de que elas têm os seus canais de comunicação. Será que elas querem mudar? Eu não sei. A forma como nós temos nos governado nesses últimos 30 anos da democracia, que foi conquistada no Brasil, chegou a um ponto de exaustão. O Brasil ou muda ou vai continuar nessa mediocridade de crescimento baixo, não respondendo pelas demandas das pessoas por mais educação, saúde e transporte de qualidade. Enfim, no fundo, por mais oportunidades para si, para seus filhos e futuras gerações. Os líderes das associações e dos partidos políticos devem olhar isso de forma séria, porque a pressão das pessoas não diminuirá no Brasil.

Existe ameaça à democracia?

Nunca ninguém sério ou a maioria sugeriu qualquer outra coisa que não a democracia. Depois de todos esses anos, ela tornou-se uma finalidade em si mesma, o que é muito bom. Agora, há que fazer com que ela produza os resultados necessários para a população, que ainda é bastante pobre, apesar dos progressos. É um país ainda muito injusto e desigual. Os diferentes grupos de representação da sociedade tem que se engajar seriamente numa discussão para começar a fazer mudanças. Eu acho que o Brasil tem que se arejar e se abrir mais para o mundo, porque só assim se tornará mais competitivo.

Somos fechados demais?

Somos uma das economias mais fechadas do planeta, do mundo capitalista. Muitos brasileiros não percebem isso

porque hoje tem mais voos para os Estados Unidos e Europa, há uma camada da população com acesso à economia competitiva do mundo, porque vai a outros lugares e compra as coisas. Agora, o grau de interação da economia brasileira com o mundo é baixo. A economia brasileira, na medida em que não está exposta à competição, vai se acomodando e perde competitividade, os índices todos mostram isso. Há que reverter, e eu tenho impressão que isso é o corolário da reorientação de política econômica que está sendo agora introduzida no Brasil. Uma maior participação de um setor privado menos dependente do dinheiro público e um país mais conectado com o mundo, acho que é isso que as pessoas no Brasil querem. O programa, que a presidente Dilma Rousseff iniciou, o Ciências sem Fronteiras, visa exatamente isso, fazer com que os jovens brasileiros saiam, estudem fora e se integrem. Eu acho que essa menina que veio, quarenta, cinquenta, sessenta mil, já terá algum impacto no Brasil, porque eles viram outro mundo, que pode ser mais dinâmico e integrado. Eles querem participar, o brasileiro é especialmente adaptável e apto a isso, é um ser muito maleável, extremamente simpático, querido pelas pessoas. Isso nos dá uma qualidade que devemos ser capazes de mobilizar com educação e sistemas de produção e distribuição mais contemporâneos do mundo.

Dá para diminuir a dependência que o Brasil tem de Brasília?

Tem que diminuir, até porque Brasília está ficando cada vez mais limitada nos seus recursos. O Brasil tem que confiar mais na iniciativa dos empresários, das pessoas, das pequenas e médias empresas, as que geram mais empregos.

Muitas vezes, o Brasil privatiza o bem público. É o que aconteceu agora nesse horroroso escândalo da Petrobrás, que é um patrimônio nacional, um bem público que está sendo usado para fins particulares, seja de pessoas ou de partidos políticos. Será que a sociedade brasileira vai aprender as lições desse Petrolão e tirar as conclusões certas disso? Eu creio que sim. Hoje, a empresa orgulho dos brasileiros no mundo é a Embraer. Era uma empresa estatal e hoje é a terceira maior empresa de produção de aviões no mundo. Aqui de Washington, se você sair num voo de duas horas de duração, 50% das vezes estará voando numa aeronave fabricada em São José dos Campos. Temos os exemplos da Embraer, da Natura, da Marcopolo. Hoje, há umas trinta ou quarenta multinacionais brasileiras no mundo. A Gerdau fabrica aço em 19 Estados dos Estados Unidos. Colocados num ambiente em que você pode produzir, onde a carga tributária é mais razoável ou a cobrança de impostos é mais eficiente e não inibe os negócios, os empresários brasileiros se dão muito bem. Outra coisa: se você for a Cambridge, a Massachusetts e em vários centros de inovação no mundo, a quantidade de cientistas brasileiros que se tornam empreendedores está crescendo. Por quê? Porque eles são bons e bem formados. No Brasil, eles não encontram ambiente para empreender e vão fazer isso onde são bem-vindos. Já fizemos um seminário com deputados e senadores brasileiros, em 2011, no qual um representante do MIT agradeceu muito a esses políticos por mandarem seus cientistas para cá.

Um agradecimento irônico?

Claro, um comentário irônico, feito por um alto funcionário do MIT. Mas é a

lição, não falta capacidade no Brasil, temos cientistas de primeiríssima qualidade, o que nos falta é organizar o sistema econômico para que essas pessoas possam aplicar esse conhecimento em produtos e processos que tenham apelo comercial. Foi assim que surgiu o iPhone, o PC e todas essas coisas que usamos hoje, na junção do conhecimento e da tecnologia com a sua aplicação em coisas comercializáveis. O Brasil tem plena capacidade de fazer isso. O caminho que vínhamos estava equivocado, demos com os burros n'água, é uma crise, mas não é terminal, longe disso. O Brasil pode superar e tenho impressão que essa é a motivação da presidente da República e das pessoas que a cercam hoje, ao reorientar a política econômica. Vem também aí uma reorientação da própria política externa. O novo Chanceler, Mauro Vieira, que foi embaixador aqui, disse no seu discurso de despedida em Washington que precisamos ter uma política externa sem abandonar os seus princípios tradicionais universalistas. O Brasil é um país que quer se relacionar com todo mundo. Tem que ter uma política externa com objetivos, que produza resultados mensuráveis. Uma dessas revisões é a própria relação com os Estados Unidos, que, a julgar pelas informações e declarações da presidente Dilma Rousseff, e de todos os seus assessores, volta a ser uma prioridade. Os Estados Unidos são o país com o qual os brasileiros querem se relacionar. A quantidade de visitantes brasileiros mostra isso.

É uma decisão da sociedade?

Sim, uma decisão ratificada o tempo todo. Outra coisa: os Estados Unidos são o país que mais compra produtos manufaturados brasileiros. Ou seja, produto

de maior valor agregado. Pode haver lá, numa parte da política brasileira, um preconceito ideológico contra os Estados Unidos. Se quiserem continuar com isso, sigam em frente e vão dar com os burros n'água. A China, que é um país governado e com uma economia sob comando do Partido Comunista, não tem esse preconceito, eles negociam com os Estados Unidos.

Os chineses são pragmáticos.

Falta-nos pragmatismo?

Eu acho que falta. O pragmatismo que existe no Brasil, às vezes, é orientado para o que não deveria, é a Lei do Gerson, de levar vantagem em tudo. E aí não é só o governo, são os cidadãos organizados em associações que precisam levar o país a sério e acreditar que podemos superar os problemas. Creio que é isso o que motiva esses jovens promotores, parte do Judiciário e dos empresários, que devem estar cansados de pagar propina. Há uma forma mais eficiente, inteligente e louvável de fazer as coisas.

Por que as pessoas se prostram diante do Congresso?

Busca de influência junto aos políticos e endeusamento acontece em qualquer democracia. O que você precisa é ter um processo político que permita renovar sempre. Temos um sistema político que gera 32 partidos políticos, com poucos inscritos. Tem um comércio de tempo em televisão e de fundo partidário. Brasileiros eleitos criaram esse um monstrengo, que precisa ser mudado. Aqui, também, há grupos de pressão que tentam influenciar o processo político. Os americanos estão altamente desiludidos hoje com os seus governantes, há um impasse enorme no Congresso so-



Há projeções de
que caberá ao
Brasil suprir entre
30% e 40% das
necessidades
adicionais de
alimentos no mundo

bre como governar o país, que também está numa fase de transição. Os Estados Unidos continuam a ser o país mais rico, mas estão perdendo importância relativa e precisam se recolocar num mundo onde hoje as tecnologias igualam muito a competição. Eu acho que não há que jogar a toalha e dizer que no Brasil sempre foi e será assim. O Estado, no Brasil, construiu a nação. Nos Estados Unidos é o oposto, a nação construiu o Estado. Agora, isso não quer dizer que o Brasil esteja condenado a ser sempre esse país com mentalidade estatista. Há que avançar e superar os problemas, temos a capacidade de fazer isso. Acho impressionante essa crise do abastecimento de água potável e de energia. O Brasil é o país que tem uma das maiores reservas de água doce do mundo. Está-se enfrentando essa situação não é porque o tempo não ajudou, é porque administrou mal. O Brasil perdeu nessas últimas décadas a capacidade de gerenciar as coisas, e precisa recuperar isso. A crise, a exaustão econômica, a divisão política interna, colocou o país numa espécie de purgatório. Se o usarmos bem, sairemos dele com uma perspectiva muito positiva. O Brasil foi durante muitos períodos, no último século, o país de maior crescimento no mundo. Apesar dos pesares, o nível médio de educação está melhorando, mais devagar do que deveria, mas está. As coisas não acabam mais em pizza.

O que mais falta no Brasil?

Falta uma sociedade mais arejada e, sobretudo, e aí não é um problema só do Brasil, falta liderança. O País precisa voltar a formar líderes de melhor qualidade; como no passado. Aliás, não é só o Brasil, vários países vivem esse problema hoje. É preciso investir nisso, investir nas

pessoas que estão aí, emergindo. O Brasil tem quadros, tem gente com capacidade de fazer, imaginar e executar políticas que melhorem a vida das pessoas. Repito, o Brasil decidiu ser uma democracia. Decidiu ser uma democracia que distribui renda, essa é a base da Constituição de 1988. Decidiu ser mais justo, porque tinha um problema de injustiça social histórico muito grande. Se você olhar o Brasil como uma fotografia hoje, pode até ficar desiludido. Agora, se olhar o Brasil como vídeo e for ver onde estávamos e onde estamos, e potencialmente para onde estamos indo, numa perspectiva mais positiva, eu acho que encontrará motivos para querer se engajar mais, participar mais e exigir as mudanças. Não sou do time que vê o copo metade vazio, acho que está metade cheio. O Brasil tem condições únicas no mundo, por ser um país de dimensões continentais, com riquezas naturais imensas. Temos aí 20 ou 25 anos pela frente para melhorar a qualidade de vida da população – o que se faz com educação –, melhorar a qualidade da sua infraestrutura e rever o sistema de governo, para obter mais eficiência. Talvez hoje a gente tenha perdido um pouco a confiança, mas se você conversar com as pessoas de outros países, aquelas que se informam minimamente sobre o Brasil, verá que olham com admiração e esperança para o nosso país. O Brasil tem muito a contribuir. Eu diria mesmo que o Brasil, ao se melhorar, melhora o mundo.



ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



BRAZIL HAS A LOT TO OFFER AND, BY SOLVING ITS OWN PROBLEMS, IT OFFERS SOLUTIONS FOR THE REST OF THE WORLD

What is the image of Brazil after showing so much promise for over two decades, and truly managing to be much more relevant in the world? For the journalist Paulo Sotero, from the 'Instituto Brasil' at the Wilson Center in Washington, this success is down to everything that the Brazilian economy did right. That is why recovering this stature must be achieved by correcting everything that is wrong. In his opinion, that was why the president Dilma Rousseff put the economist Joaquim Levy in charge of the Treasury.

What is the role of Brazil today, here in the United States?

There is a kind of confusion in relation to Brazil today. Following the re-democratization process, with the stabilization of the economy and social integration, Brazil became a success story in a global context. There was already, since the President Fernando Henrique Cardoso's administration, a very clear disposition to have a stronger international presence. And when Lula came to power, there was even a kind of strategy put in place to that end. But the fact remains that the Brazilian economic model has been somewhat depleted in the past few years; Brazil has ceased to grow and Brazilian diplomacy itself, in some sense in response to the approach of president Dilma, has diminished our international reputation considerably.

It became clear that Brazil ceased to meet some of its main diplomatic objectives, at the UN Security Council, at the negotiation of the Doha conference, at the World

Trade Organization or even its affirmation of leadership accepted by countries in South America and Latin America at large. Problems began to mount up; there were protests in 2013, an election campaign which divided the country completely. The president was reelected, but only by a small margin. Today she faces a crisis regarding a complicated economic stagnation. In other words, the sum of these factors means that the project that Brazil has been following up until now has been emptied out of meaning. Today, Brazil no longer needs to plot a new project; in fact, it needs to amend what is wrong. Based on a successful policy, which gives the Brazilian public the answers it needs, Brazil will manage to achieve a presence on the world stage that corresponds to its interests.

What is the cause of these setbacks?

In the first place, I think that Brazil neglected the economy. Diplomacy and foreign policy have always been rooted in economic factors, inseparable from the development of the country. Brazilian diplomats learn this at the 'Instituto Rio Branco.' Following the International Economic Crisis in 2008, Brazil had to adopt a different strategy based on stimulating consumers, which took place during the Lula administration, and continued during the first administration of Dilma. Brazil took a long time to return to a strategy based on stimulating investment, increasing the potential of the country, increasing productivity and the capacity for competition. Neighboring countries such as Chile, Peru, Colombia and Mexico have once more become the most important pillars of the economy and they managed to make more headway than us when it came to structural reforms. Brazil con-

tinues to be an enormous country with the seventh largest economy in the world, and yet it occupies an even less important space in world economy than it did a few years ago. The country is undoubtedly in a position to be able to remedy this situation and I think that this will be the case when Dilma Rousseff completely changes the direction of her economic policy.

In relation to her first administration?

Yes. She calls up Joaquim Levy, a respected economist, to rebalance the public sector accounts, to restore the credibility of the economic policy and prepare the ground for a new phase of growth accompanied by sustainability. And this depends on maintaining social integration policies and improving the quality of life of the Brazilian general public.

This new strategy does not consist in populist measures. What was populist about the previous strategy?

It was clearly part of a political project from the Workers' Party and its allies, in order to stay in power at all costs. Now, the country will have to deal with the consequences. The president herself seems to have realized this because the nomination of Joaquim Levy marks a 180 degree turn around in the economic policy of the nation, adopting a path that in my opinion is more acceptable, and yet which certainly entails more sacrifice. Brazil did not need to have done what it did in the first administration, such as, for example, investing billions of dollars from the Brazilian Development Bank in order to nominate national campaigners in different areas. Today, we know that these policies were a failure. There could be a more efficient use of public funds, but that is now in the past. Now, there is a need for



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

BRASIL TIENE MUCHO A CONTRIBUIR Y AL MEJORAR, MEJORA AL MUNDO

¿Cuál es la imagen de Brasil después de más de dos décadas prometiendo y, en la realidad, siendo mucho más relevante en el mundo? Para el periodista Paulo Sotero, del Instituto Brasil del Wilson Center de Washington, todo lo que la economía brasileña hizo de bueno (correctamente) fue la razón del suceso. Por eso, recuperar el prestigio ahora pasa por la corrección de todo lo que también hubo de equivocado. En su opinión, fue para eso que la presidente Dilma Rousseff colocó al economista Joaquim Levy en el Ministerio de Hacienda.

¿Cuál es el papel de Brasil hoy, aquí en los Estados Unidos?

Hay una perplejidad en relación a Brasil hoy. A partir de la redemocratización, con la estabilización de la economía y la llamada inclusión social, Brasil se transformó en una historia de éxito en el mundo. Ya había, desde el presidente Fernando Henrique Cardoso, una disposición muy clara de tener una presencia internacional más fuerte. Y hubo, a partir del presidente Lula, incluso, una estrategia en ese sentido. Pero el hecho es que el modelo económico brasileño se agotó en los últimos años; Brasil paró de crecer y la propia diplomacia brasileña, reflejando un poco el estilo de la presidente Dilma, se retrajo mucho. Quedó claro que Brasil dejó de alcanzar algunos de sus principales objetivos diplomáticos, en el Consejo de Seguridad de la ONU, en la negociación de la Ronda de Doha, de la Organización Mundial de Comercio o aún una afirmación de liderazgo aceptada en los países de América del Sur y de América Latina. Los pro-

blemas se acumularon; las protestas de 2013, una campaña electoral en la cual el País se dividió completamente; la presidente fue reelecta, pero por un margen muy pequeño. Ella enfrenta hoy una crisis de estancamiento económico complicada. Todo eso hizo con que, digamos, el enredo que Brasil venía presentando haya perdido sentido y se agotó. Hoy, Brasil no precisa armar un nuevo enredo, y sí concertar lo que está errado. Con base en una política exitosa, que dé respuestas a la sociedad brasileña, Brasil conseguirá tener una presencia en el mundo que corresponda a sus intereses.

¿Por qué hubo ese retroceso?

Creo que Brasil descuidó la economía, en primer lugar. La diplomacia y la política externa siempre tuvieron una base económica muy fuerte, ligada al desarrollo del país. Los diplomáticos brasileños aprenden eso en el Instituto Rio Branco. A partir de la crisis mundial de 2008, Brasil debería haber cambiado la estrategia orientada hacia el estímulo al consumo, que surgió con el presidente Lula y continuó en el primer mandato de la presidente Dilma. Brasil demoró mucho a orientarse hacia una estrategia dirigida al estímulo a la inversión, con la mayor capacitación del país, mayor productividad y capacidad de competir. Algunos países de nuestro entorno, como Chile, Perú, Colombia y México se reorientaron para los ejes más importantes de la economía y consiguieron avanzar más que nosotros en sus reformas estructurales. Brasil continúa siendo el gran país que es, la séptima economía del mundo, pero ocupa un espacio en la economía mundial que es menor hoy de lo que era hace algunos

años. El país tiene, obviamente, capacidad para revertir eso y yo creo que de eso se trata cuando la presidente Dilma Rousseff altera completamente la dirección de su política económica.

¿En relación a su propio primer mandato?

Sí. Llama a Joaquim Levy, respetado economista, para reequilibrar las cuentas del sector público, recuperar la credibilidad de la política económica y preparar el camino para una nueva etapa de crecimiento con sustentabilidad. Es de eso que depende mantener políticas de inclusión social y elevar la calidad de vida de las personas en Brasil.

Las nuevas medidas no son populares.

¿Lo que había antes era populismo?

Era claramente parte de un proyecto político del Partido de los Trabajadores y de sus aliados, para mantenerse en el poder a cualquier costo. Ahora, el país tendrá que arcar con las consecuencias de ello. La misma presidente parece haberse dado cuenta, porque lo que ella hizo al nombrar a Joaquim Levy fue un giro de 180 grados en el rumbo de la economía, en un rumbo que me parece más correcto, pero indudablemente es sacrificado. Brasil no precisaba haber hecho lo que hizo en el primer mandato, como, por ejemplo, invertir miles de millones de dólares del BNDES en la elección de campeones nacionales en diferentes áreas. Hoy, nosotros sabemos que esas políticas fracasaron. Podría haber existido una estrategia más eficiente en el uso de los recursos públicos, pero ese es el pasado. Ahora, se trata de reconvertir, buscar un nuevo camino en una situación obviamente más difícil, en la cual la economía mundial tampoco ayuda mucho.

ENGLISH

change, to find a new path out of an obviously difficult situation, in which the world economy does not help that much.

Are foreign affairs in Brazil disconnected to public policy?

This dichotomy, which involves having a foreign policy disconnected from what is happening in Brazil, can operate for a certain degree of time, especially if you have a charismatic leader, with the competence of President Lula. But then the magic wears off. I think that Brazil will only resolve its internal problems through democracy, by making those in power more responsible for their actions towards the people. This is already taking place, despite all the negative news coverage. Even a massive devastating news story, such as the Petrobras scandal, shows that Brazil has acquired, in 30 years of democracy, institutions like the Public Prosecutor's Office and the Federal Police that are strong enough to investigate efficiently. This is a point of merit in Brazilian society and it's good news within the pessimistic climate of the Petrobras scandal. There we have a group of Brazilian civil servants that are dedicated to the country, showing all of these attributes and acting within the bounds of the law. It is from this context that Brazil can make plans for global matters, such as climate change. There will not be a valid discussion on this issue if Brazil is not settled and participating seriously because the country owns the largest forest reserve in the world.

Is Brazil's presence necessary?

Brazil is necessary for the debate on climate change, for health and food safety. It is one of the nations that produces the most food. It is thought that it will be up

to Brazil to provide between 30% and 40% of the additional global food needs for the world population, which today stands at 7 billion, but which is thought to reach 9 billion by 2050. When it comes to energy safety, the diversity of sources that Brazil has is impressive, which makes it even more surprising that the country is currently suffering an energy crisis.

There is a water and energy crisis, two of the Brazilian main power sources.

That's right but there was a lack of adequate administration, a lack of policies, and it is not all down to one party. I think that in this respect Brazilian politicians could all hold up their hands and admit responsibility, which ultimately is collective. When it comes to urban planning policies, since the main part of the world's population live and, in the future, will live in cities, Brazil is seen as a leading country on these discussions. The world feels the absence of Brazil, but what kind of Brazil? A democratic Brazil, which is solving its own problems and, by doing so, offers solutions for the rest of the world.

What is society's role in this process?

The passivity of organized society, of business associations, reflects the fact that they have their communication channels. Do they want to change? I don't know. The way we have governed the country for the past 30 years of democracy, which was fought for in Brazil, has reached a point of exhaustion. If Brazil does not change it will continue along this path of mediocrity and low growth rates, failing to meet the public's demands for better education, health and transport and ultimately, for better opportunities for themselves, for their children and for future generations. The leaders of the associations and

the political parties should take this more seriously because public pressure will not diminish in Brazil.

Is democracy at risk?

Neither any credible individuals nor the majority of the population have put forward anything besides democracy. After all of these years, it has become an end in itself, which is really great. Now, we need to make democracy produce the necessary results for the population, which is still considerably poor, despite progress. Brazil is still a very unjust and unequal country. The different representative groups in society need to seriously get involved in a discussion to start making changes. I think that Brazil needs to renew itself and increasingly open itself up to the world because that is how it will become more competitive.

Are we too closed off from the rest of the world?

We have one of the most closed economies on the planet, in the capitalist world. Many Brazilians don't see this because nowadays there are more flights available to the United States and Europe. There is a sector of the population that has access to the competitive world economy because they travel and consume. However, the level of economic interaction between Brazil and the rest of the world is very low. The Brazilian economy, in the sense that it is not exposed to competition, begins to slow up and loses competitiveness. The statistics verify this state of affairs. This situation needs to be changed and I am under the impression that this must stem from the reorientation of economic policy, which is being introduced into Brazil. A greater participation from the private sector, which is less dependent on public

ESPAÑOL

¿La política externa de Brasil está desconectada de la interna?

Esa dicotomía, de tener una política externa desconectada de lo que acontece en Brasil, puede funcionar durante algún tiempo, especialmente si usted tiene un líder carismático, con la capacidad del presidente Lula. Pero después la magia desaparece. Creo que Brasil solo se resuelve internamente con democracia, haciendo más responsables a las personas que gobiernan por lo que hacen ante la población. Eso ya está aconteciendo, a pesar de todas las malas noticias. Incluso una muy mala noticia, como es el escándalo de la Petrobras, muestra que Brasil adquirió, en 30 años de democracia, instituciones como el Ministerio Público y la Policía Federal, lo suficientemente fuertes para investigar. Ese es un mérito de la sociedad brasileña, es la buena noticia dentro de la pésima noticia que es el Petrolón. Tenemos allí un grupo de brasileños, servidores públicos dedicados al país, exhibiendo todo eso y actuando dentro del primado de la ley. Es a partir de allí que Brasil se proyecta para las grandes cuestiones globales, como el cambio climático. No habrá una buena discusión sobre eso si Brasil no estuviese sentado y participando seriamente, porque el país es el dueño de la mayor reserva forestal del mundo.

¿Es necesaria la presencia de Brasil?

Brasil es necesario en el cambio climático, en salud y seguridad alimentaria, es una de las mayores naciones productoras de comida. Hay proyecciones de que corresponderá a Brasil proveer entre 30 % y 40 % de las necesidades adicionales de alimentos en el mundo para atender a una población mundial, hoy, de 7.000 millones, pero que debe llegar, en el 2050,

a 9.000 millones. En seguridad energética, la diversidad de fuentes que Brasil tiene es impresionante, lo que hace todavía más sorprendente el hecho que hoy el país atraviese una crisis energética.

Está en crisis de agua y energía, dos grandes potencialidades brasileñas.

Eso, esencialmente porque faltó administración, faltó política, y no es de un solo partido. Creo que allí los políticos brasileños podrían todos darse las manos y asumir la responsabilidad, que es colectiva. En políticas urbanas, considerando que la mayor parte de la población del mundo vive y en el futuro vivirá en ciudades, Brasil es visto como un país líder en las discusiones. El mundo siente falta de la presencia de Brasil, ¿pero de que Brasil? De un Brasil democrático, que está resolviendo sus problemas y, al hacerlo, ofrece soluciones para el resto del mundo.

¿Cuál es el papel de la sociedad en este proceso?

La pasividad de la sociedad organizada, de las asociaciones empresariales, refleja el hecho de que ellas tienen sus canales de comunicación. ¿Será que ellas quieren cambiar? No lo sé. La forma como nos hemos gobernado en estos últimos 30 años de democracia, conquistada en Brasil, llegó a su punto de agotamiento. Brasil o cambia o continuará en esa mediocridad de bajo crecimiento, no atendiendo a las demandas de las personas por más educación, salud y transporte de calidad. Finalmente, en el fondo, por más oportunidades para ellas, para sus hijos y las futuras generaciones. Los líderes de las asociaciones y de los partidos políticos deben observar eso de forma seria, porque la presión de las personas no disminuirá en Brasil.

¿Existe una amenaza a la democracia?

Nunca nadie serio o la mayoría, sugirieron ninguna otra cosa que no sea la democracia. Después de todos estos años, ella se tornó un fin en sí misma, lo que es muy bueno. Ahora, hay que hacer que ella produzca los resultados necesarios para la población, que todavía es muy pobre, a pesar de los avances. Aún es un país muy injusto y desigual. Los diferentes grupos de representación de la sociedad tienen que comprometerse seriamente en una discusión para comenzar a efectuar cambios. Estoy persuadido que Brasil tiene que oxigenarse y abrirse más para el mundo, porque solo así será más competitivo.

¿Somos demasiado cerrados?

Somos una de las economías más cerradas del planeta, dentro del mundo capitalista. Muchos brasileños no lo perciben porque hoy tienen más vuelos para los Estados Unidos y Europa, hay un segmento de la población con acceso a la economía competitiva del mundo, porque va a otros lugares y compra las cosas. Ahora, el grado de interacción de la economía brasileña con el mundo es bajo. La economía brasileña, en la medida en que no está expuesta a la competencia, se va acomodando y pierde competitividad, todos los índices así lo demuestran. Hay que revertirlo, y tengo la impresión que eso es el corolario de la reorientación de la política económica que está siendo actualmente introducida en Brasil. Una mayor participación de un sector privado menos dependiente del dinero público y un país más conectado con el mundo, estimo que es lo que las personas en Brasil quieren. El programa, que la presidente Dilma Rousseff inició, Ciencias sin Fronteras, apunta exacta-

ENGLISH

funds, and a country that is more connected with the world, I think that is what people in Brazil want. The 'Science without Borders' scheme that the president Dilma Rousseff introduced, aims at exactly that; encouraging young Brazilians to travel, to study abroad and integrate. I think those young people who have returned from these trips, forty, fifty, sixty thousand, will have an impact on Brazil because they have seen a different world, which can be more dynamic and integrated. They want to participate. Brazilians are especially adaptable and good at this. They are flexible and extremely friendly and tend to get on with people. This gives us a quality that we need to make the most of when it comes to education and to the latest production and distribution systems in the world.

Is it possible to reduce Brazil's dependence on Brasilia?

It has to be reduced because Brasilia has increasingly limited resources. Brazil has to trust more in the initiatives of businesses, of people, of small and medium sized companies, which generate more jobs. What often happens in Brazil is that public services are privatized. And a good example of this is what happened recently in the terrible Petrobras scandal, which is part of national heritage, and a public service that is being used for private interests, be it by individuals or political parties. Will Brazilian society be able to learn the lessons from this scandal and make the right conclusions in its wake? I think so. Nowadays, the company that is the pride of Brazil on an international level is Embraer. It was a state company and now it is the third largest aircraft manufacturer in the world. Here in Washington, if you take a 2 hour flight, there is a

50% chance you'll be flying on an aircraft that has been manufactured in São José dos Campos. We have examples such as Embraer, Natura, and Marcopolo. Today, there are around thirty or forty Brazilian multinationals in the world. Gerdau manufactures steel in 19 states in the United States. Within a context in which you can actually be able to manufacture, where the tax revenue is more reasonable or where tax payments are more efficient and do not inhibit business, Brazilian businesses do very well. Moreover: if you went to Cambridge, Massachusetts and several centers of innovation in the world, the quantity of Brazilian scientists that become business entrepreneurs is increasing. Why? Because they are good and they are well trained. In Brazil, they have not found a suitable environment in order for their businesses to take root, and so they are going to do so in places where they feel welcome. We organized a seminar with Brazilian MP's and senators, in 2011, in which a representative of MIT gave many thanks to these policies for having sent scientists over here.

Was he being ironic?

Yes, of course it was an ironic comment, made by one of the highest ranking academics at MIT. But it is a lesson for us. There is by no means a lack of qualified specialists in Brazil, we have first rate scientists. What is lacking is the organization of the economic system so that these individuals can apply their knowledge to products and processes that have some kind of economic appeal. This was how the iPhone, the PC and all those kind of things that we use today came about, bringing together knowledge and technology and applying them for commercial ends. Brazil has a great capacity to be able

to do this. We've been on the wrong path up until now and it's all gone to pieces, resulting in crisis, but is far from being a chronic problem. Brazil can get over it and I have the feeling that this is the motivation of the president of the Republic and of the people working alongside her today, by giving the economic policy a new direction. This has been accompanied by a new direction for foreign policy. The new Chancellor, Mauro Vieira, who was the ambassador here, announced in his leaving speech in Washington that we need to have a foreign policy that doesn't neglect its traditional universal principles. Brazil is a country that wants to establish relations with the rest of the world. It has to have a foreign policy with objectives that produces quantifiable results. One of these points of revision is its relations with the United States, which, judging from the information and declarations from President Dilma Rouseff, and from all of her advisors, has once more become a priority. The United States is a country that Brazil wants to maintain a relation with. The amount of Brazilian visitors to the country is testimony to this.

Is it society's decision?

Yes, it's a decision which is constantly being approved. Moreover, the United States is the country that buys the largest quantity of products manufactured in Brazil. In other words, products with the largest unit value added. It is possible that there is a kind of ideological prejudice against the United States. If they wish to continue with this mentality, everything will come apart. With regards China, which is a country politically and economically governed by the Communist Party, there is no such prejudice, they do business with the United States.

ESPAÑOL

mente a eso, hacer con que los jóvenes brasileños salgan, estudien fuera y se integren. Creo que esa muchachada que vino, cuarenta, cincuenta, sesenta mil, tendrá algún impacto en Brasil, porque ellos vieron otro mundo, que puede ser más dinámico e integrado. Ellos quieren participar, el brasileño es especialmente adaptable y apto para eso, es un ser muy maleable, extremadamente simpático, querido por las personas. Eso nos otorga una calidad que debemos ser capaces de movilizar con educación y con los sistemas de producción y distribución más contemporáneos del mundo.

¿Se puede disminuir la dependencia que Brasil tiene de Brasilia?

Tiene que disminuir, incluso porque Brasilia está quedando cada vez más limitada en sus recursos. Brasil tiene que confiar más en la iniciativa de los empresarios, de las personas, de las pequeñas y medianas empresas, las que generan más empleos. Muchas veces, Brasil privatiza el bien público. Es lo que aconteció ahora en ese horrible escándalo de Petrobras, que es un patrimonio nacional, un bien público que está siendo usado para fines particulares, sea de personas o de partidos políticos. ¿Será que la sociedad brasileña va a aprender las lecciones de ese Petrolón y sacar las conclusiones ciertas? Yo creo que sí. Hoy, la empresa orgullo de los brasileños en el mundo es Embraer. Era una empresa estatal y hoy es la tercera mayor empresa de producción de aviones del mundo. Aquí, en Washington, si usted sale en un vuelo de dos horas de duración, 50 % de las veces estará volando en una aeronave fabricada en São José dos Campos. Tenemos ejemplos como Embraer, Natura, Marcopolo. Hoy, hay unas treinta

o cuarenta multinacionales brasileñas en el mundo. Gerdau fabrica acero en 19 estados de los Estados Unidos. Colocados en un ambiente en que usted puede producir, donde la carga tributaria es más razonable o el cobro de impuestos es más eficiente y no inhibe los negocios, los empresarios brasileños se dan muy bien. Otra cosa: si usted va a Cambridge, Massachusetts y otros diversos centros de innovación en el mundo, la cantidad de científicos brasileños que se transforman en emprendedores está creciendo. ¿Por qué? Porque ellos son buenos y están bien preparados. En Brasil, ellos no encuentran el ambiente para emprender y van hacer eso donde son bienvenidos. Ya realizamos un seminario con diputados y senadores brasileños, en 2011, en el cual un representante del MIT agradeció enfáticamente a esos políticos por mandar a sus científicos para acá.

¿Un agradecimiento irónico?

Claro, un comentario irónico, hecho por un alto funcionario del MIT. Pero es la lección, no falta capacidad en Brasil, tenemos científicos de primerísima calidad, lo que nos falta es organizar el sistema económico para que esas personas puedan aplicar ese conocimiento a productos y procesos que tengan demanda comercial. Fue así que surgió el iPhone, el PC y todas esas cosas que usamos hoy, en la fusión del conocimiento y la tecnología con su aplicación en cosas comercializables. Brasil tiene plena capacidad de hacer eso. El camino por el que veníamos era equivocado, dimos con la cabeza en el pesebre, es una crisis, pero no es terminal, lejos de ello. Brasil puede superar esa crisis y tengo la impresión que esa es la motivación de la presidente de la República y de las personas que hoy la ro-

dean, al reorientar la política económica. También viene allí una reorientación de la misma política externa. El nuevo Canciller, Mauro Vieira, que fue embajador aquí, dijo en su discurso de despedida en Washington que precisamos tener una política externa sin abandonar sus principios tradicionales universalistas. Brasil es un país que quiere relacionarse con todo el mundo. Tiene que tener una política externa con objetivos, que produzca resultados mensurables. Una de esas revisiones es la propia relación con Estados Unidos, que, a juzgar por las informaciones y declaraciones de la presidente Dilma Rousseff, y de todos sus asesores, vuelve a ser una prioridad. Los Estados Unidos son el país con el cual los brasileños quieren relacionarse. La cantidad de visitantes brasileños muestra eso.

¿Es una decisión de la sociedad?

Sí, una decisión ratificada permanentemente. Otra cosa: Estados Unidos es el país que más compra productos manufacturados brasileños. O sea, aquellos productos con mayor valor agregado. Puede existir allí, en alguna parte de la política brasileña, un preconceito ideológico contra Estados Unidos. Si quieren continuar con eso, sigan adelante y van a dar con la cabeza en el pesebre. China, que es un país gobernado y con una economía bajo el comando del Partido Comunista, no tiene ese preconceito, ellos negocian con los Estados Unidos.

Los chinos son pragmáticos.

¿Nos falta pragmatismo?

Yo creo que nos falta. El pragmatismo que existe en Brasil, a veces, está orientado para lo que no debería, es la Ley de Gerson, de sacar ventaja en todo. Y allí no es solo el gobierno, son los ciudada-

ENGLISH

The Chinese are pragmatic.

Are we lacking in pragmatism?

Yes I believe so. Pragmatism exists in Brazil, sometimes for the wrong reasons, such as the “Gerson Principle”, which means taking advantage over people in all senses. And it’s not just the government, it’s organized society in associations that need to take the country seriously and believe that we can get over our problems. I think that this is what motivates these young attorneys, both from the courts and from companies, which are tired of paying out bribes. There is a more efficient, intelligent and admirable way of doing things.

Why do people bow to Congress?

They are looking for influence with politicians and this idolizing takes place in any democracy. What you need is a political framework that can be constantly renewed. We have a political system that generates 32 political parties, with few members. There are commercial slots on television that are based on party allegiances. Brazilian politicians created this mess, which needs to be changed. There are also now pressure groups, which attempt to influence political processes. The American public is currently highly disappointed with its politicians. There is a considerable impasse in Congress regarding the question of how the country should be governed, which is also going through a transition phase. The United States continues to be the richest country, but they are losing important ground in a global context and they need to reestablish themselves in a world where today’s technology is leveling the competition considerably. I think we should avoid washing their hands of the matter and saying that Brazil has always been and

will always be that way. In Brazil, the State built the nation. In the United States, it is the other way round; the nation built the State. However, that does not mean that Brazil is condemned to always being this country with a state mentality. We need to move on and get over our problems, and we have the capacity to do it. I find this crisis over drinking water supplies and energy astonishing. Brazil has one of the largest freshwater reserves in the world. The fact that we find ourselves in this predicament is not because of the climate, it is simply because of the bad administration. Brazil has lost the capacity to manage these things in the past few decades and it needs to recover this organization. The crisis, economic exhaustion, divided internal politics left the country in a state of impasse. If we use this crisis to our advantage, we could come out of it with a very positive perspective. For a long period of time, especially in the last century, Brazil was the fastest growing country in the world. Despite all the setbacks, the average level of education is improving, slower than it should be, but it’s improving nonetheless. Not everything in Brazil ends in one big reckless party.

What else is lacking in Brazil?

We need a renewed society and most importantly, - and this isn’t just a Brazilian problem, - there is a lack of leadership. The country needs to come up with better quality leaders, like in the past. Having said that, it is not only Brazil, but a number of countries that are facing this problem nowadays. We need to invest in the up and coming candidates. Brazil has its political framework, it has people that are able to act, to come up with and carry out policies that improve people’s lives. And I insist, Brazil decided to become a

democracy. It decided to become a democracy that distributes wealth, which is the basis of the 1988 Constitution. It decided to more just, since historically, social injustice had been a big problem. If you imagine Brazil as a photograph today you could be disappointed. However, if you imagine it as a video, in order to see where we have come from and what we are today, and potentially where we are going, from a positive perspective, I think that you would find motives to want to be more engaged, participate more and demand change. I am not of one of those people that see the glass half empty, I see it half full. Brazil has unique characteristics in a global context, being a country as large as a continent, with vast quantities of natural resources. We have around 20 to 25 years ahead of us in order to improve the quality of life of the population - which can be achieved through education - , to improve the quality of infrastructure and to reevaluate the political system in order to increase efficiency. Perhaps today we have lost some of our confidence, but if you talk to people from other countries, those who take the time to minimally read up about Brazil, you will see that they regard our nation with admiration and hope. Brazil has a lot to offer. I would go as far as to say that by helping itself, Brazil finds solutions for the rest of the world.

ESPAÑOL

nos organizados en asociaciones que precisan tomar al país con seriedad y acreditar que podemos superar los problemas. Creo que es eso lo que motiva a esos jóvenes promotores, parte del Poder Judicial y de los empresarios, que deben estar cansados de pagar sobornos. Hay una forma más eficiente, inteligente y loable de hacer las cosas.

¿Por qué las personas se someten ante el Congreso?

La búsqueda de influencia ante los políticos y endiosamiento acontece en cualquier democracia. Lo que usted precisa es tener un proceso político que permita renovar siempre. Tenemos un sistema político que genera 32 partidos políticos, con pocos inscriptos. Existe un comercio

cho la competencia. Creo que no hay que tirar la toalla y decir que Brasil siempre fue y siempre será así. El Estado, en Brasil, construyó la nación. En Estados Unidos es lo opuesto, la nación construyó al Estado. Ahora, eso no significa que Brasil esté condenado a ser siempre ese país con mentalidad estatista. Hay que avanzar y superar los problemas, tenemos la capacidad de hacer eso. Encuentro impresionante esa crisis del abastecimiento de agua potable y de energía. Brasil es el país que tiene una de las mayores reservas de agua dulce del mundo. Está enfrentando esa situación no porque el tiempo no ayudó, sino porque la administró mal. Brasil perdió en estas últimas décadas la capacidad de administrar las cosas, y precisa recuperar eso. La crisis, el

agotamiento económico, la división política interna, colocaron al país en una especie de purgatorio. Si lo usamos bien, saldremos de él con una perspectiva muy positiva. Brasil fue durante muchos períodos, en el último siglo, el país de mayor crecimiento del mundo. A pesar de las an-

gustias, el nivel medio de la educación está mejorando, más lentamente de lo que debería, pero está. Las cosas no acaban más en pizza.

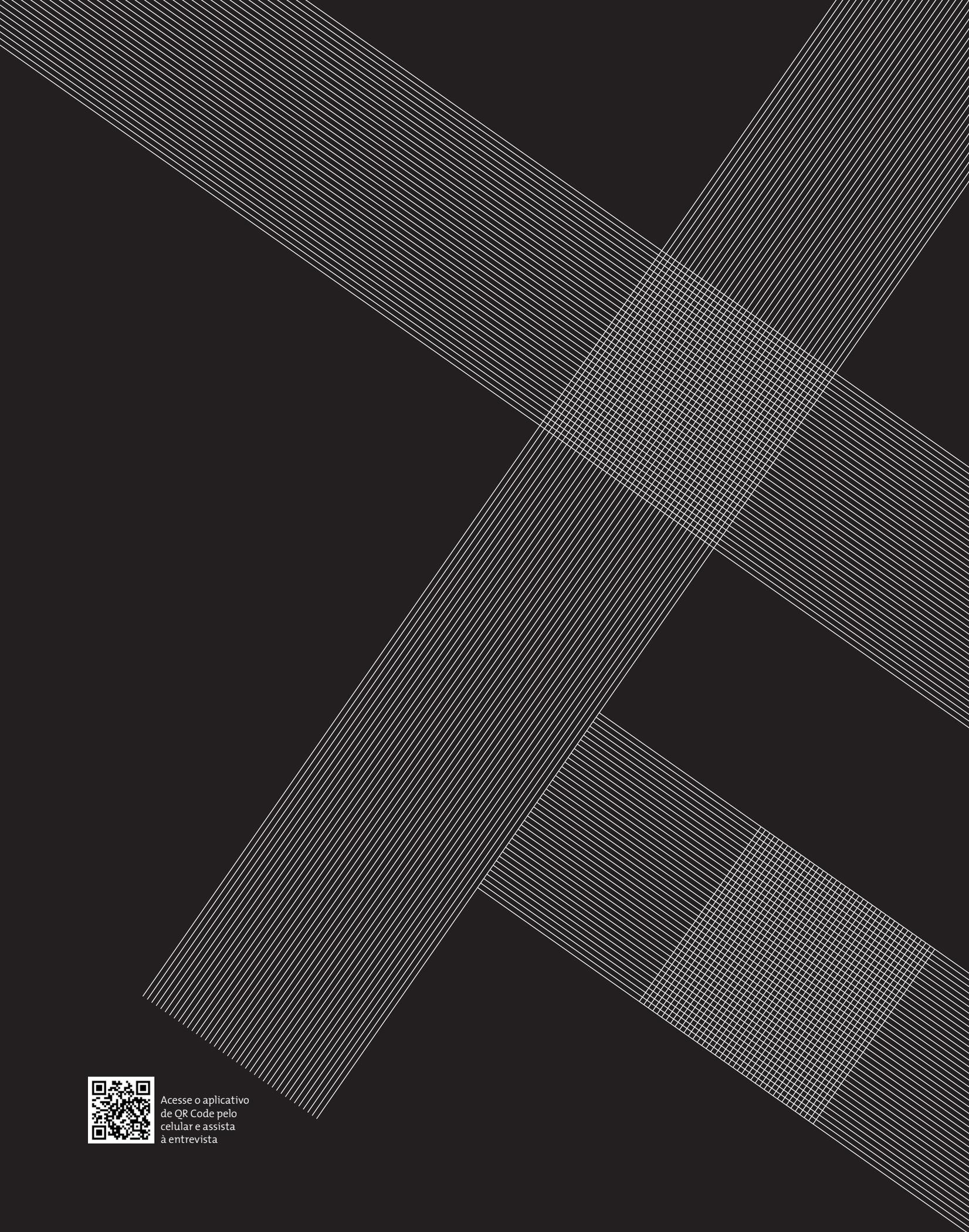
¿Qué más le falta a Brasil?

Falta una sociedad más oxigenada y, sobretodo, y este no es un problema solo de Brasil, falta liderato. El país precisa volver a formar líderes de mejor calidad; como en el pasado. Además, no es solo Brasil, varios países viven el mismo problema hoy. Es preciso invertir en eso, invertir en las personas que están allí, emergien-

do. Brasil tiene cuadros, tiene gente con capacidad de hacer, imaginar y ejecutar políticas que mejoren la vida de las personas. Repito, Brasil decidió ser una democracia. Decidió ser una democracia que distribuye renta, esta es la base de la Constitución de 1988. Decidió ser más justo, porque tenía un problema histórico de injusticia social muy grande. Si usted mira a Brasil como una fotografía hoy, puede hasta quedar desilusionado. Ahora, si mira a Brasil como video y observa donde estábamos y donde estamos, y potencialmente para donde estamos yendo, en una perspectiva más positiva, creo que encontrará motivos para querer comprometerse más, participar más y exigir los cambios. No soy del equipo que ve el vaso medio vacío, creo que está medio lleno. Brasil tiene condiciones únicas en el mundo, por ser un país de dimensiones continentales, con riquezas naturales inmensas. Tenemos allí 20 o 25 años al frente para mejorar la calidad de vida de la población – lo que se hace con educación –, mejorar la calidad de su infraestructura y revisar el sistema de gobierno, para obtener más eficiencia. Tal vez hoy la gente haya perdido un poco la confianza, pero si usted conversa con personas de otros países, aquellas que se informan mínimamente sobre Brasil, verá que miran con admiración y esperanza para nuestro país. Brasil tiene mucho a contribuir. Yo diría incluso que Brasil, al mejorar, mejora al mundo.

NO SOY DEL EQUIPO QUE VE EL VASO MEDIO VACÍO, CREO QUE ESTÁ MEDIO LLENO. BRASIL TIENE CONDICIONES ÚNICAS EN EL MUNDO

de tiempo en televisión y de fondo partidario. Los brasileños electos crearon ese pequeño monstruo, que precisa ser cambiado. Aquí, también, hay grupos de presión que intentan influir en el proceso político. Los americanos están hoy muy desilusionados con sus gobernantes, hay un impasse enorme en el Congreso sobre como gobernar al país, que también está en una etapa de transición. Estados Unidos continúa siendo el país más rico, pero está perdiendo importancia relativa y precisa recolocarse en un mundo donde hoy las tecnologías igualan mu-



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

SE O GOVERNO CAIR NAS PESQUISAS, É PORQUE ESTÁ NO RUMO CERTO

NÃO HÁ COMO SER IMPORTANTE E INFLUENTE INTERNACIONALMENTE SE UM PAÍS NÃO FOR BOM PARA OS SEUS PRÓPRIOS CIDADÃOS. A OPINIÃO É DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ANÁLISE POLÍTICA DIÁLOGO INTERAMERICANO, EM WASHINGTON, PETER HAKIM. PARA ELE, UM BRASIL PODEROSO E INFLUENTE NO MUNDO COMEÇA, ANTES DE TUDO, COM UM PAÍS JUSTO, ESTÁVEL E SUSTENTÁVEL PARA OS BRASILEIROS. FUNDAMENTAL É TER CONSCIÊNCIA DOS PROBLEMAS, PARA ENFRENTÁ-LOS.

O senhor chegou ao Brasil em 1967.

O que mudou desde então?

Lembro-me bem da canção mais popular no Brasil durante a época que eu cheguei, ou pouco depois: “São Paulo não pode parar”. Foi um período de crescimento muito alto. Os militares, nos primeiros anos, pelo menos tinham certo êxito econômico, os problemas vieram no fim dos anos 1970. Hoje, você pode ver nas ruas o próprio crescimento econômico e também uma melhora da população em geral. A profundidade de pobreza que víamos todos os dias no Rio de Janeiro não desapareceu, mas é muito menos forte agora. Estive em São Paulo em outubro de 2014: o tamanho da cidade, a sensação de crescimento, os poderes econômico e social no Brasil, hoje, são muito maiores. Também a nossa confiança. Até os próprios protestos de 2013/2014 mostraram certa capacidade de absorção do sistema político.

Como avalia a situação atual?

Primeira coisa: temos que saber que qualquer país tem os seus altos e baixos, como na história bíblica – com sete anos bem e sete anos péssimo. Acho que durante os anos bons, a gente crê que vai continuar assim para sempre. Poucos países, talvez a China, têm um recorde de 30 anos de um crescimento muito alto sem interrupção. Na maioria dos países temos altos e baixos. Segundo: devemos lembrar também que, historicamente, o melhor livro escrito sobre o Brasil foi o do austríaco Stefan Zweig, de 1942, com o título Brasil, País do Futuro. Sempre vai ser do futuro, porque a gente sempre quer mais e melhor, quer ingressos maiores. O próprio ex-presidente Fernando Henrique Cardoso tem dito que em qualquer progresso econômico e social de um país

como o Brasil, as demandas crescem mais rápido. Então, um governo exitoso está criando a sua própria derrota, porque, por mais que possa progredir, as ambições e objetivos crescem mais e não é possível satisfazer todas as demandas.

O Brasil erra demais?

Difícil saber. É natural no futebol ou na carreira de alguém, quando está tudo bem, pensar que isso vai continuar. Isso é natural nos países que têm altos e baixos. Neste momento, eu diria que existe o problema do ambiente internacional, menos favorável ao Brasil. O grande problema foram as decisões do próprio governo brasileiro – e, talvez, dos empresários também – que acreditaram que esse “boom” iria continuar. A vantagem que tem o Brasil é a consciência dos problemas, demonstrada pelo governo, pelo ministro da Fazenda e pela própria presidente.

Reconhecer os problemas é um avanço?

É o principal, porque, até o ano passado, não se reconheciam os problemas. Dependia da sorte: o Brasil é um país forte, podemos aguentar. Agora, os novos ministros mostram que entendem os problemas. Também acho que sabem as respostas. O rumo se manifestou durante a própria eleição do ano passado, quando, no meu ponto de vista, os dois candidatos estiveram muito amargos nos debates, mas, ao mesmo tempo, com uma agenda e com propostas que não eram tão diferentes. Isso permite possibilidades de soluções pragmáticas. Acho que o Brasil estava em uma situação muito mais difícil quando começou o governo Lula. Ou durante a crise da Ásia, no início do segundo período de Fernando Henrique Cardoso. Podemos

recorrer à história e ver às vezes em que estivemos em buracos muito mais profundos do que hoje em dia.

A crise da Ásia e o começo do governo Lula foram momentos mais difíceis do que hoje, na sua opinião?

Absolutamente. Não há dúvida. Olha o ranking das agências internacionais. O Brasil ainda está listado como investidor, como excelente, que paga baixos juros nos mercados internacionais e pode pedir emprestado. Não podia pegar emprestado, na época.

O senhor acha que a taxa de juros com a qual o Brasil remunera quem compra títulos é baixa?

É baixa, comparada ao passado. A dívida está muito menor do que era naquela época. A situação macroeconômica melhorou, a capacidade de fazer uma política inteligente aumentou muito.

O senhor vê um comprometimento do governo brasileiro para sair da crise?

Creio que sejam poucos os governos que não queiram sair das crises. Acho que a nomeação de Joaquim Levy e de Nelson Barbosa, como ministros da Fazenda e do Planejamento, mostra a convicção de se criar uma confiança. Sou cético que este governo vá atacar os problemas com pragmatismo e com ciência econômica. Talvez a política vá ser demasiado complexa. Por muitas razões, o governo brasileiro enfrenta uma série de grandes problemas e vai ter que cortar benefícios de alguns grupos. Gente aposentada, funcionários do governo, ou mesmo os mais pobres. E isso não é fácil, porque todos têm seus interesses. A política brasileira é um pouco complexa também. É um sistema no qual nenhum





partido tem maioria e necessita de coalizões. Talvez isso dê certa estabilidade, porque nenhum partido pode chegar ao ponto do partido peronista, na Argentina, ou de um partido como o PRI, do México. Pode-se discutir se isso é melhor ou pior, mas a política é complicada, não é fácil porque todo mundo quer proteger o que tem. E querem mais. Vai haver uma briga, porque, neste momento, o governo brasileiro tem que cortar despesas e impostos.

O que pensa do governo ter 39 ministérios?

Acho um exagero. Eu posso dar a minha opinião política, não sei precisamente sobre este tema de ministros, mas o certo é que vai haver pressões em muitas direções. As primeiras decisões, até agora, eu acho boas. Falando com empresários, noto que há preocupações para muito tempo. Não temos visto melhora ainda, e talvez não haja melhoras por um ou dois anos. Tem que aguentar os sacrifícios e a dor durante algum tempo. Talvez a melhor indicação de que se está seguindo o caminho certo seria se o apoio popular nas pesquisas começar a cair. Porque não se vai poder fazer o que tem que ser feito sem realmente perder apoio.

O senhor está falando de coragem para tomar decisões que são impopulares?

Eu diria capacidade de persuasão, o que requer um líder. Obviamente, existe o cenário de atuar depois de dois dos melhores presidentes do Brasil, e talvez de toda a América Latina. Foram oito anos de um e agora 16 anos de uma liderança especial no Brasil. Dilma tem que seguir isso, mas é uma mulher sem muita experiência política. E com os dois predecessores vivos. Não é fácil seguir os grandes.

Acho que tem chance agora, no segundo período, mas deve aguentar e ter coragem de perder apoio popular. É preciso enfrentar os protestos, aguentar os gritos e seguir uma política inteligente e pragmática. Acho que o Brasil tem todas as capacidades. Todos os dias eu leio a imprensa brasileira, leio documentos do governo, e acho muito fácil fazer uma lista de quatro ou cinco prioridades. São iguais ou semelhantes, tanto no partido do Aécio e Fernando Henrique como no partido de Lula e Dilma: tem de realmente melhorar a parte fiscal, cortando gastos e, talvez, reduzir impostos também, porque estão muito altos. Tem de abrir a economia ao comércio internacional e receber mais investimentos, pois o Brasil é uma das economias mais fechadas do mundo. E necessita, realmente, melhorar o clima para os negócios e rever a burocracia, a regulamentação e as leis da época de Getúlio Vargas.

O senhor está falando da legislação trabalhista?

Sim. Remover esses bloqueios não é fácil, mas todas as lideranças de partidos no Brasil têm prioridades assim, muito semelhantes.

Qual é o papel do Brasil hoje no mundo?

A situação interna de qualquer país é 80% de sua importância internacional. Existem poucos países que têm influência fora e não estão sólidos internamente. A Rússia, talvez. O Brasil vai conseguir influência internacional pelo que pode fazer em casa. Quer dizer, crescimento econômico, cuidar das necessidades sociais, educação. Na medida em que atenda às necessidades domésticas, vai incrementar a sua influência no exte-

rior. Necessita de capacidade econômica e de promover certa sensação internacional de que é um país ético, que cuida de sua cidadania.

O Brasil importante lá fora começa com o Brasil melhor para os próprios brasileiros?

Acho que sim. O Brasil teve maior influência durante a época de Fernando Henrique Cardoso, quando derrota a inflação, ou durante o governo de Lula, quando as taxas de pobreza e desigualdade começaram a baixar. O Brasil deve ser reconhecido como um país que sabe manejar bem sua própria casa e cuidar de seu próprio povo. Com isso, poderia terminar finalmente com a violação aos direitos humanos e melhorar o sistema judicial. Isso conta muito no mundo de hoje. Também contam exportações e importações e a capacidade de atrair investimentos internacionais. Se resolver os problemas internos, vai ter uma influência. Na América do Sul, o Brasil mantém boas relações com todos os vizinhos. Poucos países no mundo – e nenhum do tamanho do Brasil – não tem problemas com países fronteiriços. O Brasil não tem. Isso é uma vantagem enorme.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



IF THE GOVERNMENT FALLS IN THE SURVEYS, IT IS BECAUSE IT IS ON THE RIGHT PATH

There is no way of being important and influential internationally if a country is not good to its own citizens. This is the opinion of Peter Hakim, the president of the Inter-American Dialogue, a DC-based center for policy analysis and exchange on Western Hemisphere affairs, in Washington. In his opinion, a powerful and influential Brazil in the world should begin, first of all, as a fair, stable and sustainable country for Brazilians. The key is to be aware of the problems and to face them.

You came to Brazil in 1967.

What has changed since then?

I remember well the most popular song in Brazil at the time that I arrived, or shortly after: "São Paulo cannot stop". It was a period of very high growth. The military, in the early years, at least had some economic success, the problems came at the end of the 1970s. Today, you can see in the streets the economic growth and also an improvement of the population in the general. The depth of poverty that we saw every day in Rio de Janeiro has not disappeared, but it is not as strong now. I was in São Paulo in October 2014: the size of the city, the feeling of growth, the economic and social powers in Brazil, today, are much larger. Also our confidence. Even the protests of 2013/2014 showed a certain absorption capacity of the political system.

How do you assess the current situation?

First thing: we need to know that any country has its ups and downs, like the Bible story - with seven good years and

seven bad years. I think that during the good years, we believe that it will continue like this for ever. Few countries, perhaps China, have a record of 30 years of non-interrupted very high growth. In most countries we have ups and downs. Second: we must also remember that, historically, the best book written about Brazil was by the Austrian Stefan Zweig, in 1942, with the title Brazil, A Country of the Future. It will always be of the future, because we always want bigger and better, with larger inflows. The former president Fernando Henrique Cardoso has said that in any social and economic progress of a country like Brazil, the demands grow faster. So, a successful government is creating its own defeat, because, although it may make progress, the ambitions and objectives grow more and it is not possible to meet all the demands.

Does Brazil make too much mistakes?

It is difficult to know. It is natural in football or in someone's career, when everything is going well, thinking that this will continue. This is natural in countries that have highs and lows. At the moment, I would say that there is the problem of the international environment, less favorable to Brazil. The big problem was the decisions of the Brazilian government - and, perhaps, of entrepreneurs, too - who believed that this "boom" would continue. The advantage that Brazil has is the awareness of the problems, as demonstrated by the government, the minister of Finance and by the president herself.

Is recognizing the problems a step forward?

It is the principal, because, until last year, it did not recognize the problems.

It depended on luck: Brazil is a country that is strong, we can cope with it. Now, the new ministers show that they understand the problems. I also think they know the answers. The course was expressed during the election itself last year, when, in my point of view, the two candidates were very bitter in the debates, but, at the same time, with an agenda and proposals that were not so different. This allows opportunities for pragmatic solutions. I think that Brazil was in a much more difficult situation at the beginning of the Lula government. Or during the Asian crisis, at the beginning of the second period of Fernando Henrique Cardoso. We can look at history and see the times we've been in holes that were much deeper than today.

Were the Asian crisis and the beginning of the Lula government more difficult times than today, in your opinion?

Absolutely. Without any doubt. Look at the ranking of the international agencies. Brazil is still listed as an excellent investor, which pays low interest in international markets and can borrow. It could not borrow, at the time.

Do you think that the rate of interest with which Brazil remunerates those who purchase securities is low?

It is low, compared to the past. The debt is much lower than it was at that time. The macroeconomic situation has improved and the ability to make an intelligent policy has increased.

Do you see a commitment from the Brazilian government to get out of the crisis?

I believe there are very few governments that don't want to get out of crises. I think



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

SI EL GOBIERNO CAE EN LAS ENCUESTAS, ES PORQUE ESTÁ EN EL RUMBO CORRECTO

No hay como ser importante e influyente internacionalmente si un país no es bueno para sus propios ciudadanos. La opinión es del presidente del Instituto de Análisis Político Diálogo Interamericano, en Washington, Peter Hakim. Para él, un Brasil poderoso e influyente en el mundo comienza, antes de todo, con un país justo, estable y sustentable para los brasileños. Es fundamental tener conciencia de los problemas, para enfrentarlos.

Usted llegó a Brasil en 1967.

¿Qué cambió desde entonces?

Recuerdo muy bien la canción más popular en Brasil durante la época que yo llegué, o poco después: “São Paulo no puede parar”. Fue un período de crecimiento muy alto. Los militares, en los primeros años, tenían por lo menos cierto éxito económico, los problemas vinieron a fines de los años 1970. Hoy, usted puede ver en las calles el mismo crecimiento económico y también una mejora de la población en general. La profundidad de la pobreza que veíamos todos los días en Rio de Janeiro no desapareció, pero es mucho menos fuerte ahora. Estuve en São Paulo en octubre de 2014: el tamaño de la ciudad, la sensación de crecimiento, los poderes económico y social en Brasil, hoy, son mucho mayores. También nuestra confianza. Hasta los mismos protestos de 2013/2014 mostraron cierta capacidad de absorción del sistema político.

¿Cómo evalúa la situación actual?

Primera cosa: tenemos que saber que cualquier país tiene sus altibajos, como en la historia bíblica – con siete años bien

y siete años pésimo. Pienso que durante los años buenos, la gente cree que va a continuar así para siempre. Pocos países, tal vez China, tienen un record de 30 años de un crecimiento muy alto, sin interrupciones. En la mayoría de los países tenemos altos y bajos. Segundo: debemos recordar también que, históricamente, el mejor libro escrito sobre Brasil fue el del austriaco Stefan Zweig, de 1942, con el título Brasil, País del Futuro. Siempre va a ser del futuro, porque la gente siempre quiere más y mejor, quiere mayores ingresos. El mismo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ha dicho que en cualquier progreso económico y social de un país como Brasil, las demandas crecen más rápido. Entonces, un gobierno exitoso está creando su propia derrota, porque, por más que pueda progresar, las ambiciones y objetivos crecen más y no es posible satisfacer todas las demandas.

¿Brasil comete demasiados errores?

Es difícil saber. Es natural en el fútbol o en la carrera de alguien, cuando está todo bien, pensar que eso va a continuar. Eso es normal en los países que tienen altibajos. En este momento, yo diría que existe el problema del ambiente internacional, menos favorable a Brasil. El gran problema fueron las decisiones del propio gobierno brasileño – y, tal vez, de los empresarios también – que pensaron que ese “boom” continuaría. La ventaja que tiene Brasil es la consciencia de los problemas, demostrada por el gobierno, por el ministro de Hacienda y por la misma presidente.

¿Reconocer los problemas es un avance?

Es fundamental, porque, hasta el año pasado, no se reconocían los problemas. Dependía de la suerte: Brasil es un país fuerte, podemos aguantar. Ahora, los

nuevos ministros muestran que entienden los problemas. También pienso que saben las respuestas. El rumbo se manifestó durante la misma elección del año pasado, cuando, desde mi punto de vista, los dos candidatos estuvieron muy amargos en los debates, pero, al mismo tiempo, con una agenda y con propuestas que no eran tan diferentes. Eso permite posibilidades de soluciones pragmáticas. Creo que Brasil estaba en una situación mucho más difícil cuando comenzó el gobierno Lula. O durante la crisis de Asia, al inicio del segundo período de Fernando Henrique Cardoso. Podemos recurrir a la historia y ver las veces en que estuvimos en buracos mucho más profundos que hoy en día.

¿La crisis de Asia y el comienzo del gobierno Lula fueron momentos más difíciles que los de hoy, en su opinión?

Absolutamente. No hay duda. Mira el ranking de las agencias internacionales. Brasil todavía está listado como inversor, como excelente, que paga bajas tasas de interés en los mercados internacionales y puede pedir préstamos. No podía solicitar préstamos, en aquella época.

¿Usted entiende que la tasa de interés con la cual Brasil remunera a quien compra títulos es baja?

Es baja, comparada al pasado. La deuda es mucho menor de lo que era en aquella época. La situación macroeconómica mejoró, la capacidad de hacer una política inteligente aumentó mucho.

¿Usted percibe un compromiso del gobierno brasileño para salir de la crisis?

Opino que son pocos los gobiernos que no quieran salir de las crisis. Entiendo que el nombramiento de Joaquim Levy

ENGLISH

that the appointment of Joaquim Levy and Nelson Barbosa, as ministers of Finance and Planning, shows the conviction of creating trust. I am skeptical that this government will attack the problems with pragmatism and economic science. Perhaps the policy is going to be too complex. For many reasons, the Brazilian government faces a series of major problems and will have to cut benefits from some groups. Retired people, government officials, or even the poorest people. It is not easy, because everyone has their own interests. The Brazilian policy is also slightly complex. It is a system in which no party has the majority and needs coalitions. Perhaps that will give certain stability, because no party can reach the point of the Peronist party, in Argentina, or of a party such as the PRI, Mexico. It is debatable whether this is better or worse, but the policy is complicated, it is not easy because everyone wants to protect what they have. And they want more. There will be a brawl, because, at the moment, the Brazilian government has to cut back on spending and taxes.

What do you think of the government having 39 ministries?

I think this is an exaggeration. I can give my political opinion, I do not know precisely about this theme of ministers, but it is certain that there will be pressures in many directions. The first decisions, up to now, I think have been good. Speaking with entrepreneurs, I have noticed that there have been concerns for a long time. We still have not seen any improvement, and perhaps there will be no improvements for one or two years. They have to endure the sacrifices and pain for some time. Perhaps the best indication that they are following the right path would be if the popular support in the polls begins to fall. Because

they will not be able to do what has to be done without really losing support.

Are you speaking about the courage to make decisions that are unpopular?

I would say the ability to persuade, which requires a leader. Of course, there is the scenario of performing after two of the best presidents of Brazil, and perhaps in the whole of Latin America. There were eight years of one now 16 years of special leadership in Brazil. Dilma has to follow this, but she is a woman with little political experience. And with two predecessors still alive. It is not easy to follow the great. I think we have a chance now, in the second period, but she must endure and have the courage to lose popular support. It is necessary to face protests, withstand the cries and follow an intelligent and pragmatic policy. I think Brazil has all the capabilities. Every day I read in the Brazilian press, I read government documents, and I think it is easier to make a list of four or five priorities. They are the same or similar, both in the party of Aécio and Fernando Henrique and in the party of Lula and Dilma: they need to improve the fiscal part, cutting expenses and, maybe, reduce taxes too, because they are too high. They need to open the economy to international trade and receive more investments, because Brazil is one of the most closed economies in the world. And they really need to improve the climate for business and review the bureaucracy, the rules and the laws of the time of Getúlio Vargas.

Are you speaking about the labor legislation?

Yes. Removing these barriers is not easy, but all of the leaders of political parties in Brazil also have very similar priorities.

What is the role of Brazil in the world today?

The internal situation in any country is 80% of its international importance. There are few countries that have influence abroad and are not solid internally. Russia, perhaps. Brazil will achieve international influence by what it can do at home. I mean, economic growth, taking care of social needs, and education. To the extent that it meets the domestic needs, this will increase its influence abroad. It needs more economic capacity and to promote a certain international sensation that it is an ethical country, which takes care of its citizenship.

Does the Brazil that is important abroad start with the Brazil that is better for Brazilians themselves?

I think so. Brazil had greater influence during the time of Fernando Henrique Cardoso, when the inflation was defeated, or during the Lula government, when the rates of poverty and inequality began to fall. Brazil must be recognized as a country that knows how to manage its own house and take care of its own people. Thus, it could finally end the violation of human rights and improve the judicial system. That is what counts in today's world. It also counts on exports and imports, and the ability to attract international investments. If it can resolve the internal problems, it will have some influence. In South America, Brazil has a good relation with all its neighbors. Few countries in the world - and none the size of Brazil - do not have problems with bordering countries. Brazil has not. This is a huge advantage.

ESPAÑOL

y de Nelson Barbosa, como ministros de Hacienda y de Planeamiento, muestra la convicción de generar confianza. Soy escéptico que este gobierno ataque los problemas con pragmatismo y con ciencia económica. Tal vez la política va a ser demasiado compleja. Por muchas razones, el gobierno brasileño enfrenta una serie de grandes problemas e va a tener que cortar los beneficios de algunos grupos. Gente jubilada, funcionarios del gobierno, o incluso los más pobres. Y eso no es fácil, porque todos tienen sus intereses. La política brasileña es un poco compleja también. Es un sistema en el cual ningún partido tiene mayoría y necesita de coaliciones. Quizás eso otorgue una cierta estabilidad, porque ningún partido puede llegar al punto del partido peronista, en Argentina, o de un partido como el PRI, de México. Podemos discutir si eso es mejor o peor, pero la política es complicada, no es fácil porque todo el mundo quiere proteger lo que tiene. Y quieren más. Va a haber una lucha, porque, en este momento, el gobierno brasileño tiene que cortar gastos e impuestos.

¿Qué piensa de que el gobierno tenga 39 ministerios?

Lo encuentro exagerado. Yo puedo dar mi opinión política, no se precisamente sobre este tema de ministros, pero lo cierto es que habrá presiones en muchas direcciones. Las primeras decisiones, hasta ahora, las encuentro buenas. Hablando con empresarios, noto que existen preocupaciones para mucho tiempo. No hemos visto mejora aún, y tal vez no haya mejoras por uno o dos años. Tendremos que aguantar los sacrificios y el dolor durante algún tiempo. Quizás el mejor indicador de que se está siguiendo el camino correcto sea si el apoyo popular

en las encuestas comienza a caer. Porque no se va a poder hacer lo que tiene que ser hecho sin realmente perder apoyo.

¿Usted está hablando de coraje para tomar decisiones que son impopulares?

Yo diría capacidad de persuasión, lo que requiere un líder. Obviamente, existe el escenario de actuar después de dos de los mejores presidentes de Brasil, y tal vez de toda América Latina. Fueron ocho años de uno y ahora 16 años de un liderato especial en Brasil. Dilma tiene que seguir eso, pero es una mujer sin mucha experiencia política. Y con los dos predecesores vivos. No es fácil seguir a los grandes. Pienso que tiene chance ahora, en el segundo período, pero debe aguantar y tener el coraje de perder apoyo popular. Es preciso enfrentar las protestas, aguantar los gritos y seguir una política inteligente y pragmática. Estoy persuadido que Brasil tiene todas las capacidades. Todos los días leo la prensa brasileña, leo documentos del gobierno, y veo muy fácil hacer una lista de cuatro o cinco prioridades. Son iguales o semejantes, tanto en el partido de Aécio y Fernando Henrique como en el partido de Lula y Dilma: hay que realmente mejorar la parte fiscal, cortando gastos y, tal vez, reducir impuestos también, porque están muy altos. Hay que abrir la economía al comercio internacional y recibir más inversiones, pues Brasil es una de las economías más cerradas del mundo. Y necesita, realmente, mejorar el clima para los negocios y reverter la burocracia, la reglamentación y las leyes de la época de Getúlio Vargas.

¿Usted está hablando de la legislación laboral?

Sí. Remover esos bloqueos no es fácil, pero todos los lideratos de los partidos en Brasil tienen prioridades así, muy semejantes.

¿Cuál es actualmente el papel de Brasil en el mundo?

La situación interna de cualquier país equivale al 80 % de su importancia internacional. Existen pocos países que tienen influencia afuera y no están sólidos internamente. Rusia, tal vez. Brasil va a conseguir influencia internacional por lo que puede hacer en casa. Quiero decir, crecimiento económico, cuidar de las necesidades sociales, educación. En la medida en que atienda las necesidades domésticas, va a incrementar su influencia en el exterior. Necesita de capacidad económica y de promover cierta sensación internacional de que es un país ético, que cuida de su ciudadanía.

¿Un Brasil importante allá afuera comienza con un Brasil mejor para los propios brasileños?

Creo que sí. Brasil tuvo mayor influencia durante la época de Fernando Henrique Cardoso, cuando derrota a la inflación, o durante el gobierno de Lula, cuando los índices de pobreza y desigualdad comenzaron a bajar. Brasil debe ser reconocido como un país que sabe manejar bien su propia casa y cuidar de su propio pueblo. Con eso, podría terminar finalmente con la violación a los derechos humanos y mejorar el sistema judicial. Eso pesa mucho en el mundo actual. También cuentan las exportaciones e importaciones y la capacidad de atraer inversiones internacionales. Si resuelve los problemas internos, va a tener una influencia. En América del Sur, Brasil mantiene buenas relaciones con todos sus vecinos. Pocos países en el mundo – y ninguno del tamaño de Brasil – no tienen problemas con países fronterizos. Brasil no los tiene. Eso es una enorme ventaja.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

EXCESSO DE BUROCRACIA NÃO É FATALIDADE HISTÓRICA

ABRIR UMA EMPRESA NO BRASIL LEVA EM MÉDIA 108 DIAS. É PARTE DESSA BUROCRACIA QUE FAZ COM QUE O BRASIL FIQUE MUITO ABAIXO DA MÉDIA MUNDIAL EM ESTUDOS QUE COMPARAM A COMPETITIVIDADE DOS PAÍSES. PARA A ECONOMISTA RITA RAMALHO, DO BANCO MUNDIAL, EMBORA COMPARAÇÕES SEJAM ÚTEIS, O QUE FAZ COM QUE UM PAÍS REALMENTE MUDE E MELHORE NA COMPETITIVIDADE SÃO DECISÕES INTERNAS CONSISTENTES. PAÍSES FEDERATIVOS COMO O BRASIL, PRECISAM INTEGRAR SEUS NÍVEIS DE GOVERNO.



Qual é a exata posição do Brasil no estudo Doing Business do Banco Mundial, que avalia o ambiente de negócios em diversos países?

O Brasil classifica-se na posição número 120, entre as 189 economias que medimos no mundo inteiro. Ou seja, em termos de eficiência o Brasil está abaixo de uma posição mediana.

Como se explica essa colocação?

Há várias áreas em que o Brasil ainda tem muito espaço para melhorar. Uma das principais é abertura de empresas, em que o processo é complicado. Este ano nós medimos a situação em São Paulo e no Rio de Janeiro, que é um pouco melhor, mas mesmo assim continua a ser complicado. Em São Paulo, demora três meses e meio para conseguir se fazer todos os processos necessários para abrir uma empresa. No Rio, são quase dois meses. Em mais de cem dos 180 países que medimos, demora menos de vinte dias. Na grande maioria, é muito mais simples e célere o processo. No Brasil, em geral, os trâmites são complicados e muitos. Uma coisa que favorece o Brasil em face de outros países é que o custo é relativamente baixo. Medimos o tempo, procedimentos e o custo para várias transações, como abertura de empresas, transferência de propriedade, importação e exportação. Um padrão que observamos ao longo dos vários indicadores é que no Brasil é relativamente barato para fazer as coisas, mas demora e é complicado. A demora, obviamente, representa um custo do tempo perdido para tratar disso.

Qual a consequência disso?

O tempo e a complicação do processo pode ser um impedimento para um em-

preendedor fazer negócios, para começar ou até para poder funcionar a sua empresa. Por exemplo, uma das coisas que também é dos países onde demora mais tempo, é a obtenção de alvará de construção, que tanto no Rio como em São Paulo é bastante demorado. O processo total é de cerca de 400 dias, portanto, mais de um ano para conseguir obter todos os trâmites necessários.

Quatrocentos dias para ter um alvará de construção?

No total. Não só o processo do alvará de construção, mas todos os documentos necessários antes de conseguir submeter tudo para obter o alvará. E também os procedimentos que são feitos depois, como as inspeções. Para um armazém relativamente pequeno, de dois andares, uma construção simples, demora cerca de 400 dias, em média. Em Hong Kong, a construção também é complicada, mas demora menos de cem dias o processo todo.

Por que demora mais em São Paulo do que no Rio para abrir uma empresa?

Há certas coisas, como a obtenção de número fiscal e o registro na segurança social, que são iguais em nível nacional. O que faz a diferença no tempo é a parte dos alvarás. Obter um alvará para abertura de um novo negócio é mais complicado e demora mais tempo em São Paulo do que no Rio. Essa é a grande razão da diferença.

É um problema de eficiência ou de número pequeno de funcionários?

Acho que é um pouco os dois. Por um lado, pode ser uma falta de recursos, porque há mais negócios em São Paulo do que no Rio. Mas pode ser também o fato de os requerimentos, na prática,

em São Paulo, serem mais complicados do que no Rio.

O exemplo de Hong Kong: o que tem lá mais eficiente se comparado à realidade brasileira?

Hong Kong, nesse aspecto, talvez não seja a melhor comparação, porque é um país bastante pequeno. Com os Estados Unidos ou o México, países federativos como o Brasil, acho que a comparação acaba por ser mais interessante. Uma das coisas que falta no Brasil e que esses países têm, inclusive o Canadá, é coordenação entre os diferentes níveis de governo. Nos Estados Unidos, é só um número fiscal para a empresa, não há número fiscal em nível estadual ou municipal, como no Brasil. Há uma integração na qual o empreendedor só tem que ter uma interface com o governo. Obviamente que também tem que se registrar com a segurança social, mas no aspecto fiscal, aqui nos EUA, o empreendedor não tem que lidar com diferentes níveis de governo.

A burocracia no Brasil vem desde quando fomos descobertos pelos portugueses, em 1500. Dá para decidir ser menos burocrático?

Acho que sim, até porque, sendo eu portuguesa, não acho que os portugueses são os responsáveis. Portugal, que supostamente faria do mesmo jeito há quinhentos anos, no ranking do Doing Business é o número 25. Quando a pesquisa começou, Portugal não estava no 25º lugar, e sim muito mais abaixo. Houve um esforço para simplificar o processo burocrático nos últimos anos em Portugal, que ainda não ocorreu no Brasil. Há outros países que melhoraram bastante e que tinham processos burocráticos

complicados. Os dois países que mais melhoraram nos últimos dez anos, Geórgia e Ruanda, são pequenos e difíceis de comparar com o Brasil, que enfrenta desafios diferentes. Mas eram países que estavam numa classificação pior do que o Brasil está agora e hoje estão bastante à frente. A história não é destino, não é nenhuma fatalidade, o que aconteceu no passado não quer dizer que não possa ser alterado.

Portanto, decidir ser menos burocrático e mais eficiente nesse trato do Estado com o setor privado é uma escolha. Motivada pelo quê?

Nos países citados foi uma decisão estratégica em nível do governo, e no mais alto nível, do presidente ou primeiro ministro. Mas em outros países pode ser decisões de diferentes níveis. Mas eu acho que sem ajuda das esferas estadual e municipal, num país como o Brasil, não é possível melhorar a burocracia e ter a coordenação entre os diferentes níveis do governo. Simplificar é a direção que o Brasil deve seguir.

Como é a comparação entre o Brasil e os seus vizinhos?

Entre Argentina e Brasil, pelo menos nas áreas do Doing Business, não há uma grande diferença. A Argentina também é um país bastante complicado e burocrático. O Chile é muito mais simples, seu ranking está entre os primeiros cinquenta países. Há dez ou doze anos, quando começamos a medir isso, já era um país com as regulamentações mais simples da América Latina. Com um esforço de reformas durante vários anos, a Colômbia conseguiu ultrapassar o Chile no último ano do ranking do Doing Business. Mas o Chile continua a ter regulamentações bastante simples e fáceis.

A legislação trabalhista é empecilho para fazer negócio?

Apesar de termos dados sobre legislação trabalhista, não fazemos uma comparação normativa ou quantitativa dessa legislação. Sobre as regulamentações mais ou menos flexíveis no aspecto laboral, nós deixamos de verificar isso há cinco ou seis anos. O Brasil era um dos países complicados no aspecto dos custos laborais, mas isso está fora do relatório. Apesar de ser uma área importante, não é incluída porque é sempre mais complicada. O que é um custo para a empresa também pode ser um benefício para o trabalhador. Qual é o equilíbrio? É polêmico, e por isso não é incluído no ranking.

Na situação brasileira, o que é pior? O tempo da burocracia ou o valor que se paga de impostos?

Nós incluímos todos os indicadores de forma igual. Medimos tempo e custo e damos o mesmo peso a cada um. Na parte de carga tributária, tanto o tempo quanto o custo são elevados, se comparado com o resto do mundo. É mais de 60% dos lucros que as empresas têm que pagar quando somamos todos os impostos. Isso para aquela empresa que segue a lei à risca e paga tudo o que deve. O que está acima da média global, que são cerca de 45% dos lucros, quando se incluem todos os tipos de impostos pagos. É uma carga tributária mais alta do que o geral do resto dos países.

A senhora está otimista ou pessimista em relação ao posicionamento brasileiro, de decidir ser mais simples?

Sou otimista por natureza. Acho que é possível, mas tem que haver vontade e esforço. Vai envolver muito trabalho nos vários níveis de governo para conseguir

simplificar o processo. Mas eu acho que vale a pena, é um bom esforço para o país, e os cidadãos vão dar valor a esse esforço.

Qual o tempo de ação para reduzir os entraves brasileiros e melhorar a situação no ranking?

Depende do tipo de indicador, de qual é a área. Pode demorar um ano, dois ou três anos, mas normalmente as medidas que nós acompanhamos têm um efeito a curto e médio prazos. Depende, também, se é uma simplificação, por exemplo, no âmbito dos tribunais, do funcionamento do Judiciário. Isso demora mais tempo até que apareça o efeito das alterações, porque sempre são processos mais complicados. Mas no aspecto, por exemplo, da abertura de empresas, da transferência de propriedade, de uma simplificação clara e direta do processo, acho que aí dura um ano para se ver os resultados.

E a decisão só pode ser interna? É uma decisão do país?

Sim. Tudo que medimos são aspectos de legislação, aspectos do funcionamento dos serviços fornecidos pelo governo.

A insegurança jurídica pesa no índice?

O que nós medimos é qual o processo de ir ao tribunal e resolver uma disputa comercial. Não necessariamente qual é a insegurança jurídica por uma alteração de leis, o que acontece, se tem valor retroativo ou não. Tem mais a ver com o seguinte: se uma empresa fornece bens a outra empresa e depois não paga, qual é o processo para que a empresa prejudicada consiga reaver o dinheiro.



ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



EXCESSIVE BUREAUCRACY IS NOT HISTORIC FATALITY

To open an enterprise in Brazil it takes on average 108 days. It is part of this bureaucracy that classifies Brazil well below the world average in studies that compare the rivalry of the countries. For economist Rita Ramalho, of the World Bank, although comparisons are useful, what makes a country really want to change and improve in the rivalry are consistent internal decisions. Federative countries, like Brazil, need to integrate their levels of government.

What is the exact position of Brazil in the study *Doing Business of the World Bank*, which assesses the business environment in several countries?

Brazil is classified in position number 120, among the 189 economies that we measured in the whole world. In other words, in terms of efficiency Brazil is below the average position.

How can this classification be explained?

There are various areas in which Brazil has a lot of space to improve. One of the main ones is the opening of companies, in which the process is complicated. This year we measured the situation in São Paulo and in Rio de Janeiro, which is a bit better, but even so it continues to be complicated. In São Paulo, it takes three months and a half to be able to do all the necessary processes to open a company. In Rio, it is almost two months. In more than a hundred of the 180 countries we measured, it takes less than twenty days. In the vast majority, the process is much simpler and faster. In Brazil, in general, there are many complicated formalities. One thing that favors Brazil in face

of the other countries is that the cost is relatively low. We measured the time, procedures and cost for various transactions, like the opening of companies, transfer of property, and import and export. A standard that we observed in the various indicators is that in Brazil it is relatively cheap to do things, but it takes too long and is complicated. The delay, obviously, represents a cost of time lost in dealing with this.

What is the consequence of this?

The time and complication of the process could be an impediment for an entrepreneur to do business, to start or even run his business. For example, one of the things that is also of the countries which takes more time is the building authorization, which both in Rio and in São Paulo is very complicated. The total process is of almost 400 days, therefore, more than a year to obtain all the necessary formalities.

Four hundred days to obtain a building authorization?

In total. Not just the building authorization process, but all the documents necessary before submitting everything to obtain the authorization. And also the procedures that are done later, like the inspections. For a relatively small warehouse, of two floors, a simple construction, it takes almost 400 days, on average. In Hong Kong, building is also complicated, but it takes less than a hundred days for the whole process.

Why does it take longer in São Paulo than in Rio to open a company?

There are certain things, like obtaining a fiscal number and the social security registration, which are the same in Brazil. What makes the difference in time is the part of authorizations. Obtaining an authorization to open a new business is more complicated and takes much longer in São Paulo than in Rio. This is the main reason for the difference.

Is it a problem of efficiency or of the smaller number of employees?

I think it is a bit of both. On the one hand, it could be a lack of resources, because there is more business in São Paulo than in Rio. But it can also be the fact that the requirements, in practice, in São Paulo, are more complicated than in Rio.

The example of Hong Kong: what is more efficient there in comparison to the Brazilian reality?

Hong Kong, in this aspect, may not be the best comparison, because it is a much smaller country. With United States or Mexico, federative countries like Brazil, I think that the comparison becomes more interesting. One of the things that Brazil lacks and that these countries have, including Canada, is

IN BRAZIL, IT IS RELATIVELY CHEAP TO DO THINGS, BUT IT TAKES TIME

the coordination between the different levels of government. In the United States it is only a fiscal number for the company, there is no fiscal number at state level or municipal, like Brazil. There is an integration in which the



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

EXCESO DE BUROCRACIA NO ES FATALIDAD HISTÓRICA

Abrir una empresa en Brasil lleva en promedio 108 días. Es parte de esa burocracia que hace que o Brasil se ubique muy debajo de la media mundial en estudios que comparan la competitividad de los países. Para la economista Rita Ramalho, del Banco Mundial, no obstante las comparaciones sean útiles, lo que hace que un país realmente cambie y que mejore en su competitividad son las decisiones internas consistentes. Países federativos como Brasil, precisan integrar sus niveles de gobierno.



¿Cuál es la posición exacta de Brasil en el estudio Doing Business del Banco Mundial, que evalúa el ambiente de negocios en diversos países?

Brasil se ubica en la posición número 120, entre las 189 economías que medimos en el mundo entero. Es decir, en términos de eficiencia Brasil está abajo de una posición mediana.

¿Cómo se explica esa colocación?

Hay varias áreas en que Brasil aún tiene mucho espacio para mejorar. Una de las principales es la apertura de empresas, en que el proceso es complicado. Este año nosotros medimos la situación en São Paulo y en Rio de Janeiro, que es un poco mejor, pero aún así continúa siendo complicado. En São Paulo, se demora tres meses y medio para conseguir cumplir con todos los procesos necesarios para abrir una empresa. En Rio, son casi dos meses. En más de cien de los 180 países que medimos, demora menos de veinte días. En la gran mayoría, es mucho más simple y célere el proceso. En Brasil, en general, los trá-

mites son muchos y complicados. Una cosa que favorece a Brasil frente a otros países es que el costo es relativamente bajo. Medimos el tiempo, procedimientos y el costo para varias transacciones, como apertura de empresas, transferencia de propiedad, importación y exportación. Un patrón que observamos a lo largo de los diferentes indicadores es que Brasil es relativamente barato para hacer las cosas, pero demora y es complicado. La demora, obviamente, representa un costo de tiempo perdido para tratar de eso.

¿Cuál es la consecuencia de eso?

El tiempo y la complicación del proceso puede ser un impedimento para que un emprendedor haga negocios, para comenzar o hasta para poder hacer funcionar su empresa. Por ejemplo, una de las cosas que también es de los países donde demora más tiempo, es la obtención del permiso de construcción, que tanto en Rio como en São Paulo es bastante de-

morada. El proceso total es de cerca de 400 días, por lo tanto, más de un año para conseguir obtener todos los trámites necesarios.

¿Cuatrocientos días para tener un permiso de construcción?

En total. No solo el proceso del permiso de construcción, sino todos los documentos necesarios antes de conseguir someter todo para obtenerlo. Y también los procedimientos que son hechos después, como las inspecciones. Para un almacén relativamente pequeño, de dos pisos, una construcción simple, demora cerca de 400 días, en media. En Hong Kong, la construcción también es complicada, pero demora menos de cien días todo el proceso.

¿Por qué se demora mucho más en São Paulo que en Rio para abrir una empresa?

Hay ciertas cosas, como la obtención de número fiscal y el registro en la se-

ENGLISH

entrepreneur only has an interface with the government. It is evident that they also need to register with the social security, but in the fiscal aspect, here in the USA, the entrepreneur does not have to deal with different levels of government.

The bureaucracy in Brazil has been present since we were discovered by the Portuguese, in 1500.

Can we decide to be less bureaucratic?

I think so, because, even though I am Portuguese, I do not think that the Portuguese are responsible. Portugal, which supposedly would do the thing the same way in five hundred years, in the ranking of Doing Business is number 25. When the survey started, Portugal was not 25th, but well below. There has been a lot of effort to simplify the bureaucratic process in recent years in Portugal, which still has not occurred in Brazil. There are other countries that have improved considerably and that had complicated bureaucratic processes. The two countries with the best improvement in the last ten years, Georgia and Rwanda, are small and difficult to compare with Brazil, which face different challenges. But they were countries that were in a far worst classification than Brazil is in currently, and today are well ahead. History is not a destination, it is not a fatality, what happened in the past does not mean it cannot be changed.

Therefore, deciding to be less bureaucratic and more efficient in this deal of the State with the private sector is a choice. Motivated by what?

In the countries mentioned it was a strategic decision at government level,

and at the highest level, of the president or prime minister. But in other countries it can be decisions of different levels. But I think that without the help from the state and municipal spheres, in a country like Brazil, it is not possible to improve the bureaucracy and have coordination among the different levels of government. Simplifying is the direction that Brazil should follow.

What is the comparison between Brazil and its neighbors?

Between Argentina and Brazil, at least in the areas of Doing Business, there is no major difference. Argentina is also a very complicated and bureaucratic country. Chile is much simpler; its ranking is among the first fifty countries. During ten or twelve years, when we started measuring this, it was already a country with the simplest regulations in Latin America. With an effort of reforms during many years, Colombia managed to overtake Chile last year in the ranking of Doing Business. But Chile continues to have very simple and easy regulations.

Is the labor legislation a hindrance to do business?

Despite us having data on the labor legislation, we do not make a normative or quantitative comparison of this legislation. About the regulations that are more or less flexible in the labor-related aspect, we stopped verifying this five or six years ago. Brazil was one of the complicated countries in the aspect of labor costs, but this is not in the report. Despite being an important area, it is

not included because it is always more complicated. What is a cost for a company can also be a benefit for the worker. What is the balance? It is controversial, and this is why it is not included in the ranking.

In the Brazilian situation, what is worst? The time of bureaucracy or the amount paid in tax?

We have included all the indicators equally. We have measured the time and cost and we have given the same weight to each one. In the part of the tax burden, both the time and cost are high, if compared to the rest of the world. It comes to more than 60% of the profit that compa-

IN SÃO PAULO IT TAKES MUCH LONGER TO OPEN A COMPANY THAN IN RIO DE JANEIRO

nies have to pay if we add up all the taxes. This is for the company that follows the letter of the law and pays everything that is due. It is above global average, which is around 45% of the profit, when all types of taxes paid are included. It is a very high tax burden than the general in the rest of the countries.

Are you optimistic or pessimistic regarding the Brazilian positioning, of deciding to make things simpler?

I'm an optimist by nature. I think it is possible, but they need to put in effort and be willing. It will involve a lot of work in the various levels of government to be able to simplify the process. But I think it is worth it, it is a great effort for the country, and the citizens will value this effort.

ESPAÑOL

guridad social, que son iguales a nivel nacional. Lo que hace la diferencia en el tiempo es la parte de los permisos. Obtener un permiso o licencia para apertura de un nuevo negocio es más complicado y demora más tiempo en São Paulo que en Rio. Esa es la gran razón de la diferencia.

¿Es un problema de eficiencia o del número pequeño de funcionarios?

Creo que es un poco de los dos. Por un lado, puede ser la falta de recursos, porque hay más negocios en São Paulo que en Rio. Pero puede ser también el hecho de los requerimientos, en la práctica, en São Paulo, ser más complicados que en Rio.

El ejemplo de Hong Kong: ¿que tienen allá de más eficiente comparado con la realidad brasileña?

Hong Kong, en ese aspecto, tal vez no sea la mejor comparación, porque es un país bastante pequeño. Con los Estados Unidos o México, países federativos como Brasil, pienso que la comparación acaba por ser más interesante. Una de

que registrarse con la seguridad social, pero en el aspecto fiscal, aquí en EE.UU., el emprendedor no tiene que lidiar con diferentes niveles de gobierno.

La burocracia en Brasil viene desde su descubrimiento por los portugueses, en 1500. ¿Se puede decidir ser menos burocrático?

Considero que sí, hasta porque, siendo portuguesa, no creo que los portugueses sean los responsables. Portugal, que supuestamente actuaría del mismo modo hace quinientos años, en el ranking del Doing Business es el número 25. Cuando la investigación comenzó, Portugal no estaba en el 25º lugar, y sí mucho más abajo. Hubo un esfuerzo para simplificar el proceso burocrático en los últimos años en Portugal, que aún no se realizó en Brasil. Hay otros países que mejoraron bastante y que tenían procesos burocráticos complicados. Los dos países que más mejoraron en los últimos diez años, Georgia y Ruanda, son pequeños y difíciles de comparar con Brasil, que enfrenta desafíos diferentes. Pero eran países que

estaban en una clasificación peor de la que Brasil está actualmente y hoy están bastante al frente. Historia no es destino, no es ninguna fatalidad, lo que sucedió en el pasado no

quiere decir que no pueda ser alterado.

Por lo tanto, decidir ser menos burocrático y más eficiente en ese trato del Estado con el sector privado es una elección. ¿Motivada por qué?

En los países citados fue una decisión estratégica a nivel de gobierno, y en el más alto escalón, del presidente o primer ministro. Pero en otros países pueden ser

decisiones de diferentes niveles. Pero estimo que sin la ayuda de las esferas del estado y del municipio, en un país como Brasil, no es posible mejorar la burocracia y tener la coordinación entre los diferentes niveles de gobierno. Simplificar es la dirección que Brasil debe seguir.

¿Cómo es la comparación entre Brasil y sus vecinos?

Entre Argentina y Brasil, por lo menos en las áreas del Doing Business, no hay una gran diferencia. Argentina también es un país bastante complicado y burocrático. Chile es mucho más simple, su ranking está entre los primeros cincuenta países. Hace diez o doce años, cuando comenzamos a medir esto, ya era un país con las reglamentaciones más simples de América Latina. Con un esfuerzo de reformas durante varios años, Colombia consiguió superar a Chile en el último año del ranking del Doing Business. Pero Chile continúa teniendo reglamentaciones bastante simples y fáciles.

¿La legislación laboral es un obstáculo para hacer negocios?

A pesar de disponer de datos sobre la legislación laboral, no hacemos una comparación normativa o cuantitativa de esa legislación. Sobre las reglamentaciones más o menos flexibles en el aspecto laboral, nosotros dejamos de verificar eso hace cinco o seis años. Brasil era uno de los países complicados en el aspecto de los costos laborales, pero eso está fuera del informe. A pesar de ser un área importante, no es incluida porque es siempre más complicada. Lo que es un costo para la empresa también puede ser un beneficio para el trabajador. ¿Cuál es el equilibrio? Es polémico, y por eso no es incluido en el ranking.

EN BRASIL, ES RELATIVAMENTE BARATO PARA HACER LAS COSAS, PERO LLEVA TIEMPO

las cosas que falta en Brasil y que esos países tienen, incluso Canadá, es coordinación entre los diferentes niveles de gobierno. En los Estados Unidos es solo un número fiscal para la empresa, no hay número fiscal a nivel de estado o municipio, como en Brasil. Hay una integración en la cual el emprendedor solo tiene que tener una interfaz con el gobierno. Obviamente que también hay

ENGLISH



What is the time of action to reduce the Brazilian impediments and improve the situation in the ranking?

It depends on the type of indicator, and the area. It could take a year, two or three, but normally the measurements that we monitor have an effect in the short and medium terms. It depends also if it is a simplification, for example, in the scope of the courts, working under the Judiciary. This takes longer until the effect of the changes to show, because they are always more complicated processes. But in the aspect, for example, of opening companies, of transferring the property, of a clear and direct simplification of the process, I think that it would take a year to see the results.

**And can the decision only be internal?
Is it a decision of the country?**

Yes. Everything we measure is aspects of legislation, and aspects of the provision of the services supplied by the government.

Does the judicial insecurity affect the index?

We measure the process that will go to court to resolve a commercial dispute. Not necessarily what is the judicial insecurity caused by changing laws, which happens if there is a retroactive amount or not. It has more to do with the following: if a company supplies goods to another company and then does not pay, what is the process for the company affected to get their money back.

ESPAÑOL

¿En la situación brasileña, que es peor?

¿El tiempo de la burocracia

o el valor que se paga de impuestos?

Nosotros incluimos de igual forma todos los indicadores. Medimos tiempo y costo y damos el mismo peso a cada uno. En la parte de carga tributaria, tanto el tiempo cuanto el costo son elevados, si comparado con el resto del mundo. Es

Depende del tipo de indicador, de cuál es el área. Puede demorar un año, dos o tres años, pero normalmente las medidas que nosotros acompañamos tienen un efecto a corto y medio plazo. Dependiendo, también, si es una simplificación, por ejemplo, en el ámbito de los tribunales, del funcionamiento del Poder Judicial. Eso demora más tiempo hasta

que aparezca el efecto de las alteraciones, porque siempre son procesos más complicados. Pero en el aspecto, por ejemplo, de la apertura de empresas, de la transferencia de propiedad, de una simplificación clara y directa del

proceso, creo que allí dura un año para ver los resultados.

¿Y la decisión solo puede ser interna?

¿Es una decisión del país?

Sí. Todo aquello que medimos son aspectos de legislación, aspectos del funcionamiento de los servicios suministrados por el gobierno.

¿La inseguridad jurídica pesa en el índice?

Lo que nosotros medimos es cuál es el proceso de ir al tribunal y resolver una disputa comercial. No necesariamente cuál es la inseguridad jurídica por una alteración de leyes, lo que acontece, si tiene valor retroactivo o no. Tiene más a ver con lo siguiente: si una empresa provee bienes a otra empresa y después no paga, cuál es el proceso para que la empresa perjudicada consiga recuperar el dinero.

EN SÃO PAULO SE DEMORA MUCHO MÁS PARA ABRIR UNA EMPRESA QUE EN RIO DE JANEIRO

más de 60 % de los lucros que las empresas tienen que pagar cuando sumamos todos los impuestos. Esto para aquella empresa que sigue la ley al pie de la letra y paga todo lo que debe. Lo que está arriba de la media global, que son cerca de 45 % de los lucros, cuando se incluyen todos los tipos de impuestos pagos. Es una carga tributaria más alta que la general del resto de los países.

¿Usted está optimista o pesimista en relación al posicionamiento brasileño, de decidir ser más simple?

Soy optimista por naturaleza. Entiendo que es posible, pero tiene que haber voluntad y esfuerzo. Va a envolver mucho trabajo en los diferentes niveles de gobierno para conseguir simplificar el proceso. Pero pienso que vale la pena, es un buen esfuerzo para el país, y los ciudadanos van a valorar ese esfuerzo.

¿Cuál es el tiempo de acción para reducir los obstáculos brasileños y mejorar la situación en el ranking?



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O BRASIL MOVIDO A COMMODITIES DESLUMBROU A SI MESMO E AO EXTERIOR

O BRASIL QUE DÁ CERTO CONVIVE DIARIAMENTE COM UM PAÍS ONDE PARECE QUE TUDO VAI DAR ERRADO. ESSA É A PERCEPÇÃO DE QUEM VIVE DENTRO DO BRASIL, MAS TAMBÉM DE QUEM VIVE FORA DO PAÍS HÁ MUITO TEMPO. PARA O JORNALISTA CAIO BLINDER, DE NOVA YORK, ESSA INSTABILIDADE É RESULTADO DA PRÓPRIA OSCILAÇÃO NA POLÍTICA E ECONOMIA QUE CARACTERIZAM O BRASIL ATUAL. APESAR DE ENTENDER QUE QUEM VIVE DENTRO DA TURBULÊNCIA ESPERA ANSIOSAMENTE PELA ESTABILIDADE, PARA ELE, O MOMENTO É DE MUITO TRABALHO E MAIS AINDA DE PACIÊNCIA.



O que representou a Copa do Mundo para os brasileiros?

Esperava-se o pior em termos logísticos, de infraestrutura, e obviamente que um desempenho um pouco melhor, esportivo, do País. Houve reversão nos dois sentidos das expectativas.

Nós brasileiros somos exagerados nessas expectativas?

O ponto fundamental no caso do Brasil é que houve muita marquetagem. De um lado o Projeto Lula, o Brasil do pré-sal que vai dar um salto fenomenal, a economia do Mantega. Saímos de emergentes e chegamos ao Primeiro Mundo num passe de mágica, em uma década. Houve essa marquetagem muita intensa sobre o Brasil e outra ainda maior, que eu considero: a do próprio Jim O'Neil, que cunhou a expressão BRICS. O momento histórico ajudou esses países a dar uma engatilhada, impulsionada pelas necessidades de commodities da China e certo cansaço natural das economias maduras. Então, houve um momento histórico do Brasil, que foi emblemático – a capa da Economist, com o foguete no Cristo Redentor. Nessa marquetagem, todo mundo participou da festa. O Brasil movido a commodities a consumo deslumbrou a si mesmo e ao exterior.

As publicações internacionais se precipitaram?

Não, o problema foi que houve essa embalagem dos BRICS, o “tijolão”. É um trocadilho com a expressão BRICS, “tijolão”. Não se percebia muito bem o que tinha mais substância, mais argamassa, dentro desse tijolão. Era tudo igual. Como jornalista eu entendo isso, você precisa de narrativas. Você pega 2015, e

se me perguntar a narrativa, a bola da vez agora é a Índia. A China está desacelerando, o porta-avião chinês resolveu investir mais dentro de casa, no consumo interno, combater a corrupção e mudar um pouco o modelo econômico. A Rússia é uma farsa ditatorial movida a petróleo. Quando o preço do petróleo cai, ela sente o problema.

O preço atual faz um estrago enorme.

O Brasil está com os problemas que a gente conhece: economia, corrupção, Petrolão etc. A Índia é uma boa história, porque surgiu um líder carismático e tomou o poder de forma democrática. De repente, esse país, apesar das castas e da miséria, parece que vai fazer algumas reformas. E tem uma importância estratégica, os americanos estão namorando a Índia, que eles querem de contrapeso à China. Todo mundo está namorando a Índia, agora. É um tremendo mercado potencial. Então, você perde a narrativa, porque agora existe o deslumbramento com a Índia, apesar dos quinhentos problemas dela. Se você for ver objetivamente – eu não sou um patriota nem ufanista sobre o Brasil – desses quatro países dos BRIC, o Brasil é o que está melhor. Não tem um vizinho como a Índia tem, que é o Paquistão, um Estado falido, mas com armas nucleares. A Rússia é essa coisa. E a China é uma ditadura, um caldeirão de pólvora social, você não sabe o que vai acontecer lá. Eles sempre tiveram medo, se a economia crescer menos de 7% ao ano, com o que pode acontecer. As projeções apontam para um sério risco de instabilidade social. Essa massa que veio do campo para as cidades, trabalhar nas fábricas, precisa de crescimento. Se a China não tomar cuidado, vai ter uma

revolução proletária. As pessoas vão se insurgir contra o modelo de repressão, mesmo sem ter sindicatos, proibidos na China. A desigualdade social é cada vez maior.

A maioria não conhece o bem-estar social.

A China não teve isso. Ela está na fase da Inglaterra do século 19. O Brasil não tem esses problemas étnicos e religiosos que vários países têm. O problema do Brasil é o próprio Brasil, negócio de gestão, de fazer um plano a longo prazo. País emergente como a Indonésia, mesmo com quinhentos problemas, está pensando em quinze ou vinte anos à frente. O Brasil trabalha muito com resultados imediatos seja no mercado financeiro ou com os projetos da classe política dirigente, de aparelhar o Estado.

Por que o rico brasileiro não faz doação para universidade, como os ricos americanos fazem?

No caso americano, principalmente dos barões do século 19, houve uma coisa protestante, de devolver um pouco. Eu ganhei, tenho que compartilhar. No Brasil, não há cultura cívica no meio empresarial. Falta isso entre os ricos brasileiros, a cultura cívica de investir na própria sociedade, porque isso a longo prazo é benéfico para você. Temos mentalidade de novo rico. Nos EUA, a nova classe empresarial que ascendeu nos últimos quinze ou vinte anos, tem uma mentalidade parecida com a do século 19. Antigamente eram os donos das ferrovias, o Rockefeller com o petróleo. Agora é o pessoal do Vale do Silício, um Bill Gates, os caras do Google. Investem para acabar com a malária na África

ca. Estudantes de Harvard ou Colúmbia querem trabalhar em ONG para ajudar o mundo, vão para a África ou América Latina. Aqui teve uma coisa que não houve no Brasil. John Kennedy criou o Corpo da Paz, que era uma coisa bacana. No Brasil, teve o Projeto Rondon, mas não foi a mesma coisa. O Brasil não tem formação comunitária, tem militância política, que é diferente.

O comunitarismo para na militância.

Eu vejo uma fronteira entre as duas coisas. O militante partidário quer reformar o mundo pela política. No caso americano, a coisa é até meio apolítica e paternal: “vou lá ensinar os africanos e latino-americanos como resolver as coisas”. No caso brasileiro, não vejo o civismo que os americanos mantêm, apesar da crise. Tem muita gente que resolve dar um tempo e participar de projetos. Vão ser professores e professoras em guetos negros de Chicago, vão dar aula em escola pública, ganhando muito pouco, apesar da excelente formação, nas melhores universidades. Não querem entrar no mercado e fazer a corrida dos ratos, rat race, como se diz em inglês em relação a começar a ganhar dinheiro e ser bem-sucedido. Alguns pais ficam até bravos, porque gastaram uma grana violenta para pagar faculdade.

Não surpreende essa lógica comunitária num país acusado de ser individualista?

Essa é a ironia. As pessoas não têm uma percepção errada apenas do Brasil, também há uma percepção errada da sociedade americana.

O que foram as manifestações de 2013 para você?

Minha área específica de trabalho jornalístico e interesse acadêmico sempre foi política internacional. Fiquei muito deslumbrado com coisas que aconteceram um pouco antes, como a Primavera Árabe. Quando surgiu no Brasil e coincidiu com outros protestos na Turquia, Tailândia e Ucrânia, fiquei meio com um pé atrás. Achei que era uma bolha, que qualquer movimento desses acaba sendo capturado, sequestrado pela militância. Aquelas manifestações eram bacanas: “chega, a gente quer mais infraestrutura, um país melhor”. Mas eu estava correto: não decolou.

Foi capturado?

Eu via de fora. Vejo a televisão brasileira, aquele negócio de Black Blocs, alguns grupelhos tentaram capturar o movimento. Mas ele não decolou. Foi um negócio maciço, mas se desfez, e se dissipou. Houve muita atenção do lado de fora sobre isso. Fukuyama, aquele do “fim da história” acompanhou muito isso no Brasil, como parte da revolução da classe média. Não era a classe C ascendente que estava na rua, mas foi visto assim: uma classe média global pedindo melhores serviços e melhores condições de vida.

A mobilização precisaria ser mais duradoura?

E também precisaria canalizar. Eu, pessoalmente, acho que precisa canalizar para os partidos e movimentos políticos. Quase se chegou lá com a eleição do ano passado, mas os partidos não souberam aproveitar muito bem aquele movimento, porque é uma coisa muito difusa. É difícil, demora mais tempo historicamente. A estrutura política do País não soube canalizar isso.

Felizmente, você vê que um setor do Brasil não chegou a ser manipulado pelo Estado naquela ocasião, mas também setores que querem mudar um pouco as coisas, para melhor, não souberam aproveitar. Será preciso outro ciclo eleitoral, ou novo ciclo de protestos.

Estamos falando de mais quatro anos do que estava sendo condenado naquele protesto, é isso?

É. E felizmente não foi uma coisa carismática. Ainda bem que não surgiram salvadores da Pátria ou demagogos. Felizmente na oposição não tem ninguém muito carismático. Acho saudável. Não quero mudança em solavanco. Eu saí do Brasil em 1989. Imagina, eu sou um sujeito de 57 anos e nunca votei no Brasil na minha vida. Eu voto aqui. Minha zona eleitoral é Nova York. Eu já estava fora do Brasil quando teve a eleição do Collor contra o Lula. Eu vi aquela coisa vertiginosa de fora e falei “não é possível, isso não vai dar certo”. E não deu.

O que o incomoda mais no comportamento médio do brasileiro?

Essa coisa ciclotímica, não existe paciência histórica. O brasileiro se deslumbra fácil com alguma coisa e entra em depressão. Falta paciência e perspectiva. É muito cômodo, para mim, dizer isso. Eu tenho uma vida mais ou menos estável. Para o brasileiro, que está no meio daquela esbórnia é muito complicado. Correndo atrás do “pão nosso de cada dia”, ou mesmo numa situação um pouco melhor de vida, de classe média para cima, no caos urbano, que é o Brasil, com o problema do transporte e a violência, o seu nível de tolerância é pequeno. Você quer resultados já e acaba sempre desiludido.



Se a China não tomar
cuidado, vai ter uma
revolução proletária.
As pessoas vão se
insurgir contra o
modelo de repressão



Mesmo o brasileiro rico, que precisa blindar um carro ou de cerca elétrica na sua casa, não tem uma zona de conforto.

É isso que estou dizendo. Eu não tranco nem a minha casa. Moro no subúrbio de Nova York, em Nova Jersey. Minha casa tem um gramado na frente e não tem cerca, não tem nada. Na minha segurança pessoal, não tenho nenhum problema.

Se a segurança no Brasil melhorasse, a sensação de otimismo aumentaria?

Num certo setor da população, da classe média para cima, sim. Claro que agora o Brasil está numa situação mais complicada. As pessoas estiveram numa fase muito eufórica, a classe média consumiu demais. Teve um momento do dólar que você podia viajar bastante, ter acesso a um monte de coisas que a classe média está preocupada agora que não vai ter mais. Viveu-se uma bolha no Brasil. Todo mundo tem celular. Vai ser mais difícil preservar essa fase de consumismo.

O brasileiro não espera demais do governo?

Concordo. A sociedade é reclamona e passiva, espera que alguém resolva. Reclama da carga tributária, mas sonega imposto, o que não é só coisa de brasileiro. É um drama. Por isso, há essa crise de percepção e de culturas na Europa. O mediterrâneo é isso hoje, a Itália, a Grécia e Espanha.

A mudança vem de cima para baixo ou de baixo para cima?

O Estado tem uma obrigação, sem dúvida. Mas eu não posso ficar só nessa posição meramente antagônica em relação ao Estado. Eu devo fazer minha

parte, mas sem suprir o Estado. Não vou ter uma segurança privada na minha rua, porque o Estado não está suprimo. Isso é um problema sério. É preciso ter uma cultura. O Estado tem que pegar o lixo, mas eu não posso jogar lixo na rua.

Como será 2015 e como serão os próximos quatro anos?

É preciso ser otimista sobre o começo deste ano, porque as coisas vão piorar. É uma questão de economia, o governo está acuado, tanto pelas pressões de fora como pelas pressões da sociedade. Houve um engodo eleitoral. Esse governo está enganando quem não votou nele e quem votou. Prometeu um monte de coisas que não vai poder cumprir, evidente. Sem contar os desafios que eu chamo de políticos-policiais, como o Petrolão. Pessoalmente eu não me indigno com a Dilma, acho só que ela é uma pessoa que não está equipada para o cargo.

Qual a imagem do Lula fora do Brasil?

Eu me lembro quando o Lula veio falar na ONU a primeira vez. A narrativa era fascinante: o menino pobre do Nordeste que foi para São Paulo, o primeiro operário presidente do Brasil. Houve um deslumbramento até no *New York Times*, semelhante ao do Obama, primeiro negro presidente dos Estados Unidos. Agora isso acabou.

Mas dentro do Brasil ainda funciona.

Claro, sem dúvida. O lulismo é muito mais forte do que o petismo. Espero que não haja uma coisa sebastianista agora, que é a volta do Lula. Pessoalmente, acho que não, acho que ele não tem condições físicas e nem políticas. Espero que o Brasil tenha opções melhores. Podemos ter muitas surpresas em fun-

ção do escândalo da Petrobrás. Pode acontecer muita coisa política e muito rápido no Brasil.

E a corrupção?

É a contradição brasileira: o Brasil tem muita corrupção, porque finalmente está havendo mais corrupção. Nós temos muito escândalo porque tem muito mais cobrança dos escândalos. Acho que temos setores do Judiciário hoje trabalhando de forma muito rigorosa, como deve ser feito para investigar um escândalo de corrupção. Temos que preservar as instituições conquistadas no Brasil, como Judiciário e imprensa. Estamos melhor do que Venezuela e Argentina, mas não basta, tem que ter pelo menos um padrão de cobrança, de idealizar um Brasil melhor.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



THE BRAZIL MOVED BY COMMODITIES BEDAZZLED ITSELF AND COUNTRIES ABROAD

The Brazil that is successful experiences on a daily basis a country where everything seems to go wrong. This is the perception of those who live in Brazil, but also of those who have lived abroad for a long time. For the journalist Caio Blinder, of New York, this instability is the result of the oscillation in politics and economics that characterize the Brazil of today. Despite understanding that those who live in the turbulence eagerly wait for stability, in his opinion, it is a moment that requires a great deal of work and a lot of patience.

What did the World Cup represent to Brazilians?

The worst was expected in logistic terms, of infrastructure, and obviously a much better sports performance of the country. There was a reversal in both senses of the expectations.

Are we Brazilians exaggerated in our expectations?

The key aspect in the case of Brazil is that there was too much marketing. On one side, Lula's Project, the Brazil of the pre-salt that will take a huge leap forwards, the economy of Mantega. We left the emerging economies and went into the First World as if by magic, in one decade. There was this intensive marketing about Brazil and another even greater, which I consider: the one of Jim O'Neil himself, who came up with the term BRICS. The historical moment helped these countries to boom, boosted by the need for commodities from China and a certain natural tiredness of the mature economies. So, there was a historical moment

in Brazil, which was emblematic – the front cover of the Economist, with a rocket inside the statue of Christ the Redeemer. In this marketing, the whole world took part in the party. The Brazil moved by the consumption of commodities bedazzled itself and countries abroad.

Did international publications jump the gun?

No, the problem was the packaging of the BRICS, the "big brick". It is a play on words with the expression BRICS, "big brick". Nobody realized very well what had more substance, more mortar, inside this big brick. It was all the same. As a journalist I understand this, you need narratives. You get 2015, and if you ask me about the narrative, now it is India's turn. China is decelerating, the Chinese aircraft carrier decided to invest more internally, in the internal consumption, fighting against corruption and slightly changing the economic model. Russia is a dictatorial farce driven by oil. When the oil price drops, it affects them.

The current price creates enormous havoc.

Brazil has problems that we know: economics, corruption, Petrolão (Petrobras corruption scandal), etc. India has a good history because a charismatic leader has come along and taken the power democratically. Suddenly, this country, despite the casts and the misery, seems to want to make some reforms. And it has strategic importance, the Americans are dating India, which they want as a counterweight to China. Everyone is dating India now. It is a tremendous and potential market. So, you lose the narrative, because there is now an enthusiasm for India, despite the five hundred

problems that they have. If you look at this objectively – I am not a patriot nor am I proud of Brazil – of the four countries of the BRIC, Brazil is the one that is in a better position. There is no neighbor like India has, which is Pakistan, a bankrupt State, but with nuclear weapons. Russia is this thing. And China is a dictatorship, a cauldron of social gunpowder, you don't know what is going to happen there. They have always been afraid, if the economy grows less than 7% a year, of what could happen. The projections point to a serious risk of social instability. This mass migrating from the field to the cities, to work in the plants, needs growth. If China does not take care, it will have a proletarian revolution. People are going to speak out against the model of repression, even without having labor union, which are prohibited in China. Social inequality is on the rise.

The majority doesn't know about social security.

And China didn't have this. It is in the phase of the England of the 19th century. Brazil does not have the ethnic and religious problems that many countries have. Brazil's problem is Brazil itself, a management problem, of devising a long-term plan. An emerging country like Indonesia, even with the five hundred problems, is thinking fifteen or twenty years ahead. Brazil works very much with immediate results either in the financial market or with the projects of the governing political class, of State adjustment.

Why doesn't the rich Brazilian make donations to the university, like the rich Americans?

In the American case, mainly of the barons of the 19th century, there was

ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista



UN BRASIL MOVIDO A COMMODITIES SE DESLUMBRÓ A SÍ MISMO Y AL EXTERIOR

El Brasil que funciona convive diariamente con un país donde parece que nada va a funcionar. Esa es la percepción de quien vive dentro de Brasil, pero también de quien vive afuera del país hace mucho tiempo. Para el periodista Caio Blinder, de Nueva York, esa inestabilidad es el resultado de la propia oscilación en la política y la economía que caracterizan al Brasil actual. A pesar de entender que quien vive dentro de la turbulencia espera ansiosamente la estabilidad, para él, el momento es de mucho trabajo y más aún de paciencia.

¿Qué representó la Copa del Mundo para los brasileños?

Se esperaba lo peor en términos logísticos, de infraestructura, y obviamente también un desempeño deportivo del país un poco mejor. Hubo una reversión de las expectativas en los dos sentidos.

¿Los brasileños somos exagerados en esas expectativas?

El punto fundamental en el caso de Brasil es que hubo mucho marketing. De un lado el Proyecto Lula, el Brasil del pre-sal que va a dar un salto fenomenal, la economía de Mantega. Salimos de emergentes y llegamos al Primer Mundo en un pase de magia, en una década. Hubo ese marketing muy intenso sobre Brasil y otra aún mayor, que yo considero: la del propio Jim O'Neil, que acuñó la expresión BRICS. El momento histórico ayudó a esos países a dar una engatillada, impulsada por las necesidades de commodities de China y cierto cansancio natural de las economías maduras. Entonces, hubo un momento

histórico de Brasil, que fue emblemático – la capa de la Economist, con el cohete en el Cristo Redentor. En ese marketing, todo el mundo participó de la fiesta. Un Brasil movido a commodities, a consumo, se deslumbró a sí mismo y al exterior.

¿Las publicaciones internacionales se precipitaron?

No, el problema fue que hubo ese embalaje de los BRICS, el “Ladrillón”. Es un juego de palabras con la expresión BRICS, “Ladrillón”. No se percibía muy bien lo que tenía más substancia, más argamasa, dentro de ese ladrillón. Era todo igual. Como periodista yo entiendo eso, usted precisa de fantasías. Usted toma 2015, y si me pregunta por la quimera, la sensación del momento, ahora es la India. China está desacelerando, el portaaviones chino resolvió invertir más dentro de casa, en el consumo interno, combatir la corrupción y cambiar un poco el modelo económico. Rusia es una farsa dictatorial movida a petróleo. Cuando el precio del petróleo cae, ella siente el problema.

El precio actual produce un daño enorme.

Brasil está con los problemas que todos conocen: economía, corrupción, Petrolón, etc. India es una buena historia, porque surgió un líder carismático y tomó el poder de forma democrática. De repente, ese país, a pesar de las castas y de la miseria, parece que va a efectuar algunas reformas. Y tiene una importancia estratégica, los americanos están enamorando a la India, que ellos quieren como contrapeso de China. Todo el mundo está enamorando a la India, ahora. Es un tremendo mercado potencial. Entonces, usted pierde la narrativa, porque ahora existe el deslumbramiento con la India, a

pesar de los quinientos problemas de ella. Si usted va a ver objetivamente – yo no soy un patriota ni un ufanista sobre Brasil – de esos cuatro países del BRIC, Brasil es el que está mejor. No tiene un vecino como tiene la India, que es Paquistán, un Estado fallido, pero con armas nucleares. Rusia es esa cosa. Y China es una dictadura, un caldero de pólvora social, usted no sabe lo que va a acontecer allá. Ellos siempre tuvieron miedo, si la economía crece menos de 7 % al año, con respecto a lo que puede suceder. Las proyecciones apuntan para un serio riesgo de inestabilidad social. Esa masa que vino del campo para las ciudades, a trabajar en las fábricas, precisa de crecimiento. Si China no toma cuidado, va a tener una revolución proletaria. Las personas van a revelarse contra el modelo de represión, incluso sin tener sindicatos, prohibidos en China. La desigualdad social es cada vez mayor.

La mayoría no conoce el bienestar social.

China no tuvo eso. Ella está en la fase de la Inglaterra del siglo 19. Brasil no tiene esos problemas étnicos y religiosos que varios países tienen. El problema de Brasil es el mismo Brasil, problema de gestión, de hacer un plan a largo plazo. Un país emergente como Indonesia, incluso con quinientos problemas, está pensando en quince o veinte años al frente. Brasil trabaja mucho con resultados inmediatos sea en el mercado financiero o con los proyectos de la clase política dirigente, de preparar al Estado.

¿Por qué el brasileño rico no hace donaciones para la universidad, como los americanos ricos hacen?

En el caso americano, principalmente de los barones del siglo 19, hubo una cosa

ENGLISH

this protestant thing, of giving back a little. I was given, I should share. In Brazil, there is no civic culture in the corporate sector. This is lacking among the rich Brazilians, the civic culture of investing in society itself, because in the long term this will benefit you. We have the mentality of the new rich people. In the USA, the new corporate class, which ascended in the last fifteen or twenty years, has the mentality similar to that of the 19th century. In the olden days they were the owners of railway companies, the Rockefeller with oil. Now it is those from the Silicon Valley, Bill Gates, the guys from Google. They invest to eradicate malaria in Africa. Harvard or Columbia students, who want to work in an NGO to help the world, go to Africa or Latin America. Here was something that didn't exist in Brazil. John Kennedy created the Peace Corps, which was something cool. In Brazil there was the Rondon Project, but it wasn't the same thing. Brazil has no community formation, it has political activism, which is different.

Communitarianism stops in activism.

I see a line between both these things. The party activist wants to reform the world through politics. In the American case, the thing is even apolitical and paternal: "I will and teach Africans and Latin Americans how to resolve things". In the Brazilian case I don't see the civic duty that Americans have, despite the crisis. There are many people that take time off to take part in projects. They go to be teachers in the black ghettos of Chicago, they go and teach in public schools, not earning very much, despite their excellent qualifications, in the best universities. They don't want to enter

the market and join in the rat race, so they can earn money and be successful. Some parents even get angry, because they have spent a lot of money to pay for higher education.

Doesn't this community logic surprise you in a country accused of being individualistic?

This is the irony. People don't only have a misconception about Brazil, but they also have a misconception of the American society.

What did the protests of 2013 mean to you?

My specific area of journalism and academic interest has always been international politics. I was fascinated with the things that happened a little earlier, like the Arab Spring. When it arose in Brazil and coincided with other protests in Turkey, Thailand and Ukraine, I had my doubts. I thought it was a bubble that any movement of this sort ends up being captured and kidnapped by the militancy. Those protests were cool: "we have had enough, we want more infrastructure, a better country". But I was right: it didn't take off.

Was it captured?

I was watching from the outside. I watched the Brazilian television, that thing of Black Blocs, a few groups tried to capture the movement. But it didn't take off. It was a mass-based thing, but it dissolved, and disappeared. There was a lot of attention from the outside on this. Fukuyama, the one of the "end of history" followed this up in Brazil, as part of the revolution of the middle class. It wasn't the ascending class C that was in the streets, but that is how it was seen: a

global middle class asking for better services and better living conditions.

Would the mobilization need to last longer?

And would also need to be channeled. I, personally, think that they need to be channeled to the parties or political movements. It almost got there with the election last year, but the parties did not know how to make good use of that movement, because it was something much diffused. It is difficult, it takes too long historically. The political structure of the country did not know how to channel this. Fortunately, you see that a sector of Brazil was not manipulated by the State on that occasion, but also sectors that want to change things a little, to improve them, did not know how to make use of them. Another electoral cycle is necessary or a new cycle of protests.

Are we talking about another four years of what was being condemned in that protest?

Yes. And fortunately it was not a charismatic thing. Just as well there were no saviors of the Nation or demagogues. Fortunately in the opposition there is nobody very charismatic. I think it is healthy. I don't want change in chunks. I left Brazil in 1989. Imagine, I am a guy who is 57 and I have never voted in Brazil in my entire life. I vote here. My voting district is New York. I had already left Brazil when there was the election between Collor and Lula. I saw that vertiginous thing from outside and I said "it is not possible, it will not work". And it didn't.

What bothers you the most in the average behavior of Brazilians?

This cyclothymic thing, there is no his-

ESPAÑOL

protestante, de devolver un poco. Yo gané, tengo que compartir. En Brasil, no hay cultura cívica en el medio empresarial. Falta eso entre los ricos brasileños, la cultura cívica de invertir en la propia sociedad, porque eso a largo plazo es benéfico para usted. Tenemos mentalidad de nuevo rico. En EE.UU., la nueva clase empresarial que ascendió en los últimos quince o veinte años, tiene una mentalidad parecida con la del siglo 19. Antiguamente eran los dueños de los ferrocarriles, o Rockefeller con el petróleo. Ahora es el personal del Valle de Silicio, un Bill Gates, los muchachos de Google. Invierden para acabar con la malaria en África. Los estudiantes de Harvard o Columbia quieren trabajar en ONG para ayudar al mundo, van para África o América Latina. Aquí hubo una cosa que no hubo en Brasil. John Kennedy creó el Cuerpo de la Paz, que era una cosa maravillosa. Brasil tuvo el Proyecto Rondón, pero no fue la misma cosa. Brasil no tiene formación comunitaria, tiene militancia política, que es diferente.

El comunitarismo (pensamiento comunitario) para en la militancia.

Yo veo una frontera entre las dos cosas. El militante partidario quiere reformar al mundo por la política. En el caso americano, la cosa es hasta media apolítica y paternal: “voy allá a enseñar a los africanos y latinoamericanos como resolver las cosas”. En el caso brasileño no veo el civismo que los americanos mantienen, a pesar de la crisis. Hay mucha gente que resuelve dar su tiempo y participar de proyectos. Van a ser profesores y profesoras en guetos negros de Chicago, van a dar clase en la escuela pública, ganando muy poco, a pesar de la excelente formación, en las mejores

universidades. No quieren entrar en el mercado y hacer la corrida de los ratones, rat race, como se dice en inglés en relación a comenzar a ganar dinero y ser exitoso. Algunos padres hasta se enojan, porque gastaron mucho dinero para pagar la facultad.

¿No sorprende esa lógica comunitaria en un país acusado de ser individualista?

Esa es la ironía. Las personas no tienen una percepción equivocada solo de Brasil, también hay una percepción equivocada de la sociedad americana.

¿Qué fueron las manifestaciones de 2013 para usted?

Mi área específica de trabajo periodístico e interés académico siempre fue la política internacional. Quedé muy deslumbrado con cosas que acontecieron un poco antes, como la Primavera Árabe. Cuando surgió en Brasil y coincidió con otras protestas en Turquía, Tailandia y Ucrania, quede medio desconfiado. Creí que era una burbuja, que cualquier movimiento de esos acaba siendo capturado, secuestrado por la militancia. Aquellas manifestaciones eran maravillosas: “basta, la gente quiere más infraestructura, un país mejor”. Pero yo estaba cierto: no decoló.

¿Fue capturado?

Yo observaba de afuera. Veo la televisión brasileña, aquel negocio de Black Blocs, algunos grupos intentaron capturar el movimiento. Pero él no decoló. Fue un negocio macizo, pero se deshizo, y se disipó. Hubo mucha atención desde afuera sobre eso. Fukuyama, aquel del “fin de la historia” acompañó mucho eso en Brasil, como parte de la revolu-

ción de la clase media. No era la clase C ascendente que estaba en la calle, pero fue visto así: una clase media global pidiendo mejores servicios y mejores condiciones de vida.

¿La movilización precisaría ser más duradera?

Y también precisaría canalizar. Yo, personalmente, creo que precisa ser canalizado para los partidos y movimientos políticos. Casi se llegó a eso con la elección del año pasado, pero los partidos no supieron aprovechar muy bien aquel movimiento, porque es una cosa muy difusa. Es difícil, demora más tiempo históricamente. La estructura política del País no supo canalizar eso. Felizmente, se observa que un sector de Brasil no llegó a ser manipulado por el Estado en aquella ocasión, pero también sectores que quieren cambiar un poco las cosas, para mejor, no supieron aprovecharlo. Será preciso otro ciclo electoral o un nuevo ciclo de protestas.

Estamos hablando de cuatro años más de lo que estaba siendo condenado en aquel protesto, ¿es eso?

Es. Y felizmente no fue una cosa carismática. Menos mal que no surgieron salvadores de la Patria o demagogos. Felizmente en la oposición no existe nadie muy carismático. Lo encuentro saludable. No quiero un cambio a las sacudidas. Me fui de Brasil en 1989. Imagina, soy un sujeto de 57 años y nunca vote en Brasil durante toda mi vida. Yo voto aquí. Mi zona electoral es Nueva York. Yo ya estaba fuera de Brasil cuando fue la elección de Collor contra Lula. Observé aquella cosa vertiginosa desde afuera y me dije “no es posible, eso no va a andar”. Y no anduvo.

ENGLISH

torical patience. The Brazilian is easily fascinated with something and goes into depression. There is no patience and perspective. It is very convenient for me to say this. I have a more or less stable life. For the Brazilian, who is living it up it is very complicated. Running after "our daily bread", or even in a situation that is better off, of middle class upwards, in the urban chaos, which Brazil is in, with the problem of transport and violence, their level of tolerance is low. You want results now and you always end up deluded.

Even the rich Brazilian, who needs to armor plate his car or put an electric fence around his house, does not have a comfort zone.

This is what I am talking about. I do not even lock my house. I live in a suburb of New York, in New Jersey. My house has grass in front and no fence, there is nothing. In terms of personal security, I have no problem.

If security in Brazil improved, would the feeling of optimism improve?

Yes, but only in a certain sector of the population, from the middle class upwards. Of course, now Brazil is in a more complicated situation. People have been very much in a state of euphoria, the middle class has consumed too much. There was a time that because of the dollar you could travel a lot, have access to many things that the middle class is concerned they will have no longer. They were living a bubble in Brazil. Everyone has a cell phone. It is going to be much more difficult to preserve this phase of consumerism.

Doesn't the Brazilian depend too much on the government?

I agree. Society complains and is passive, waiting for someone to resolve the problem. They complain about the tax burden, but evade tax, which is not only a Brazilian thing. It is a drama. For this reason, there is this crisis of perception and of cultures in Europe. The Mediterranean is living this today, Italy, Greece and Spain.

Does change come top down or bottom up?

The State has an obligation, without doubt. But I cannot remain simply in this antagonistic position in relation to the State. I need to do my part, but without providing to the State. I am not going to have private security in my street, because the State doesn't provide this. This is a serious problem. Culture is necessary. The State has to collect the waste, but I cannot throw waste in the street.

What is the expectation for 2015 and for the next four years?

You need to be an optimist at the beginning of this year, because things are going to get worst. It is a question of economics; the government is cornered, both by pressures abroad and by pressures from society. There was an electoral fraud. This government is fooling those who didn't vote in their favor and those who did. They promised a load of things they cannot deliver, evidently. Without counting the challenges that I call political-police work, like the Petrobras corruption scandal. Personally, I am not angry with Dilma, I just think she is not prepared for the position.

How is Lula's image abroad?

I remember when Lula came to speak at the UN for the first time. The narrative

was fascinating: the poor boy from the Northeast who went to São Paulo, the first blue-collar president of Brazil. There was a dazzle even in New York Times, similar to that of Obama, the first black president of the USA. Now this has ended.

But in Brazil it still works.

No doubt about that. The support for Lula is much stronger than the support for PT (Labor Party). I hope that this is not Sebastianism, which is the return of Lula. Personally, I hope not, I don't think he has physical or political strength for this. I hope Brazil has better options. We could have many surprises as a result of the Petrobras scandal. Many political things could happen and quickly in Brazil.

What about corruption?

It is a Brazilian contradiction: Brazil has a lot of corruption, because finally there is a lot of corruption around. We are having many scandals because people are more demanding concerning scandals. I think we have sectors in the Judiciary system that are working more rigorously, as in the case of the investigation of a corruption scandal. We have to preserve the institutions conquered in Brazil, like the Judiciary and the press. We are better than Venezuela and Argentina, but that is not enough, we need to have a standard of demand, to foster a better Brazil.

ESPAÑOL

¿Qué es lo que más te incomoda en el comportamiento medio del brasileño?

Esa cosa ciclotímica, no existe paciencia histórica. El brasileño se deslumbra fácil con alguna cosa y entra en depresión. Falta paciencia y perspectiva. Es muy cómodo, para mí, decir eso. Yo tengo una vida más o menos estable. Para el brasileño, que está en medio de aquel libertinaje (aquella orgía) es muy complicado. Corriendo detrás del “pan nuestro de cada día”, o incluso en una situación de vida un poco mejor, de la clase media para arriba, en el caos urbano, que es Brasil, con el problema del transporte y la violencia, su nivel de tolerancia es pequeño. Usted quiere resultados inmediatos y acaba siempre desilusionado.

Incluso el brasileño rico, que precisa blindar su carro o instalar cerca eléctrica en su casa, no tiene una zona de confort.

Es eso que estoy diciendo. Yo no cierro ni mi casa. Vivo en el suburbio de Nueva York, en Nueva Jersey. Mi casa tiene un jardín al frente y no tiene cerca, no tiene nada. Con mi seguridad personal, no tengo ningún problema.

¿Si la seguridad en Brasil mejorara, la sensación de optimismo aumentaría?

Para un cierto sector de la población, de la clase media para arriba, sí. Claro que ahora Brasil está en una situación más complicada. Las personas estuvieron en una fase muy eufórica, la clase media consumió de más. Hubo un momento del dólar que usted podía viajar bastante, tener acceso a un montón de cosas que la clase media está preocupada porque ahora no va a tenerlas más. Se vivió una burbuja en Brasil. Todo el mundo tie-

ne celular. Va a ser muy difícil preservar esa fase del consumismo.

¿El brasileño no espera mucho del gobierno?

Estoy de acuerdo. La sociedad es quejosa y pasiva, espera que alguien resuelva. Reclama de la carga tributaria, pero evade impuestos, lo que no es solo cosa de brasileño. Es un drama. Por eso, hay esa crisis de percepción y de culturas en Europa. El mediterráneo es eso hoy, Italia, Grecia y España.

¿El cambio viene de arriba para abajo o de abajo para arriba?

El Estado tiene una obligación, sin duda. Pero yo no puedo quedarme solo en esa posición meramente antagónica en relación al Estado. Debo hacer mi parte, pero sin reemplazar al Estado. No voy a tener seguridad privada en mi calle, porque el Estado no la está suministrando. Eso es un problema serio. Es preciso tener una cultura. El Estado tiene que recoger la basura, pero yo no puedo arrojar basura en la calle.

¿Cómo será 2015 y como serán los próximos cuatro años?

Es preciso ser optimista sobre el comienzo de este año, porque las cosas van a empeorar. Es una cuestión de economía, el gobierno está acosado, tanto por las presiones de afuera como por las presiones de la sociedad. Hubo una celada electoral. Este gobierno está engañando a quien no lo votó e a quien lo votó. Prometió un montón de cosas que no va a poder cumplir, evidente. Sin contar los desafíos que yo llamo de políticos-policiales, como el Petrolón. Personalmente no me indigno con Dilma, solo creo que ella es una persona que no está equipada para el cargo.

¿Cuál es la imagen de Lula fuera de Brasil?

Yo me recuerdo cuando Lula vino a hablar en la ONU la primera vez. La narrativa era fascinante: el muchacho pobre del Nordeste que fue para São Paulo, el primer operario presidente de Brasil. Hubo un deslumbramiento hasta en el New York Times, semejante al de Obama, el primer negro presidente de los Estados Unidos. Ahora eso se terminó.

Pero dentro de Brasil todavía funciona.

Claro, sin duda. El “lulismo” es mucho más fuerte que el “petismo”. Espero que no haya una cosa sebastianista ahora, que es la vuelta de Lula. Personalmente, creo que no, entiendo que él no tiene condiciones físicas ni políticas. Espero que Brasil tenga mejores opciones. Podemos tener muchas sorpresas en función del escándalo de Petrobrás. Puede suceder mucha cosa política y muy rápido en Brasil.

¿Y la corrupción?

Es la contradicción brasileña: Brasil tiene mucha corrupción, porque finalmente está habiendo más corrupción. Estamos teniendo mucho escándalo porque hay muchos más reclamos de los escándalos. Entiendo que tenemos sectores del Poder Judicial trabajando actualmente de forma muy rigurosa, como debe ser hecho para investigar un escándalo de corrupción. Tenemos que preservar las instituciones conquistadas en Brasil, como el Poder Judicial y la prensa. Estamos mejor que Venezuela y Argentina, pero no basta, hay que tener por lo menos un patrón de protesta, de idealizar un Brasil mejor.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

A MUDANÇA NO MODELO DO PETRÓLEO É UM EXEMPLO DE DESCONTINUIDADE PREJUDICIAL

QUANTOS SÃO E POR QUE CONTINUAM A EXISTIR OS ENTRAVES DA ECONOMIA BRASILEIRA? POR QUE, APESAR DE TUDO, DOS BONS MOMENTOS DO BRASIL NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, NÃO RARO CAÍMOS EM CICLOS RUINS NOVAMENTE? PARA FALAR SOBRE O ASSUNTO, TEMOS FABIO GIAMBIAGI, QUE É ESPECIALISTA EM FINANÇAS PÚBLICAS E PREVIDÊNCIA SOCIAL. EM SUA OPINIÃO, A FALTA DE CONTINUIDADE NAS ADMINISTRAÇÕES PÚBLICAS É NOCIVA AO PAÍS.



O que acontece com o Brasil?

A situação recente é singular. Por um lado, estão se repetindo problemas e desafios que a gente não consegue resolver há muito tempo. Por outro, essa é uma situação nova para minha geração. Tenho 52 anos, eu me formei em 1983, época em que o Brasil experimentou uma das maiores recessões da sua história. Se a gente se queixa agora que a economia está parada, imagine o que era quando ela encolhia. Eu me criei e depois cresci como profissional num mundo em que a restrição, como dizem os economistas, era de demanda. Havia questões conjunturais, fiscais ou de balanço de pagamento, mas depois a demanda permitia que o governo tocasse o pau na máquina e a economia crescia, porque sempre havia gente para ser empregada, num mundo de desempregados. Quando a economia começava a se expandir, a restrição de mão de obra não era empecilho, porque havia sempre muita gente disponível.

Hoje o problema é de oferta de mão de obra qualificada?

Exatamente, qualificada e não qualificada. A situação que nós temos hoje, de uma taxa de desemprego no piso histórico, é efetivamente nova. O cidadão comum, às vezes, pode ver uma taxa de desemprego de 5% no noticiário e achar, bem, se é de 5%, ela pode cair a zero. Só que não há nenhum país com taxa de desemprego de zero, porque sempre há gente que muda de um emprego para outro, dá-se o nome, segundo os economistas, de desemprego friccional, pois ocorre por um ou dois meses. Esse não é um drama social. O que é dramático socialmente é quando

uma pessoa, um pai ou mãe de família ficam desempregados três, quatro, cinco meses. Batem em diversas portas e não conseguem encontrar emprego, coisa pela qual o Brasil passou muitas vezes. Agora mesmo na Europa está se vivendo esse drama e tempos atrás também nos Estados Unidos.

É 5% mesmo? E aqueles que não estudam, nem trabalham ou desistiram de procurar emprego?

Vamos separar. Os economistas lidam muito com uma categoria importante para o entendimento dessa questão, que é a da População em Idade Ativa (PIA). São pessoas de 15 anos ou mais, com idade para trabalhar. Só uma parte desse universo é que compõe aquilo que se chama de População Economicamente Ativa (PEA). São pessoas efetivamente empregadas ou que estão dispostas a trabalhar. Em qualquer país a PEA é bastante inferior à PIA, porque há uma série de categorias que formam parte da PIA, mas não da PEA. Donas de casa, estudantes, aposentados, presidiários e os chamados desalentados, pessoas que desistiram de procurar emprego. Todas essas são categorias de pessoas que, eventualmente em outras circunstâncias ou com outras qualificações, poderiam perfeitamente estar no mercado de trabalho. É diferente de um pai de família desempregado há meses e desesperado atrás de emprego. Com isso, ele pode até ter recusado algum emprego anterior, achando que a remuneração era baixa, mas, com a reserva que tinha se esgotando, vai topa a primeira oferta que lhe fizerem. Então, quando aumenta a economia, ele volta para o mercado de trabalho.

Quem não é economicamente ativo tem um custo para a sociedade, não?

Sem dúvida. Esse é um desafio para a presidente Dilma, seria um desafio para o senador Aécio Neves. Ao mesmo tempo, há o problema de qualificação. É diferente de lidar com situações de empregados que às vezes têm uma qualificação que deixa a desejar. A empresa pode ter incentivos para treinamento de mão de obra. Para alguém que está fora do mercado de trabalho, as políticas teriam que ter uma capilaridade muito grande, chegar à porta dos lares.

Como superar os entraves da economia?

A gente falhou porque não se preparou para este momento. Vivenciamos o imediato ao invés de pensar quatro, cinco ou seis anos à frente. Vamos voltar um pouco no tempo. A partir de 2003, o Brasil teve um ciclo de sete ou oito anos bastante bom, com crescimento médio da ordem de 4% ao ano. A economia cresceu basicamente ocupando mão de obra, e com um pouco de produtividade. A mão de obra ocupada crescia 2,5% ao ano, com um adicional de produtividade média da economia de 1,5% a mais do que o ano anterior, um número até razoável. Estávamos todos satisfeitos, as pessoas consumindo mais, o desemprego caindo. Só que a demanda por mão de obra crescia na frente da oferta. No momento em que o desemprego alcança o mínimo, feitas as ressalvas mencionadas, a gente esbarra com uma restrição física de mão de obra. Assim, o crescimento passa a depender de produtividade. No meio daquele ciclo de euforia, o País se deixou inebriar e

não se preparou adequadamente. Qual é a situação atual? Numa economia estagnada, quando se está com pleno emprego e galpões ocupados, o que se faz? É necessário aumentar aquilo que os economistas chamam de oferta de economia, capacidade de crescimento. Isso está associado a coisas muito mais complexas do que simplesmente reduzir juros e/ou mandar o governo gastar mais. Está associado, por exemplo, à infraestrutura. Só que não se faz uma hidrelétrica da noite para o dia, nem uma estrada. Há todo um processo: elaborar os projetos, fazer a licitação e depois a obra. Entre a decisão política de fazer e o presidente da República ou o governador ir lá cortar a fita, se passam uns quatro anos, se não mais. No caso de hidrelétricas, bota sete ou oito anos. São coisas para as quais é necessário pensar muito tempo antes. A educação também é uma delas.

O que deve ser feito em relação à educação?

Não sou especialista em educação, mas falo de um ponto, ligado à minha especialização, sobre finanças públicas. Ao contrário de muitos, eu não encaro o corte anunciado para o Ministério da Educação com esse espírito crítico. Na verdade, o que interessa é quanto efetivamente vai se gastar no fim do ano, em relação a quanto se gastou efetivamente no ano anterior. Uma das tantas coisas que o Brasil precisa corrigir é um processo orçamentário completamente falho, o que é discutido no Congresso vira um reino de faz de conta. Em relação aos recursos efetivamente gastos, eu sou da opinião de que é preciso mudar a forma de gestão na educação.

Como se faz isso?

Aqui no Rio de Janeiro, tanto no âmbito estadual como no municipal, tivemos duas excelentes experiências. Com um pouco mais de recursos e mudanças de gestão, essas secretarias começaram a mudar bastante a realidade das escolas municipais e estaduais. Infelizmente é comum nas administrações estaduais o deputado fazer pressão política para indicação de diretores de escolas. Isso não tem cabimento. Essa área tem que ser blindada politicamente pelo governador, que deve chamar um secretário que entenda de educação e seja razoável em gestão. Ou um secretário que entenda muito de gestão e seja sensível às questões de educação. É algo que envolve questões delicadas, porque mexe com a base aliada do governador, que terá de lidar com isso. Em segundo lugar, muitas vezes, esse tipo de postura enfrenta uma reação corporativa dos professores, quando associada a indicadores de desempenho e questões como ausências prolongadas da sala de aula e as licenças médicas sucessivas. Os sindicatos reagem contra vincular o desempenho a alguma forma de diferenciação salarial. Essas são questões mais da alçada municipal ou estadual, responsável pela educação dos níveis básicos e médio. São políticas que têm sido implementadas com graus variados de êxito em alguns estados.

O governo precisa de 39 ministérios?

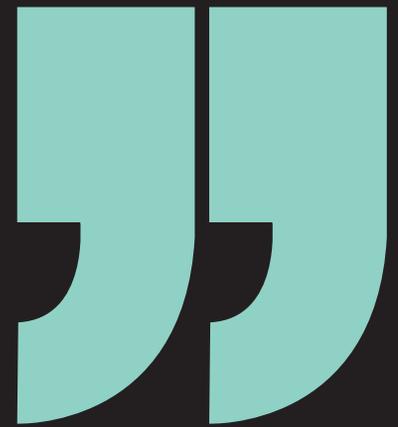
Agora estamos no começo de uma nova gestão, com uma diferença importante em relação à anterior. O partido no governo é o mesmo, a coalisão é basicamente a mesma, mas há uma diferença muito importante, pois tivemos

mudança da equipe econômica. Tenho a impressão de que o Ministro Joaquim Levy está claramente identificado com uma mudança de postura diante do conjunto de coisas erradas. Eu diria que cabe o benefício da dúvida, um prazo de alguns meses ou de um ano, para se avaliar como a nova equipe se sai. Os desafios são grandes. Certamente que ter 39 ministérios, do meu ponto de vista, não ajuda e só se explica pelas características do jogo político, com essa fragmentação partidária muito grande que temos aqui no Brasil.

Há ministros que se encontram com a presidente da República muito de vez em quando, o que significa que esses ministérios eventualmente poderiam ser rebaixados ao status de secretaria, ou se fazer algum tipo de fusão.

Como melhorar a infraestrutura?

Temos pago nos últimos anos o preço por não termos nos preparado adequadamente para dotar o país de uma melhor infraestrutura, de uma melhor educação, de um gasto público mais eficiente e de instituições que funcionassem melhor. Havia no passado uma determinação de mudar a orientação em determinados setores da economia, até então dominados pelo Estado. Vamos lembrar das disputas ideológicas de 15 ou 20 anos atrás em torno das privatizações. Os críticos alegavam que o patrimônio público estava sendo vendido a preço de banana, que aquilo era um crime de lesa pátria. Não sou neutro, porque fui uma das pessoas, modestamente, que participou daquele processo e me orgulho disso. Acho que o balanço das privatizações é extremamente positivo, mesmo nas áreas em que as pessoas se queixam com razão, como na telefonia. Todo mundo tem crí-



As concessões têm que ser planejadas como safras. O agricultor planta hoje para colher daqui a seis meses



tica em relação à sua operadora, mas é bom lembrar como era antes. Quando casei, a linha me custou o equivalente a três mil dólares, coisa que agora se obtém com facilidade.

Hoje reclamamos da qualidade do serviço e antes nem serviço tínhamos, é isso?

Exatamente. Reconheçamos que as coisas mudaram para melhor e surgem novos desafios. Novas atividades seriam objeto das chamadas concessões, mas durante muito tempo houve uma espécie de veto ideológico, porque concessão cheirava, por assim dizer, a privatização. E não se avançava. Esse bloqueio, quase mental, afetou todo o primeiro governo Lula. No segundo, tivemos uma pequena mudança de orientação, no sentido de que se aceitam as concessões. A ideia deixou de ser palavrão, mas não podia se misturar com o conceito anterior de privatização. Se fazia a crítica de que antes a privatização de estradas tinha pedágios elevados. Então se faz uma privatização com pedágio mínimo. Não funcionou, porque se há pouco retorno pela estrada, ela vai ser porcaria ou nem será feita. Na primeira metade do governo Dilma, há ainda certa paralisia, mas finalmente deslançam algumas atividades. Tivemos leilões importantes nas áreas de aeroportos e rodovias. A única crítica que cabe a isso é ter vindo com dez anos de atraso. Quando se aproximam as eleições, há certa vergonha em defender isso e as coisas são paralisadas. Então, essas concessões operam por surtos.

Falta honestidade no debate?

Eu diria que falta continuidade. As concessões têm que ser planejadas como

safras. O agricultor planta hoje para colher daqui a seis meses. No caso das concessões nas diversas áreas, se eu quero ter um resultado daqui a cinco ou seis anos, tenho que tomar a iniciativa agora. Outro caso, particularmente dramático em função dos últimos acontecimentos, é o setor de petróleo, em que se misturam componentes ideológicos tremendamente nocivos para a eficiência empresarial. Até 1995, nós tínhamos uma situação específica de monopólio estatal do setor, aberto pelo presidente Fernando Henrique. A Constituição é mudada e em 1997 se adota a chamada Lei do Petróleo, um marco regulatório que permitia a venda de reservas por meio do instituto da concessão de áreas que seriam leiloadas. A partir do final dos anos 1990, na forma de uma rodada por ano, o setor começa a fazer leilões. Como funcionava? As autoridades vão ao exterior, fazem road shows, e todo ano tinha a venda dos chamados blocos para a Shell, Exxon, Chevron etc. O governo arrecada e aquela área passa a ser de livre exploração para os vencedores. Muitos deles aliados com a Petrobrás, porque essa era a estratégia natural das empresas multinacionais para ir aos poucos conhecendo o terreno. Foi uma iniciativa extremamente bem-sucedida, mas que ofendia os brios ditos nacionalistas de uma parte do espectro político. O presidente Lula manteve isso até que nós somos vítimas da maldição do petróleo. Surge o pré-sal. Aqueles setores que estavam um pouco acabrunhados, resmungando pelos cantos.

Os supostamente nacionalistas.

Eles encontram a oportunidade de dizer “agora, sim, é o momento de o Esta-

do abocanhar uma fatia maior disso”. Só que ao invés de elevar o percentual do Estado, coisa que todas as empresas estrangeiras teriam compreendido perfeitamente, porque não seria a primeira vez que se faz isso, resolveram repensar o modelo. Então, a partir de 2008, não tem mais leilão anual. O que acontece? Para. Não chega a parar exatamente, o setor continuou produzindo e investindo muito, em função das decisões tomadas anos antes. Mas leilões de novas áreas não há desde 2008 em diante. São retomados em 2013, com o leilão meia boca da área de Libra, que contou com apenas um participante. Em 2014, não teve leilão e para este ano é uma incógnita. Então, esse é um caso típico em que o planejamento e a programação davam resultados. É um exemplo emblemático de que a descontinuidade prejudica.

ENGLISH

Scan the QR code to watch the full interview



THE CHANGE OF POLICY IN THE OIL INDUSTRY MODEL IS AN EXAMPLE OF HARMFUL DISCONTINUITY

How many setbacks are there and why do they persist in the Brazilian economy? Why, despite the positive signs in Brazil in the past twenty years, do we often fall back into negative cycles? In order to discuss this topic further, we have invited Fabio Giambiagi, who is a specialist in public finances and welfare. In his opinion, the lack of continuity in public administration is harmful to the country.

What happens in Brazil?

The recent situation is quite unique. On the one hand, there are many problems and challenges that we haven't managed to resolve for a long time. On the other hand, we are facing a new situation for my generation. I am 52, and I graduated in 1983; a time in which Brazil was facing one of the most serious recessions in history. If we complain now that the economy has come to a stand still, imagine what it was like when it was literally shrinking. I grew up and later I became a professional in a world in which restriction, as economists say, was the norm of the day. There were contextual, concrete and tax factors, as well financial questions involved, but the demand allowed the government to give the economy a boost and it began to grow because there were always people to employ, at a time when unemployment was very high. When the economy was beginning to expand, the supply of workforce proved to be no restriction; there were always a lot of people available.

Is the problem today the offer of a qualified workforce?

Absolutely; for qualified and non qualified workers. Today, we find ourselves in a situation in which the level of unemployment has hit a historical low, which is something of a novelty. The average member of public will often see an unemployment level of 5% on the news and think, well, if it is 5%, it could go down to zero. Yet no country attains zero unemployment levels because you have to bear in mind the people that are between jobs, which economists refer to as 'frictional unemployment', since it occurs over a one or two month period. This is not a social crisis. A social crisis is when a person, a father or mother with a family remains unemployed for three, four or even five months. They make several attempts and they don't manage to find work, which is a situation that has been very common in Brazil in the past. In Europe this crisis is currently being lived out, as it was a while back in the United States.

Is it actually 5%? And what about those who do not study, or work or desist to look for employment?

Let's take one thing at a time. Economists frequently have to deal with an important category for understanding this issue, which is the Working Age Population (PIA). It is comprised of people from fifteen years upwards, who are old enough to work. Only a small proportion of this group is made up of what is known as the Economically Active Population (PEA). The latter is made up of people that are actually employed or who are willing to look for employment.

In any country, the PEA is considerably inferior to the PIA, because there are a series of factors that make up the PIA compared to the PEA. House Wives, students, retired people, pensioners, prison-

THE MINISTER JOAQUIM LEVY IS CLEARLY DEDICATED TO ADOPTING A NEW STRATEGY, ON FACING UP TO A GREAT DEAL OF SITUATIONS THAT NEED TO BE AMENDED

ers and the disillusioned individuals that have given up on job seeking; they are all categories of people who potentially, in other circumstances or with different qualifications, could easily be in employment. It is different when a father with a family has been unemployed for months and is desperately seeking work. He could even have refused a previous position, on the basis of a low wage, but having spent all his savings, he is going to go for the first offer they make him. So, when the economy expands, he will return to employment.

Non economically active individuals cost society money, don't they?

Absolutely. This is proving to be a challenge for the President Dilma, and it would have been a challenge for the senator Aécio Neves. At the same time, there is a problem concerning qualifications. It is different when you are dealing with situations when employees sometimes have poor qualifications. The company could provide incentives for retraining the workforce. For some-



ESPAÑOL

Acceda la aplicación de QR Code por el celular y disfrute de la entrevista

EL CAMBIO EN EL MODELO DEL PETRÓLEO ES UN EJEMPLO DE DISCONTINUIDAD PERJUDICIAL

¿Cuántos son y por qué continúan existiendo los obstáculos de la economía brasileña? ¿Por qué, a pesar de todo, de los buenos momentos de Brasil nos últimos veinte años, caímos en ciclos malos nuevamente? Para hablar sobre el asunto, tenemos a Fabio Giambiagi, que es especialista en finanzas públicas y previsión social. En su opinión, la falta de continuidad en las administraciones públicas es nociva para el país.

¿Qué sucede con Brasil?

La situación reciente es singular. Por un lado, se están repitiendo problemas y desafíos que no conseguimos resolver hace mucho tiempo. Por otro, esta es una situación nueva para mi generación. Tengo 52 años, me gradué en 1983, época en que Brasil experimentó una de las mayores recesiones de su historia. Si nos quejamos ahora que la economía está parada, imagina lo que era cuando ella encogía. Me crié y posteriormente crecí como profesional en un mundo en que la restricción, como dicen los economistas, era de demanda. Había cuestiones coyunturales, fiscales o de balanza de pago, pero después la demanda permitía que el gobierno tocara el palo en la máquina y la economía crecía, porque siempre había gente para ser empleada, en un mundo de desempleados. Cuando la economía comenzaba a expandirse, la restricción de mano de obra no era inconveniente, había siempre mucha gente disponible.

¿Hoy el problema es de oferta de mano de obra calificada?

Exactamente, calificada y no calificada.



La situación que tenemos hoy, de una tasa de desempleo en el piso histórico, es efectivamente nueva. El ciudadano común, algunas veces, puede ver una tasa de desempleo de 5 % en el noticiero y pensar, bien, si es del 5 %, ella puede caer a cero. Solo que no hay ningún país con una tasa de desempleo de cero, porque siempre hay gente que cambia de un empleo para otro, se le da el nombre, según los economistas, de desempleo friccional, pues ocurre por uno o dos meses. Ese no es un drama social. Lo que es dramático socialmente es cuando una persona, un padre o madre de familia quedan desempleados tres, cuatro, cinco meses. Golpean en diversas puertas y no consiguen encontrar empleo, cosa por la cual Brasil pasó muchas veces. Actualmente en Europa se está viviendo ese drama y tiempo atrás también en los Estados Unidos.

¿Es 5 % realmente? ¿Y aquellos que no estudian, ni trabajan o desistieron de buscar empleo?

Vamos a separar. Los economistas lidian mucho con una categoría importante para entender esa cuestión, que es la de la Población en Edad Activa (PIA). Son personas de quince años o más, con edad para trabajar. Solo una parte de ese universo es la que integra aquello que se llama de Población Económicamente Activa (PEA). Son personas efectivamente empleadas o que están dispuestas a trabajar. En cualquier país la PEA es bastante inferior a la PIA, porque hay una serie de categorías que forman parte de la PIA, pero no de la PEA. Dueñas de casa, estudiantes, jubilados, presidiarios y los llamados desalentados, personas que desistieron de buscar empleo. Todas esas son categorías de personas que, eventualmente en otras circunstancias o con otras calificaciones, podrían perfectamente estar en el mercado de trabajo. Es diferente de un padre de familia desempleado hace meses y desesperado atrás de un empleo. Él puede hasta haber rechazado algún empleo anterior, pensando que la remuneración era baja, pero, con la reserva que tenía agotándose, va a aceptar la primera oferta que le hagan. Entonces, cuando crece la economía, él vuelve para el mercado de trabajo.

Quien no es económicamente activo tiene un costo para la sociedad, ¿no?

Sin duda. Ese es un desafío para la presidenta Dilma, sería un desafío para el senador Aécio Neves. Al mismo tiempo, existe el problema de la calificación. Es diferente de lidiar con situaciones de empleados que a veces tienen una calificación que deja mucho que desear. La empresa puede tener incentivos para

ENGLISH

one who is unemployed, politics would have to have a vast capacity for infiltrating into people's lives, and would practically need to knock at their doors to help them, as it were.

How can we overcome the obstacles facing our economy?

We failed in the past because we didn't prepare properly. We live in the present instead of thinking ahead for the next four, five or six years. Let's go back a little bit in time. From 2003 onwards, Brazil has experienced a cycle of seven or eight relatively good years, with an average growth of around 4% per year. The economy has basically grown by giving employment to the workforce, with low productivity results. The employed workforce grew by 2.5% per year, with an additional average productivity of the economy of 1.5% more than last year, which is actually quite a reasonable figure. We were all satisfied, people were consuming more, and unemployment levels were falling. However, the demand for the workforce grew in relation to the supply. When unemployment hit minimum levels, after taking the aforementioned measures, we were confronted with the physical limitation of the lack of workforce. Growth subsequently starts to depend on productivity. In the midst of that cycle of euphoria, the country was lulled into a false sense of security and was unable to prepare itself adequately for what was to come. What is the current situation? In a stagnated economy, in which we are meeting full employment capacity and we have plenty of resources, what do we do? It is necessary to increase what economists call "offer of economy", or "growth capacity." This is far more complex than



simply reducing interest rates and/or increasing government spending. It is related, for example, to infrastructure. However, a hydroelectric power plant is not built over night, and nor is a road for that matter. There is an entire process involved; drawing up the projects, making the bid, and then the construction. From the moment that the decision is made in Congress, to the point when the president of the Republic or the governor cuts the ribbon at the opening, about four years go by. When it comes to hydroelectric power plants, give it seven or eight years. These things need to be thought about a good deal beforehand. As does education, for that matter.

What should be done when it comes to education?

I am not an education specialist, but I'm referring to a point that is related

to my area of expertise, which is public spending. Unlike many others, I am not critical of the cuts announced by the Ministry of Education. In actual fact, it will be interesting to see how much is going to be spent at the end of the year compared to what we actually spent last year. One of the many things that Brazil needs to amend is the completely faulty budget process; what is discussed in Congress becomes pure make-believe. When it comes to what is actually spent on resources, I am of the opinion that we need to change the way we manage education.

How can we do this?

Here in Rio de Janeiro, not only at a state level but also at the level of local councils, we have had two fantastic experiences. With slightly more resources and changes in management, the education

ESPAÑOL

re-entrenamiento de mano de obra. Para alguien que está fuera del mercado de trabajo, las políticas tendrían que tener una capilaridad muy grande, llegar a la puerta de los hogares.

¿Cómo superar los obstáculos de la economía?

Fallamos porque no nos preparamos para este momento. Vivimos lo inmediato en lugar de pensar cuatro, cinco o seis años al frente. Vamos a volver un poco en el tiempo. A partir de 2003, Brasil tuvo un ciclo de siete u ocho años bastante buenos, con un crecimiento medio del orden de 4 % al año. La economía creció básicamente ocupando mano de obra, y con un poco de productividad. La mano de obra ocupada crecía 2,5 % al año, con un adicional de productividad media de la economía de 1,5 % más que el año anterior, un número hasta razonable. Estábamos todos satisfechos, las personas consumiendo más, el desempleo cayendo. Solo que la demanda por mano de obra crecía delante de la oferta. En el momento en que el desempleo alcanza el mínimo, hechas las excepciones mencionadas, tropezamos con una restric-

y no se preparó adecuadamente. ¿Cuál es la situación actual? En una economía estancada, cuando se está con pleno empleo y galpones ocupados, ¿qué se hace? Es necesario aumentar aquello que los economistas llaman de oferta de economía, capacidad de crecimiento. Eso está asociado a cosas mucho más complejas que simplemente reducir la tasa de interés y/o mandar al gobierno a gastar más. Está asociado, por ejemplo, a la infraestructura. Solo que no se construye una hidroeléctrica de la noche para el día, ni una carretera. Hay todo un proceso: elaborar los proyectos, hacer la licitación y después la obra. Entre la decisión política de hacer y el presidente de la República o el gobernador ir allá a cortar la cinta, pasan unos cuatro años, cuando no más. En el caso de hidroeléctricas, demora siete u ocho años. Son cosas para las cuales es necesario pensar mucho tiempo antes. La educación también es una de ellas.

¿Qué debe hacerse en relación a la educación?

No soy especialista en educación, pero hablo de un punto, ligado a mi especialización, sobre finanzas públicas. Al contrario de muchos, yo no encaro el corte anunciado para el Ministerio de Educación con ese espíritu crítico. La verdad, lo que interesa es cuanto efectivamente se va a gastar al final del año, en relación a cuanto se gastó efectivamente el año anterior. Una de las tantas cosas que Brasil precisa corregir es un proceso presupuestario completamente fallido, lo que es discutido en el Congreso se transforma en un reino del hagamos como si...

En relación a los recursos efectivamente desembolsados, soy de la opinión de que es preciso cambiar la forma de gestión en la educación.

¿Cómo se hace eso?

Aquí en Rio de Janeiro, tanto a nivel estatal como a nivel municipal, tuvimos dos excelentes experiencias. Con un poco más de recursos y cambios de gestión, esas secretarías comenzaron a cambiar bastante la realidad de las escuelas municipales y estatales. Infelizmente es común en las administraciones estatales que el diputado ejerza presión política para la indicación de directores de escuelas. Eso no es aceptable. Esta área tiene que ser blindada políticamente por el gobernador, que debe llamar a un secretario que entienda de educación y sea razonable en su gestión. O un secretario que entienda mucho de gestión y sea sensible a las cuestiones educativas. Es algo que envuelve cuestiones delicadas, porque toca la base aliada del gobernador, que tendrá de lidiar con eso. En segundo lugar, muchas veces, ese tipo de postura enfrenta una reacción corporativa de los profesores, cuando está asociada a indicadores de desempeño y cuestiones como ausencias prolongadas de la sala de aula y las licencias médicas sucesivas. Los sindicatos reaccionan contra vincular el desempeño a alguna forma de diferenciación salarial. Esas son cuestiones más de la alzada municipal o estatal, responsable por la educación de los niveles básicos (primaria) y medio (secundaria). Son políticas que han sido implementadas con diferentes grados de éxito en algunos estados.

¿El gobierno precisa de 39 ministerios?

Ahora estamos en el comienzo de una

EL MINISTRO JOAQUIM LEVY ESTÁ CLARAMENTE IDENTIFICADO CON UN CAMBIO DE POSTURA DELANTE DEL CONJUNTO DE ERRORES

ción física de mano de obra. A partir de allí el crecimiento pasa a depender de la productividad. En medio de aquel ciclo de euforia, el país se dejó embriagar

ENGLISH

secretaries began to change the reality of local and state schools quite dramatically. Unfortunately, it is common that in state administration, the deputy exerts political pressure in order to recommend head teachers. This is unacceptable. This area has to be politically sealed off by the governor, who should call up a secretary who has expertise in education and who is good in management, or otherwise summon a secretary who specializes in management and who is sensitive to education issues. It is a sensitive topic because it affects the governors close contacts and cronies, who will have to deal with these questions. In the second instance, this kind of posture is often met with a corporative reaction from the teachers, when it is linked to factors such as performance and questions such as prolonged absences from the classroom and successive sick leave. The unions try to resist the association of performance to any kind of wage difference. These are more issues to be addressed by local and state governments, for those who are responsible for primary and secondary education. They are policies that have been introduced with varying degrees of success in some states.

Does the government need 39 ministries?

We are now beginning a new term of government, with one important difference to the previous one. The same party is in power, and the coalition is basically the same, but there is an important difference because there has been a change in the Treasury Staff. I am under the impression that the Minister Joaquim Levy is determined to deal with certain problems. I would say that it is going to take anything from a few months to a year to

assess exactly how the new staff turns out. We have considerable challenges ahead of us. In my opinion, 39 ministries certainly don't help things and it can only be explained as part of the political game, and the fragmentation of political parties that we have here in Brazil. There are ministries that very rarely meet with the president of the Republic, which means that these ministries will eventually be able to be reduced to the status of state departments, or even be subsumed in some attempt at fusion.

How can infrastructure be improved?

In the past few years we have paid the price of not having prepared properly for improving the country's infrastructure, with better education, with more efficient public spending policies, as well as more proficient institutions. In the past, there was a determination to change the course of certain sectors of the economy, which until then had always been dominated by the State. Let us not forget the ideological disputes of 15 to 20 years ago surrounding the issue of privatization. The critics claimed that public heritage was being sold off at the price of bananas, that it was a crime against the nation. I am not neutral on this point because I was one of the people who modestly participated in that process and I am proud of it. I think the result of privatizations is extremely positive, even in the areas where people complain for a good reason, like in the telecommunications sector. Everyone criticizes their telephone company, but

it's worth remembering what it was like in the past. When I got married, the landline cost me the equivalent of three thousand dollars, whilst nowadays you can get it really easily.

Nowadays we complain about the quality of the service and in the past we didn't even have a service, is that what you're saying?

Exactly, we recognize that things have changed for the better and that we are being faced with new challenges. We would have been working on concession contracts, but for a long time there was a kind of ideological sanction on this topic because contracts were linked to privatization. And things just didn't move for-

THE PRIVATIZATIONS HAVE BEEN EXTREMELY POSITIVE FINANCIALLY SPEAKING, EVEN IN THE SECTORS WHERE PEOPLE ARE QUITE RIGHTLY UNSATISFIED, LIKE IN TELEPHONE COMMUNICATIONS COMPANIES

wards. This blockage, which was almost psychological, affected the first Lula government. Straight afterwards, there was a subtle change in attitude, in the sense that concession contracts began to be accepted. The idea was no longer a taboo, although it could not be employed within the previous context of privatization. There was criticism that in the past the privatization of highways had led to increased toll road tariffs. Therefore, there was an attempt to privatize

ESPAÑOL

nueva gestión, con una diferencia importante en relación a la anterior. El partido en el gobierno es el mismo, la coalición es básicamente la misma, pero hay una diferencia muy importante, pues tuvimos el cambio del equipo económico. Tengo la impresión que el Ministro Joaquim Levy está claramente identificado con un cambio de postura delante del conjunto de errores. Diría que cabe el beneficio de la duda, un plazo de algunos meses o de un año, para evaluar como el nuevo equipo se desenvuelve. Los desafíos son grandes. Ciertamente que tener 39 ministerios, desde mi punto de vista, no ayuda y solo se explica por las características del juego político, con esa fragmentación partidaria muy grande que tenemos aquí en Brasil.

Hay ministros que se encuentran con la presidente de la República muy de vez en cuando, lo que significa que esos ministerios eventualmente podrían ser rebajados al status de secretaria, o efectuar-se algún tipo de fusión.

¿Cómo mejorar la infraestructura?

Hemos pagado en los últimos años el precio por no habernos preparado adecuadamente para dotar al país de una mejor infraestructura, de una mejor educación, de un gasto público más eficiente y de instituciones que funcionen mejor. Había en el pasado una determinación de cambiar la orientación en determinados sectores de la economía, hasta entonces dominados por el Estado. Vamos a recordar las disputas ideológicas de 15 o 20 años atrás en torno de las privatizaciones. Los críticos alegaban que el patrimonio público estaba siendo vendido a un precio de ganga, que aquello era un crimen de lesa patria. No soy neutro, porque fui una de las personas,



modestamente, que participé de aquel proceso y estoy orgulloso de ello. Creo que el balance de las privatizaciones es extremadamente positivo, incluso en las áreas donde las personas se quejan con razón, como en la de telefonía. Todo el mundo tiene críticas en relación a su operadora, pero es bueno recordar como era antes. Cuando me casé, la línea me costó el equivalente a tres mil dólares, cosa que ahora se obtiene con facilidad.

Hoy reclamamos de la calidad del servicio y antes ni servicio teníamos, ¿es así?

Exactamente. Reconozcamos que las cosas cambiaron para mejor y surgen nuevos desafíos. Nuevas actividades serían objeto de las llamadas concesiones, pero durante mucho tiempo hubo una especie de veto ideológico, porque concesión oía, por decirlo así, a privatización. Y no se avanzaba. Ese bloqueo, casi que mental, afectó todo el primer gobierno Lula. En el segundo, tuvimos un pequeño

cambio de orientación, en el sentido de que se aceptan las concesiones. La idea dejó de ser una mala palabra, pero no podía mezclarse con el concepto anterior de privatización. Se hacía la crítica de que antes, la privatización de autopistas tenía peajes elevados. Entonces se hace una privatización con peaje mínimo. No funcionó, porque si hay poco retorno por la carretera, ella va a ser una porquería o ni será construida. En la primera mitad del gobierno Dilma, hay aún cierta parálisis, pero finalmente se lanzan algunas actividades. Tuvimos subastas importantes en las áreas de aeropuertos y carreteras. La única crítica que cabe a eso es haber llegado con diez años de atraso. Cuando se aproximan las elecciones, hay cierta vergüenza en defender eso y las cosas son paralizadas. Entonces, esas concesiones operan por impulsos.

¿Falta honestidad en el debate?

Yo diría que falta continuidad. Las concesiones tienen que ser planeadas como las

ENGLISH



the tolls with a minimum toll tariff. But that didn't work because if there was not enough profit for the highway companies, the roads would either be poorly constructed or they wouldn't be constructed at all. In the first term of Dilma's administration, there was still a certain paralysis, but finally things got moving. We have seen important public bids for airports and bus terminals. The only criticism for all this is that it comes ten years too late. Prior to the elections, people don't want to be seen defending these issues and things get paralyzed. That explains why concession contracts come about in stops and starts.

Is there a lack of honesty surrounding the debate?

I would rather say a lack of continuity. The concession contracts have to be planned like crops. A farmer plants today in order to harvest in six months time.

When it comes to the concessions in a range of areas, if I want to get a result in the next five or six years, I have to take initiative now. Another example, which has been particularly dramatic in the light of recent events, is the oil sector, whereby extremely damaging ideological components come together in the name of business efficiency. Until 1995, there was a specific situation of state monopoly in the sector, opened up by the president Fernando Henrique. The constitution is changed and in 1997, the so-called Oil Law was brought in, a regulatory framework which allows for the sale of reserves via concession contracts in the areas that will be subject to public bids. From the end of the 1990's onwards, the sector began to organize one round of public bids per year. How did it work? The authorities would travel abroad, organize road shows, and every year these oil exploration blocks were sold off to companies such as Shell, Exxon, Chevron etc. The government receives the payment and that area becomes free for extraction for the winners. Many of these multinationals partnered up with Petrobras, which was a logical strategy to gradually get to know the terrain. It was an extremely successful initiative, yet which offended the pride of the so-called nationalists on one side of the political spectrum. President Lula maintained this policy until the point that we became victims of the oil scandal. The pre-salt operations got underway. The sectors that had been slightly depressed, grumbling in the background...

The supposed nationalists.

They had the opportunity to say, "Yes, now is the moment to get a larger share in all of this." However, instead

of increasing the State percentage fee, something which all of the foreign companies would have understood perfectly because it wouldn't be the first time that this had happened, they decided to rethink the model. Therefore, from 2008 onwards, the annual bid was no longer held. What happens? Everything comes to a halt. It doesn't stop altogether. The sector continues to produce and invest a great deal, following the decisions that were made years before. But there have been no bids in new areas since 2008. They are taken up again in 2013, with the half hearted bid for the Libra area, which had only one participant. In 2014, not a single bid was held, and this year it remains to be seen what will happen. So, this is a typical case in which planning and programming yielded results. It is an emblematic example of how discontinuity can be harmful.

ESPAÑOL

cosechas. El agricultor planta hoy para cosechar de aquí a seis meses. En el caso de las concesiones en las diversas áreas, si quiero tener un resultado de aquí a cinco o seis años, tengo que tomar la iniciativa ahora. Otro caso, particularmente dramático en función de los últimos acontecimientos, es el sector petrolero, donde se mezclan componentes ideológicos tremendamente nocivos para la eficiencia empresarial. Hasta 1995, nosotros teníamos una situación específica de monopolio estatal del sector, abierto por el presidente Fernando Henrique. La Constitución es cambiada y en 1997 se adopta la llamada Ley del Petróleo, un marco regulatorio que permitía la venta de reservas por medio del instituto de la concesión de áreas que serían subastadas. A partir del final de los años 1990, en

multinacionales para ir paulatinamente conociendo el terreno. Fue una iniciativa extremadamente exitosa, pero que ofendía el orgullo de dichos nacionalistas de una parte del espectro político. El presidente Lula mantuvo eso hasta que nosotros fuimos víctimas de la maldición del petróleo. Surge el pre-sal. Aquellos sectores que estaban un poco desanimados, protestando por los rincones...

Los supuestamente nacionalistas.

Ellos encuentran la oportunidad de decir "ahora, sí, es el momento de que el Estado muerda una porción mayor de eso". Solo que en lugar de elevar el porcentaje del Estado, cosa que todas las empresas extranjeras habrían comprendido perfectamente, porque no sería la primera vez que se hace eso, resolvieron repen-

sar el modelo. Entonces, a partir de 2008, no hay más subasta anual. ¿Y que acontece? Para. No llega a parar exactamente, el sector continuó produciendo e invirtiendo mucho, en función de las decisiones tomadas años antes. Pero subastas de nuevas áreas no hay desde 2008 en adelante. Son retomadas en 2013, con la subasta media boca del área de Libra,

que contó con solo un participante. En 2014, no hubo subasta y para este año es una incógnita. Entonces, este es un caso típico en que el planeamiento y la programación daban resultados. Es un ejemplo emblemático de que la discontinuidad perjudica.

EL BALANCE DE LAS PRIVATIZACIONES ES EXTREMAMENTE POSITIVO, INCLUSO EN LAS ÁREAS DONDE LAS PERSONAS SE QUEJAN CON RAZÓN, COMO EN LA DE TELEFONÍA

la forma de una ronda por año, e sector comienza a hacer subastas. ¿Cómo funcionaba? Las autoridades van al exterior, hacen road shows, y cada año tenía la venta de los llamados bloques para Shell, Exxon, Chevron, etc. El gobierno recauda y aquella área pasa a ser de libre explotación para los vencedores. Muchos de ellos aliados con Petrobras, porque esa era la estrategia natural de las empresas

B823

Um Brasil: análises e discussões sobre um povo em busca de uma identidade – v. 3/ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo; apresentação Abram Szajman. – São Paulo: FecomercioSP; Fischer2, 2015.

194 p.: il.: color.

Incl. 2 Blu-rays: “Gastos públicos” e “Burocracia”.

Edição trilingue português-inglês-espanhol.

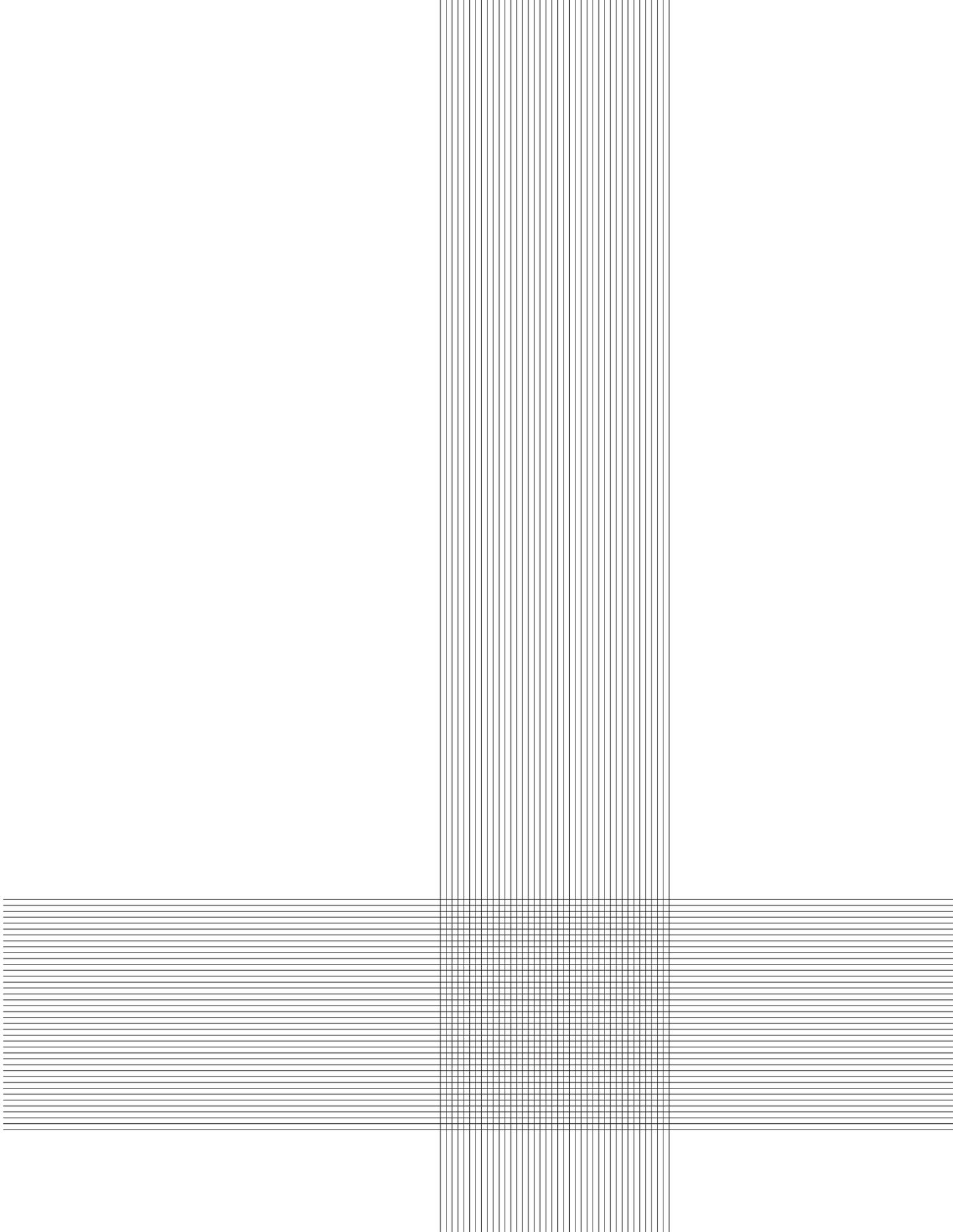
ISBN 978-85-65274-08-1

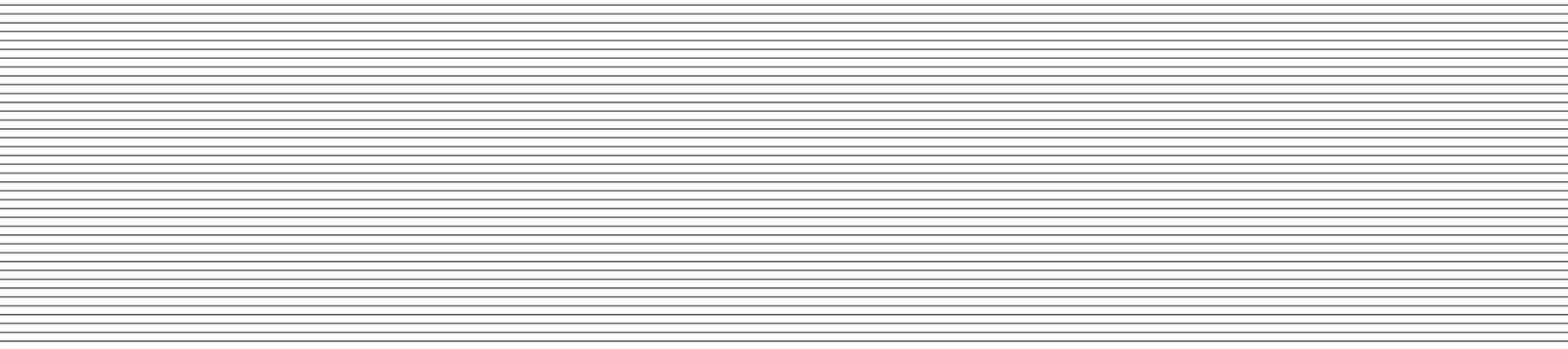
1. Brasil 2. Economia 3. Relações internacionais 4. Sociedade
5. Identidade 6. Política 7. Personalidades – Entrevistas.

I. Szajman, Abram II. Título.

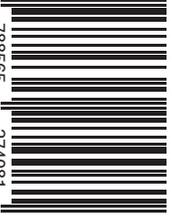
CDD 320.0981

CDU 316.3:339(81)





9 788565 274081



ISBN 978-85-65274-08-1



Senac Sesc Fecomerciosp

Aqui tem a força do comércio